

**JUIPUREMA A. SARRAF SANDES**

**O MUSEU AFRO-BRASILEIRO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA E SUA COLEÇÃO DE CULTURA  
MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Nascimento  
Bernardo da Cunha

Salvador

2010

S2169m Sandes, Juipurema A. Sarraf  
O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e sua  
Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira. / Juipurema A. Sarraf  
Sandes. -- Salvador, 2010  
288 f. : il. ; 29 cm

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação  
em Estudos Étnicos e Africanos, 2010

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

#### Bibliografia

1. Museu Afro-Brasileiro. 2. Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira.  
3. Estudos de Coleção. I. Título. II. Salvador - Programa Multidisciplinar de  
Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos.

CDU ????????????????

**JUIPUREMA A. SARRAF SANDES**

**O MUSEU AFRO-BRASILEIRO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA E SUA COLEÇÃO DE CULTURA  
MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Data de Aprovação:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (Orientador) – UFBA

---

Profa. Dra. Joseania Miranda Freitas – UFBA

---

Profa. Dra. Suely Moraes Cerávolo – UFBA

---

Profa. Dra. Maria Antonieta Martines Antonacci – PUC-SP

*Às forças que regem esse universo  
e às minhas duas Marias*

## AGRADECIMENTOS

Toda produção acadêmica pressupõe a existência de compartilhamentos, cooperações, ajudas, dúvidas, certezas e persistência, quer os acadêmicos admitam isso ou não. O certo é que uma dissertação de mestrado não é construída sozinho. Múltiplos auxílios se apresentam em todo o caminho. Há sempre muitas pessoas a agradecer e a saudar.

Agradeço e saúdo ao Criador, as forças que regem o universo, os espíritos e encantados, que nos fornecem as energias, estimulam bons sentimentos, encorajam e promovem a construção de um estado de certeza em possuir as condições necessárias para continuar.

Agradeço aos meus pais pela formação e incentivo. A minha família, sempre presente, apoiando e socorrendo nos momentos difíceis.

A Maristela, companheira inigualável. Minha fonte de lucidez. Meu porto seguro.

A Lyli pela oportunidade de experimentar a bela experiência da paternidade e do amor incondicional.

Aos amigos e irmão do IDEBA, Eduardo, Tânia, Cássia, Ismael, Tati, Luciano, Otávia, Jurema, Dil, André, Paulo, Cláudia, Antonio Carlos, Lindinalva, Dilva, Mirian, Evaldo, Juciara, Lêda, Solange e outros participantes, por dividirem comigo os aprendizados e a caminhada. E junto a eles, antes deles e fora deles, Jeny. Amiga, irmã, mãe, companheira. Sempre presente nos momentos importantes e cruciais. Obrigado.

Aos amigos do Museu Afro-Brasileiro, especialmente a Emília Neves pela sua paciência, prestatividade e generosidade peculiares e a Marcelo Cunha, amigo-orientador e orientador-amigo, que soube equilibrar como ninguém as obrigações acadêmicas de orientador com os vínculos de amizade e respeito. Sem eles e suas contribuições este trabalho seria impossível.

A Joseania Freitas e Suely Cerávolo que me influenciaram positivamente na condução de minha vida acadêmica e me agradeceram com suas presenças e amizades.

Aos amigos e colegas da Secretaria de Educação de Camaçari, Valter, Profa. Graça, Carmem, Cláudia, Ayda, Elielza, Marcelino, Verinha, Iane, Zete, Carlinha, Sandra, Cláudia

Opa, Agnaldo e Adalgeice, pela confiança, respeito, amizade e suporte, tão importantes para o andamento e tranquilidade num empreendimento como este.

Aos amigos, colegas e professores do POSAFRO, que contribuíram, seja pelos diálogos francos ou pelas discussões acaloradas, com minha formação como pessoa e pesquisador. Saudações especiais aos meus compadres Mánilio Wane e Juan Pablo Estupinan.

Aos professores e funcionário do Centro de Estudo Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, pela presteza e auxílio no processo de pesquisa e coletas de fontes.

Obrigado a todos.

## RESUMO

Esta dissertação procurou estudar a Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira do Museu Afro-Brasileiro do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia. Para cumprimento dos objetivos propostos criou-se um quadro classificatório com a finalidade de estruturar uma base conceitual para melhor entender a coleção, gerar unidades com valor preditivo e heurístico, estabelecer conjuntos definitórios para os artefatos e organizar virtualmente a coleção e apresentá-la. Na seqüência, remontou-se a história da formação da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira e entrada dos artefatos, analisando o conjunto de ações e relações entre as instituições, os dirigentes, os pesquisadores, os artistas, os intelectuais, os militantes e as comunidades religiosas envolvidas no processo de estruturação do Museu Afro-Brasileiro. Finalizou com uma análise das informações apresentadas nos dois capítulos anteriores avançando no estabelecimento de perfis gerais de classificação, datação e espacialidade de origem, além de apresentar grupos de análise ordenados por materiais e técnicas utilizadas na confecção dos artefatos da coleção. O presente trabalho é uma etapa de um projeto mais amplo de estudos do acervo do Museu Afro-Brasileiro.

Palavras-chave: Museu Afro-Brasileiro; Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira; Estudos de Museus e Coleções; Classificação de Acervos Musealizados.

## RÉSUMÉ

Cette thèse vise à explorer la Collection de la Culture Matérielle Religieuse Afro-Brasilienne du Musée Afro-Brasilien du Centre d'Études Afro-Orientales à l'Université Fédérale de Bahia. Pour se conformer aux objectifs proposés créé un cadre de classification afin de concevoir une base conceptuelle pour mieux comprendre la collecte, unités de production avec prédictif et heuristique, établir définitives commune pour les artefacts et d'organiser virtuellement la collecte et le présenter là-bas. Par la suite, a retracé l'histoire de la formation de la culture matérielle de la Collection de la Culture Matérielle Religieuse Afro-Brasilienne et l'entrée des objets, l'analyse de l'ensemble des actions et des relations entre les institutions, les dirigeants, chercheurs, artistes, intellectuels, militants et communautés religieuses impliquées dans la structuration du Musée Afro-Brasilien. Terminé avec une analyse de l'information présentée dans les deux chapitres précédents avant l'établissement de profils classement général, la datation et l'origine spatiale, et les groupes de la présente analyse par matière et les techniques utilisées dans la fabrication d'objets de la collection. Ce travail est une étape dans un projet plus vaste sur les études de la collection du Musée Afro-Brasilien.

Mots-clés: Musée Afro-Brasilien; Culture matérielle religieuse afro-brasilienne; Études musées et collections; Classification de collections musealized.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Esquemas

Esquema 1 – Numeração dos artefatos e níveis das classes	30
Esquema 2 – Vínculos existentes entre os terreiros doadores da nação keto	190
Esquema 3 – Vínculos existentes entre os terreiros doadores da nação angola	191
Esquema 4 – Vínculos existentes entre os terreiros doadores da nação jeje	192

### Figuras

Figura 1 – Lista das peças do MAFRO enviadas pelo MAE em 1977	152
Figura 2 – Trecho da relação das peças do Museu Afro-Brasileiro para exposição em 1978 na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal	152
Figura 3 – Inventário do Museu Afro-Brasileiro elaborado provavelmente em 1993	153
Figura 4 – Inventário do Museu Afro-Brasileiro. Uso atual. Elaborado em 1998	153
Figura 5 – Cartaz de divulgação (1982)	156
Figura 6 – Cartão de lançamento da Série “Indumentárias de Orixás” e selos	157
Figura 7 – Capa do disco Berimbau da Bahia com desenhos de Carybé	164
Figura 8 – Cartaz do I Festival Mundial de Artes Negras (FESMAN)	166

### Fotografias

Fotografia 1 – Camafeu e Jorge: amigos	164
Fotografia 2 – Capoeiristas em representantes da Bahia no Festival de Arte Negra	166
Fotografia 3 – Babalorixá Balbino Daniel de Paula fotografado por Pierre Verger com o traje de Xangô Aganjú doado ao Museu Afro-Brasileiro.	170
Fotografia 4 - Okôiluaiê (o Barco de Oxum) na Praça de Oxum no Terreiro da Casa Branca	171

### Gráficos

Gráfico 1 – Total Geral de artefatos e dos Acervos	21
Gráfico 2 – Percentagem dos Acervos	21
Gráfico 3 – Total do Acervo Afro-Brasileiro e Coleções	22
Gráfico 4 – Percentagem das Coleções	22
Gráfico 5 – Tipologia e numerário das fontes consultadas no arquivo do MAFRO	131
Gráfico 6 – Percentagem das fontes consultadas no arquivo do MAFRO	132
Gráfico 7 – Quantitativo de artefatos da coleção por Grupos de Entrada	178
Gráfico 8 – Percentagem de artefatos da coleção por Grupos de Entrada	178
Gráfico 9 - Quantitativo de artefatos na Coleção de Cultura Material Afro-Brasileira e Macro-Classes	181
Gráfico 10 – Percentagem de artefatos por Macro-Classes	181
Gráfico 11 – Terreiros Doadores: ano de fundação e nação	188
Gráfico 12 – Percentagem dos Terreiros Doadores por nação	188

### Mapas

Mapa 1 – Identificação da origem étnica dos artefatos africanos pertencentes ao acervo do MAFRO	20
Mapa 2 – Mapa da Bahia com divisão territorial das Macro-Regiões Econômicas e Municipais	184
Mapa 3 – Mapa de Salvador e Lauro de Freitas com identificação dos locais de origem dos artefatos	186

### Quadro

Quadro 1 – Identificação dos locais de origem dos artefatos da coleção	187
--	-----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2 O MUSEU AFRO-BRASILEIRO E SUA COLEÇÃO DE CULTURA MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA</b>	17
<b>2.1 O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia: estrutura, perfil do acervo e coleções</b>	17
<b>2.2 A Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira: apreciação geral e classificação dos artefatos</b>	23
<i>2.2.1 Problemas, escolhas e abordagens do processo de classificação dos artefatos</i>	24
<i>2.2.2 Estrutura do quadro classificatório</i>	33
<i>2.2.3 A Coleção: classes e artefatos</i>	40
<i>2.2.3.1 <u>Insígnia</u></i>	40
<i>2.2.3.2 <u>Instrumento Sonoro</u></i>	66
<i>2.2.3.3 <u>Utensílio</u></i>	71
<i>2.2.3.4 <u>Vestuário</u></i>	74
<b>3 A CRIAÇÃO DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO E A FORMAÇÃO DE SUA COLEÇÃO DE CULTURA MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA</b>	131
<b>3.1 Museu Afro-Brasileiro: origens, histórias e formação do acervo</b>	134
<i>3.1.1 A criação do Centro de Estudos Afro-Orientais e o desenvolvimento de suas atividades</i>	136
<i>3.1.2 A criação do Museu Afro-Brasileiro: estruturação e conflitos</i>	140
<i>3.1.3 A inauguração do Museu Afro-Brasileiro: adequação e afirmação</i>	153
<b>3.2 A Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira: formação da coleção</b>	159
<i>3.2.1 Grupos de entrada</i>	160
<i>3.2.1.1 <u>Grupo de 1961</u></i>	160
<i>3.2.1.2 <u>Grupo de 1975-77</u></i>	162
<i>3.2.1.3 <u>Grupo de 1981</u></i>	167
<i>3.2.1.4 <u>Grupo de 1982-92</u></i>	173
<i>3.2.2 Quadro geral</i>	177
<b>4 A COLEÇÃO DE CULTURA MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA: ESTUDOS E DETALHAMENTOS</b>	180
<b>4.1 Perfil Geral</b>	180
<b>4.2 Espacialidade de origem e universo religioso</b>	184
<b>4.3 Materiais utilizados</b>	193
<i>4.3.1 Materiais de origem animal</i>	194
<i>4.3.1.1 <u>Concha</u></i>	194
<i>4.3.1.2 <u>Coral</u></i>	196
<i>4.3.1.3 <u>Chifre</u></i>	197
<i>4.3.1.4 <u>Couro</u></i>	197
<i>4.3.1.5 <u>Pena</u></i>	198

4.3.1.6 <u>Crina</u>	199
<b>4.3.2 <i>Materiais de origem vegetal</i></b>	200
4.3.2.1 <u>Madeira</u>	200
4.3.2.2 <u>Cabaça</u>	201
4.3.2.3 <u>Fibra Vegetal</u>	202
4.3.2.4 <u>Palha</u>	203
<b>4.3.3 <i>Materiais de origem mineral</i></b>	204
4.3.3.1 <u>Metal</u>	204
4.3.3.1.1 Estanho	205
4.3.3.1.2 Ferro	206
4.3.3.1.3 Zinco	207
4.3.3.1.4 Cobre	207
<b>4.3.4 <i>Materiais elaborados</i></b>	208
4.3.4.1 <u>Argila</u>	208
4.3.4.2 <u>Náilon</u>	209
4.3.4.3 <u>Contas</u>	210
4.3.4.3.1 Miçanga	211
4.3.4.3.2 Canutilho e Vidrilho	212
4.3.4.3.3 Firma	212
4.3.4.3.4 Monjolo	213
4.3.4.4 <u>Pedra artificial</u>	214
4.3.4.5 <u>Tecido</u>	214
<b>4.4 <i>Técnicas utilizadas</i></b>	216
<b>4.4.1 <i>Bijuteria</i></b>	216
<b>4.4.2 <i>Bordadura</i></b>	218
<b>4.4.3 <i>Cerâmica</i></b>	219
<b>4.4.4 <i>Costura</i></b>	220
<b>4.4.5 <i>Escultura</i></b>	221
<b>4.4.6 <i>Metalurgia</i></b>	222
<b>4.4.7 <i>Pintura</i></b>	224
<b>5 CONCLUSÃO</b>	226
<b>REFERÊNCIAS</b>	228
<b>APÊNDICES</b>	258

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma relação construída durante os últimos seis anos com o Museu Afro-Brasileiro e seu acervo. Tudo começou, em 2003, quando ministrava um curso sobre a utilização da imagem na pesquisa histórica e abordagens pedagógicas a partir de artefatos musealizados, apresentando o projeto “História através das medalhas”, executado no Museu Eugênio Teixeira Leal. Participou do curso a museóloga Maria Emília Valente Neves, coordenadora do Museu Afro-Brasileiro neste período, que se interessando pela idéia do programa educativo apresentada, convidou-me a elaborar um projeto similar na instituição, com a contribuição da Profa. Joseania Miranda Freitas e do Prof. Marcelo Cunha, docentes associados.

Após um período de tramitação para aprovação e captação de recursos, o projeto que a esta altura já se chamava “Projeto de Atuação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores” teve início em novembro de 2004. O projeto consistia em desenvolver ações educativas com a finalidade de divulgar conhecimentos acerca da história e culturas dos africanos e afro-descendentes a partir das peças do acervo, contribuindo com o processo de implementação da Lei 10.639/03 e com a construção de relações étnico-raciais positivas. Além das ações de cunho pedagógico o projeto manteve uma equipe de pesquisa sobre as temáticas do acervo, sistematizou as fichas das peças, formou uma equipe de monitores composta de 12 jovens ligados a associações de protagonismo negro e elaborou quatro cartilhas de apoio à ação educativa, para professores e alunos, publicadas em 2005 e 2006.

Durante o projeto e ao longo das edições, de 2007, 2008 e 2009, fui estabelecendo contato progressivo com o museu, com o acervo e com a literatura referente. Sobre a história da África, o contato inicial foi através da coleção **História Geral da África**, publicada pela UNESCO e dos livros do Embaixador Alberto da Costa e Silva e outras publicações. Com a história da Arte Africana, através dos livros de Georges Balandier, Denise Paulme, Jacqueline Delange, Jacques Maquet, William Fagg, Jean Laude, Tibor Bodrogi<sup>1</sup> e os textos de Marta

---

<sup>1</sup> UNESCO. **História Geral da África**. São Paulo: Ática, Paris: UNESCO, 1980. v.1-4; SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006; Id. **A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2002; BALANDIER, Georges e MAQUET, Jacques. **Dictionnaire des civilisations africaines**. Paris: Hazan, 1968; PAULME, Denise. **Les sculptures de l'Afrique noire**. Paris: PUF, 1956; Id. **Las civilizaciones africanas**. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1962; DELANGE, Jacqueline. **Arts et peuples de l'Afrique noire: introduction à l'analyse des créations plastiques**. Paris: Gallimard, 1967; MAQUET, Jacques. **Les civilisations noires: histoire, technique, arts, sociétés**. Verviers: Marabout, 1966; FAGG, William Buller. **El arte del Africa Central: esculturas y mascararas**. Mexico / Buenos Aires: Hermes / UNESCO, 1967;

Heloísa Leuba Salum, Kabengele Munanga e Suely Cerávolo. Com a história, antropologia e os estudos de arte e cultura material do candomblé, através dos livros de Nina Rodrigues, Manuel Querino, Artur Ramos, Edison Carneiro, Roger Bastide, Pierre Verger, Vivaldo da Costa Lima, Mariano Carneiro da Cunha, Raul Lody, Beatriz Góis Dantas, Jocélio Teles dos Santos e Luis Nicolau Parés.

Toda essa leitura e contato com o acervo possibilitaram o amadurecimento de uma visão geral das coleções que o compõe e dos múltiplos caminhos de pesquisa e aprofundamento.

O acervo é dividido em dois conjuntos de peças: as de origem africana e as de origem afro-brasileira. A opção pelo conjunto de peças afro-brasileiras e dentro dele, pelos objetos de cultura material religiosa, se deu: pela carência de estudos nesta área; pela abundância de estudos sobre candomblé, facilitando a contextualização, e pelo acúmulo de conhecimentos empíricos gerado no trato com a religião e sua cultura material.

Feita a escolha iniciou-se um processo de coleta de informações e fontes sobre o acervo, de modo geral, e a coleção de cultura material religiosa afro-brasileira, em particular. O primeiro ato foi recorrer à documentação existente no arquivo do Museu Afro-Brasileiro, com atenção especial para as fichas catalográficas das peças. Nestas fichas pude encontrar informações básicas sobre os artefatos como: denominação, local de origem, dimensões e outros elementos comuns em fichas dessa natureza. Porém, pude identificar que existiam muitas informações dispersas, em documentos diversos, e pouco aprofundadas no que tange à história do objeto e seus elementos representativos. O segundo passo foi o início de estudos independentes sobre artefatos ou conjunto de artefatos, com a finalidade de contribuir, juntamente com outras ações de pesquisa já realizadas no museu, para o aprofundamento dos estudos do acervo.

Paralelamente às leituras empreendidas sobre a história, culturas e religiões de matriz africana, também foram realizados estudos sobre simbologia e representação material dos símbolos religiosos. Influenciado por autores como Mircea Eliade e Gilbert Durant, iniciei estudos que procurassem cruzar cosmologia, cosmogonia, mitologia, símbolos e representações materiais, com a idéia de explorar a gramática do candomblé, tendo como procedimento básico o estudo de artefatos desse universo religioso. Estudei as ferramentas

---

LAUDE, Jean. **Las artes del Africa negra**. Barcelona: Labor, 1968; BODROGI, Tibor. **L'Art en Afrique**. Paris: Cercle d'Art, 1969. As obras e textos citados na seqüência estão devidamente referenciados no final do trabalho.

dos orixás, os fios-de-contas e as relações entre usos das cores e dos materiais com os mitos, os símbolos e a ancestralidade.

Neste nicho concentrei-me no estudo do Opaxorô<sup>2</sup>, insígnia ritual de Oxalufã<sup>3</sup> com o objetivo de discutir a utilização, elaboração e reelaboração de referências culturais dos grupos étnicos africanos para a construção de uma identidade visual e material, intra e inter grupos (nações), do candomblé na Bahia. Desde o início o Opaxorô chamou-me a atenção pela diversidade de elementos que o integram e com o aprofundamento da pesquisa bibliográfica, imagética (para análise comparativa) e etnográfica, pude perceber a complexidade formal e conceitual do objeto, e que este trazia elementos substanciais para se discutir a formação da cultura material religiosa afro-brasileira.

A primeira etapa desta pesquisa consistia em realizar um estudo comparativo a partir dos artefatos pertencentes ao Museu Afro-Brasileiro. Entretanto, percebi que para bem realizar esta tarefa era necessário que existisse, sobre o conjunto de artefatos estudados, no caso a Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira, informações gerais sistematizadas da tipologia, materiais, técnicas, função e utilização, além de informações históricas que auxiliassem a contextualização do universo de origem e confecção dos artefatos. Como mencionei anteriormente, essas informações estavam dispersas na documentação o que dificultava a visão de conjunto.

Desta forma, reconduzi as pesquisas até então realizadas e me concentrei no estudo da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira como um todo, estruturando-o como meu projeto de pesquisa no mestrado.

Dentro dessa perspectiva iniciei como etapa preliminar, um processo de centralização das informações e documentação sobre a coleção e os artefatos, utilizando como instrumento

---

<sup>2</sup> Cajado de metal branco (alumínio, estanho ou prata), instrumento simbólico de Oxalufã (Oxalá Velho) que ele tem à mão quando dança nas cerimônias e rituais dos terreiros. É uma vara reta que se apóia no chão e serve de eixo a quatro discos paralelos a certa distância uns dos outros, a partir do meio para cima, diminuindo o diâmetro e terminando por uma coroa de rei (ou globo terrestre), encimada por uma pomba. É mais ou menos da altura da iaô incorporada, ou pouco menor. Os discos são ornamentados, nas bordas, com pequenos sinos pendentes ou outros ornamentos simbólicos. Etim. — ior.: “opa” — vara (ou “opá” — bastão de passeio), “oşşorş” — pingos de goteira, cascata. Cf. CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 208.

<sup>3</sup> Oxalá — Nome brasileiro de Obatalá, o orixá ioruba da criação da Humanidade, filho de Olórun, Deus Supremo, o qual lhe delegou poderes para governar o mundo. É sincretizado com Senhor do Bonfim (Jesus Cristo crucificado, filho de Deus no catolicismo). No Brasil tem duas formas: na mocidade, guerreiro cheio de vigor e nobreza: Oxaguiã; na velhice, cheio de bondade, sabedoria e nobreza, curvado ao peso dos anos e apoiado em seu cajado (opaxorô): Oxalufã. É o orixá da cor branca (funfun), patrono da fecundidade e da procriação, como também da purificação da água doce. Cf. Op. Cit. p.200-1.

uma ficha catalográfica que abrangia elementos de identificação e de descrição, antes dispersos em suportes distintos.

Com as informações centralizadas gerei um quadro síntese, baseado no inventário corrente do Museu, com todos os artefatos da coleção, identificados pelos respectivos números de tombamento, fotografia, denominação, modo de aquisição, procedência e materiais utilizados na confecção.

Foi a construção desse quadro que me possibilitou visualizar as informações presentes e ausentes necessárias para o estudo da coleção. As informações existentes forneciam um repertório de identificação razoável, porém não traziam categorias classificatórias necessárias para análise e contextualização da coleção.

No que tange a documentação sobre a coleção e seus artefatos, também foi empreendido um trabalho de centralização das informações, utilizando como instrumento uma ficha catalográfica elaborada especialmente para este fim, contendo campos de identificação do documento, localização, tipologia, referência e descrição.

Este processo de sistematização da documentação auxiliou-me na identificação de informações históricas sobre a formação da coleção, os artefatos, os doadores e a instituição organizadora do museu, o Centro de Estudos Afro-Orientais, além de trazer à tona elementos antes não aparentes de identificação do artefato.

Feitos estes dois blocos de sistematização de informações foi possível montar as estratégias metodológicas do trabalho e as possibilidades de análise. A estrutura da dissertação e a divisão dos capítulos seguem o fluxo das estratégias adotadas. São propostos três capítulos.

O primeiro capítulo trata da criação do quadro classificatório com a finalidade de estruturar uma base conceitual para melhor entender a coleção, gerar unidades com valor preditivo e heurístico, estabelecer conjuntos definitórios para os artefatos e organizar virtualmente a coleção. Além desta tarefa o quadro classificatório teve por finalidade apresentar a coleção, na medida de sua elucidação e exposição.

O segundo tem por objetivo remontar a história da formação da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira e entrada dos artefatos, analisando o conjunto de ações e relações entre as instituições, os dirigentes, os pesquisadores, os artistas, os intelectuais, os militantes e as comunidades religiosas envolvidas no processo de estruturação do Museu Afro-Brasileiro.

O terceiro capítulo procura analisar as informações apresentadas nos dois capítulos anteriores avançando no estabelecimento de perfis gerais de classificação, datação e espacialidade de origem, além de apresentar grupos de análise ordenados por materiais e técnicas utilizadas na confecção dos artefatos da coleção.

Na introdução dos capítulos busquei expor as principais referências que contribuíram para elaboração deste trabalho. Tal decisão foi tomada para facilitar o entendimento do leitor no que tange as estratégias adotadas e pela especificidade temática de cada capítulo.

Esta dissertação contempla uma abordagem multidisciplinar, envolvendo conhecimentos, métodos, referências e adoção do *modus operandi* da Ciência da Informação, da Museologia e da História, esta última, minha área de formação.

É importante vê o presente trabalho como uma etapa de um projeto mais amplo de estudos do acervo do Museu Afro-Brasileiro, seguindo um roteiro claro que passa pela sistematização de informações; estabelecimento de termos, definições e descrição dos artefatos; remontagem histórica da formação do conjunto; da identificação do perfil de origem, datação, materiais e técnicas, para se chegar ao estudo dos artefatos analisando as funções, as utilizações, os símbolos, as representações e os discursos associados. Portanto, é um trabalho técnico, de base, que pela natureza de seus objetivos, não pretende construir abordagens aprofundadas no campo crítico-analítico. É um trabalho de estabelecimento de um perfil geral da coleção e não, uma explicação total e axial da mesma.



## **2 O MUSEU AFRO-BRASILEIRO E SUA COLEÇÃO DE CULTURA MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA**

A idéia deste capítulo é apresentar a coleção de cultura material religiosa afro-brasileira do Museu Afro-Brasileiro. Não se tem neste capítulo, pretensões analíticas ou remontagem histórica, tais preocupações serão tratadas nos terceiro e segundo capítulos respectivamente. Agora será tratada somente da coleção procurando apresentá-la.

Antes, porém, faz-se necessário um panorama geral do acervo do museu, mostrando suas principais categorias, temas e número de artefatos, traçando um quadro estatístico. Depois, apresenta-se a coleção de cultura material religiosa afro-brasileira, descrevendo o conjunto do acervo, o numerário e a tipologia dos artefatos.

### **2.1 O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia: estrutura, perfil do acervo e coleções**

O Museu Afro-Brasileiro criado em 1974, nasceu a partir do Programa de Cooperação Cultural entre Brasil e países africanos, visando o desenvolvimento de estudos e pesquisas voltadas para a temática afro-brasileira. Este Programa gerou um convênio firmado entre os Ministérios das Relações Exteriores e da Educação e Cultura, o Governo da Bahia, a Prefeitura da Cidade do Salvador e a Universidade Federal da Bahia com o intuito de operacionalizar a idéia de cooperação cultural<sup>4</sup>.

Dentro da universidade o Centro de Estudos Afro-Orientais teve papel fundamental para o desenvolvimento das atividades propostas, inclusive protagonizando a criação do museu.

---

<sup>4</sup>“[...] firmaram o documento, em 4 de março de 1974, Dr. Antonio Carlos Magalhães, Governador do Estado da Bahia, o Professor Lafayette de Azevedo Pondé, Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, o Dr. Clériston Andrade, Prefeito do Município de Salvador, o Senador Jarbas Passarinho, Ministro de Estado da Educação e Cultura, o Embaixador Mário Gibson Barbosa, Ministro de Estado das Relações Exteriores”. In: AFRO-ÁSIA. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais /FFCH/UFBA, n.14, 1983, p. 06. Cf. AFRO-ÁSIA. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais /FFCH/UFBA, n.12, 1976, p. 247, informações sobre a assinatura do convênio.

Depois de um longo período de adequações institucionais e reafirmação da necessidade de sua efetiva instalação<sup>5</sup>, o MAFRO foi inaugurado em 7 de janeiro de 1982, no prédio da primeira Escola de Medicina do Brasil, de propriedade da Universidade Federal da Bahia, no Terreiro de Jesus.

Em 1997, o MAFRO passou por um amplo processo de reestruturação atualizando a sua museografia e abordagem conceitual.

Enquanto museu universitário tem se tornado, nos últimos anos, pólo de pesquisas relacionadas ao patrimônio cultural afro-brasileiro, com projetos desenvolvidos por professores do curso de museologia da UFBA. Tem desenvolvido também, desde 2005, um programa educativo para atendimentos de escolas dos mais diversos níveis.

Seu acervo<sup>6</sup> é composto por 1088 artefatos, doadas a partir do convênio, acima citado, — no caso das peças de origem africana — ou por intelectuais, artistas e comunidade do candomblé baiano — no caso das peças de origem afro-brasileiras. Algumas peças foram adquiridas pela própria Universidade, através do CEAO<sup>7</sup> ou do Sr. Pierre Verger. Além destes 1088 artefatos foram recebidos, por empréstimo, de pessoas físicas e jurídicas, 104 artefatos, perfazendo assim, 1192 abrigadas no museu.<sup>8</sup>

O acervo está dividido em dois eixos temáticos: cultura material africana e cultura material afro-brasileira.

Esta divisão se baseia na origem dos artefatos, usando como fonte de definição os registros e fichas catalográficas iniciais, no período de formação do museu (entre 1975 a 1982), bem como, os documentos de doação e compra. Além destas fontes foram sendo realizados, pela equipe do MAFRO, alunos da UFBA e pesquisadores, ao longo dos seus 27 anos de existência, estudos pontuais que possibilitaram identificar com mais informações a origem dos objetos, através da análise de suas estruturas conceituais e formais.

O primeiro eixo temático é composto por uma grande coleção de artefatos representativos da vida cotidiana, dos processos tecnológicos, dos sistemas religiosos, das

<sup>5</sup> Cf. CUNHA, Marcelo N. B. da. **O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia**: um estudo de caso sobre musealização da cultura afro-brasileira. Salvador: UFBA, 1999. [Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação], para detalhamento da história do MAFRO e dos problemas relacionados à sua abertura no período de 1974 a 1982.

<sup>6</sup> Todas as informações sobre o acervo aqui apresentadas foram tabuladas a partir de pesquisas realizadas nos inventários de peças do MAFRO, na documentação referente aos artefatos.

<sup>7</sup> Detalhamento da história da formação do acervo no segundo capítulo.

<sup>8</sup> Não foram inclusos os artefatos em empréstimo neste estudo. Somente estudaram-se os artefatos pertencentes ao MAFRO. Toda referência ao numerário total corresponde aos 1088 artefatos tombados. A escolha pretende preservar a idéia de coleção.

manifestações artísticas e das relações de poder. São esculturas, máscaras, tecidos, cerâmicas, adornos, instrumentos musicais, jogos e tapeçarias, provenientes do continente africano. A coleção está dividida internamente por categorias a partir da técnica de produção do artefato, matéria-prima ou representatividade sócio-cultural. Os artefatos em exposição são agrupados pela técnica de produção ou tema, e os artefatos depositados na reserva técnica, por matéria-prima. Categorias como: metalurgia, cerâmica, máscara, escultura, roupa, penteado, linguagem proverbial, reinos africanos, são usadas para classificar o acervo.

A coleção é composta por 486 artefatos, 45% do acervo total. Foram identificadas artefatos de 14 origens étnicas diferentes: *yorubá, igbo, bini, fon, akan-ashanti, wolof, bobo, kongo, tchokwe, luba, kuba, ndengese, lulua e turkana* (vide localização no Mapa 1). A maior parte é originária da África Ocidental, principalmente do Golfo do Benin, ligadas aos *yoruba e fon*. Existem alguns artefatos originários da África Central, da área Congo - Angola, e da África Oriental, de Uganda e Moçambique.

A predominância de artefatos de origem *ioruba e fon*, teve forte influencia da participação do fotógrafo, etnólogo e historiador Pierre Verger na concepção do projeto inicial do museu, na escolha dos temas abordados e na coleta dos artefatos em território africano. Sabe-se da concentração dos estudos de Verger na área do Golfo do Benin e seus interesses em identificar e divulgar a permanência dos traços africanos nas religiões afro-brasileiras, principalmente no candomblé de tradição *kêtu, nagô e jeje*<sup>9</sup>. É necessário sinalizar que a concepção original do projeto do Museu, idealizada por Verger, não se limitava ao universo *ioruba e fon*. A conjuntura — diminuição do espaço disponível para o museu no projeto original e pressão de outros setores da Universidade para a desestruturação do processo — foi responsável pela reestruturação do projeto que se fechou neste modelo, África: *yorubá – fon* ↔ Brasil: *nagô / ketu – jeje*.

O segundo eixo temático engloba a cultura material afro-brasileira, sendo composto por quatro coleções: Capoeira; Blocos Afros e Folguedos; Artes Plásticas, e Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira. Conta com 602 artefatos, sendo a maior parte do acervo, com 55% do total. A única coleção exposta, mesmo assim de forma parcial, é a coleção de cultura material religiosa afro-brasileira. Os outros artefatos estão acondicionados na reserva técnica, organizados por matéria-prima.

---

<sup>9</sup> Cf. VERGER, Pierre. **Orixás**. 5. ed. Salvador: Corrupio, 1997; e Id. **Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.



Mapa 1 – Identificação da origem étnica dos artefatos africanos pertencentes ao acervo do MAFRO  
 Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Material do Professor:** setor África. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 2005.

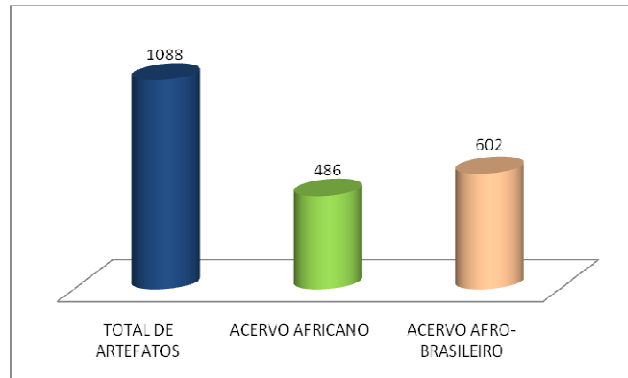


Gráfico 1 – Total Geral de artefatos e dos Acervos  
Fonte: Elaboração própria.

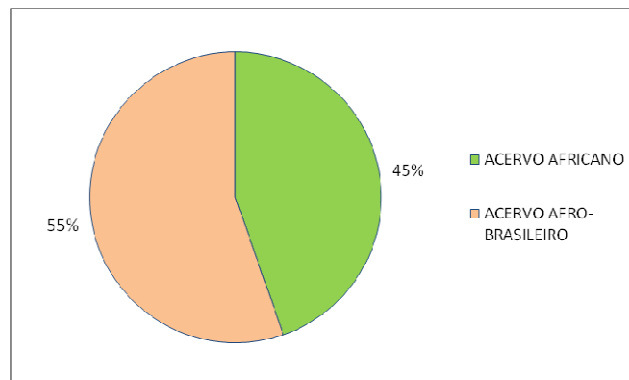


Gráfico 2 – Percentagem dos Acervos  
Fonte: Elaboração própria.

Dos 602 artefatos do acervo afro-brasileiro, 50 artefatos fazem parte da Coleção Capoeira; 72 da Coleção Blocos Afros e Folgedos; 59 da Coleção Artes Plásticas, e 421 da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira, sendo esta última a maior coleção do acervo afro-brasileiro, com 70% do total de artefatos.

A Coleção Capoeira é formada por artefatos característicos, ligados a história de mestres de capoeira que marcaram a trajetória desta manifestação cultural, como Mestre Pastinha, Mestre Bimba, Mestre Cobrinha Verde, Mestre Popó. São em sua maioria instrumentos musicais (berimbau, pandeiro, caxixi, timbó, reco-reco etc.), fotografias dos mestres e alunos, medalhas, troféus, além de objetos de treinamento.

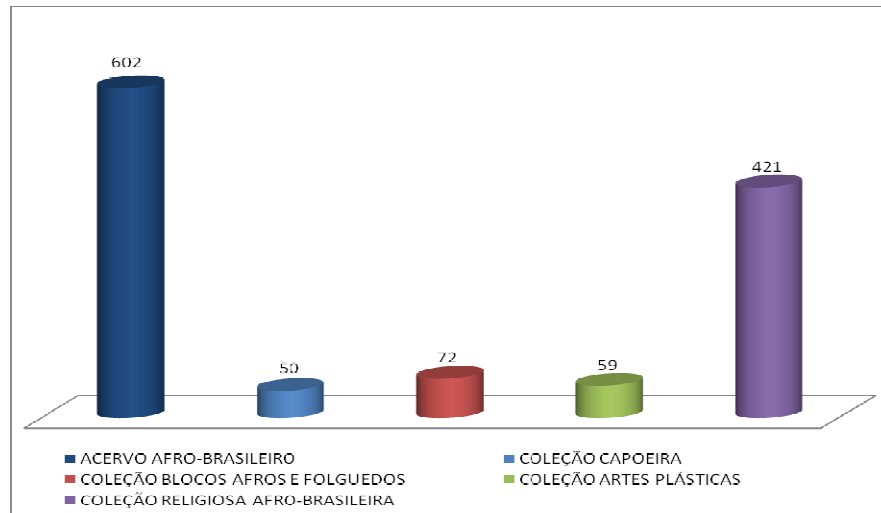


Gráfico 3 – Total do Acervo Afro-Brasileiro e Coleções  
Fonte: Elaboração própria.

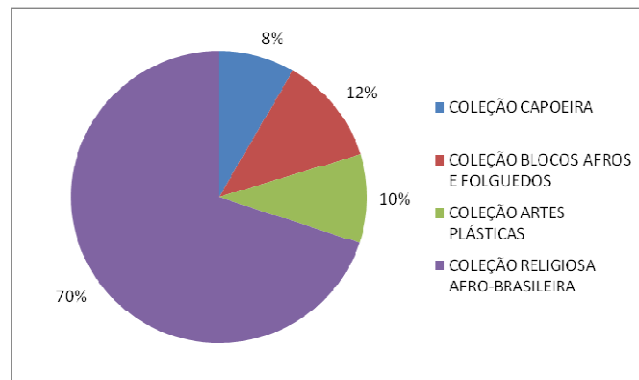


Gráfico 4 – Percentagem das Coleções  
Fonte: Elaboração própria.

A Coleção Blocos Afros e Folguedos é composta por artefatos, em sua maioria, ligados ao afro-carnaval baiano. São abadás, fantasias, estandartes, máscaras e mortalhas que pertenceram a blocos e afoxés (Ilé Ayé, Filhos do Congo, Olodum, Badauê, Filhos de Gandhy, Okanbi, Babá Dudu Agó, Eros Negro, Monte Negro, Unzó de Obá, Senzala, Iorubá-Lê, Puxada Axé, Oju Obá, Malê Debalê, entre outros). O acervo ajuda a documentar a história destas manifestações culturais, pois muitos dos blocos e afoxés que doaram objetos para o museu, hoje já não existem mais<sup>10</sup>.

A coleção Artes Plásticas reúne obras de arte que tratam de diferentes temas e que guardam a característica de não serem objetos de uso em nenhuma das outras três categorias

<sup>10</sup> Para informações sobre projetos e pesquisas realizadas sobre a coleção blocos afros e folguedos Cf. FREITAS, Joseania Miranda. O Carnaval Afro-Brasileiro em Salvador: Patrimônio da Cultura Brasileira. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra. A questão social no novo milênio - Anais, 2004. e Id. Museu Afro-Brasileiro; Ações Afirmativas de Caráter Museológico no Novo Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira. In: I ENECULT, 2005.

do acervo afro-brasileiro. Obras de J. Figueredo, Sônia Rangel, Djalma dos Santos, Ailton Kleber, Francisco Santos, Paulo Soares, Ivan Oliveira, Magalhaes Aguiar, Luiz Fernando Seixas, J. Ferreira, Vanda Vaz, Emanuel Araújo, Hélio de Oliveira, Manoel do Bonfim, Terciliano Jr., fazem parte da coleção.

## **2.2 A Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira: apreciação geral e classificação dos artefatos**

Antes, porém, de adentrar na apresentação dos artefatos e seu conjunto, pontua-se a estratégia metodológica adotada para o estudo desta coleção.

Entende-se que o estudo de uma coleção deve pautar-se nas categorias classificatórias ou organizacionais que os artefatos, pertencentes à mesma, estão dispostos. Ou, na ausência delas, gerar primeiramente um quadro classificatório e, a partir dele, analisar a coleção.

Conforme sinalizado acima, o acervo do MAFRO está organizado por temas (na exposição), por matéria-prima (na reserva técnica) e por número de entrada (na documentação). O primeiro quadro de organização atende as necessidades do discurso expositivo, sem intenção de classificar o acervo a partir de tal base, e não cobre todo acervo, somente os artefatos em exposição, impossibilitando generalizações.

Já o segundo quadro de organização procura atender as necessidades de acomodação do acervo na reserva técnica, respeitando os princípios de conservação e salvaguarda de bens culturais materiais<sup>11</sup>.

Entretanto, esta divisão do acervo por matéria-prima do artefato, poderia ser utilizada como base para os estudos das coleções e em especial, da coleção de cultura material religiosa afro-brasileira. O que a desabilita a tal intento é o fato desta macro-categoria não auxiliar na definição do artefato. Com a matéria-prima identificada, somente se sabe do que o artefato é feito, sem identificar sua essência formal e função primária. Desse modo, o estudo de uma

---

<sup>11</sup> Cf. CÓDIGO de Ética do Conservador-Restaurador. Disponível em <[http://www.aber.org.br/v2/pdfs/Codigo\\_de\\_etica\\_v2.pdf](http://www.aber.org.br/v2/pdfs/Codigo_de_etica_v2.pdf)>. Acesso em 19 set. 2009.

coleção sobre esta base torna-se frágil. Não existe unidade taxiológica sustentável para analisar os artefatos, individualmente ou em conjunto.

O terceiro quadro organizacional, por número de entrada, atende as necessidades de organização das fichas catalográficas, contudo não é útil como base para o estudo do acervo, pelo princípio de impossibilidade de definição do artefato.

Desta forma, para empreender um estudo da coleção era necessário dispor de algum elemento definidor que pudesse servir de base. Os quadros organizacionais do museu não forneciam este elemento, tornando-se necessário a criação de um quadro classificatório da coleção, para, a partir daí, analisá-la.

A tarefa de estudar e analisar a coleção teve que passar pela criação e posterior utilização deste quadro classificatório. O que se segue deste ponto em diante do capítulo é o processo de criação deste quadro, as imbricações terminológicas, definitórias e taxiológicas.

### ***2.2.1 Problemas, escolhas e abordagens do processo de classificação dos artefatos***

A apresentação do quadro classificatório também cumpre a tarefa de apresentar a coleção. A medida que as classes, os termos e as definições vão sendo apresentadas, os artefatos também o são. Desta forma cumpre-se com três objetivos: apresentar o quadro classificatório, apresentar a coleção e construir uma base para a análise da mesma.

O grande desafio do processo de construção do quadro classificatório foi encontrar referências e exemplos anteriores para apoiar o desenvolvimento do trabalho. Existem alguns textos publicados sobre classificação de artefatos africanos, entre eles, destacam-se **Termos classificatórios do objeto de arte africana nas coleções**<sup>12</sup>, e **Critérios para o tratamento museológico de peças africanas em coleções**<sup>13</sup>, da Prof<sup>a</sup>. Marta Heloísa Leuba Salum, e **As**

<sup>12</sup> SALUM, Marta Heloísa Leuba. **Termos classificatórios do objeto de arte africana nas coleções**: um problema para os acervos museográficos no Brasil. Dédalo. São Paulo, n. 26, 1988, pp. 43-60.

<sup>13</sup> Id. **Critérios para o tratamento museológico de peças africanas em coleções**: uma proposta de museologia aplicada (documentação e exposição) para o Museu Afro-Brasileiro. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n.7, 1997, pp. 71-86.



**Jóias africanas do acervo do MAE/USP e o problema de classificação**<sup>14</sup>, de Renato Araújo da Silva, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Salum. Porém, a especificidade do universo cultural, dos diferentes grupos étnicos africanos, não possibilita uma transferência de termos e definições. São propostas e análises específicas para acervos de origem africana. Os próprios textos apontam para a dificuldade de classificação dos acervos de origem africana, principalmente pela condição polifuncional que o artefato ocupa no seu contexto cultural de origem, característica que também se mantém nos artefatos afro-brasileiros.

Somente dois textos que foram encontrados, tocam de forma mais específica sobre classificação de artefatos religiosos afro-brasileiros. **A coleção etnográfica de cultura religiosa afro-brasileira do MAE / USP**<sup>15</sup>, da Prof.<sup>a</sup> Rita Amaral, e **Arte religiosa afro-brasileira**<sup>16</sup>, do Prof. Vagner Silva.

O primeiro texto, que apresenta os resultados da pesquisa realizada pela professora junto ao MAE / USP, analisa a coleção de cultura material religiosa afro-brasileira da instituição. Além de ter auxiliado na obtenção de algumas referências de metodologia e pesquisa, forneceu um exemplo de quadro classificatório para este tipo de acervo. A pesquisadora também sinaliza para a dificuldade de classificação de artefatos religiosos afro-brasileiro, pois um mesmo artefato pode ser enquadrado em mais de uma categoria. A sua escolha foi adotar categorias classificatórias que sintetizassem o significado, valor e função dos artefatos, através do uso de termos êmicos: ferro (objetos de assentamento); ferramenta (insígnias exibidas nas festas públicas); louças (objetos de louça ou barro utilizados restritamente), roupas e paramentos (divididas em de “ração” e “barracão”); contas (fios e colares); hierarquia (objetos distintivos de poder e status), e instrumentos musicais<sup>17</sup>.

O texto do Prof. Vagner Silva apresenta reflexões sobre a arte religiosa afro-brasileira. Partindo de um conceito mais amplo de arte religiosa, o professor inclui obras de artistas negros que produzem ou produziram arte, independente do tema; artistas negros ou não-negros que produzem ou produziram arte com temática “afro”, e artistas negros ou não-negros que produzem ou produziram arte religiosa de matriz africana. Além de contribuir com a discussão do conceito de arte negra e arte afro-brasileira, o professor expõe alguns conceitos

<sup>14</sup> SILVA Renato Araújo da. **As Jóias africanas do acervo do MAE/USP e o problema de classificação**. Relatório final. PIBIC/CNPQ – MAE / USP, 2006.

<sup>15</sup> AMARAL, Rita. **A coleção etnográfica de cultura religiosa afro-brasileira do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n.10, 2001, (separata).

<sup>16</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. **Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira**. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 9, n.13, 2008, pp. 97-113.

<sup>17</sup> AMARAL. Op. Cit. p.13.

que podem auxiliar na construção de um quadro classificatório. Ele coloca o *corpo* como categoria central para se entender a arte religiosa afro-brasileira, pois considera que os sentidos do corpo são extremamente valorizados nesta produção<sup>18</sup>. Desta forma toda produção artística passaria pelos sentidos do corpo<sup>19</sup>. A partir desta afirmação coloca duas categorias classificatórias para a arte religiosa afro-brasileira; arte pública, presente nas cerimônias abertas, e arte oculta, presente nos pejis e nos espaços restritos do terreiro. Na arte pública inclui roupas, insígnias, adereços, ferramentas e pintura ritual. Na arte oculta inclui objetos de assentamento, cerâmicas, insígnias e imagens<sup>20</sup>.

O problema nas duas propostas apresentadas acima é a superposição de categorias por artefatos. Alguns fios-de-contas, por exemplo, são “contas”, objetos de “hierarquia”, compõem “roupas e paramentos”, são objetos de distinção da entidade e estão presentes nos assentamentos. São objetos usados publicamente e restritamente nos terreiros.

Todas as propostas classificatórias, aqui apresentadas, partem do uso do objeto ou do seu significado. A multi-funcionalidade dos artefatos religiosos afro-brasileiros, como também dos africanos, não permite um quadro classificatório sobre estas bases, pois dificulta a definição e enquadramento do artefato.

Para tentar superar esta dificuldade operacional, foram empreendidos estudos sobre classificação, taxonomia, terminologia e indexação de acervos e coleções, através de obras gerais que tratassem do tema de modo amplo. Algumas obras contribuíram nesse processo: **Classificação e Indexação nas ciências**<sup>21</sup>, de Brian C. Vickery, **Classificação em arqueologia**<sup>22</sup>, de Robert C. Dunnell, **Linguagem documentária e terminológica**<sup>23</sup>, de Marilda Lopes Ginez de Lara, **Taxonomia e Classificação: o princípio de categorização**<sup>24</sup>, de

<sup>18</sup> SILVA, Op. Cit. p.100.

<sup>19</sup> Sobre a discussão do corpo como elemento central para as culturas africanas de tradição oral e o processo de percepção, concepção e expressão do mesmo nos contextos coloniais, pós-coloniais e diaspórico. Cf. ANTONACCI, Maria Antonieta. **Corpo e tradições orais na decolonialidade de histórias da diáspora**. III Coloquio Africa, Amazonia, Áfricas na Pan-Amazônia – 23 a 27 nov. 2008. Id. **História, Cultura, Tradições orais em África**. Relatório parcial de pesquisa. CNPQ, 2005. Id. **Corpos sem fronteiras**. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Dep. de História / PUC-SP. São Paulo: EDUC, n. 25 [corpo & cultura], dez. 2002, p. 145-180 e SOUZA JÚNIOR, Wilson Caetano de. **As representações do corpo no universo afro-brasileiro**. Idid., p. 125-144.

<sup>20</sup> SILVA, Op. Cit. pp. 100-5.

<sup>21</sup> VICKERY, Brian C. **Classificação e Indexação nas ciências**. Rio de Janeiro: BNG / Brasilart, 1980.

<sup>22</sup> DUNNELL, Robert C. **Classificação em arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2006.

<sup>23</sup> LARA, Marilda Lopes Ginez de. **Linguagem documentária e terminológica**. Transinformação, Campinas: n. 16 (3), set./dez. 2004, p. 231-240. Disponível em: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=8>. Acesso em 7 jan. 2010.

<sup>24</sup> CAMPOS, Maria Luiza de Almeida e GOMES, Hagar Espanha. **Taxonomia e Classificação: o princípio de categorização**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.9 n.4 ago. 2008. Disponível em [http://www.datagramzero.org.br/ago08/Art\\_01.htm](http://www.datagramzero.org.br/ago08/Art_01.htm). Acesso em 7 jan. 2010.

Maria Luiza de Almeida Campos e Hagar Espanha Gomes e **A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação**<sup>25</sup>, de Nair Yumiko Kobashi, Johanna W. Smit e Maria de Fátima G.M. Tálamo.

A primeira obra ajudou a compreender os princípios básicos da classificação, metodologia de construção de sistema de classificação e as ferramentas utilizadas. A segunda, na construção de quadros classificatório nas ciências humanas em geral e na arqueologia, auxiliando principalmente no olhar sobre a classificação de artefatos. As três últimas contribuíram para a necessidade de se atentar para a distinção entre designação e definição, e para as limitações inerentes a qualquer quadro terminológico e taxonômicos.

É majoritária, na literatura sobre classificação, a produção em biblioteconomia e arquivística, em relação a museologia e outras ciências que abordam a classificação de artefatos. Não foram encontrados textos que tratassem exclusivamente de classificação de artefatos em coleções museográficas. Contudo, outros textos foram importantes para esse processo: **Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática**<sup>26</sup>, de Helena Dodd Ferrez, **Documentação Museológica**<sup>27</sup>, de Maria Inéz Cândido e **Museu: Aquisição - Documentação**<sup>28</sup>, de Fernanda Camargo-Moro. A partir deles foi possível acessar procedimentos de documentação e processamento da informação em museus, bem como atentar-se para as especificidades dos artefatos musealizados.

Todos esses textos pontuaram uma questão fundamental para a construção de um quadro classificatório, a escolha ou criação das unidades classificatórias.

Robert Dunnell expõe uma distinção importante entre idéia e fenômeno. Segundo ele, a classificação atende ao domínio da idéia e o agrupamento atende ao fenômeno. Toda classificação produz classes ou unidades classificatórias, que são baseadas nas redundâncias, naquilo que é comum sobre a idéia de uma coisa. Desta forma, as classes não descrevem as

---

<sup>25</sup> KOBASHI, Nair Yumiko, SMIT, Johanna W. e TÁLAMO, Maria de Fátima G.M. **A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação**. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.2 n.2 abr. 2001. Disponível em [http://www.datagramazero.org.br/abr01/Art\\_03.htm](http://www.datagramazero.org.br/abr01/Art_03.htm). Acesso em 7 jan. 2010.

<sup>26</sup> FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. Estudos museológicos. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, p. 64-74.

<sup>27</sup> CÂNDIDO, Maria Inéz. **Documentação Museológica**. In: **CADERNO** de diretrizes museológicas I. 2 ed. Brasília: Ministério da Cultura / IPHAN / Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura /Superintendência de Museus, 2006. pp. 33-80.

<sup>28</sup> CAMARGO-MORO, Fernanda. **Museu: Aquisição - Documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

coisas, seus usos, implicações e significados. As classes partem da definição da coisa, são unidades axiomáticas<sup>29</sup>.

Essa distinção explica porque as propostas de classificação apresentadas acima são frágeis, pois elas classificam os artefatos pelo fenômeno e não pela idéia convencionalizada ao artefato. Para sustentar um quadro classificatório é necessário construir unidades por definição.

Para a criação das unidades classificatórias utilizei como base dois tesouros. **O Thesaurus para acervos museológicos**<sup>30</sup>, desenvolvido por Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini, traz termos de aplicação geral para acervos museológicos, contribuindo para a construção das macro-categorias, e o **Tesouro de Folclore e Cultura Popular**<sup>31</sup> do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular do Ministério da Cultura, que apesar de não ser um tesouro específico de cultura material religiosa afro-brasileira, contém termos e definições que melhor se aproximam das necessidades de classificação de acervos desta natureza. Boa parte dos termos e definições do nosso quadro de classificação teve como base este tesouro. Com exceção para os termos específicos da coleção de cultura material religiosa do MAFRO.

Outros dois materiais relevantes para a tarefa foram o **Manual de Nomenclaturas do ICOM**<sup>32</sup> (Conselho Internacional de Museus / International Council of Museums) para documentação de coleções africanas. Publicado em 1996, fruto do trabalho do AFRICOM (Conselho Internacional de Museus Africanos) em parceria com CIDOC (Comitê Internacional do ICOM para a documentação) e o terceiro número do **Caderno de Estudos**<sup>33</sup> publicado pelo CIDOC / ICOM, no mesmo ano, que trata da problemática da documentação de acervos museológicos e apresenta um resumo dos trabalhos para elaboração do Manual. Este é uma das principais referências para sistematização de acervos desta ordem e auxiliou na idéia de estruturação do índice de termos. Os termos apresentados no manual não foram utilizados neste presente trabalho, somente nos casos de categorias universais para o estudo de coleções museológicas.

<sup>29</sup> DUNNELL, Op.cit. p.67-71.

<sup>30</sup> FERREZ, Helena Dodd ; BIANCHINI, M. H. S. . **Thesaurus para acervos museológicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1990. v. I e II.

<sup>31</sup> BRASIL. **Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira**. 2ª versão. Centro Nacional de Folclore e Cultura / Ministério da Cultura, 2006. Disponível em <<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro>>. Acesso de 5 jun. a 24 out. 2010.

<sup>32</sup> CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **Manual de Nomenclaturas**. Documentação de Coleções Africanas. Paris: AFRICOM / CIDOC - ICOM, 1996. <Disponível em: <http://icom.museum/afridoc/html/accueil/accueil2.html>>. Acesso em 14 ago. 2009.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_. **3º Caderno de Estudos**. Paris: ICOM / CIDOC, 1996.

Para auxiliar na elaboração das unidades classificatórias e definições foram utilizados dois dicionários gerais — **Novo Dicionário Aurélio**<sup>34</sup> e **Novo Dicionário Melhoramentos**<sup>35</sup> — e dois dicionários específicos de cultura afro-brasileira — o **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**<sup>36</sup>, de Olga Guidolle Cacciatore e o **Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-Brasileiras**<sup>37</sup>, de Raul Lody. Este último, além de auxiliar na elaboração das definições dos termos, auxiliou na escolha das macro-categorias. Lody propõe uma divisão temática para o dicionário em campos não hierarquizados, que aglutinam em seu interior unidades materiais e imateriais por associação.

Além dos textos e obras acima citados, utilizou-se para auxiliar na construção das unidades classificatórias, diversas obras sobre religiões afro-brasileiras e candomblé<sup>38</sup>, conhecimentos adquiridos empiricamente no trato com as práticas do candomblé e observação participante em espaços religiosos. Fator que também facilitou a tarefa foi o contato com o acervo por mais de quatro anos, ou por pesquisas pontuais ou pela produção didática para fundamentar o programa educativo do Museu Afro-Brasileiro.

Destarte, foram adotadas classes ou unidades classificatórias que respeitassem os princípios básicos da classificação, sempre selecionando termos que precisassem a idéia e descrição do artefato. A questão básica, levantada durante o processo de construção do quadro classificatório, dirigida virtualmente ao artefato foi: “o que você é em primeiro lugar?”, ou de outra forma: “qual sua definição primária no contexto das religiões afro-brasileiras?”. Isso ajudou a criar definições em cada classe e subclasses, chegando a um quadro classificatório extenso e com muitas ramificações. Cada artefato é definido por uma classe extremamente específica, ligada a classes mais gerais até chegar à macro-classes.

No total foram gerados seis níveis de classificação hierarquizados, a cada nível a definição foi ganhando em especificidade. Foram construídas 227 classes e subclasses, sendo todas conectadas a quatro macro-classes.

Para facilitar a indexação e a identificação das classes e artefatos classificados foi necessário criar uma numeração. Esta numeração, para ser operacional deveria acompanhar o

---

<sup>34</sup> HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004. [versão digital – Positivo Informática].

<sup>35</sup> NOVO DICIONÁRIO BRASILEIRO MELHORAMENTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

<sup>36</sup> CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

<sup>37</sup> LODY, Raul. **Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-Brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas. 2003.

<sup>38</sup> Vide referências.

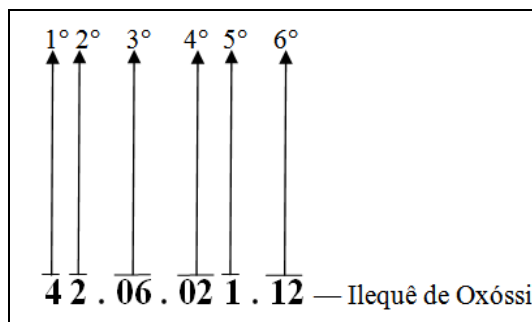
padrão de outros quadros classificatórios já conhecidos. Desta forma, gerou-se uma numeração classificatória apoiada nos dois principais sistemas de classificação decimal existentes, a CCD (Classificação Decimal de Dewey) e a CDU (Classificação Decimal Universal). Não foram usadas as classes adotadas pelos dois sistemas, somente serviram de modelo na estruturação da numeração decimal.

Os primeiros níveis de classificação são representados por um número decimal, sendo o primeiro algarismo referente a macro-classe. Quando a macro-classe é representada separadamente, o número classificatório é representado por um número decimal terminado em zero.

O terceiro nível de classificação é representado por dois algarismos sem relação de hierarquia, somente apresentando relação de ordem. Este artifício foi necessário, pois o número de classes deste nível passava de nove, impossibilitando a utilização do número decimal.

O quarto e quinto níveis de classificação são representados por um número centesimal, sendo os dois primeiros algarismos referentes ao quarto nível e o último algarismo ao quinto nível. Quando o quarto nível é representado isoladamente, o número classificatório é representado por um número centesimal terminado em zero.

O sexto e último nível é representado por dois algarismos sem relação de hierarquia como explicado no terceiro nível. Abaixo um exemplo de um artefato de sexto nível de classe:



Esquema 1 – Numeração dos artefatos e níveis das classes  
Fonte: Elaboração própria

Para cada macro-classe, classe e subclasse há um número que a representa. Tal estratégia facilitou a identificação dos artefatos ao longo de todo o presente trabalho.

As quatro macro-classes adotadas para o quadro classificatório do acervo de cultura material religiosa afro-brasileira foram: **Insígnia; Instrumento Sonoro; Utensílio, e Vestuário.**

Para chegar a essas macro-classes foi necessário identificar, através do inventário do acervo e estudos preliminares na documentação do Museu, todos os artefatos religiosos afro-brasileiros e verificar, dentre os termos comuns na sistemática museológica<sup>39</sup>, quais classes eram aplicáveis ao tipo e perfil da coleção.

Inicialmente foram trabalhadas nove classes: *arma*; *insígnia*; *instrumento sonoro*; *mobiliário*; *objeto de adorno*; *objeto sagrado*; *utensílio*; *vestuário*, e *objeto artesanal*. Porém, à medida que foram sendo definidas as classes e aprimorando as definições e conceitos, e ao mesmo tempo confrontando-as com os artefatos, percebeu-se que algumas eram generalistas e outras impróprias para o acervo em questão. Além de ser um acervo de cultura material religiosa afro-brasileira, que em si já traz especificidades, também é acervo de uma instituição que tem sua história, ideologia e discurso.

Classes como *objeto de adorno*, *objeto sagrado* e *objeto artesanal* foram retiradas por serem demasiado gerais e com pequeno potencial indexador. Todos os artefatos analisados podem ser classificados como objetos sagrados. A maioria dos artefatos possui a função de adorno, pois a maioria é usada no corpo do iniciado. E boa parte deles é feita de modo artesanal.

As categorias *arma e mobiliário*, devido à especificidade do acervo, perderam o status de macro-classes e se tornaram classes. Os artefatos enquadrados como armas são usados nas religiões afro-brasileiras como objetos de poder, status e representatividade simbólica religiosa, nenhuma em si tem a função de armamento. Considerou-se que o melhor era abolir esta categoria e inseri-la na categoria de Insígnia, atendendo a classificação da coleção. O mesmo vale para a categoria de *mobiliário*. Não tendo na coleção nenhum artefato que tenha função de mobília propriamente. São móveis que em primeiro lugar representam poder, status e representatividade simbólica religiosa, para, em segundo plano, servirem como objetos de mobiliário. No caso do acervo do MAFRO esta solução ficou facilitada pelo fato de existir somente um artefato passível de enquadramento nesta categoria. Trata-se de uma cadeira<sup>40</sup> fabricada para uso ritual da autoridade máxima de um terreiro de candomblé.

Desta forma, o quadro classificatório geral foi fechado com quatro macro-classes, que a partir de agora serão apresentadas, bem como, as classes e subclasses.

---

<sup>39</sup> FERREZ e BIANCHINI, Op. Cit. 1990.

<sup>40</sup> Número de tombamento do Museu Afro-Brasileiro – MAF 0635.

Artefato foi adotado como macro-classe zero. Cada classe empregada define o artefato enquanto tal, em primeiro plano, no contexto do candomblé, em segundo, no conjunto da coleção do museu. Cada classe ou subclasse, escalonada hierarquicamente, traz elementos especificadores dos artefatos. A estratégia é que ao se enquadrar um artefato em uma subclasse, tenha-se, com precisão, a definição do mesmo.

O enquadramento à macro-classe, classe ou subclasse não fornece, de forma detalhada, o significado simbólico do artefato ou suas funções religiosas, nem mesmo traços descritivos do objeto. Em alguns casos são apresentados esses elementos para melhor definir o artefato ou conjunto.

A Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira é composta por artefatos relacionados principalmente ao candomblé baiano, com predominância de objetos das tradições *yorubá e fon*, a partir de elementos das nações nagô, kêtú e jeje<sup>41</sup>. Esse perfil nos levou a padronizar a linguagem e termos relacionados aos artefatos, aos adotados no universo religiosos nagô - kêtú – jeje, principalmente nagô - kêtú. Nos casos de artefatos específicos da tradição congo – angola foram adotados os termos usuais neste universo.

Como sinalizado anteriormente, o quadro classificatório também tem a função de apresentar a coleção. Desta forma, segue as classes com suas definições.

Cada informação apresentada no primeiro capítulo serve de base para a remontagem histórica da formação do acervo, no segundo capítulo, e para os estudos complementares e detalhamento do perfil da coleção, no terceiro.

Segue o esquema geral das macro-classes, classes e sub-classes, suas definições e fotografias dos artefatos da Coleção.

---

<sup>41</sup> Encontra-se detalhamento destes pontos no terceiro capítulo.



## 2.2.2 Estrutura do quadro classificatório

### **ARTEFATO (00)**

#### **INSÍGNIA (10)**

##### **Atributo Sagrado (11)**

Abebê (11.01)

**Abebê de Oxum (11.01.010)**

**Abebê de Iemanjá (11.01.020)**

Ferramenta de orixá (11.02)

**Ferramenta de Exu (11.02.010)**

**Ferramenta de Ogum (11.02.020)**

**Ferramenta de Ossain (11.02.030)**

**Ferramenta de Oxumaré (11.02.040)**

**Ferramenta de Omolu (11.02.050)**

**Ferramenta de Ibeji (11.02.060)**

**Ferramenta de Tempo (11.02.070)**

Ibiri (11.03)

Iruexim (11.04)

Irukerê (11.05)

Ofá (11.06)

**Ofá de Oxóssi (11.06.010)**

**Ofá de Logun Edé (11.06.020)**

Oxé (11.07)

Opaxorô (11.08)

Xaxará (11.09)

##### **Chifre (12)**

Chifre de Oxossi (12.01)

Chifre de Iansã (12.02)

##### **Peixe (13)**

Peixe de Iemanjá (13.01)

##### **Mão-de-pilão (14)**

**Cálice (15)**

Cálice de Iansã (15.01)

**Arma (16)**

Facão (16.01)

Espada (16.02)

**Espadim (16.02.010)**

**Espada de Ogum (16.02.020)**

**Espada de Iansã (16.02.030)**

**Espada de Iemanjá (16.02.040)**

Espingarda (16.03)

Lança (16.04)

Flecha (16.05)

Arco (16.06)

**Imaginária (17)**

Imaginária de Exu (17.01)

**Exu Boca de Fogo (17.01.010)**

**Exu de Ferro (17.01.020)**

Imaginária de Iemanjá (17.02)

**Sereia (17.02.010)**

Imaginária de Ibeji (17.03)

Boneco de orixá (17.04)

**Boneco de Exu (17.04.010)**

**Boneco de Ogum (17.04.020)**

**Boneco de Ossain (17.04.030)**

**Boneco de Logun Edé (17.04.040)**

**Boneco de Oxóssi (17.04.050)**

**Boneca de Iemanjá (17.04.060)**

**Boneca de Iansã (17.04.070)**

**Boneca de Oxum (17.04.080)**

**Boneco de Xangô (17.04.090)**

**Boneca de Nanã (17.04.100)**

**Boneco de Omolu (17.04.110)**

**Boneco de Oxumaré (17.04.120)**

**Boneco de Ibeji (17.04.130)**

**Boneco de Oxalufã (17.04.140)**

**Boneco de Oxaguiã (17.04.150)**

**Boneco de Caboclo (17.04.160)**

**Mobiliário (18)**

Cadeira (18.01)

**Cabaça (19)**

Cabaça de Nanã (19.01)

**INSTRUMENTO SONORO (20)**

**Instrumento musical (21)**

Instrumento de percussão (21.01)

**Membranofone percutida (21.01.010)**

Atabaque (21.01.011)

Rum (21.01.011.01)

Rumpi (21.01.011.02)

**Idiofone percutido (21.01.020)**

Agogô (21.01.021)

Gonguê (21.01.022)

Aguê (21.01.023)

Chocalho (21.01.024)

Xerê (21.01.024.01)

**Instrumento de sinalização (22)**

Sino (22.01)

**Sineta (22.01.010)**

**UTENSÍLIO (30)**

**Recipiente (31)**

Vaso (31.01)

Quartinha (31.02)

Concha (31.03)

**Ferramenta (32)**

Chicote (32.01)

Pente (32.02)

**Coberta (33)**

Fronha (33.01)

**VESTUÁRIO (40)****Traje (41)**

Traje de baiana (41.01)

Traje de vaqueiro (41.02)

Traje de caboclo (41.03)

Traje de orixá (41.04)

Traje de vodun (41.05)

Traje de inquice (41.06)

Traje de sacerdote (41.07)

**Acessório de vestuário (42)**

Boné (42.01)

Bracelete (42.02)

**Bracelete de Oxum (42.02.010)****Bracelete de Logun Edé (42.02.020)****Bracelete de Oxóssi (42.02.030)****Bracelete de Iemanjá (42.02.040)****Bracelete de Iansã (42.02.050)****Bracelete de Oxumaré (42.02.060)****Bracelete de Oxaguiã (42.02.070)****Bracelete de Caboclo (42.02.080)****Contra-Egun (42.02.090)****Pulseira (42.02.100)**

Pulseira de Iansã (42.02.101)

Pulseira de Nanã (42.02.102)

Pulseira de Oxalá (42.02.103)

Pulseira de Caboclo (42.02.104)

Pulseira de Gongobira (42.02.105)

Punho (42.02.106)

Punho de Ogum (42.02.106.01)

Punho de Oxum (42.02.106.02)

Punho de Iemanjá (42.02.106.03)

Punho de Iansã (42.02.106.04)

Tornozeleira (42.03)

Adê (42.04)

**Capacete (42.04.010)**

Capacete de Ogum (42.04.011)

Capacete de Logun Edé (42.04.012)

Capacete de Azunsun (42.04.013)

Capacete de Tempo (42.04.014)

**Chapéu (42.04.020)**

Chapéu de Oxóssi (42.04.021)

Chapéu de Caboclo (42.04.022)

Chapéu de Sobo (42.04.023)

**Coroa (42.04.030)**

Coroa de Iansã (42.04.031)

Coroa de Oxumaré (42.04.032)

Coroa de Iemanjá (42.04.033)

Coroa de Nanã (42.04.034)

Coroa de Oxaguiã (42.04.035)

Coroa de Oxum (42.04.036)

Coroa de Oxalufã (42.04.037)

Coroa de Xangô (42.04.038)

Cocar (42.05)

Colar (42.06)

**Brajá (42.06.010)**

**Fio-de-contas (42.06.020)**

Ilequê (42.06.021)

Ilequê de Exu (42.06.021.01)

Ilequê de Ogum (42.06.021.02)

Ilequê de Oxum (42.06.021.03)

Ilequê de Xangô (42.06.021.04)

Ilequê de Iansã (42.06.021.05)

Ilequê de Nanã (42.06.021.06)

Ilequê de Iemanjá (42.06.021.07)

Ilequê de Oxumaré (42.06.021.08)

Ilequê de Oxalá (42.06.021.09)

Ilequê de Obaluaê (42.06.021.10)

Ilequê de Caboclo (42.06.021.11)

Ilequê de Oxóssi (42.06.021.12)

Quelê (42.06.022)

Quelê de Xangô (42.06.022.01)

Quelê de Nanã (42.06.022.02)

Dilogum (42.06.023)

Dilogum de Exu (42.06.023.01)

Dilogum de Ogum (42.06.023.02)

Dilogum de Oxóssi (42.06.023.03)

Dilogum de Ossain (42.06.023.04)

Dilogum de Obaluaê (42.06.023.05)

Dilogum de Logun Edé (42.06.023.06)

Dilogum de Oxumaré (42.06.023.07)

Dilogum de Oxum (42.06.023.08)

Dilogum de Xangô (42.06.023.09)

Dilogum de Iansã (42.06.023.10)

Dilogum de Nanã (42.06.023.11)

Dilogum de Iemanjá (42.06.023.12)

Dilogum de Oxaguiã (42.06.023.13)

Dilogum de Oxalufã (42.06.023.14)

**Laguidibá (42.06.030)**

**Corrente de Ibá (42.06.040)**

Corrente de Ibá de Oxum (42.06.041)

Corrente de Ibá de Iansã (42.06.042)

Colete (42.07)

Faixa (42.08)

**Cinto (42.08.010)**

**Ojá (42.08.020)**

**Pano-da-costa (42.08.030)**

**Toalha (42.08.040)**

Barra de toalha (42.08.041)

**Xale (42.08.050)**

**Cachecol (42.08.060)**

**Fita (42.08.070)**

Manta (42.09)

**Torço (42.09.010)**

Peitoral (42.10)

**Peitoral de Ogum (42.10.010)**

**Peitoral de Oxaguiã (42.10.020)**

Bandeira (42.11)

Bolsa (42.12)

**Capanga (42.12.010)**

Capanga de Oxóssi (42.12.011)

Capanga de Logun Edé (42.12.012)

Capanga de Caboclo (42.12.013)

Capanga de Tempo (42.12.014)

**Polvarim (42.12.020)**

Polvarim de Logun Edé (42.12.021)

Polvarim de Oxaguiã (42.12.022)

**Peça de vestuário (43)**

Calça (43.01)

**Perneira (43.01.010)**

Camisa (43.02)

**Bata (43.02.010)**

**Camiseta (43.02.020)**

Macacão (43.03)

Capa (43.04)

Capuz (43.05)

**Filá (43.05.010)**

**Azé (43.05.011)**

Saia (43.06)

**Anágua (43.06.010)**

**Saia de Caboclo (43.06.020)**

**Saia de Omolu (43.06.030)**

Vestido (43.07)

### 2.2.3 A Coleção: classes e artefatos

#### Artefato (00)

Forma individual de cultura material.

#### 2.2.3.1 Insígnia (10)

Artefato que, em seu conjunto, constitui sinal distintivo, que representa seres deificados ou função de dignidade, posto, comando, poder, nobreza, função religiosa.

#### Atributo Sagrado (11)

Insígnia que caracteriza, distingue e representa uma divindade.

#### Abebê (11.01)

Atributo consagrado às iabás, espécie de leque, confeccionado em metal, em forma circular ou oval, com cabo no mesmo material. Geralmente é ornado e com gravuras em relevo ou recortes. Motivos como peixes, estrelas, corações e sereias são recorrentes. Há ocorrência do uso deste artefato para Oxalufã, em metal prateado e de abebês feitos de outros materiais.

#### Abebê de Oxum (11.01.010)

Abebê consagrado ao orixá Oxum. É confeccionado em metal dourado ou acobreado.



MAF 0368



MAF 0717



### Abebê de Iemanjá (11.01.020)

Abebê consagrado ao orixá Iemanjá. É confeccionado em metal prateado.



MAF 0716



MAF 0321

### Ferramenta de orixá (11.02)

Atributo sagrado, geralmente confeccionado em ferro, congloera signos específicos e representações simbólicas do orixá ou entidade espiritual. É utilizada principalmente em assentamentos.

### Ferramenta de Exu (11.02.010)

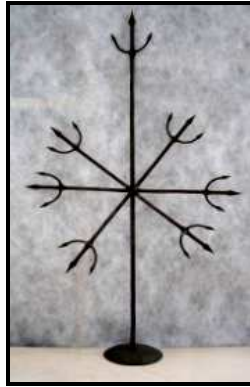
Ferramenta consagrada ao orixá Exu. Convencionalmente é composta de hastes, geralmente com pontas, presas a uma base circular de ferro ou folha-de-flandres. As hastes tomam formas variadas. Há ocorrências de montagens com tridentes, lanças, espadas, facões, facas e chifres. O número de hastes é tradicionalmente impar, com recorrência do três e sete. Reporta-se ao opá ogó, o cetro fálico de Exu.



MAF 0222



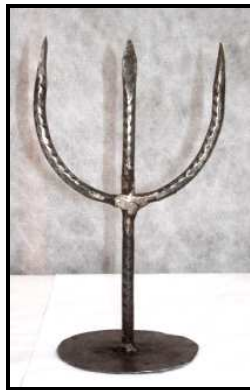
MAF 0223



MAF 0224



MAF 0225



MAF 0721

### Ferramenta de Ogum (11.02.020)

Ferramenta consagrada ao orixá Ogum. Há uma ocorrência de inúmeras ferramentas confeccionadas para Ogum, orixá do ferro. A mais recorrente é o molho de Ogum. É composta por hastes de ferro batido, representando ferramentas, em miniatura, ligadas a simbologia de Ogum. São foices, enxadas, martelos, alicates, tesouras, cavadores, espadas, pás, ancinhos ou instrumentos típicos do trabalho do ferreiro. O número de hastes é tradicionalmente ímpar, com recorrência do sete, e vinte e um, também quatorze, e ficam presas a um arco, confeccionado no mesmo material



MAF 0236



MAF 0237



MAF 0238

MAF 0238



MAF 0245

### Ferramenta de Ossain (11.02.030)

Ferramenta consagrada ao orixá Ossain. É composta de seis ou sete hastes, geralmente com pontas, presas a uma base circular de ferro ou folha-de-flandres. Sua forma lembra uma árvore. A haste central geralmente é mais alta que as outras e pode vir encimada por um pássaro. Há ocorrência da representação de uma serpente entrelaçada à haste central.



MAF 0278



MAF 0284



MAF 0283



MAF 0299

### Ferramenta de Oxumaré (11.02.040)

Ferramenta consagrada ao orixá Oxumaré. É composta de uma haste presa a uma base circular de ferro ou folha-de-flandres. Geralmente contém representação de pássaro na ponta superior. A haste central é entrelaçada por um ou duas serpentes. Há ocorrência de ferramenta feita somente com a haste de ferro batido ou metal dourado, representando a serpente. Apresenta-se geralmente em par.



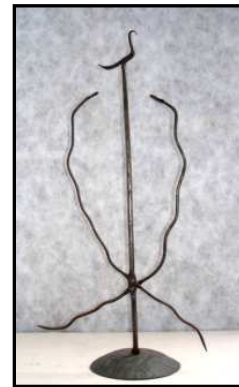
MAF 0452



MAF 0725



MAF 0726



MAF 0468

### Ferramenta de Omolu (11.02.050)

Ferramenta consagrada ao orixá Omolu. É composta de uma haste, com ponta de seta, presas a uma base circular de ferro ou folha-de-flandres. Similar a uma lança. Há ocorrência da base de sustentação da lança ser feita em barro, na forma de um cuscuzeiro ou aguidá.



MAF 0443

MAF 0443



MAF0737

### Ferramenta de Ibeji (11.02.060)

Ferramenta consagrada ao orixá Ibeji. Confeccionada em metal prateado possui haste central, presa a uma base circular do mesmo metal ou folha-de-flandres. A

extremidade superior da haste é curvada, numa volta em si mesma, para um dos lados. É afixada, nesta mesma extremidade, no lado oposto a curvatura da haste central, uma haste acessória imitando a trajetória em curva. Nas duas hastes curvadas são acrescentadas duas placas de metal prateado, recortadas na forma de cabaças.



MAF 0481

#### Ferramenta de Tempo (11.02.070)

Ferramenta consagrada ao orixá Tempo. Artefato similar a uma grelha. É composto por barras de ferro, metal dourado ou prateado, de pequena espessura, dispostas paralelamente uma das outras poucos centímetros. Presas, nas duas extremidades, por duas barras de sustentação, um na extremidade superior, outra na inferior. Na barra de sustentação inferior é afixado um cabo ou o corpo da própria barra é alongado verticalmente para baixo.



MAF 0627.08

#### Ibiri (11.03)

Atributo sagrado do orixá Nanã. Confeccionado a partir dum feixe de palha. Possui extremidade superior arqueada, voltando-se sobre o próprio corpo.



MAF 0413

#### Iruexim (11.04)

Atributo sagrado do orixá Iansã. Cetro, espécie de chibata cerimonial e espanador, feito de rabo de cavalo, com cabo de metal acobreado, madeira ou osso.



MAF 0331

#### Irukerê (11.05)

Atributo sagrado dos orixás Oxóssi e Logun Edé. Cetro, espécie de chibata cerimonial e espanador, feito com rabo de boi ou vaca, com cabo de madeira, osso ou metal, prateado para Oxossi e dourado para Logun Edé.



MAF 0303

#### Ofá (11.06)

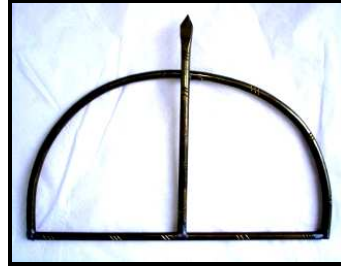
Atributo sagrado dos orixás caçadores. Espécie de arco e flecha unidos em dois pontos confeccionados em metal. Artefato conhecido também como Damatá.

## Ofá de Oxóssi (11.06.010)

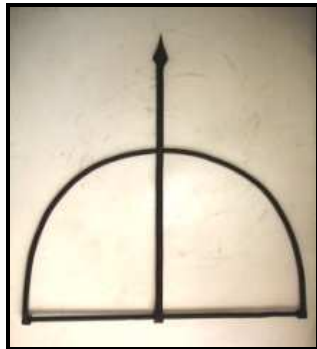
Atributo sagrado do orixá Oxóssi. É confeccionado em ferro ou metal prateado.



MAF 0317



MAF 0735



MAF 0302

## Ofá de Logun Edé (11.06.020)

Atributo sagrado do orixá Logun Edé. É confeccionado em metal dourado.



MAF 0287



MAF 0298

## Oxé (11.07)

Atributo sagrado do orixá Xangô. Apresenta-se de duas formas. Como bastão, confeccionado em madeira, com escultura de devoto ou sacerdotisa de Xangô, tendo sobre a cabeça um machado com gume duplo, símbolo deste orixá. Pode ser confeccionado com haste em forma de machado com duas lâminas, em metal acobreado.



MAF 0390



MAF 0713



MAF 0719



MAF 0795

### Opaxorô (11.08)

Atributo sagrado do orixá Oxalufã. Espécie de cajado, confeccionado em metal prateado ou branco. Ornado de arandelas, sobrepostas e munidas de pingentes diversos. Possui na extremidade superior coroa ou globo encimado por uma pomba.



MAF 0119



MAF 0712



### Xaxará (11.09)

Atributo sagrado do orixá Omolu / Obaluaê. Bastão, espécie de vassoura. É confeccionado em palitos de dendezeiro, piaçava ou de palha-da-costa, em forma de pequeno feixe. Este feixe é preso com tiras de pano ou trançados, enfeitado com búzios e miçangas.



MAF 0433



MAF 0656

### Chifre (12)

Insígnia dos orixás Iansã, Oxossi e Logun Edé. É confeccionado com o corno do búfalo, para Iansã, e do boi, para Oxossi e Logun Edé. É encaestado em metal e arranjado em correntões com mesmo material. Metal acobreado para Iansã, prateado para Oxossi e dourado para Logun Edé.

#### Chifre de Oxossi (12.01)

Insígnia do orixá Oxossi. Confeccionado com o corno do boi. É encaestado em metal prateado e arranjado em correntões com mesmo material.



MAF 0306

#### Chifre de Iansã (12.02)

Insígnia do orixá Iansã. Confeccionado com o corno do búfalo. É encaestado em metal acobreado e arranjado em correntões com mesmo material.



MAF 0338



MAF 0339

### Peixe (13)

Insígnia dos orixás Iemanjá e Oxum. É confeccionado em metal e arranjado em correntões com mesmo material. Metais prateados para Iemanjá e dourados para Oxum.

### Peixe de Iemanjá (13.01)

Insígnia do orixá Iemanjá. É confeccionado em metal prateados e arranjado em correntões com mesmo material.



MAF 0320

### Mão-de-pilão (14)

Insígnia do orixá Oxaguiã. É confeccionado em metal prateado e arranjado em correntes com mesmo material.



MAF 0511

### Cálice (15)

Insígnia de origem ligada à liturgia cristã. Representa um receptáculo de forças de transformação e germinação. Tem ocorrência nas religiões afro-brasileiras, principalmente no culto de Iansã. Na umbanda apresenta-se também no culto a Oxalá.

#### Cálice de Iansã (15.01)

Insígnia do orixá Iansã. É confeccionado em metal acobreado e encimado por uma estrela ou sol. Expressa a ligação do culto de Iansã com Santa Bárbara.



MAF 0343

### Arma (16)

Insígnia que representa em forma e estrutura instrumento ou mecanismo preparado para proporcionar vantagem no ataque e na defesa. Confeccionada em diversos materiais e formatos, pode ser de pequeno ou grande porte. Insígnia recorrente dos orixás Ogum, Iansã, Ewá, Obá, Iemanjá, Oxum, Oxaguiã e Exu, além de se apresentar como elemento do caboclo enquanto entidade espiritual.

#### Facão (16.01)

Arma constituída de faca cuja lâmina é maior do que o cabo. Conhecido também como Obé, tem ocorrência ritual nas religiões afro-brasileiras como arma-insígnia similar à espada. Liga-se ao culto de Exu, Ogum e outros orixás guerreiros. Geralmente confeccionado em ferro com cabo em plástico ou madeira.



MAF 0736

## Espada (16.02)

Arma constituída de lâmina comprida, geralmente pontiaguda, dotada de um ou dois gumes, cabo e guarda-mão. Confeccionada em metal ou madeira. É arma-insígnia dos orixás Exu, Ogum, Iansã, Oxum, Oxaguiã e Iemanjá.

## Espadim (16.02.010)

Arma constituída de lâmina curta ou fina pontiaguda, dotada de um ou dois gumes, cabo e guarda-mão. Pequena espada confeccionada em metal ou madeira. É arma-insígnia dos orixás Exu, Ogum e Oxaguiã.



MAF 0689



MAF 0695

## Espada de Ogum (16.02.020)

Arma-insígnia do orixá Ogum. Confeccionada em ferro ou metal prateado. Há ocorrência de variação em metal dourado quanto Ogum liga-se as águas, em especial com Oxum.



MAF 0233



MAF 0240



MAF 0641



MAF 0642



MAF 0722



MAF 0745

### Espada de Iansã (16.02.030)

Arma-insígnia do orixá Iansã. Confeccionada em metal acobreado. Apresenta-se também em forma de alfanje, pequena espada de lâmina curta e larga, de inspiração árabe.



MAF 0337



MAF 0341



MAF 0715

### Espada de Iemanjá (16.02.040)

Arma-insígnia do orixá Iemanjá com qualidade guerreira. Confeccionada em metal prateado. Apresenta-se também em forma de alfanje, pequena espada de lâmina curta e larga, de inspiração árabe.



MAF 0328



MAF 0720

### Espingarda (16.03)

Arma de fogo portátil, de cano longo e com coronha própria para apoiar no ombro. Confeccionada toda em madeira ou com cabo em metal, é arma-insígnia de entidades espirituais como os caboclos e boiadeiros.



MAF 0696

### Lança (16.04)

Arma constituída de bastão longo de madeira ou metal, geralmente com ponta afiada. A ponta pode ser em metal, pedra, osso ou madeira. É arma-insígnia dos caboclos. Há ocorrência do emprego deste artefato como arma-insígnia dos orixás Omolu e Obaluaê.



MAF 0206.07.....



MAF 0644



MAF 0645

MAF 0624.13<sup>42</sup>

### Flecha (16.05)

Arma constituída de haste longa, fina e pontiaguda, originalmente de madeira, com seção circular, disparada por um arco. É arma-insígnia dos caboclos. Há

<sup>42</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0624 na subclasse 41.03.

ocorrência do emprego deste artefato como arma-insígnia dos orixás Omolu, Obaluaê, Oxóssi e Logun Edé.

MAF 0209.08<sup>43</sup>

MAF 0624.12<sup>44</sup>

#### Arco (16.06)

Arma constituída de haste longa e flexível, originalmente de madeira, vergada por um fio atado em suas extremidades. É mecanismo disparador da flecha. É arma-insígnia dos caboclos. Há ocorrência do emprego deste artefato como arma-insígnia dos orixás Oxóssi e Logun Edé.

MAF 0209.07<sup>45</sup>

#### Imaginária (17)

Insígnia constituída de representação de figuras humanas ou divindades obtidas por meio de desenho, gravura, pintura, escultura ou tecedura.



MAF 0634.01



MAF 0634.02<sup>46</sup>

#### Imaginária de Exu (17.01)

Imaginária representativa do orixá Exu. É confeccionada geralmente em ferro. Há ocorrência do uso de barro ou madeira como matéria-prima. Predominam nesta

<sup>43</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.03.

<sup>44</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0624 na subclasse 41.03.

<sup>45</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.03.

<sup>46</sup> Essas duas esculturas poderiam ser classificadas como Babalotins. Porém, por não existirem elementos suficientes que auxiliem a definição absoluta de sua classe, preferiu-se colocá-las na classe geral das imaginárias. Babalotim: Imaginária em forma de boneco (a) confeccionado (a) em madeira. São normalmente adicionados vestimentas e objetos litúrgicos, adornos e insígnias, em miniatura, que compõem o conjunto, variando de acordo com a entidade espiritual ou ser deificado que o (a) boneco (a) representa. Similar a Calunga do Maracatu.

imaginária elementos peculiares ao diabo católico — chifres, cauda longa e pontuda, pé de cabra, lança e tridente.

#### Exu Boca de Fogo (17.01.010)

Imaginária representativa do orixá Exu, confeccionada em barro pintado, geralmente nas cores branca, preto, laranja e vermelho. Apresenta elementos peculiares ao imaginário do diabo católico, destacando-se a boca aberta com língua para fora.



MAF 0079

#### Exu de Ferro (17.01.020)

Imaginária representativa do orixá Exu, confeccionada em ferro. Exibe elementos peculiares ao imaginário do diabo católico. Apresenta-se na forma masculina e feminina, geralmente em casal. O Exu macho expõe falo desproporcional e ereto. O Exu fêmea ou Exua expõe vagina discretamente detalhada por inciso. Quando vestida com saiote de ferro, alumínio ou folha de flandres o Exu fêmea é denominado Exu de Saia.



MAF 0218



MAF 0219





MAF 0220



MAF 0221

### Imaginária de Iemanjá (17.02)

Imaginária representativa do orixá Iemanjá. Representação afro-brasileira do orixá; apresenta-se como figura feminina de traços fenotípicos predominantemente brancos, cabelos longos castanho escuro. Há ocorrência de duas formas desta imaginária, uma antropomorfa, a mulher maternal, sexual e senhoril, e outra antropozomorfa, como sereia.

### Sereia (17.02.010)

Imaginária representativa do orixá Iemanjá. Representação afro-brasileira do orixá; apresenta-se como figura feminina antropozomorfa de traços fenotípicos predominantemente brancos, cabelos longos castanho escuro e rabo de peixe, reforçando sua ligação com as águas e a essência telúrica.



MAF 0203

### Imaginária de Ibeji (17.03)

Imaginária representativa do orixá Ibeji — Ibejis, orixás gêmeos. Escultura antropomorfa confeccionada em madeira. Pode apresentar-se pintada, vestida ou ornada com pequenos fios-de-contas, corais, búzios, tiras de couro e anéis

metálicos. Há ocorrência de representação imagética ligada aos santos católicos Cosme e Damião.



MAF 0476

#### Boneco de orixá (17.04)

Imaginária representativa dos diversos orixás. É confeccionada em tecido. O (a) boneco (a) de pano possui vestimenta, em miniatura, idêntica usada pelos filhos-de-santo quando manifestados por seus orixás. Além da vestimenta outros objetos litúrgicos, adornos e insígnias, em miniatura, compõem o conjunto, variando de acordo com o orixá que o (a) boneco (a) representa. Há ocorrência deste tipo de imaginária consagrada aos Caboclos.

#### Boneco de Exu (17.04.010)

Boneco representativo do orixá Exu. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0229

### Boneco de Ogum (17.04.020)

Boneco representativo do orixá Ogum. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0246

### Boneco de Ossain (17.04.030)

Boneco representativo do orixá Ossain. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0286

### Boneco de Logun Edé (17.04.040)

Boneco representativo do orixá Logun Edé. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0300

#### Boneco de Oxóssi (17.04.050)

Boneco representativo do orixá Oxóssi. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0318

#### Boneca de Iemanjá (17.04.060)

Boneca representativa do orixá Iemanjá. Confeccionada em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0330

Boneca de Iansã (17.04.070)

Boneca representativa do orixá Iansã. Confeccionada em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0349

Boneca de Oxum (17.04.080)

Boneca representativa do orixá Oxum. Confeccionada em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0376

Boneco de Xangô (17.04.090)

Boneco representativo do orixá Xangô. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0408

#### Boneca de Nanã (17.04.100)

Boneca representativa do orixá Nanã. Confeccionada em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0431

#### Boneco de Omolu (17.04.110)

Boneco representativo do orixá Omolu. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0448

### Boneco de Oxumaré (17.04.120)

Boneco representativo do orixá Oxumaré. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0469

### Boneco de Ibeji (17.04.130)

Boneco representativo do orixá Ibeji. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos. Geralmente em par.



MAF 0495 / MAF 0496

### Boneco de Oxalufã (17.04.140)

Boneco representativo do orixá Oxalufã. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0500

#### Boneco de Oxaguiã (17.04.150)

Boneco representativo do orixá Oxaguiã. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0513

#### Boneco de Caboclo (17.04.160)

Boneco representativo da entidade espiritual Caboclo. Confeccionado em tecido, com objetos e adornos diversos.



MAF 0626



## Mobiliário (18)

Referente à mobília; móvel destinado primariamente ao uso ou adorno de uma habitação ou ambiente. Insígnia de poder, de prestígio e de sacralidade.

### Cadeira (18.01)

Peça de mobiliário que consiste num assento provido de encosto, às vezes com braços, para uma pessoa. Como insígnia representa poder e alto grau na hierarquia sócio-religiosa afro-brasileira. Há recorrência de estilização dos entalhes, principalmente no respaldo e sua parte superior, contendo símbolos referentes ao orixá, vodun ou inquice do iniciado.



MAF 0635

### Cabaça (19)

Insígnia que representa a vida e a fecundidade. Ligada as iabás, orixás femininos. Recorrente nos elementos de Iemanjá e Nanã. Apresenta-se como insígnia de orixás masculinos e do caboclo enquanto entidade espiritual, sempre ligada à mesma idéia. Ocorrência de adornos e tecedura.

### Cabaça de Nanã (19.01)

Insígnia do orixá Nanã que representa o ciclo da vida. É confeccionada em uma cabaça inteira, ornada com trançado de palha-da-costa, búzios e miçangas brancas e lilás.



MAF 0429

### 2.2.3.2 Instrumento Sonoro (20)

Artefato construído especialmente para produzir som. Pode ser utilizado para produzir sons musicais ou de sinalização. Está presente em diversos ritos e celebrações das religiões afro-brasileiras, possuindo geralmente caráter sagrado.

#### Instrumento musical (21)

Instrumento sonoro construído com o propósito de produzir música. Apresenta-se em formato e material variados. Utiliza-se sozinho ou combinado com outros ou em conjunto com a voz, para a execução de sons melódiosos e que se configuram em música. Podem ser classificados de acordo com a forma pela qual o som é produzido. Está presente em diversas manifestações das religiões afro-brasileiras.

#### Instrumento de percussão (21.01)

Instrumento musical cujo som se produz mediante a vibração da própria matéria de que é feito (idiofone percutido) ou de membrana (membranofone percutida).

#### Membranofone percutida (21.01.010)

Instrumento musical de percussão, que produz som através da vibração de membrana distendida ao ser batida ou percutida.

#### Atabaque (21.01.011)

Membranofone percutido, espécie de tambor, cuja membrana é montada sobre tubo de madeira, cilíndrico ou cônico, constituindo caixa de ressonância. Pode ser percutido com as mãos ou com baquetas. A membrana é confeccionada com couro

de boi, veado ou bode. Possui amarrações, com cordas ou aros e hastes metálicas, e cunhas de madeira ou metal, no corpo do instrumento para estabilização dos elementos que o compõe e da membrana. Nas religiões afro-brasileiras, em especial no candomblé, apresenta-se em trio com a denominação de Rum, Rumpi e Lê.

#### Rum (21.01.011.01)

Atabaque de grande porte que produz precisão tonal grave. É o maior do trio tocado no candomblé ou umbanda. É utilizado como solista.



MAF 0593

#### Rumpi (21.01.011.02)

Atabaque de médio porte que produz precisão tonal média. É o de tamanho intermediário entre o Rum e o Lê.



MAF 0592

#### Idiofone percutido (21.01.020)

Instrumento musical de percussão, que produz som através da vibração do seu próprio corpo ao ser batido, percutido ou agitado, sem necessidade de nenhuma tensão.

#### Agogô (21.01.021)

Idiofone percutido composto por duas ou mais campânulas cônicas de ferro ou folhas-de-flandres, de tamanhos diferentes, unidos entre si pelos vértices através de haste curvada em forma de U. O som é extraído por uma vareta de metal percutida no corpo do instrumento. É também conhecido como Gã.



MAF 0714



MAF 0759



MAF 0051

#### Gonguê (21.01.022)

Idiofone percutido composto por uma campana de ferro ou folha-de-flandres, com haste prolongada partindo do vértice do cone. Diferentemente do agogô possui campânula, em corpo mais volumoso, constituído de duas peças metálicas ajuntadas com solda e/ou pinos de ferro. Pode apresentar-se com duas campânulas, no mesmo formato, porém com tamanhos iguais. O som é extraído por uma vareta de metal percutida no corpo do instrumento. É também conhecido como Ngonge.



MAF 0039



MAF 0040



MAF 0049

### Aguê (21.01.023)

Cabaça arredondada e recoberta por rede de fios de algodão, arame ou náilon, enfiada com búzios, sementes e miçangas. O som é extraído batendo a rede contra a cabaça, com a mão ou por agitação do instrumento. É também conhecido como xequerê, piano-de-cuia, xaque-xaque, afoxé e agbé.



MAF 0061

### Chocalho (21.01.024)

Idiofone percutado composto por recipiente oco em diferentes formatos, prevalecendo o cônico. É confeccionado em materiais diversos, contendo em seu interior pequenos objetos, tradicionalmente, pedras ou sementes. O som é produzido através do choque, por agitação, entre dois corpos duros, um envolvendo o outro.

MAF 0619.08<sup>47</sup>

#### Xerê (21.01.024.01)

Chocalho relacionado ao culto do orixá Xangô, confeccionado tradicionalmente em cabaça com cabo alongado, é feito de cobre ou folha-de-flandres, com cabo e caixa de ressonância arredondada. Contem sementes em seu interior. Também é empregado como distintivo de poder e status em alguns terreiros de candomblé nagôs.



MAF 0386

#### Instrumento de sinalização (22)

Instrumento sonoro cuja função é guiar, chamar atenção ou estabelecer comunicação pelo som. Pode, por combinação dos sons emitidos, produzir música.

#### Sino (22.01)

Instrumento sonoro de sinalização confeccionado em metal, no formato de cone oco. O som é extraído por percussão na superfície do cone. Pode ser percutido na superfície interna por um badalo — preso na parte superior do cone — ou na externa por um martelo.

#### Sineta (22.01.010)

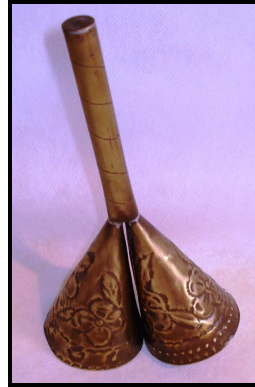
Sino de pequeno porte tocado com a mão. É usado largamente em cerimônias religiosas do candomblé. Dependendo da cerimônia e orixá de consagração apresenta-se em diferentes formatos e materiais metálicos. Dentre as sinetas usadas no candomblé o Adjá ocupa papel de destaque.

---

<sup>47</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0619 na subclasse 41.05.



MAF 0374



MAF 0375



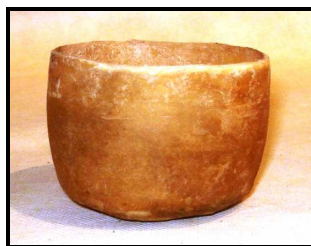
MAF 0365

### 2.2.3.3 Utensílio (30)

Artefato ou conjunto de artefatos que tem utilidade como meio ou instrumento para realização de uma atividade ou tarefa.

### Recipiente (31)

Utensílio, em diversas formas e tamanhos, capaz de conter líquidos ou sólidos.



MAF 0129.01



MAF 0129.02



MAF 0021.01 / MAF 0021.02

### Vaso (31.01)

Recipiente côncavo, geralmente confeccionado em barro, próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas. Possui uso extenso nas religiões afro-brasileiras, principalmente os vasos rasos como o Najé e o Aguidá.



MAF 0084



MAF 0085



MAF 0086



MAF 0087

#### Quartinha (31.02)

Recipiente de pequeno porte, levemente bojudo, com gargalo de abertura mediana. Geralmente possui tampa e pode receber adornos ou pintura. As cores e padrões pintados são aplicados de acordo com o orixá e tradição que o adepto ou cerimônia está ligado. É confeccionado em barro cozido ou porcelana. Destina-se a conter líquidos (hidrocerame). Tem largo uso nas religiões afro-brasileiras.



MAF 0423





### Concha (31.03)

Invólucro calcário ou córneo de certos animais utilizado como recipiente para conter líquidos. Existe em diversos formatos e tamanhos, é assimétrica e em espiral. Geralmente é utilizada nas religiões afro-brasileiras, em especial no culto do orixá Oxalá



MAF 0522



MAF 0523

### Ferramenta (32)

Utensílio formado por apenas um mecanismo que forneça uma vantagem mecânica necessária à realização de um trabalho, uma atividade ou uma profissão.

#### Chicote (32.01)

Ferramenta composta de corda entrançada ou tira de couro terminada em ponta, ligada ou não a um cabo de madeira, e usada ordinariamente para incitar animais ou indivíduos. É utilizado nas religiões afro-brasileiras, em especial no candomblé e na umbanda, nos cultos relacionados aos Caboclos, Boiadeiros e orixás caçadores, como Oxossi e Logun Edé.

MAF 0620.04<sup>48</sup>

#### Pente (32.02)

Ferramenta composta de hastes, com formato aproximado de dentes alongados, próximos uns dos outros, presos a uma barra. É feito tradicionalmente em osso, madeira ou metal, porém pode ser encontrado em diversos materiais. Tem por função original alisar, desembaraçar, ajeitar ou limpar os cabelos. Contudo, confeccionado mais curto e com dentes mais longos, pode ser utilizado para prender ou adornar o cabelo. Há ocorrência do uso deste artefato como peça de vestuário ou como insígnia relacionada aos orixás Oxum, Iemanjá e Iansã.

<sup>48</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0620 na subclasse 41.02.



MAF 0648



MAF 0650



MAF 0649

### Coberta (33)

Utensílio de tecidos variados que serve para cobrir ou aquecer algo ou alguém. Cobertura. Tem uso extenso no cotidiano dos terreiros de candomblé. É utilizado em certos rituais e como contentor ou protetor na manifestação de certas entidades espirituais.

### Fronha (33.01)

Coberta, em forma de saco, para envolver travesseiro ou almofada. É utilizado no cotidiano e em certos rituais do candomblé e da umbanda, como contentor ou catalisador de substâncias, físicas ou não.

MAF 0637<sup>49</sup>

### 2.2.3.4 Vestuário (40)

Conjunto dos artefatos que consistem as roupas e complementos e acessórios que o acompanham. É confeccionado em materiais, cores, formas e texturas diversas. No campo das religiões afro-brasileiras porta também significados simbólicos e em alguns casos assume condição de insígnia.

<sup>49</sup> Imagem indisponível. Artefato em processo de conservação no período da pesquisa.

## Traje (41)

Vestuário específico para determinado uso, seja profissional, religioso ou social.

### Traje de baiana (41.01)

Traje utilizado pelo tipo popular genericamente chamado de baiana. É composto de ojá, camisu, bata, pano-da-costa, anágua, saia, calça e changrim, com variação dependendo do uso. Os elementos que compõem este traje estão presentes no uso cotidiano dos terreiros de candomblé, em conjunto ou compondo outros trajes.



MAF 0618

### Traje de vaqueiro (41.02)

Traje utilizado originalmente pelos vaqueiros dos sertões, no Nordeste, em Minas Gerais ou Goiás. É composto de perneiras, colete, guarda-peito, gibão, luvas, cinto, chinelo, bota ou sapato de couro, podendo ter esporas, e chapéu variando o formato e o tamanho da aba, dependendo da região. Confeccionado em couro. Nas religiões afro-brasileiras, em especial no candomblé e umbanda, é traje consagrado aos caboclos boiadeiros, entidade espiritual que representa os vaqueiros.



MAF 0620

### Traje de caboclo (41.03)

Traje utilizado pelos iniciados do candomblé e umbanda, consagrado aos caboclos, entidade espiritual que representa o ancestral indígena. É composto de cocar, saia, pulseira, tornozleira, diademas e armaria. Há ocorrência de uso de calça e blusa ou bata, somados aos outros elementos. Destaca-se o uso de fibras naturais e plumária na composição do traje e seus elementos.



MAF 0206



MAF 0624



MAF 0209

### Traje de orixá (41.04)

Traje utilizado pelos iniciados do candomblé de tradição kêto / nagô, consagrado às divindades do seu panteão. Os elementos que o compõem são variados, dependendo do orixá ao qual está ligado. Tem composição básica o uso de ojá, camisa, bata, pano-da-costa, anágua, saia, calça, torço ou adé. Variados acessórios compõem o traje, todos condicionados à ligação com o orixá. Os materiais, cores, formas e texturas também se ligam às mesmas condições.

MAF 0432<sup>50</sup>

MAF 0783<sup>51</sup>



MAF 0604



MAF 0610

<sup>50</sup> Visualização disponível nas fotografias dos artefatos que compõem o traje: MAF 0432.01 e 02 nas subclasses correspondentes, 43.05.011 e 43.06.030

<sup>51</sup> Visualização disponível nas fotografias dos artefatos que compõem o traje: MAF 0783.01 e 02 nas subclasses correspondentes, 43.06.030 e 43.05.011.



MAF 0611



MAF 0612



MAF 0614



MAF 0616



MAF 0627

### Traje de vodun (41.05)

Traje utilizado pelos iniciados do candomblé de tradição jeje, consagrado às divindades do seu panteão. Os elementos que o compõem são variados, dependendo do vodun ao qual está ligado. Tem composição básica o uso de ojá, camisu, bata, pano-da-costa, anágua, saia, calça, torço ou adé, com diferenciação de nomenclatura. Variados acessórios compõe o traje, todos condicionados à ligação com o vodun. Os materiais, cores, formas e texturas também se ligam as mesmas condições.



MAF 0608



MAF 0619



MAF 0615

### Traje de inquice (41.06)

Traje utilizado pelos iniciados do candomblé de tradição angola, consagrado as divindades do seu panteão. Os elementos que o compõem são variados, dependendo do inquice ao qual estar ligado. Tem composição básica o uso de ojá,



camisu, bata, pano-da-costa, anágua, saia, calça, torço ou adé, com diferenciação de nomenclatura. Variados acessórios compõe o traje, todos condicionados à ligação com o inquite. Os materiais, cores, formas e texturas também se ligam as mesmas condições.



MAF 0617

#### Traje de sacerdote (41.07)

Traje utilizado somente pelo sacerdote ou sacerdotisa do candomblé. Difere dos outros trajes utilizados no terreiro ou pelo tratamento dado aos seus elementos constitutivos, pela disposição destes elementos ou pela inclusão de elementos exclusivos. São elementos distintivos: o uso da bata alongada por fora da saia, do pano-da-costa sobre o ombro, da saia em bordado richelieu, do turbante com amarração específica, além do uso de acessórios e insígnias representativos de status e poder.



MAF 0605



MAF 0609

MAF 0674<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Imagem indisponível. Traje em processo de conservação no período da pesquisa.

## Acessório de vestuário (42)

Artefato que se junta ao traje ou roupa habitual, sem lhe ser essencial. No campo das religiões afro-brasileiras porta também significados simbólicos.

### Boné (42.01)

Acessório de vestuário para a cabeça, de copa redonda, sem abas e com pala acima dos olhos. Espécie de chapéu. Tem por função original proteger a cabeça e os olhos da incidência dos raios solares. É confeccionado tradicionalmente em tecido, podendo ser encontrado em diferentes formatos, cores e tamanho. Nas religiões afro-brasileiras, em especial no candomblé, é usado como distintivo hierárquico, identificando o ogã. Há ocorrência do uso para identificar o babalaô e o iaô.



MAF 0638

### Bracelete (42.02)

Acessório de vestuário em forma de anel. É confeccionado em madeira, metal ou fibras naturais. Pode ser encontrado em plástico. É utilizado primariamente como objeto de adorno. Há ocorrência do seu uso como objeto de culto e insígnia religiosa. No candomblé é utilizado amplamente na composição do traje dos orixás e como elemento protetor ou distintivo do iniciado. É termo genérico para artefatos com estas características usados nos membros superiores do corpo humano. Também se refere especificamente ao artefato deste tipo usado no braço.

#### Bracelete de Oxum (42.02.010)

Bracelete consagrado ao orixá Oxum. É confeccionado em metal dourado. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, representando flores, estrelas, peixes e outros motivos referentes às características do orixá.



MAF 0351 / MAF 0352

#### Bracelete de Logun Edé (42.02.020)

Bracelete consagrado ao orixá Logun Edé. É confeccionado em metal dourado. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, representando flores, estrelas, peixes, folhas, arcos e flechas, juntando motivos referentes às características dos orixás Oxum e Oxossi.



MAF 0291 / MAF 0292

#### Bracelete de Oxóssi (42.02.030)

Bracelete consagrado ao orixá Oxossi. É confeccionado em metal prateado. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, representando folhas, elementos silvestres e outros motivos referentes às características do orixá.



MAF 0304 / MAF 0305



MAF 0421 / MAF 0422

### Bracelete de Iemanjá (42.02.040)

Bracelete consagrado ao orixá Iemanjá. É confeccionado em metal prateado. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, representando flores, estrelas, peixes e outros motivos referentes às características do orixá.



MAF 0326 / MAF 0327

### Bracelete de Iansã (42.02.050)

Bracelete consagrado ao orixá Iansã. É confeccionado em metal acobreado. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, representando folhas e outros motivos referentes às características do orixá.



MAF 0334



MAF 0335



MAF 0776 / MAF 0777

### Bracelete de Oxumaré (42.02.060)

Bracelete consagrado ao orixá Oxumaré, em forma de espiral, simulando a imagem de uma cobra. É confeccionado em metal dourado. Possui uma das pontas afinada com corte triangular. É recorrente a aplicação de incisões ao longo do bracelete.



MAF 0450



MAF 0451

### Bracelete de Oxaguiã (42.02.070)

Bracelete consagrado ao orixá Oxaguiã. É confeccionado em metal prateado. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, representando flores e folhas e outros motivos referentes às características do orixá.



MAF 0508 / MAF 0509

### Bracelete de Caboclo (42.02.080)

Bracelete consagrado a entidade espiritual Caboclo. É confeccionado em tira de napa, natural ou sintética, ou papel de alta gramatura, com aplicações de materiais diversos, principalmente cordão e lentejoula, além de fibras naturais e plumária em um das extremidades. Há ocorrência deste artefato confeccionado todo em plumária, colada ou costurada sobre cordão ou tira.

MAF 0206.02 / MAF 0206.03<sup>53</sup>    MAF 0209.02 / MAF 0209.03<sup>54</sup>



MAF 0624.03



MAF 0624.05

### Contra-Egun (42.02.090)

Bracelete consagrado a proteção do iniciado contra os eguns, espíritos dos mortos. Também conhecido como ikan. É confeccionado em palha da costa trançada, podendo receber búzios e miçangas aplicadas. É utilizado na parte superior do braço. Quando amarrado próximo a axila é consagrado a família ritual do orixá Omolu, recebe o nome de mokan.

<sup>53</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0206 na subclasse 41.03.

<sup>54</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.03.



MAF 0437



MAF 0438

### Pulseira (42.02.100)

Bracelete usado nos pulsos. É confeccionado tradicionalmente em aro metálico. Há recorrência de incisos ao longo do artefato. É utilizado primariamente como objeto de adorno, mas também é usado como objeto de culto e insígnia religiosa. No candomblé é utilizado amplamente na composição do traje dos orixás e como elemento protetor ou distintivo do iniciado. É termo genérico para artefatos com estas características usados nos punhos. Também é conhecido com o nome de idé. Há ocorrência de pulseira confeccionada em palha-da-costa, miçangas e búzios, e fibras naturais e plumária.



MAF 0657

### Pulseira de Iansã (42.02.101)

Pulseira consagrada ao orixá Iansã. É confeccionada em metal acobreado. Há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá ou processo de iniciação.



MAF 0346



MAF 0347



MAF 0348

### Pulseira de Nanã (42.02.102)

Pulseira consagrada ao orixá Nanã. É confeccionada em metal prateado. Há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá ou processo de iniciação.



MAF 0415



MAF 0417



MAF 0416



MAF 0418



MAF 0419



MAF 0420

### Pulseira de Oxalá (42.02.103)

Pulseira consagrada ao orixá Oxalá. É confeccionada em metal prateado, podendo ser também feita em palha-da-costa com miçangas e/ou búzios. Na pulseira de metal, há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá ou processo de iniciação.



MAF 0668

#### Pulseira de Caboclo (42.02.104)

Pulseira consagrada a entidade espiritual Caboclo. É confeccionado em tira de napa, natural ou sintética, ou papel de alta gramatura, com aplicações de materiais diversos, principalmente cordão e lentejoula, além de fibras naturais e plumária nas das extremidades. Há ocorrência deste artefato confeccionado todo em plumária, colada ou costurada sobre cordão ou tira de pequena espessura.



MAF 0624.02

#### Pulseira de Gongobira (42.02.105)

Pulseira consagrada ao inquice Gongobira. É confeccionada em metal dourado. Há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do inquice ou processo de iniciação.



MAF 0646



MAF 0647

#### Punho (42.02.106)

Pulseira para uso nos punhos. É confeccionado em folha de metal. Possui forma de cone vazado, com abertura lateral, que se fecha por encaixe. É utilizado



primariamente como objeto de adorno, mas também é usado como objeto de culto e insígnia religiosa. No candomblé é utilizado amplamente na composição do traje dos orixás e como elemento protetor ou distintivo do iniciado. Também é conhecido com o nome de copo.

#### Punho de Ogum (42.02.106.01)

Punho consagrado ao orixá Ogum. É confeccionado em metal prateado. Há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá.



MAF 0230



MAF 0231

#### Punho de Oxum (42.02.106.02)

Punho consagrado ao orixá Oxum. É confeccionado em metal dourado. Há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá.



MAF 0353 / MAF 0354



MAF 0774 / MAF 0775

### Punho de Iemanjá (42.02.106.03)

Punho consagrado ao orixá Iemanjá. É confeccionado em metal prateado. Há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá.



MAF 0307



MAF 0308



MAF 0324 / MAF 0325



MAF 0506 / MAF 0507

### Punho de Iansã (42.02.106.04)

Punho consagrado ao orixá Iansã. É confeccionado em metal acobreado. Há ocorrência de incisos e gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá.



MAF 0332



MAF 0333



MAF 0290 / MAF 0293

### Tornozeleira (42.03)

Acessório de vestuário para resguardar o tornozelo — articulação entre o pé e a perna. É confeccionada em materiais diversos. É utilizada também como objeto de adorno e insígnia religiosa. No candomblé é utilizada amplamente na composição do traje dos orixás e caboclos, confeccionada principalmente em metal, palha-da-costa, couro e plumária. Há ocorrência de uma variação, confeccionada em palha-da-costa trançada com guizos afixados, denominada xaorô, utilizada no processo de iniciação.

MAF 0206.05 / MAF 0206.06<sup>55</sup>MAF 0209.05 / MAF 0209.06<sup>56</sup>

MAF 0624.09



MAF 0624.10

### Adê (42.04)

Acessório de vestuário específico das religiões afro-brasileiras, em especial do candomblé. Cobertura para a cabeça do iniciado quando manifestando seu orixá, vodun ou inquice. Parte do traje destes últimos. Pode ser encontrado em forma de coroa, capacete, tiara ou chapéu. É confeccionado em materiais diversos, prevalecendo o metal. São incluídos variados elementos referentes à entidade a qual é consagrado. Quando usado por entidades fêmeas ou de arquétipo feminino apresenta chorão, espécie de franja de contas, canutilhos, vidrilhos, búzios e palha-da-costa. Também é conhecido com o nome de ibá ori.

<sup>55</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0206 na subclasse 41.03.

<sup>56</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.03.

### Capacete (42.04.010)

Adê em forma de armadura de copa oval, para proteger a cabeça. É parte do traje de alguns orixás, principalmente os orixás machos ou de arquétipo masculino. É confeccionado preferencialmente em metal, porém pode ser encontrado em tecido ou papel de alta gramatura. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, e de aplicações de contas, lantejoulas, pedras e plumária, sobre o tecido ou papelão.

### Capacete de Ogum (42.04.011)

Capacete consagrado ao orixá Ogum. É confeccionado em metal, porém pode ser encontrado em tecido ou papel de alta gramatura. É recorrente a existência de gravuras em relevo, sobre o metal, e de aplicações de contas, lantejoulas, pedras e plumária, sobre o tecido ou papelão, sempre com referência às características do orixá.



MAF 0232

MAF 0614.05<sup>57</sup>

### Capacete de Logun Edé (42.04.012)

Capacete consagrado ao orixá Logun Edé. É confeccionado em metal, com gravuras em relevo com motivos referentes às características do orixá. Pode ser encontrado em outro material.

<sup>57</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0614 na subclasse 41.04.



MAF 0288

#### Capacete de Azunsun (42.04.013)

Capacete consagrado ao vodun Azunsun. É confeccionado em palha-da-costa trançada ou tecido, com aplicações de búzios.

MAF 0619.03<sup>58</sup>

#### Capacete de Tempo (42.04.014)

Capacete consagrado ao inquice Tempo. É confeccionado em palha-da-costa trançada ou tecido, podendo conter aplicações de búzios.

MAF 0627.01<sup>59</sup>

#### Chapéu (42.04.020)

Adé geralmente em forma de copa e quase sempre com aba, destinado a cobrir a cabeça. É confeccionado em feltro, palha, couro ou tecido. É recorrente a existência de aplicações de plumária ou búzios, sempre com referencia às características do orixá ou entidade espiritual.

#### Chapéu de Oxóssi (42.04.021)

Chapéu consagrado ao orixá Oxóssi. É confeccionado em feltro, couro ou tecido. Há ocorrência de aplicações de plumária ou tiras de couro.

<sup>58</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0619 na subclasse 41.05.

<sup>59</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0627 na subclasse 41.06.



MAF 0311

### Chapéu de Caboclo (42.04.022)

Chapéu consagrado a entidade espiritual Caboclo. É confeccionado em feltro, couro ou tecido. Geralmente com inspiração no chapéu do vaqueiro ou boiadeiro. Há ocorrência de aplicações de plumária ou tiras de couro.



MAF 0685



MAF 0727

MAF 0620.01<sup>60</sup>

### Chapéu de Sobo (42.04.023)

Chapéu consagrado ao vodun Sobo. É confeccionado em palha-da-costa trançada ou tecido, com aplicações de búzios.



MAF 0615.01

<sup>60</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0620 na subclasse 41.02.

### Coroa (42.04.030)

Adé em forma circular, confeccionada em metal, tecido ou papel de alta gramatura. São incluídos variados elementos referentes à entidade a qual é consagrada. Quando usada por entidades fêmeas ou de arquétipo feminino apresenta chorão, espécie de franja de contas, canutilhos, vidrilhos, búzios e palha-da-costa. É recorrente a existência de gravuras em relevo, quando feita em metal. Há ocorrência do uso do ojá, por atrás da coroa, para fixá-la a cabeça.

### Coroa de Iansã (42.04.031)

Coroa consagrada ao orixá Iansã. É confeccionada tradicionalmente em metal acobreado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. É recorrente o uso de estrelas, corações, cálices e folhas nas gravuras. Há ocorrência da utilização de tecido em sua confecção, com aplicação de chorão.



MAF 0336

MAF 0604.01<sup>61</sup>

### Coroa de Oxumaré (42.04.032)

Coroa consagrada ao orixá Oxumaré, em forma de espiral, simulando a imagem de uma cobra. É confeccionada em metal dourado. Possui uma das pontas afinada com corte triangular. É recorrente a aplicação de incisos ao longo da coroa.



MAF 0449

<sup>61</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0604 na subclasse 41.04.

#### Coroa de Iemanjá (42.04.033)

Coroa consagrada ao orixá Iemanjá. É confeccionada tradicionalmente em metal prateado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. É recorrente o uso de peixes, sereias, estrelas, flores e folhas nas gravuras. Há ocorrência da utilização de tecido em sua confecção, com aplicação de chorão.



MAF 0319

#### Coroa de Nanã (42.04.034)

Coroa consagrada ao orixá Nanã. É confeccionada tradicionalmente em tecido, nas cores brancas e lilás, com aplicação de chorão e outros adornos, com motivos referentes às características do orixá. Há ocorrência da utilização de palha-da-costa em sua confecção.



MAF 0409

#### Coroa de Oxaguiã (42.04.035)

Coroa consagrada ao orixá Oxaguiã. É confeccionada tradicionalmente em metal prateado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. É recorrente o uso de flores, folhas, pombas e pássaros nas gravuras.





MAF 0504



MAF 0512

### Coroa de Oxum (42.04.036)

Coroa consagrada ao orixá Oxum. É confeccionada tradicionalmente em metal dourado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. Há ocorrência da utilização de tecido em sua confecção, com aplicação de chorão.



MAF 0371

MAF 0612.0162

### Coroa de Oxalufã (42.04.037)

Coroa consagrada ao orixá Oxalufã. É confeccionada tradicionalmente em metal prateado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. É recorrente o uso de flores, folhas, pombas e pássaros nas gravuras. Há ocorrência da utilização de tecido em sua confecção, com aplicação de chorão.

<sup>62</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0612 na subclasse 41.04.



MAF 0498

### Coroa de Xangô (42.04.038)

Coroa consagrada ao orixá Xangô. É confeccionada tradicionalmente em metal acobreado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. É recorrente o uso de flores, folhas e do oxé nas gravuras. O oxé também pode aparecer em forma de escultura, bi ou tridimensional, na parte superior da coroa.



MAF 0778

### Cocar (42.05)

Acessório de vestuário consagrado à entidade espiritual Caboclo. É confeccionada em base circular de napa, natural ou sintética, tecido, papel de alta gramatura ou trançado de fibras naturais ou sintéticas, com aplicações de materiais diversos, principalmente cordão e lentejoula, além de plumária nas extremidades. Há ocorrência deste artefato confeccionado todo em plumária, colada ou costurada sobre cordão ou tira de pequena espessura.

## Colar (42.06)

Acessório de vestuário utilizado no pescoço. Possui formas variadas. É confeccionado em materiais diversos, sendo os mais comuns de metal, couro, plástico, borracha, fios de algodão, náilon e palha. Pode apresentar pedras preciosas, pérolas, conchas, penas ou contas feitas com sementes, cristal, vidro, borracha, cerâmica, plástico. Pode ser considerado objeto de adorno, culto, insígnia religiosa. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado amplamente na composição dos trajes das entidades e iniciados, além do uso cotidiano como objeto de distinção e proteção.

MAF 0206.01<sup>63</sup>

MAF 0209.01<sup>64</sup>



MAF 0624.01



MAF 0624.11

## Brajá (42.06.010)

Colar consagrado aos orixás Oxumaré, Omolu e Nanã. Há ocorrência de seu uso para os orixás Iroco e Oxalufã. É confeccionado em fios longos de palha-da-costa ou náilon, com aplicação de búzios na técnica denominada popularmente de espinha-de-peixe. É recorrente o uso de pequena cabaça, forrada e enfeitada com miçangas nas cores do orixá, para fechamento do colar, quando consagrado a Omolu, Nanã e Iroco.

<sup>63</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0206 na subclasse 41.03.

<sup>64</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.03.



MAF 0411



MAF 0440



MAF 0427



MAF 0441



MAF 0428



MAF 0454



MAF 0639



MAF 0453

### Fio-de-contas (42.06.020)

Colar confeccionado em fio de náilon, palha-da-costa ou cordão, perpassando contas de único material ou diversos. Usa-se principalmente contas de vidro, louça e plástico. Nas religiões afro-brasileiras, ganha caráter ritual, distintivo e protetor. Neste universo obedecem a critérios de forma, tamanho, materiais e cores, para usos variados. Destaca-se o uso do fio-de-contas consagrado as entidades. Pode compor, com mais fios, outras variedade de colares desta categoria. Há recorrência do uso de conta especial para fechamento do fio, denominadas de firma.



MAF 0483



MAF 0659



MAF 0660



MAF 0747



MAF 0658



MAF 0340

### Ilequê (42.06.021)

Fio-de-contas simples, formado por única fiada de contas seriadas, por critérios que variam segundo a finalidade. Geralmente as miçangas são da mesma cor ou padrão. Há ocorrência do uso de contas diferenciadas, entremeando a série. Seu tamanho é variado, sendo tradicionalmente confeccionado com o dobro da distância entre o pescoço e o umbigo do iniciado. Também é conhecido com o nome de inhã.

### Ilequê de Exu (42.06.021.01)

Ilequê consagrado ao orixá Exu. Geralmente confeccionado com contas opacas pretas e vermelhas, dispostas em série, alternando as cores. Há recorrência de três séries; 1+1, 3+3 ou 7+7. Há ocorrência do uso de fios, com contas pretas rajadas de vermelho.



MAF 0742

### Ilequê de Ogum (42.06.021.02)

Ilequê consagrado ao orixá Ogum. Geralmente confeccionado com contas opacas azul-marinho ou verde-escuras, dispostas em série.



MAF 0120

### Ilequê de Oxum (42.06.021.03)

Ilequê consagrado ao orixá Oxum. Geralmente confeccionado com contas semitransparentes douradas ou opacas amarelas, dispostas em série. Há ocorrência de série 1+1, alternando contas douradas e amarelas ou corais.



MAF 0363



MAF 0554



MAF 0655



MAF 0744

### Ilequê de Xangô (42.06.021.04)

Ilequê consagrado ao orixá Xangô. Geralmente confeccionado com contas opacas brancas e vermelhas, dispostas em série, alternando as cores. Há recorrência de três séries; 1+1, 3+3 ou 6+6. Há ocorrência do uso de fios, com contas brancas rajadas de vermelho.



MAF 0762

### Ilequê de Iansã (42.06.021.05)

Ilequê consagrado ao orixá Iansã. Geralmente confeccionado com contas opacas marrons e vermelho-escuras dispostas em série. Pode ser encontrada também com contas semitransparentes vermelhas.



MAF 0670



MAF 0690



MAF 0746

### Ilequê de Nanã (42.06.021.06)

Ilequê consagrado ao orixá Nanã. Geralmente confeccionado com contas opacas brancas e lilás ou azul, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios, com contas brancas rajadas de lilás ou azul.



MAF 0410



MAF 0652

### Ilequê de Iemanjá (42.06.021.07)

Ilequê consagrado ao orixá Iemanjá. Geralmente confeccionado com contas semitransparentes azul-celeste, verde-claras ou brancas, dispostas em série. Pode ser encontrada também com contas transparentes. Há ocorrência de série 1+1, alternando as contas transparentes com um das outras três cores.



MAF 0213

### Ilequê de Oxumaré (42.06.021.08)

Ilequê consagrado ao orixá Oxumaré. Geralmente confeccionado com contas opacas amarelas e pretas ou amarelas e verdes, dispostas em série, alternando as cores. Há recorrência de duas séries; 1+1 ou 7+7. Há ocorrência do uso de fios, com contas amarelas rajadas de preto e/ou verde.



MAF 0555



MAF 0651



### Ilequê de Oxalá (42.06.021.09)

Ilequê consagrado ao orixá Oxalá. Geralmente confeccionado com contas opacas brancas, dispostas em série. Há ocorrência do uso de contas azuis ou prateadas, alternadas com as brancas, em séries 1+1 ou 3+3.



MAF 0529



MAF 0669



MAF 0741

### Ilequê de Caboclo (42.06.021.10)

Ilequê consagrado a entidade espiritual Caboclo. É confeccionada em material e cores diversas dependendo das características da entidade. Genericamente pode ser confeccionada com contas opacas amarelas e verdes dispostas em série, alternando ou não as cores. Há recorrência de três séries com o uso de contas amarelas e verdes, 1+1, 3+3 e 7+7, e uma série 1+1, com o uso de somente contas verdes. Há ocorrência de fios confeccionados com plumária e/ou conchas.

MAF 0209.09<sup>65</sup>MAR 0624.14 /MAR 0624.15<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.03.

<sup>66</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0624 na subclasse 41.03.

### Ilequê de Oxóssi (42.06.021.11)

Ilequê consagrado ao orixá Oxóssi. Geralmente confeccionado com contas opacas verdes ou azul-celeste, dispostas em série 1+1, usando uma das cores.



MAF 0653

### Quelê (42.06.022)

Fio-de-contas, em forma de gargantilha, consagrado ao orixá principal do iniciado, quando do período de iniciação ou obrigações religiosas. É confeccionado em palha-da-costa e contas nas cores do orixá, dispostas em conjuntos de sete fios de contas, intercalados com firmas. Há ocorrência do uso de cristais, terracota, búzios, laguidibá ou sementes, no lugar da firma, dependendo do orixá e suas qualidades. Pode variar também o número de fios em cada conjunto, obedecendo à ordem de múltiplos de sete (14, 21, 28, etc.).

### Quelê de Xangô (42.06.022.01)

Quelê consagrado ao orixá Xangô. É confeccionado com contas opacas brancas e vermelhas, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios, com contas brancas rajadas de vermelho. São usadas firmas brancas ou vermelhas, ou brancas rajadas de vermelho.



MAF 0130

### Quelê de Nanã (42.06.022.02)

Quelê consagrado ao orixá Nanã. É confeccionado com contas opacas brancas e lilás ou azul, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios, com contas brancas rajadas de lilás ou azul. São usadas firmas brancas ou azuis, ou brancas rajadas de lilás ou azul.



MAF 0414

### Dilogum (42.06.023)

Conjunto de fios-de-contas, formado por mais de uma fiada de contas seriadas, por critérios que variam segundo a finalidade. Tradicionalmente é composto por sete, quatorze, dezesseis ou vinte e um fios. Geralmente as miçangas são da mesma cor ou padrão. Há ocorrência do uso de contas diferenciadas, entremeando a série. Seu tamanho é variado, sendo tradicionalmente confeccionado com o dobro da distancia entre o pescoço e o umbigo do iniciado, fechado por uma ou mais firmas.

### Dilogum de Exu (42.06.023.01)

Dilogum consagrado ao orixá Exu. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas pretas e vermelhas, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios, com contas pretas rajadas de vermelho. São usadas firmas pretas ou pretas rajadas de vermelho.



MAF 0228

### Dilogum de Ogum (42.06.023.02)

Dilogum consagrado ao orixá Ogum. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas azul-marinho, dispostas em série. São usadas firmas azul-marinho.



MAF 0235

### Dilogum de Oxóssi (42.06.023.03)

Dilogum consagrado ao orixá Oxóssi. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas verdes ou azul-celeste, dispostas em série. São usadas firmas verdes ou azul-celeste.



MAF 0301

### Dilogum de Ossain (42.06.023.04)

Dilogum consagrado ao orixá Ossain. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas verdes e brancas, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios somente com contas verdes, ou com verdes rajadas de branco. São usadas firmas verdes, brancas ou verdes rajadas de branco.



MAF 0121



MAF 0285



MAF 0364

#### Dilogum de Obaluaê (42.06.023.05)

Dilogum consagrado ao orixá Obaluaê / Omolu. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas brancas, vermelhas e pretas, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há recorrência do uso de contas brancas e pretas (Omolu) e de contas brancas, vermelhas e pretas (Obaluaê). Pode ser encontrado o uso de fios, com contas brancas rajadas de preto ou preto e vermelho. São usadas firmas brancas, vermelhas e pretas ou brancas rajadas de preto ou preto e vermelho.



MAF 0439

#### Dilogum de Logun Edé (42.06.023.06)

Dilogum consagrado ao orixá Logun Edé. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas verdes e amarelas, verdes e douradas ou azul-celeste e douradas, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de contas semitransparentes. São usadas firmas verdes, amarelas, douradas ou azul-celeste.



MAF 0296

#### Dilogum de Oxumaré (42.06.023.07)

Dilogum consagrado ao orixá Oxumaré. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas amarelas e pretas ou amarelas e verdes, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios, com contas amarelas rajadas de preto e/ou verde. São usadas firmas amarelas, pretas e verdes ou amarelas rajadas de preto e/ou verde.



MAF 0455

#### Dilogum de Oxum (42.06.023.08)

Dilogum consagrado ao orixá Oxum. Geralmente confeccionado com fios-de-contas semitransparentes douradas ou opacas amarelas, dispostas em série. Há ocorrência de série 1+1, alternando contas douradas e amarelas. São usadas firmas semitransparentes douradas ou opacas amarelas.



MAF 0373

#### Dilogum de Xangô (42.06.023.09)

Dilogum consagrado ao orixá Xangô. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas brancas e vermelhas, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios, com contas brancas rajadas de vermelho. São usadas firmas brancas e vermelhas ou brancas rajadas de vermelho.



MAF 0387

#### Dilogum de Iansã (42.06.023.10)

Dilogum consagrado ao orixá Iansã. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas marrons e vermelho-escuras dispostas em série. Pode ser encontrada também com contas semitransparentes vermelhas. São usadas firmas marrons, vermelho-escuras ou vermelhas semitransparentes.



MAF 0342

#### Dilogum de Nanã (42.06.023.11)

Dilogum consagrado ao orixá Nanã. Geralmente confeccionado com fios-de-contas opacas brancas e lilás ou azul, dispostas em série 1+1, alternando as cores. Há ocorrência do uso de fios, com contas brancas rajadas de lilás ou azul. São usadas firmas brancas ou azuis, ou brancas rajadas de lilás ou azul.



MAF 0412

#### Dilogum de Iemanjá (42.06.023.12)

Dilogum consagrado ao orixá Iemanjá. Geralmente confeccionado com contas semitransparentes azul-celeste, verde-claras ou brancas, dispostas em série. Pode

ser encontrada também com contas transparentes. Há ocorrência de série 1+1, alternando as contas transparentes com um das outras três cores. São usadas firmas semitransparentes azul-celeste, verde-claras, brancas ou transparentes.



MAF 0323

#### Dilogum de Oxaguiã (42.06.023.13)

Dilogum consagrado ao orixá Oxaguiã. Geralmente confeccionado com contas opacas brancas, dispostas em série. Há ocorrência do uso de contas ou seguis azuis, alternadas com as brancas, em séries 1+3. São usadas firmas brancas e azuis.



MAF 0503

#### Dilogum de Oxalufã (42.06.023.14)

Dilogum consagrado ao orixá Oxalufã. Geralmente confeccionado com contas opacas brancas, dispostas em série. Há ocorrência do uso de contas prateadas ou transparentes, alternadas com as brancas, em séries 1+3. São usadas firmas brancas ou búzios para fechamento do colar.



MAF 0502

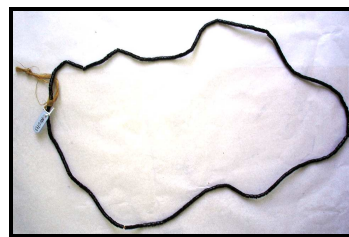


## Laguidibá (42.06.030)

Colar consagrado aos orixás da terra, Omolu, Obaluaê, Sapatá, Nanã, Oxumaré, entre outros. É confeccionado em cordel ou fibra, com pequenos discos de chifre de búfalo, coco de palmeira ou madeira escura. Há ocorrência do uso de plástico e borracha na confecção dos discos. Há variação na cor branca, consagrado a Oxalá, feitos com discos de concha, marfim ou ovos de ema. Outra variação é o laguidibá feito com disco de coral, consagrado a Iansã. Pode ser fechado com firmas, nas cores do orixá, ou com búzios.



MAF 0662



MAF 0743

## Corrente de Ibá (42.06.040)

Colar consagrado as iabás, em especial aos orixás Iemanjá, Oxum e Iansã. É confeccionado em metal, variando de acordo com o orixá, em forma de corrente fechada com pinos. São colocadas ao longo da corrente, miniaturas de insígnias e elementos representativos do orixá. Há recorrência do uso desta corrente nos assentamentos desses orixás.

## Corrente de Ibá de Oxum (42.06.041)

Corrente de Ibá consagrada ao orixá Oxum. É confeccionada em metal dourado. São colocadas miniaturas variadas referente a Oxum, destacando-se: pentes, abebês, adés, espadas, sandálias, adereços femininos, peixes, garfos e braceletes.



MAF 0362

### Corrente de Ibá de Iansã (42.06.042)

Corrente de Ibá consagrada ao orixá Iansã. É confeccionada em metal dourado. São colocadas miniaturas variadas referente a Iansã, destacando-se: pentes, cálices, iruexim, adés, alfanjes, sandálias, adereços femininos, peixes, garfos e braceletes.



MAF 0344

### Colete (42.07)

Acessório de vestuário, espécie de blusa curta, sem manga nem gola, usado na parte superior do corpo, cobrindo o tórax e o abdome. Geralmente é confeccionado em tecido ou couro e abotoado na frente. É usado por cima da camisa, blusa, etc. Pode ter o objetivo de proteger seu usuário. Nas religiões afro-brasileiras compõe o traje de algumas entidades e adeptos.

MAF 0614.06<sup>67</sup>MAF 0620.02<sup>68</sup>

### Faixa (42.08)

Acessório de vestuário em forma de tira, apresentando-se em diversas formas, tamanho e cores. É confeccionada em tecido ou couro. Tem por finalidade cingir ou enfeitar o corpo. Nas religiões afro-brasileiras compõe o traje de algumas entidades e adeptos, sendo também objeto de distinção.



MAF 0739.03



MAF 0739.04



MAF 0739.05

<sup>67</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0614 na subclasse 41.04.

<sup>68</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0620 na subclasse 41.02.

## Cinto (42.08.010)

Faixa que cinge o meio do corpo, geralmente com uma só volta. É confeccionada em materiais diversos, prevalecendo tecido ou couro. É usado geralmente para prender saia, calça ou bermuda, ou como ornamento, complemento de vestuário. Há recorrência do uso de fivela, em uma das pontas do cinto, com a finalidade de prendê-lo.



MAF 0624.07

## Ojá (42.08.020)

Faixa longa de pano usada originalmente para rodear a cintura das mulheres ou sustentar a criança às costas da mãe. É parte integrante do traje de baiana. Nas religiões afro-brasileiras, é usado com diversas finalidades. Compõe o traje de algumas entidades e adeptos, sendo também objeto de distinção. Sua cor, tamanho, forma e ornamentação variam conforme a finalidade. Há recorrência do seu uso como turbante ou rodeando o busto e terminando num laço; amarrada, com um grande laço, ao redor dos atabaques, em cerimônias importantes, e atada ao tronco da árvore sagrada de Iroco. É também conhecido com o nome de Atacã.



MAF 0740.03

MAF 0740.03



MAF 0740.04

MAF 0740.04



MAF 0740.05

MAF 0740.05



MAF 0740.06



MAF 0740.07



MAF 0740.08



MAF 0740.09



MAF 0740.10



MAF 0806.01 / MAF 0806.02 / MAF 0806.03 / MAF 0806.04

MAF 0604.02<sup>69</sup>MAF 0611.01<sup>71</sup>MAF 0614.01 / MAF 0614.02<sup>73</sup>MAF 0617.02 / MAF 0617.03<sup>75</sup>MAF 0610.03<sup>70</sup>MAF 0615.02<sup>72</sup>MAF 0627.04<sup>74</sup>

<sup>69</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0604 na subclasse 41.04.

<sup>70</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0610 na subclasse 41.04.

<sup>71</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0611 na subclasse 41.04.

<sup>72</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0615 na subclasse 41.05.

<sup>73</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0614 na subclasse 41.04.

<sup>74</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0627 na subclasse 41.06.

MAF 0618.07 / MAF 0618.08<sup>76</sup>

MAF 0616.02 / MAF 0616.04 / MAF 0616.05<sup>77</sup>

MAF 0619.01 / MAF 0619.02 / MAF 0619.04<sup>78</sup>

MAF 0633.02 / MAF 0674.02 / MAF 0674.03 / MAF 0808.02<sup>79</sup>

#### Pano-da-costa (42.08.030)

Faixa de tecido de algodão, em formato retangular, usado originalmente por mulheres, como uma espécie de xale. É parte integrante do traje de baiana. Nas religiões afro-brasileiras compõe o traje dos adeptos, sendo usado sobre os ombros como objeto de distinção. Sua cor, tamanho e ornamentação variam conforme a finalidade e posição na estrutura sócio-religiosa, contudo, é tradicionalmente branco ou bicolor (listrado ou em madras) podendo ser bordado ou com aplicações em rendas. É também conhecido com o nome de alaká.



MAF 0329

MAF 0618.02 / MAF 0618.12<sup>80</sup>

MAF 0627.05<sup>81</sup>

#### Toalha (42.08.040)

Faixa de tecido de linho ou algodão, utilizada originalmente para secar ou enxugar corpos molhados ou parte deles. Nas religiões afro-brasileiras é usado pelas Ekedes para enxugar o rosto do iniciado quando incorporando seu orixá, vodun ou inquice. Toalha de rosto. É usado sobre os ombros como objeto de distinção do cargo de Ekede. Pode ser bordada ou com aplicações em rendas nas barras. É também conhecido com o nome de abadê.

<sup>75</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0617 na subclasse 41.06.

<sup>76</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0618 na subclasse 41.01.

<sup>77</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0616 na subclasse 41.04.

<sup>78</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0619 na subclasse 41.05.

<sup>79</sup> Imagens indisponíveis. Artefatos em processo de conservação no período da pesquisa.

<sup>80</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0618 na subclasse 41.01.

<sup>81</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0627 na subclasse 41.06.



MAF 0501

MAF 0636 / MAF 0781<sup>82</sup>

#### Barra de toalha (42.08.041)

Pequena faixa de tecido de linho, geralmente bordado, ou crochê; costurada na toalha como elemento decorativo. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado como signo de distinção.

MAF 0663 / MAF 0664 / MAF 0665<sup>83</sup>

#### Xale (42.08.050)

Faixa de tecido em forma retangular, triangular ou quadrada. É usada sobre os ombros e braços, e por vezes sobre a cabeça, com a função primária de aquecê-los. Também serve para ornamento do vestuário. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição de trajes.

MAF 0640 / MAF 0682<sup>84</sup>

#### Cachecol (42.08.060)

Faixa longa de tecido ou lã, em forma retangular. É usada em volta do pescoço, com a função primária de aquecê-lo. Também serve para ornamento do vestuário. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição de trajes.

MAF 0615.05<sup>85</sup>

#### Fita (42.08.070)

Faixa longa e estreita de tecido ou lã. É utilizada com diversas finalidades. Como acessório de vestuário pode ser usada para decorar o traje ou arrematar detalhes. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição de trajes.

<sup>82</sup> Imagens indisponíveis. Artefatos em processo de conservação no período da pesquisa.

<sup>83</sup> Imagens indisponíveis. Artefatos em processo de conservação no período da pesquisa.

<sup>84</sup> Imagens indisponíveis. Artefatos em processo de conservação no período da pesquisa.

<sup>85</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0615 na subclasse 41.05.



MAF 0740.11

### Manta (42.09)

Acessório de vestuário de tecido ou lã, em forma retangular ou quadrado. É utilizado sobre os ombros e braços, e por vezes sobre a cabeça, com a função primária de aquecê-los. É semelhante ao xale e cachecol, porém é mais largo e de maior proporção. Espécie de capa. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição de trajes.

### Torço (42.09.010)

Manta que se enrola na cabeça como turbante. É confeccionado em materiais diversos. Compõe o traje de baiana. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição de trajes, sendo objeto de distinção.

MAF 0609.01<sup>86</sup>MAF 0612.04<sup>88</sup>MAF 0618.05 / MAF 0618.06<sup>90</sup>MAF 0610.01<sup>87</sup>MAF 0617.01<sup>89</sup>

### Peitoral (42.10)

Acessório de vestuário confeccionado em folha metálica para cobrir o peito. Tem forma similar de um colete ou escudo. É usado originalmente para proteger o tórax. Nas religiões afro-brasileiras, é utilizado na composição do traje de alguns orixás, principalmente os guerreiros. É recorrente o uso de recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá.

<sup>86</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0609 na subclasse 41.07.

<sup>87</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0610 na subclasse 41.04.

<sup>88</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0612 na subclasse 41.04.

<sup>89</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0617 na subclasse 41.06.

<sup>90</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0618 na subclasse 41.01.

### Peitoral de Ogum (42.10.010)

Peitoral consagrado ao orixá Ogum. É confeccionado tradicionalmente em metal prateado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. É recorrente o uso de flores, folhas, estrelas, sol, espadas e lanças nas gravuras.



MAF 0234

### Peitoral de Oxaguiã (42.10.020)

Peitoral consagrado ao orixá Oxaguiã. É confeccionado tradicionalmente em metal prateado, com recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá. É recorrente o uso de flores, folhas, corações pombas e pássaros nas gravuras.



MAF 0505

### Bandeira (42.11)

Acessório de vestuário, geralmente de tecido retangular, com uma ou mais cores, contendo emblemas de uma nação, corporação, instituição religiosa, agremiação política, etc., simbolizando comunhão de ideais e de interesses. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição do traje do Caboclo, reportando-se aos



signos da nacionalidade brasileira. Há recorrência do uso de bandeiras do Brasil e dos Estados (Bahia).

MAF 0209.10 / MAF 0209.11<sup>91</sup>

#### Bolsa (42.12)

Acessório de vestuário em forma de saco, com ou sem alça, de tamanho adaptado ao uso. É confeccionada em diversos materiais e formatos. Usada para guardar ou transportar objetos diversos. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição do traje das entidades — principalmente os guerreiros, caçadores e habitante das matas — e no uso cotidiano dos espaços religiosos. Neste universo, há recorrência do uso de couro e metal na confecção deste artefato.

#### Capanga (42.12.010)

Bolsa de pequeno porte, geralmente confeccionado em couro, com alça. É usada para conduzir pequenos objetos. Pode ser confeccionada em metal. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição do traje dos orixás e entidades, em especial os guerreiros, caçadores e habitante das matas.

#### Capanga de Oxóssi (42.12.011)

Capanga consagrada ao orixá Oxóssi. É confeccionada em couro ou metal prateado. Há recorrência de recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá; flores, folhas, pássaros, ofá, etc.



MAF 0309



MAF 0310

<sup>91</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.03.



MAF 0734

### Capanga de Logun Edé (42.12.012)

Capanga consagrada ao orixá Logun Edé. É confeccionada em couro ou metal dourado. Há recorrência de recortes e gravuras em relevo, com motivos referentes às características do orixá; flores, folhas, pássaros, ofá, etc.



MAF 0294 / MAF 0295

### Capanga de Caboclo (42.12.013)

Capanga consagrada a entidade espiritual Caboclo. É confeccionada em couro. Há recorrência de recortes, gravuras em relevo e tiras de couro na decoração do artefato. Pode ser confeccionada em tecido, com aplicações e conchas, pedras, sementes e plumária.



MAF 0542

MAF 0624.08<sup>92</sup>

<sup>92</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0624 na subclasse 41.03.

### Capanga de Tempo (42.12.014)

Capanga consagrada ao inquite Tempo. É confeccionada em tecido, cordel ou palha-da-costa trançada. Pode receber aplicação de búzios ou outros elementos representativos deste inquite.

MAF 0627.02 / MAF 0627.03<sup>93</sup>

### Polvarim (42.12.020)

Bolsa, originalmente feita com chifre de animais ou marfim, usada para carregar pólvora. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição do traje dos orixás e entidades, em especial os guerreiros e caçadores. Neste universo é geralmente confeccionado em metal, constando de dois tubos paralelos, unidos. Em um dos tubos, são afixados, em suas extremidades, dois elos para aplicação de corrente; e no outro um ofá.

### Polvarim de Logun Edé (42.12.021)

Polvarim consagrado ao orixá Logun Edé. É confeccionado em metal dourado.



MAF 0289

### Polvarim de Oxaguiã (42.12.022)

Polvarim consagrado ao orixá Oxaguiã. É confeccionado em metal prateado.

---

<sup>93</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0627 na subclasse 41.06.



MAF 0510

### Peça de vestuário (43)

Cada objeto, unidade ou elemento necessário ao conjunto de roupas que compõe o vestuário.

### Calça (43.01)

Peça de vestuário que cobre um das pernas, da linha da cintura até perto do calcanhar. É usada em par, unidas na extremidade superior por costura. Geralmente ajusta-se à cintura com cordão ou cinto. Há recorrência do uso de abertura na frente denominada braguilha. É confeccionada em diversos tipos de tecidos, usando-se tradicionalmente linho, algodão, lã ou poliéster. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição do traje dos orixás e entidades.



MAF 0739.01

MAF 0609.02<sup>94</sup>MAF 0615.04<sup>96</sup>MAF 0619.06<sup>98</sup>MAF 0611.02<sup>95</sup>MAF 0618.13<sup>97</sup>MAF 0624.06<sup>99</sup>

<sup>94</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0609 na subclasse 41.07.

<sup>95</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0611 na subclasse 41.04.

<sup>96</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0615 na subclasse 41.05.

<sup>97</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0618 na subclasse 41.01.

<sup>98</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0619 na subclasse 41.05.

<sup>99</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0624 na subclasse 41.03.

MAF 0627.07<sup>100</sup>MAF 0677 / MAF 0678 / MAF 0784<sup>101</sup>

## Perneira (43.01.010)

Calça confeccionada em couro e ajustada ao corpo, usada pelos vaqueiros. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição do traje dos caboclos e boiadeiros. Há ocorrência do uso deste artefato para o orixá Oxóssi.

MAF 0620.03<sup>102</sup>

## Camisa (43.02)

Peça de vestuário que serve para cobrir o torso. Geralmente é confeccionada em tecido, podendo ter manga, curta ou comprida, ter colarinho ou gola de malha. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição dos trajes de entidade e adeptos. Apresentam-se em diferentes formatos, cores e tamanho, podendo ser ornada de diversas formas.



MAF 0675.03

MAF 0609.03<sup>103</sup>MAF 0611.03<sup>105</sup>MAF 0618.14<sup>107</sup>MAF 0633.01 / MAF 0674.05 / MAF 0808.01<sup>109</sup>MAF 0610.04<sup>104</sup>MAF 0617.04<sup>106</sup>MAF 0624.04<sup>108</sup>

<sup>100</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0627 na subclasse 41.06.

<sup>101</sup> Imagens indisponíveis. Artefatos em processo de conservação no período da pesquisa.

<sup>102</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0620 na subclasse 41.02.

<sup>103</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0609 na subclasse 41.07.

<sup>104</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0610 na subclasse 41.04.

<sup>105</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0611 na subclasse 41.04.

<sup>106</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0617 na subclasse 41.06.

<sup>107</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0618 na subclasse 41.01.

<sup>108</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0624 na subclasse 41.03.

<sup>109</sup> Imagens indisponíveis. Artefatos em processo de conservação no período da pesquisa.

## Bata (43.02.010)

Camisa de modelagem larga usada normalmente por cima de saia, calça ou outra camisa. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição do traje dos adeptos, sendo objeto de distinção. É tradicionalmente branco ou em cores claras. Pode receber aplicações de pequenas estampas, rendas e bordados.



MAF 0675.04

MAF 0604.03<sup>110</sup>MAF 0612.02<sup>112</sup>MAF 0618.01<sup>99</sup>MAF 0667 / MAF 0674.04 / MAF 0676<sup>101</sup>MAF 0605.02<sup>111</sup>MAF 0616.01<sup>113</sup>

## Camiseta (43.02.020)

Camisa de mangas curtas, retas, avolumadas ou cavadas. Pode ser confeccionada sem mangas e com decote oval, tipo regata. Nas religiões afro-brasileiras é utilizada na composição do traje dos adeptos, sendo objeto de distinção. Há ocorrência do uso de aplicações de pequenas estampas, rendas e bordados.



MAF 0740.01

<sup>110</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0604 na subclasse 41.04.

<sup>111</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0605 na subclasse 41.07.

<sup>112</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0612 na subclasse 41.04.

<sup>113</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0616 na subclasse 41.04.



MAF 0740.02

MAF 0740.02

MAF 0679<sup>114</sup>

### Macacão (43.03)

Peça de vestuário inteiriça e folgada, espécie de calça com camisa numa só peça. É usada para cobrir tronco e membros. Originalmente destina-se a proteção durante algum tipo de trabalho. É tradicionalmente confeccionada em tecido resistente. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição dos trajes das entidades.

MAF 0614.03<sup>115</sup>MAF 0807<sup>106</sup>

### Capa (43.04)

Peça de vestuário de tecido, larga, em forma retangular, com ou sem capuz. Geralmente sua altura vai do ombro ao tornozelo. É utilizado sobre os ombros e braços, e por vezes sobre a cabeça, com a função primária de aquecê-los e protegê-los. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição dos trajes das entidades e como objeto de distinção.

MAF 0614.04<sup>107</sup>

### Capuz (43.05)

Peça de vestuário, em tecido, utilizado para cobrir a cabeça. Geralmente presa à capa, hábito, blusa ou casaco. Nas religiões afro-brasileiras é utilizado na composição dos trajes das entidades.

<sup>114</sup> Imagens indisponíveis. Artefato em processo de conservação no período da pesquisa.

<sup>115</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0614 na subclasse 41.04.

### Filá (43.05.010)

Capuz de forma cônica. É confeccionado em tecido ou palha-da-costa, com longas franjas ao redor da base. Geralmente ligados aos orixás, voduns e inquices da terra.

MAF 0608.01<sup>116</sup>

### Azé (43.05.011)

Filá consagrado ao orixá Omolu. É confeccionado em palha-da-costa, com longas franjas do mesmo material, ao redor da base, indo até a altura da cintura. Há recorrência do uso de aplicação de búzios e pequenas cabaças.



MAF 0432.01



MAF 0783.02

### Saia (43.06)

Peça de vestuário, em tecido, utilizada para cobrir a parte inferior do corpo. Geralmente é presa na cintura. Possui tamanho variável. Nas religiões afro-brasileiras é utilizada na composição dos trajes das entidades e adeptos, sendo elemento de distinção.

<sup>116</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0608 na subclasse 41.05.





MAF 0675.01



MAF 0666



MAF 0718



MAF 0782

MAF 0604.04<sup>117</sup>  
 MAF 0608.02<sup>119</sup>  
 MAF 0611.04<sup>121</sup>  
 MAF 0615.03<sup>123</sup>  
 MAF 0617.05<sup>125</sup>  
 MAF 0618.03 / MAF 0618.04<sup>127</sup>  
 MAF 0674.01<sup>129</sup>

MAF 0605.03<sup>118</sup>  
 MAF 0610.02<sup>120</sup>  
 MAF 0612.03<sup>122</sup>  
 MAF 0616.03<sup>124</sup>  
 MAF 0627.06<sup>126</sup>  
 MAF 0619.05 / MAF 0619.07<sup>128</sup>

### Anágua (43.06.010)

Saia de tecido fino. É usada por baixo dos vestidos ou outras saias, para diminuir a transparência ou dar volume. Nas religiões afro-brasileiras é utilizada na composição dos trajes das entidades e adeptos.

<sup>117</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0604 na subclasse 41.04.

<sup>118</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0605 na subclasse 41.07.

<sup>119</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0608 na subclasse 41.05.

<sup>120</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0610 na subclasse 41.04.

<sup>121</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0611 na subclasse 41.04.

<sup>122</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0612 na subclasse 41.04.

<sup>123</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0615 na subclasse 41.05.

<sup>124</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0616 na subclasse 41.04.

<sup>125</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0617 na subclasse 41.06.

<sup>126</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0627 na subclasse 41.06.

<sup>127</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0618 na subclasse 41.01.

<sup>128</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0619 na subclasse 41.05.

<sup>129</sup> Imagens indisponíveis. Artefato em processo de conservação no período da pesquisa.



MAF 0675.02

MAF 0605.04<sup>110</sup>

MAF 0739.02

MAF 0612.05<sup>114</sup>MAF 0618.09 / MAF 0618.10 / MAF 0618.11<sup>119</sup>

#### Saia de Caboclo (43.06.020)

Saia consagrada a entidade espiritual Caboclo. É confeccionada em base circular de napa, natural ou sintética, tecido, papel de alta gramatura ou trançado de fibras naturais ou sintéticas, com aplicações de materiais diversos, principalmente cordão e lentejoula, além de plumária nas das extremidades. Há ocorrência deste artefato confeccionado todo em plumária, colada ou costurada sobre cordão ou tira de pequena espessura.

MAF 0206.04<sup>130</sup>MAF 0209.04<sup>131</sup>

#### Saia de Omolu (43.06.030)

Saia consagrada ao orixá Omolu. É confeccionado em palha-da-costa, com longas franjas do mesmo material, ao redor da base, indo até a altura dos pés. Há recorrência do uso de aplicação de búzios e pequenas cabaças.



MAF 0432.02

<sup>130</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0206 na subclasse 41.06.

<sup>131</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0209 na subclasse 41.06.



MAF 0783.01

### Vestido (43.07)

Peça de vestuário, em tecido, é composta de saia e blusa um conjunto. Possui formas e tamanhos variáveis. Nas religiões afro-brasileiras é utilizada na composição dos trajes das entidades e adeptos.

MAF 0605.01<sup>132</sup>

MAF 0680<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> Visualização na fotografia correspondente ao traje MAF 0605 na subclasse 41.07.

<sup>133</sup> Imagens indisponíveis. Artefato em processo de conservação no período da pesquisa.

### 3 A CRIAÇÃO DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO E A FORMAÇÃO DE SUA COLEÇÃO DE CULTURA MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA

No capítulo anterior foi apresentada a coleção de cultura material religiosa afro-brasileira do Museu Afro-Brasileiro a partir da demonstração do quantitativo de artefatos, dos acervos e coleções componentes e da estruturação do quadro classificatório.

Apresentados estes pontos passa-se para a remontagem da história da Coleção de Cultura Material Afro-Brasileira. Neste capítulo, apresenta-se o processo de criação do museu e a formação da sua coleção, analisando o conjunto de ações e relações entre as instituições, os dirigentes e os pesquisadores envolvidos na estruturação do Museu Afro-Brasileiro; os artistas, os intelectuais e as comunidades religiosas do candomblé baiano e da capoeira, interessados em se apropriar de mecanismos de preservação do patrimônio cultural negro.

Serviram de base para as afirmações e análises os documentos do arquivo institucional do Museu Afro-Brasileiro. Foram consultados setenta e nove documentos de natureza tipológica diversa: cartas, ofícios, formulários, informativos, notas, relatórios, recibos, listagens, declarações, atestados, contratos, termos de doação, termos de empréstimo, termos de responsabilidade e inventários do acervo elaborados em períodos diferentes. Foram consultadas também as fichas catalográficas dos 421 artefatos da coleção estudada para obter e comparar as informações levantadas.

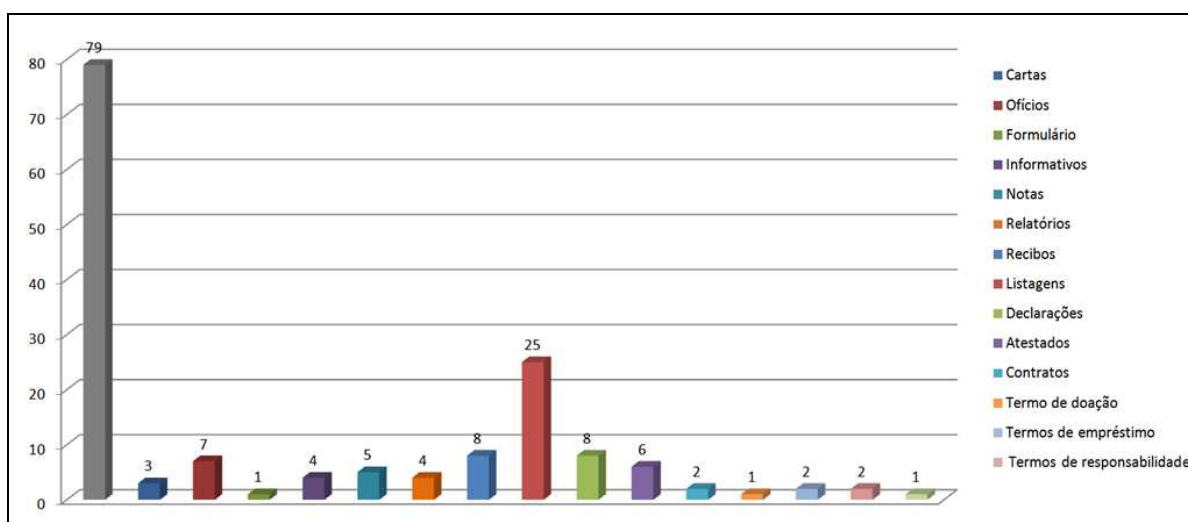


Gráfico 5 – Tipologia e numerário das fontes consultadas no arquivo do MAFRO.

Fonte: Elaboração própria.

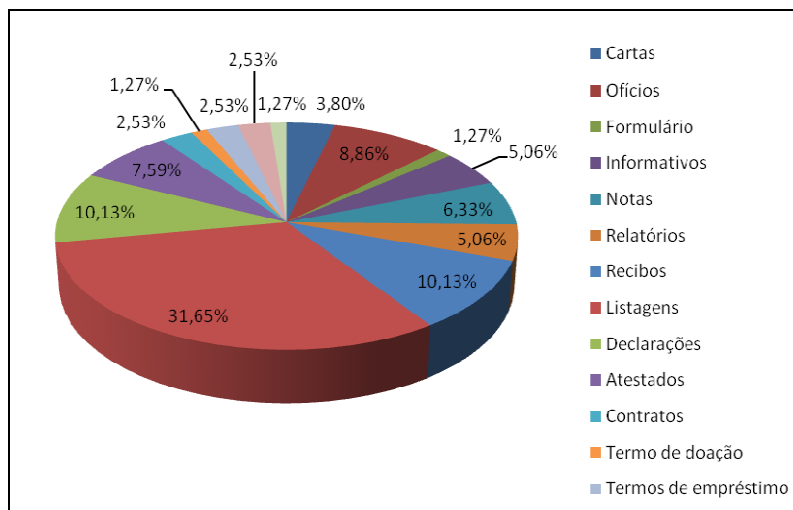


Gráfico 6 – Percentagem das fontes consultadas no arquivo do MAFRO.  
Fonte: Elaboração própria.

Além dos documentos relativos à formação da coleção de cultura material religiosa afro-brasileira, também foram pesquisadas fontes para a contextualização histórica da formação do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), como órgão responsável por sua criação. Foram utilizados textos publicados na revista Afro-Ásia — revista do CEAO — entre os anos de 1965 a 1983, com exceção de dois textos publicados em 1995, n. 14, em homenagem a Jorge Agostinho da Silva, fundador do CEAO.

Também foram pesquisadas cinquenta e quatro notícias de jornais, publicadas em órgãos da imprensa baiana, no período de 1974 a 2002, consultadas na hemeroteca do Centro de Estudos Afro-Orientais. Destas, vinte e uma notícias do período de 1974 a 1989 — recorte temporal estabelecido para os objetivos da pesquisa<sup>134</sup> — e trinta e sete notícias do período posterior a 1990. Mesmo, estas últimas, fora do recorte temporal, trouxeram elementos interessantes para as análises aqui realizadas. Além das notícias publicadas sobre o Museu Afro-Brasileiro, também foram consultadas seiscentos e oitenta e sete outras que tratavam do Centro de Estudos Afro-Orientais, desde o ano de sua fundação, 1959, até o ano corte, cobrindo assim três décadas — seiscentos e oito notícias da década de 60, vinte e oito da

<sup>134</sup> Foi estabelecido este recorte usando como balizas os anos de 1974, ano de assinatura do convênio para a cooperação técnica e cultural visando a criação do Museu Afro-Brasileiro, entre outras ações, e o ano de 1989 no qual o CEAO comemorou 30 anos de existência. Outro fator importante para o marcação do ano de 1989 como baliza final deve-se a diminuição do fluxo de entrada de artefatos para as coleções do Museu após 1990, principalmente em relação a coleção em estudo.

década de 70 e cinquenta e uma da década de 80<sup>135</sup>. Não se pretendeu com isso realizar pesquisa e análises aprofundadas sobre a história do CEAO, mas somente identificar o conjunto de idéias e ações que transitavam neste Centro, para melhor entender a gestação das iniciativas que foram dando corpo a idéia de criação do Museu Afro-Brasileiro.

Outro conjunto documental consultado foram fontes do arquivo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), que se reportavam a participação de Pierre Verger em viagens para o continente africano, com a finalidade de comprar artefatos destinados ao MAE-USP<sup>136</sup> e ao Museu Afro-Brasileiro (MAFRO-UFBA). Tal consulta se justificou pela presença de Verger no processo de criação do Museu Afro-Brasileiro, na formação das coleções e pela menção feita pela Prof<sup>a</sup> Angela Lühning<sup>137</sup>, em artigo publicado na Revista Afro-Ásia<sup>138</sup>, que durante o ano de 1974, Verger viajou para o continente africano, com verbas do Itamarati, visando adquirir peças para o Museu Afro-Brasileiro, em processo de criação e que no período de 1976 a 1979 esteve na Nigéria como professor visitante, estabelecendo relações com o Prof. Marianno Carneiro da Cunha, colaborador do MAE-USP e professor visitante na mesma universidade nigeriana, no período anterior ao de Verger.

A Prof<sup>a</sup> Angela Lühning menciona ainda que os dois realizaram pesquisas na Nigéria, durante o período que Mariano foi professor, para a elaboração do livro “Da senzala ao sobrado”, de Mariano com fotografias de Verger.

A partir destes fatos buscou-se identificar ligações entre as relações de Verger com Mariano e as viagens de estudos e compras de artefatos para o Museu Afro Brasileiro. Nesta

<sup>135</sup> Apesar de ter sido realizada a leitura das seiscentos e oitenta e sete notícias sobre o CEAO, somente serão citadas, nas referências do presente trabalho, aquelas que diretamente contribuíram para a escrita do mesmo.

<sup>136</sup> No período da documentação consultada a museu se chamava Museu de Artes e Arqueologia. O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE / USP) foi criado em 1989 pela integração de duas unidades, o Instituto de Pré-História e o antigo MAE, por iniciativa do Reitor José Goldemberg (Resolução n. 3560, de 12/8/89). Por este mesmo ato, promoveu-se a fusão dos Acervos de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista e do Acervo Plínio Ayrosa, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Nesse processo foram integrados os corpos docente, técnico e administrativo das instituições. O acervo do MAE, de cerca de 120 mil peças, é composto por coleções de Arqueologia do Mediterrâneo e Médio-Oriente; Arqueologia Americana, com ênfase na Pré-História Brasileira; Etnologia Brasileira e Etnologia Africana. Informações retiradas do site: <http://www.mae.usp.br/> e ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O novo Museu de Arqueologia e Etnografia**. São Paulo: Estudos Avançados. [online]. 1994, vol.8, n.22, pp. 581-583.

<sup>137</sup> Etnomusicóloga, doutora em Vergleichende Musikwissenschaft pela Freie Universität Berlin, professora Titular da Universidade Federal da Bahia no Departamento de Composição Musical e no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos e Diretora-Secretária da Fundação Pierre Verger. Tem se dedicado a pesquisas envolvendo temas como: música afro-brasileira e religião, aspectos históricos da música afro-baiana, música e etnobotânica, etnomusicologia e música popular, música e memória e Pierre Fatumbi Verger e sua atuação. Informações disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/0685512552006492>. Acesso em 30 mai. 2010.

<sup>138</sup> LUHNING, Angela. Pierre Fatumbi Verger e sua obra. Afro-Ásia, n. 21 e 22, 1999.

busca foram encontrados vários documentos que atestam as viagens de Verger para compra de artefatos, tanto para o MAFRO como para o MAE e de remessas de artefatos afro-baianos para a formação da coleção do MAE. Esse conjunto documental fornece informações relevantes para o melhor entendimento das dinâmicas das relações e interesses para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre a temática afro, para o fomento de estratégia de preservação do patrimônio e formação de coleções africanas e afro-brasileiras no Brasil, além de demonstrar a existência de uma rede mais ampla e articulada, no Brasil, para o desenvolvimento de projetos de formação de acervos desta natureza.

Todos os documentos consultados e pesquisados sobre a coleção no arquivo do Museu Afro-Brasileiro, com exceção das fichas catalográficas individuais dos artefatos, foram catalogados, utilizando como instrumento uma ficha especialmente preparada para este fim. A ficha tem por finalidade agrupar informações sobre a fonte coletada e analisada, possibilitar a rápida recuperação das informações referentes através do código numérico de ordem, sistematizar as fontes coletadas em tipologia documental tabulável e facilitar o leitor no que tange ao acesso às informações aqui analisadas. Essas fichas constam como apêndice no final do trabalho.

Partindo desta base documental, somando-se os estudos já realizados sobre o tema pelo Prof. Marcelo Cunha<sup>139</sup>, será apresentada a história do Museu Afro-Brasileiro e a formação de sua Coleção de Cultura Material Afro-Brasileira.

### **3.1 A criação do Museu Afro-Brasileiro: origens, histórias e formação de acervo**

No dia 07 de janeiro de 1982, o jornal local, Tribuna da Bahia, publicou a matéria com o seguinte título e chamada:

---

<sup>139</sup> Graduado em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, mestre em Ciência da Informação pela mesma universidade e doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desde 1994 é Professor Adjunto do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. É Professor do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, do Centro de Estudos Afro-Orientais - UFBA e do Programa de Estudos Pós-graduados em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa. É coordenador do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. Desenvolve estudos na área de Museologia e História, atuando principalmente nos seguintes temas: museologia, exposição, museus, acervos, análises de imagens e discursos sobre a diáspora negra. Cf. CUNHA, Op. Cit. , 1999. e CUNHA, Op. Cit. , 2006, p. 92-102.

“AFRO – um museu para mostrar a cultura negra da Bahia.

A partir de hoje, Salvador passa a contar com mais um museu. Trata-se do Museu Afro-Brasileiro, que será inaugurado com a presença do ministro das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro, além de embaixadores de países africanos. Funcionará no prédio da antiga Faculdade de Medicina, no Terreiro, reúne cerca de 800 peças que ficarão em exposição permanente. Além disso, o MAB, que faz parte do CEAO, terá outras atividades como exposições temporárias, filmes, mostras de dança e música, poesia, etc.”<sup>140</sup>

Esta notícia fornece elementos interessantes para compreender o desenvolvimento dos fatos que levaram a criação do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e a formação de seu acervo.

A notícia cita a presença do ministro das Relações Exteriores, o Sr. Ramiro Elísio Saraiva Guerreiro e de embaixadores de países africanos, destaca a localização do museu no prédio da antiga Faculdade de Medicina da Bahia, declara o número de peças existentes naquele momento no museu, afirma a vinculação institucional com o Centro de Estudos Afro-Orientais e apresenta as principais ações que seriam desenvolvidas.

A presença de um ministro de estado em uma abertura oficial de museu simboliza a principio a articulação e vinculação do ministro e seu ministério aos interesses que fomentaram a abertura de tal instituição.

Para o ministro das Relações Exteriores estar presente na inauguração do museu mostra que havia forte vinculação entre a ação de abertura do museu e a instituição que o promovia. Demonstra que a abertura deste museu teve vínculos com a política de relações internacionais do Brasil e se inseria nas ações dos programas do Itamarati no que tange relações com o continente africano e as relações culturais entre o Brasil e este continente. Seria natural a presença do Ministro da Educação e Cultura, pois a Universidade Federal estava ligada a ele, mas a presença do ministro das Relações Exteriores nos leva a inclinar para as afirmações feitas.

Para se entender esta presença do ministro das Relações Exteriores no evento de abertura do museu faz-se necessário analisar a história da instituição responsável pela abertura

---

<sup>140</sup> GÓES, Maria de Fátima. Afro: um museu para mostrar a cultura negra na Bahia. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 6 jan. 1982. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1982-01-06\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1982-01-06_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.



e estruturação do museu, dentro da Universidade Federal da Bahia, o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). Nota-se que na notícia de abertura do capítulo que a repórter destaca a vinculação institucional do museu com o CEAO.

### ***3.1.1 A criação do Centro de Estudos Afro-Orientais e o desenvolvimento de suas atividades***

O Centro de Estudos Afro-Orientais foi criado em 1959 por Jorge Agostinho da Silva<sup>141</sup>, intelectual português, que a partir de 1944 saiu de Portugal em oposição ao regime de Salazar<sup>142</sup> e depois de passar por outros países da América do Sul, se instalou no Brasil em 1947, permanecendo até 1969<sup>143</sup>. Em 1948, começou a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, estudando entomologia, e ensinando simultaneamente na Faculdade Fluminense de Filosofia. Colaborou com Jaime Zuzarte Cortesão<sup>144</sup>, escritor e historiador português, na pesquisa sobre Alexandre de Gusmão. De 1952 a 1954, integrou o corpo docente da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa e posteriormente em Pernambuco. No final de 1954, novamente junto com Jaime Cortesão, ajudou a organizar a Exposição do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo. Em 1955 auxiliou no processo de estruturação e fundação da Universidade de Santa Catarina.

---

<sup>141</sup> “Agostinho da Silva (Porto, Bonfim, 13.02.1906; Lisboa, Reatelo, 03.04.1994). Latinista e filólogo por formação, educador, ensaísta, tradutor, poeta, biógrafo, ficcionista, divulgador e conferencista, professor e pensador, incursionou pela entomologia e pela pintura, cerâmica e azulejaria; trabalhou em história, e interessou-se por línguas, filosofia, teologia, matemática e outras ciências exatas e naturais. Mas foi, acima de tudo, desafiador de pessoas para uma liberdade e ousadia plenamente vividas”. Trecho extraído de texto escrito por Pedro Agostinho, filho de Agostinho da Silva, em artigo publicado na Afro-Ásia, n. 16, 1995, p. 9.

<sup>142</sup> António de Oliveira Salazar (1889 - 1970) foi um estadista, político português. Exerceu o poder político em Portugal entre 1932 e 1968 de forma autoritária e a partir de um regime ditatorial. Cf. <http://www.urap.pt/>. Acesso em: 26 mar. 2010.

<sup>143</sup> Informações biográficas retiradas do site da Associação Agostinho da Silva. Disponível em: [http://www.agostinhodasilva.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=18&Itemid=30](http://www.agostinhodasilva.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=30). Acesso em: 26 mar. 2010.

<sup>144</sup> Jaime Zuzarte Cortesão (Ançã, Cantanhede, 29 de Abril de 1884 — Lisboa, 14 de Agosto de 1960), foi um médico, político, escritor e historiador português. Informações biográficas retiradas do site do Instituto Camões, disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/jcortesao.html>. Acesso em: 26 mar. 2010.

Em 1959, estimulado pelo filósofo Eduardo Lourenço<sup>145</sup>, Agostinho da Silva entrou em contato com o então reitor da Universidade Federal da Bahia, Edgar Santos, e lhe propõe a criação de um centro de estudos voltados para assuntos africanos. Nas articulações para a criação do centro houve, paralelamente, a sugestão do embaixador do Brasil junto a UNESCO, Roberto de Assunção, ao reitor Edgar Santos, que criasse mecanismos de difundir conhecimentos sobre o Oriente, utilizando a Universidade Federal da Bahia como veículo para estes fins. Desde 1956 a UNESCO empreendia ações, dentro do chamado “Projeto Oriente – Ocidente”, com o objetivo de aproximação e conhecimento mútuo entre os dois universos culturais. Na tentativa de unir as duas demandas o reitor aceitou a proposta de Agostinho da Silva e lhe propõe a junção dos assuntos asiáticos ao centro. Assim, em finais de 1959 foi criado o Centro de Estudos Afro-Orientais<sup>146</sup>.

A partir das ações de Agostinho da Silva e grupo de colaboradores, o CEAO iniciou suas atividades voltadas para objetivos de divulgação e promoção de estudos relacionadas a África e Ásia<sup>147</sup>. Foram realizados, entre 1960 e 61, cursos de língua — como russo<sup>148</sup>, hebraico<sup>149</sup> e ioruba<sup>150</sup> — e cultura baiana<sup>151</sup> — ministrado por um dos colabores do Centro o Prof. Vivaldo da Costa Lima — feiras culturais<sup>152</sup> e promoção de intercâmbio docente e discente<sup>153</sup>. Houve também a inserção do CEAO na mídia local, com a publicação de coluna no jornal Diário de Notícias, chamada “Notícias da África”, divulgando informações sobre o continente africano com foco em assuntos políticos, econômico e diplomáticos<sup>154</sup>.

---

<sup>145</sup> Eduardo Lourenço de Faria (São Pedro de Rio Seco - Almeida, Beira Interior, 23 de Maio de 1923) é um ensaísta, professor universitário, filósofo e intelectual português. Foi professor na Universidade Federal da Bahia entre 1958 e 59. Informações biográficas retiradas do site oficial do filósofo, disponível em: [http://www.eduardolourenco.com/7\\_biografia/index.html](http://www.eduardolourenco.com/7_biografia/index.html). Acesso em: 26 mar. 2010.

<sup>146</sup> SILVA, Jorge Agostinho da. **O nascimento do CEAO**. Revista Afro-Ásia, n. 16, 1995.

<sup>147</sup> NOGUEIRA, Teresa de Sá. No Brasil, em Portugal ou na África, ele está onde se precise defender o homem. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 22 fev. 1975. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1975-02-22\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1975-02-22_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>148</sup> INAUGURADO o curso de língua russa na Bahia: estudantes, médicos, advogados e jornalistas inscritos. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 1 recorte. 22 jan. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-01-22.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>149</sup> CONCLUÍDO 1º curso de hebraico. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 28 jun. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-06-28.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

<sup>150</sup> NOTÍCIAS da África. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 8 out. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-10-08.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>151</sup> PROSEGUIU ontem o curso sobre cultura baiana. [s.l.], Salvador: [s.n.], 1960. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

<sup>152</sup> FEIRA de artesanato após a dos livros. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 19 set. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-06-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>153</sup> INTERCÂMBIO luso-brasileiro. **O Planalto**, Nova Lisboa: [s.n.], 21 jun. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-06-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>154</sup> Não houve acesso a informações suficientes que possam traçar a periodicidade de publicação desta coluna. As primeiras fontes sobre a coluna datam de 1960.

Em 1961, Agostinho da Silva sai da direção do CEAO e assume cargo de assessor para a política externa no governo do presidente Jânio Quadros. Assume o cargo de diretor do CEAO o Prof. Waldir Freitas de Oliveira, que ficou à frente do CEAO durante os anos de 1961 a 1972, período que se consolidou o perfil do CEAO como instituição voltada para divulgação, promoção de estudos relacionadas a África e Ásia e intermediário das ações de política externa e relações internacionais entre Brasil e países africanos.

O governo brasileiro, durante as décadas de 1960, iniciou a construção de relações mais amplas com o continente africano. Até 1964, a mundialização das relações internacionais do Brasil e sua autodeterminação geopolítica no cenário Sul-Sul, motivaram a aproximação do país com os outros continentes, em especial a África e Ásia. Após 1964, com o início do regime militar, sob forte controle teórico da Escola Superior de Guerra, influenciado pela ideologia estadunidense, o governo brasileiro focou sua política internacional no fortalecimento do país no continente sul-americano, como centro estratégico para as políticas ditatoriais do período, diminuindo suas relações com o continente africano.

A partir de 1970, no Governo Costa e Silva, houve nova abertura nessas relações com a mudança dos pressupostos da política externa brasileira. Neste momento, o continente africano era visto como uma importante região para os objetivos de expansão comercial pretendidos pelo Brasil e motivados pelo crescimento da indústria brasileira. A conquista de novos mercados era o foco. Em 1972, o Ministro das Relações Exteriores Mário Gibson Barboza viajou ao continente em missão de reconhecimento das possibilidades de relações comerciais. São levantados neste momento, dentro do discurso oficial, os vínculos culturais existentes entre o continente africano e o Brasil e a importância do fortalecimento das relações afim de melhor conhecer e fortalecer esses vínculos<sup>155</sup>.

A criação do CEAO e sua atividade nas décadas de 60 e 70 refletem a dinâmica deste processo.

Neste período abundam referências da atuação do CEAO como espécie de posto avançado do Itamarati nas relações com os países africanos e asiáticos. Além da promoção dos cursos e palestras sobre as culturas destes países, ministrados muitas vezes por especialistas estrangeiros de passagem pela Bahia, haviam iniciativas de intercâmbio tanto para que pesquisadores brasileiros fossem ao continente africano para estudos, como para a

---

<sup>155</sup> SANTOS, Luiz Cláudio Machado dos. **A política externa brasileira para a África Negra: da “interdependência” ao “pragmatismo responsável” (1964-1979)**. Revista Universitas Face, Vol. 1, No 1 2003. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/viewFile/597/393>. Acesso em 15 mar. 2010.

vinda de estudantes africanos para imersão cultural no Brasil. Diversos diplomatas, políticos e intelectuais dos dois continentes, ao visitarem a Bahia, tinham em sua agenda, passagem obrigatória ao CEAO, onde ministravam palestras e dialogavam com representantes locais.

Como exemplos, a visita do embaixador da Índia no Brasil, Sr. S. K. Das, para entrega de quadros, doados ao Museu de Arte Moderna da Bahia, e de livros para a biblioteca do CEAO<sup>156</sup>, e a conferência “Problemas da Unidade Africana” proferida pelo professor egípcio Abdel Aziz Ishak<sup>157</sup>.

Em visita ao CEAO, em 25 de novembro de 1961, o Chefe do Departamento Cultural e de Informações do Itamarati, Sr. Lauro Escorel de Moraes, afirmou a posição da UFBA e do CEAO como mediadores importantes na política empreendida pelo governo brasileiro para aproximação cultural entre Brasil e continente africano, além de esclarecer os objetivos desta política.

A visita que fiz à Universidade da Bahia e ao Centro de Estudos Afro-Orientais deixou-me convencido de que a política cultural do Brasil, na África, deve apoiar-se, fundamentalmente, nessa Universidade, à qual devemos a primazia dos estudos e contatos feitos com as jovens nações africanas. [...] É importante frisar, também, que o Itamaraty está consciente do valor das atividades culturais no campo da política exterior. Por um lado, captação de valores e técnicas necessárias ao nosso desenvolvimento, de outro como uma forma de apresentar no exterior uma interpretação fiel do que é o Brasil, nas suas características étnicas e culturais e na sua atualidade<sup>158</sup>.

As atividades de intercâmbio com estudantes africanos também ajudaram a fortalecer o CEAO neste papel de mediador. Várias turmas foram recebidas pelo CEAO onde os

---

<sup>156</sup> EMBAIXADOR da Índia possivelmente virá entregar quadros: 2. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 12 jul. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-07-12.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010. A ÍNDIA se industrializa para vencer o seu sub-desenvolvimento. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 12 jul. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-07-12.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

<sup>157</sup> ABDEL Aziz Ishak diz que os belgas são responsáveis pelo assassinio de Lumumba. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro: [s.n.], 18 nov. 1961. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-18\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-18_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

<sup>158</sup> PRIMAZIA da UBa. nas relações com África. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 25 nov. 1961. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-25\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-25_1.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

ESCOREL anuncia a chegada dos africanos. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 26 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-26.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

estudantes participavam de cursos sobre cultura brasileira e baiana, além de aulas de português<sup>159</sup>.

A partir de 1972, já na direção do CEAO o Prof. Guilherme Augusto de Souza Castro, um novo fluxo de ações pode ser percebido. Apesar de existir, desde a criação do Centro, uma preocupação em dialogar com a comunidade negra militante e os adeptos das religiões de matriz africana na Bahia, há a partir da década de 70 um incremento neste sentido. A temática dos vínculos entre África e Brasil foi mais destacada, havendo uma preocupação em fortalecer os estudos sobre as culturas africanas, focando nas áreas de maior influencia cultural no Brasil<sup>160</sup> — África Ocidental e Central — e divulgar essa influencia.

Neste sentido, ações voltadas para a preservação do patrimônio, memória e artes ganharam espaço na agenda das instituições promotoras das políticas baseadas nos interesses acima mencionados.

### 3.1.2 A criação do Museu Afro-Brasileiro: estruturação e conflitos

Em 4 de março de 1974, um processo de articulação conjunta do CEAO, na figura de seu diretor, Guilherme Souza e Castro, e do Ministério das Relações Exteriores, em parceria com o Ministério da Educação e Cultura, o Governo da Bahia e a Prefeitura da Cidade do Salvador, é assinado um convênio criando um Programa de Cooperação Cultural entre Brasil e países africanos, visando o desenvolvimento de estudos e pesquisas voltadas para a temática

<sup>159</sup> DIPLOMATAS africanos estagiarão na Bahia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 5 ago.1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-08-05.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos fazem estágio na UBa. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 10 nov. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-10.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

PELLEGRINI, J.; COSTA, Flávio. África volta à Bahia: com bolsa do Itamarati, 14 estudantes africanos vieram ao Brasil para frequentar as nossas faculdades. **Fatos & Fotos**, Rio de Janeiro: [s.n.], 20 jan. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20\\_PAG02.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20_PAG02.pdf) / [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20\\_PAG03.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20_PAG03.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PINTO, Carlos Alberto Passos. Gobbold fôrça de vontade resultou num diploma. A TARDE, Salvador: [ s.n ], 4 dez. 1965. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1965-12-04.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>160</sup> AFRO: uma herança que os herdeiros mal preservam. **Jornal do Brasil**, Salvador: [s.n.], 27 abr. 1974. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27_ceao.pdf) e [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27_ceao01.pdf) . Acesso em 13 jan. 2010.

afro-brasileira. Ficou sob a responsabilidade da Universidade Federal da Bahia e do CEAO a operacionalização dos termos do convênio, com o apoio dos órgãos envolvidos<sup>161</sup>.

A elaboração e assinatura deste convênio demonstram a continuidade das relações do CEAO com o Itamarati e abriu novo campo de ação estratégica com a proposta de criação de um museu afro-brasileiro contida no programa.

O museu seria composto por “coleções da natureza etnológica e artística sobre as culturas africanas e sobre os principais setores de influência africana na vida e na cultura do Brasil<sup>162</sup>” e teria como função, proposta nos termos do convênio, de ser um centro cultural para o desenvolvimento de diversas atividades como:

[...] realização de cursos e seminários, edição e divulgação de trabalhos sobre temas africanos, estímulo a pesquisas, mediante concessão de bolsas de pesquisa, acolhimento de bolsistas africanos, recepção a intelectuais africanos, recrutamento de professores para missão educativa e cultural na África, assessoramento a representações brasileiras a manifestações artísticas na África, incentivo à criação artística de temática afro-brasileira, estímulo à criação de núcleos universitários e coleções, reinício dos congressos afro-brasileiros<sup>163</sup>.

A partir da assinatura do convênio iniciou-se o processo de elaboração do plano diretor para criação do museu, se instalado uma comissão com estes fins, sob a presidência do diretor do CEAO o Prof. Guilherme de Souza e Castro.

Numerosos esforços foram realizados com a finalidade de conseguir um espaço adequado para a criação do museu e aquisição de acervo. Estes dois pontos foram os principais condicionantes para a configuração do museu no momento de sua abertura, ocorrida somente em 1982. O CEAO teve grande dificuldade em dar andamento a proposta inicial pensada para o museu e sua instalação em espaço compatível com esta proposta.

---

<sup>161</sup> Informações. Revista Afro-Ásia, n.12, 1976, p. 247.

<sup>162</sup> BRASIL. **Termo de Convênio que celebram a União Federal, o Estado da Bahia e o Município de Salvador para a execução de um Programa de Cooperação Cultural entre o Brasil e os países Africanos e para o Desenvolvimento de Estudos Afro-Brasileiros**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1974, p.2.

<sup>163</sup> CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 66.

Já anteriormente à assinatura do convênio houve iniciativas para a escolha do espaço onde o museu poderia ser instalado<sup>164</sup>. Após análise de viabilidade do espaço do Solar do Ferrão e da Quinta dos Lázarus, firmou-se o prédio da antiga Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, como o mais adequado para o museu.

No início desta sessão que trata da história do Museu Afro-Brasileiro citou-se um notícia que trouxe elementos importantes para as análises aqui feitas. Destacou-se em outros pontos a afirmação feita pela jornalista sobre a localização do museu no prédio da antiga Faculdade de Medicina. Porém, para que tal fato acontecesse foi necessário o enfrentamento da resistência de alguns setores da sociedade soteropolitana, notadamente pessoas relacionadas à área médica. Desde o momento que se afirmou publicamente a intenção, e depois a instalação, do museu no referido prédio, teve início grande polêmica envolvendo os interessados na criação do museu e a comunidade medica local.

Inúmeras notas e textos foram publicados em jornais de grande circulação com declarações contrarias a instalação do museu no prédio da antiga faculdade.

Já em março de 1974 foram publicadas as primeiras declarações:

O presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina, Sr. Raimundo de Almeida, logo que teve conhecimento de que o prédio onde funcionou a primeira faculdade de medicina do Brasil será transformado no Museu Afro-Brasileiro, telegrafou ao ministro Jarbas Passarinho, da Educação e Cultura, dizendo-se surpreendido com a notícia e fazendo um apelo para que, no local, se instale o Museu da Medicina, transferindo o Museu Afro-Brasileiro, segundo a sua sugestão, para um prédio a ser escolhido no Cruzeiro de São Francisco ou no Pelourinho. [...]fez questão de declarar que somente merece louvores e aplausos, o esforço para trazer à Bahia, o Museu. No entanto, acrescentou não me parece acertada a escolha do prédio [...] em respeito à tradição<sup>165</sup>.

Outra nota publicada também em 1974 reforça a recusa da escolha do local para instalação do museu:

---

<sup>164</sup> DISPUTA pala direção do Museu Afro-Brasileiro. A Tarde. 10 jul.1973. apud CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 67.

<sup>165</sup> ONDE ficar o Museu, em “respeito à tradição”. Mar.1974 apud CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 74.

Apenas um senão compromete os aplausos a que faz jus a iniciativa: a escolha do local, onde ao que se diz, deverá funcionar o novo Museu, no velho terreiro [...] não faltaram vozes que se levantaram para sugerir que o antigo prédio... fosse aproveitado para que nele se instalasse o Museu da Medicina Brasileira. Consideramos, de logo, perfeitamente válida a sugestão. [...] E que conjugado com o Museu Nina Rodrigues, seria da maior significação na vida cultural baiana e brasileira. Achamos, por isto, que o Museu Afro-Brasileiro muito melhor ficaria situado em um dos prédios do Pelourinho, já pela historicidade e adequação do local, já porque esta seria mais uma oportunidade de valorização desta área que, em muito boa hora, vem sendo recuperada. Em suma, dois benefícios em vez de um só, é muito melhor<sup>166</sup>.

Outras declarações se avolumavam publicadas nos jornais locais reforçando a recusa, durante todo período até a inauguração do museu. Na tentativa de esclarecer a escolha e combater tais posições o diretor do CEAO, Guilherme de Souza e Castro, em nota na mesma matéria acima citada, afirma:

[...] a Universidade achou que convinha a sua instalação naquele local, talvez pelo fato de estar perto do Pelourinho e ainda pelo simples fato de o prédio se encontrar desocupado [...] sendo o prédio da primeira Faculdade de Medicina de propriedade da Universidade Federal da Bahia, ela dá o destino que melhor lhe aprouver de acordo com os seus interesses<sup>167</sup>.

O resultado deste conflito de interesses foi a gradativa diminuição do espaço disponível no prédio para a instalação do museu. A partir de várias ações dos partidários da não instalação do museu, através da Faculdade de Medicina da UFBA e agremiações médicas, teve início um processo de apropriação dos espaços. Com o desenrolar desta história o projeto do Museu Afro-Brasileiro como um grande centro aglutinador de inúmeras atividades de fomento cultural ficou difícil de ser executado plenamente.

A redução do espaço disponível para o museu não só afetaram as possibilidades de se criar uma estrutura de maior proporção, como também o processo de aquisição de acervo, como afirma o Prof. Marcelo Cunha:

<sup>166</sup> O LOCAL do novo museu. A Tarde. 06 mar.1974 apud CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 74.

<sup>167</sup> ONDE ficar o Museu, em “respeito à tradição”. Mar.1974 apud CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 74.



O impasse quanto à localização do museu acabou interferindo no processo de coleta de acervo, pois ficavam cada vez mais difíceis as negociações em meio ao impasse. Como solicitar peças para um museu inexistente? Desta forma foram suspensas as negociações com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e de Etnologia da Universidade do Pará, contatos previstos desde 1977. Perdia o museu, na composição do seu acervo<sup>168</sup>.

Além dos problemas enfrentados para a instalação do museu no local escolhido existiu dificuldade na manutenção financeira do projeto, devido a falta de repasse de verbas por parte das instituições que se comprometeram com o programa, como sinaliza o diretor do CEAO, em 1975:

Conquanto haja este Centro de Estudos alcançado grande parte a implantação dessa primeira fase do Programa conforme lhe permitem as circunstâncias e a disponibilidade financeira do período, a sua manutenção e continuidade efetivas dependem, como é óbvio, de recursos financeiros regulares, os quais se comprometem solidariamente a fornecer ao CEAO o Ministério das Relações Exteriores, o Ministério da Educação e Cultura, o Governo do Estado da Bahia e o Município de Salvador<sup>169</sup>.

Das ações que se efetivam na parceria firmada no convênio, somente foi identificado a constituição de outro convênio com o Governo do Estado da Bahia, através do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) para a restauração e adaptação do prédio da antiga Faculdade de Medicina e as articulações com o do Ministério das Relações Exteriores para a aquisição de acervo de origem africana<sup>170</sup>. Destacam-se as doações feitas pelas embaixadas da República Democrática do Congo, República de Angola, República Federal da Nigéria, e República do Senegal, além das cópias em gesso enviadas pelo Museu Real de África Central, em Tervuren, Bélgica, como consequência das articulações conjuntas do CEAO com o Ministério das Relações Exteriores.

---

<sup>168</sup> CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 86.

<sup>169</sup> CASTRO, Guilherme A de Souza. Carta ao Presidente do Conselho Deliberativo do CEAO. 1975 [18/12/75] apud CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 72.

<sup>170</sup> A maioria dos artefatos de origem africana entrou no Museu entre 1974 e 1978. Grande parte doação do Ministério das Relações Exteriores, embaixadas de países africanos no Brasil, pesquisadores ligados ao CEAO e o próprio CEAO, conforme informações contidas nos inventários do museu.

Neste ponto é necessário voltar-se para o processo de aquisição, e posterior doação ao Museu Afro-Brasileiro, de artefatos de origem africana por parte do Ministério das Relações Exteriores.

O Itamarati desde o início da década de 60, quando da abertura das relações com o continente africano, utilizou-se do interesse de pesquisadores pelos assuntos africanos para potencializar seu raio de atuação. Neste período o quadro de diplomatas especializados em África era bastante limitado, o que levou o Itamarati a traçar programas de cooperação com universidades, acadêmicos e pesquisadores. Os estudiosos eram enviados para o continente africano na condição de Leitor de Estudos Brasileiros cuja função era ministrar aulas nas universidades locais sobre a realidade sócio-cultural brasileira e pesquisar, a partir de recorte temático feito naturalmente pela especialidade do pesquisador, assuntos ligados a realidade do país para o qual foi enviado.

Vários estudiosos participaram desta iniciativa do Itamaraty. Os primeiros a serem enviados pelo CEAO como Leitores ao continente africano foram o Prof. Vivaldo da Costa Lima<sup>171</sup>, em 1960, e em seguida o Prof. Guilherme de Souza e Castro<sup>172</sup>, em 1962.

Outro estudioso que foi enviado ao continente africano na condição de professor visitante na Universidade de Ifé, na Nigéria, foi o fotógrafo e etnólogo Pierre Verger, que ficou na função de 1976 a 1979. Porém, anteriormente, em 1975, viajou para a Nigéria e o Benin, financiado pelo Itamaraty, com a finalidade de adquirir de artefatos africanos para o Museu Afro-Brasileiro.

Segundo a Prof<sup>ª</sup>. Angela Luhning<sup>173</sup>, Verger foi contratado pela UFBA, em 1974, passando a fazer parte de seu quadro, a fim de colaborar, junto ao CEAO, na criação do Museu Afro-Brasileiro e nos estudos sobre as relações da África com o Brasil. Em 1975, encarregado pelo CEAO, a pedido do Itamaraty, viajou para a África a fim de adquirir peças, encomendadas aos artesãos locais e viabilizou trocas e empréstimo a outros museus, como por exemplo, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE, na época Museu de Arte e Arqueologia.

---

<sup>171</sup> FARIAS, Edson; RODRIGUES, Fernando. Encontro entre ciências sociais e candomblé baiano: produção científica e engajamento político-cultural: entrevista com Vivaldo da Costa Lima. Sociedade e Estado. 2009, vol.24, n.1, pp. 271. / PESQUISADOR do CEAO regressou da África. **Jornal da Bahia**, [Salvador]: [s.n.], 3 mar. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-03-03.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>172</sup> PROFESSOR bahiano irá à Nigéria falar do Brasil. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 13 jan. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-13.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

<sup>173</sup> LUHNING, Op. Cit. , 1999, p.337.

Sua ligação com o MAE vem da amizade estabelecida com o Prof. Marianno Carneiro da Cunha, um dos principais colaboradores e pesquisadores da instituição no período.

Em 1971, Marianno solicitou auxílio a Verger para a coleta de peças afro-brasileira na Bahia, com a finalidade de serem intercambiadas com o Museu de Dakar por peças africanas. Verger prontamente agradece, mas redireciona a missão para um colaborador local, o Sr. Paul Antonio Breziat, em virtude de viagem para a Europa e África, conforme resposta de 19 de fevereiro de 1971 à carta anterior, de 11 de fevereiro, do diretor do museu o Prof. Ulpiano Bezerra de Menezes.

Nosso colaborador, Mariano Carneiro da Cunha, mostrou-me sua resposta a um pedido nosso, de auxiliar na coleta de peças afro-brasileiras, para intercâmbio com peças africanas do Museu de Dacar. [...] Aguardo ainda do Senegal as informações solicitadas sobre as condições práticas de intercâmbio e suas prioridades de interesse quanto às peças afro-brasileiras<sup>174</sup>.

“[...] Como já escrevi ao amigo Marianno estou de viagem marcada para Europa e África dentro de poucos dias. Porém, tenho um amigo aqui, conhecido de Marianno, que pode se encarregar do assunto, já que ele me acompanhou nos vários lugares aonde pode se encontrar as peças de arte Afro-Brasileiras. [...] O amigo chama-se Paul Antonio Breziat [...]”<sup>175</sup>.

As peças afro-brasileiras foram adquiridas, porém, não ficou claro nas fontes consultadas, se a permuta com as peças africanas junto ao Museu do Instituto Fundamental da África do Norte (IFAN), em Dakar, Senegal, aconteceu. Em carta ao reitor da Universidade de Dakar. Sr. Seydou Sy, o Prof. Ulpiano Bezerra de Menezes solicita confirmação de interesse pelo intercâmbio.

Em 15 de maio de 1970 o nosso museu, que se chama Museu de Arte e Arqueologia, propôs ao senhor diretor do IFAN, estabelecer uma troca de peças brasileiras e africanas. O pedido se liga a coleção de arte negra que, graças a Universidade de Dakar e o IFAN, o Museu foi capaz de expor-la, em São Paulo, por três meses. [...] Em resposta a este pedido, o Conselho de

<sup>174</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Carta a Pierre Verger**. São Paulo: Museu de Arte e Arqueologia / Universidade de São Paulo, 1971 [11/02/1971] [MAE/C. 38/71], 1p.

<sup>175</sup> VERGER, Pierre. **Carta a Ulpiano T. Bezerra de Menezes**. Salvador, Bahia, 1971 [19/02/1971], 1p.

Administração do IFAN deu um parecer positivo na reunião de 17 de dezembro de 1970. Foi acordado que esta troca seria, do lado brasileiro, em peças afro-brasileiras. Uma carta de 14 de janeiro de 1971, assinado pelo professor Paul Teyssier, que era então reitor, me coloca informado do acordo da Assembléia da Universidade de Dakar. Felizmente, já estamos em condições de relançar a proposta. Eu ficaria muito grato, Sr. Reitor, se você pudesse me informar se na Universidade de Dakar está disposta a ratificar o acordo anterior. Enquanto se aguarda uma decisão positiva, tomo a liberdade de lhe enviar em anexo as fotos e a descrição de uma pequena coleção formada na Bahia por Pierre Verger, a nosso pedido, e que nós podemos oferecer de imediato<sup>176</sup>.

Em carta para Ulpiano Bezerra de Menezes, de 17 de agosto de 1974, Verger escreve sobre seu interesse na aquisição de objetos para o MAE e o Museu Afro-Brasileiro, que naquele momento iniciava seu processo de formação.

[...] Eu sinalizei ao Itamarati e a Universidade da Bahia os planos que nós esboçamos a respeito de uma campanha de compras de objetos destinados ao vosso museu e ao que aqui se organiza na Bahia sobre as questões afro-brasileiras [...]<sup>177</sup>.

Em nova carta a Ulpiano, 8 de outubro de 1975, registra o pedido de Mariano para a compra de objetos concernentes ao culto dos orixás para o MAE e comenta a sua preocupação

---

<sup>176</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Carta ao Reitor da Universidade de Dakar Prof. Seydou Sy**. São Paulo: MAE / USP, 1972 [14/01/1972] [MAE. 21/72], 2p. Tradução nossa do original em francês: "*Le 15 mai 1970 notre Musée, qui s'applait alors Musée d'Art et d'Archéologia, proposait à M. Le Directeur de l'IFAN d'établir un échange de pièces brésiliennes et africaines. La demande se rattachait à la collection d'Art Negre que, grâce à l'Université de Dakar et à l'IFAN, le Musée avait pu exposer à São Paulo pendant trois mois. [...] En reponse à cette demande, le Conseil d'Administration de l'IFAN a donné un avis favorable lors de sa séance du 17 décembre 1970. Il a été convenu que cet échange porterait, du côté brésilien, sur des pièces afro-brésiliennes. Une lettre du 14 janvier 1971, signée par Monsieur le Professeur Paul Teyssier, qui était alors Recteur, me mettait au courant de l'acoord de l'Assemblée Universitaire de Dakar. Heureusement, nous sommes déjà en conditions de relancer la proposition. Je vous serais extrêmement reconnaissant, Monsieur le Recteur, si vous pouviez me faire savoir si l'Université de Dakar est disposée à ratifier l'accord antérieur. Dans l'attente d'une décision positive, je prends la liberté de vous adresser, ci-joint des photos et la description d'une petite collection formée à Bahia par Monsieur Pierre Verger, sur notre demande, et que nous pouvons vous offrir dès maintenant.*"

<sup>177</sup> VERGER, Pierre. **Carta a Ulpiano T. Bezerra de Menezes**. Salvador, Bahia, 1974 [17/08/1974], 1p. Tradução nossa do original em francês: "[...] *J'ai signalé à l'Itamarati et at l'Université de Bahia les plans que nous ébauchions au sujet d'une campagne d'achat d'objets destinés à votre musée et á celui qui s'organise à Bahia sur les questions Afro-Bresiliennes. [...]*"

com a demora da saída, da Nigéria, de peças adquiridas para o Museu Afro-Brasileiro da UFBA e para MAE.

Mariano encomendou e pagou antecipadamente um número de objetos concernentes ao culto dos orixás, destinado ao vosso museu. Tudo está pronto e embalado. Eu pretendo enviá-los em breve por via terrestre. [...] Você tem notícias das peças adquiridas na Nigéria que deveriam ser expedidas pela Embaixada do Brasil nesse lugar? Eu estou desesperado sobre aquelas, que eu designei para a expedição ao Museu Afro-Brasileiro, há mais de três meses e que, de acordo com uma informação mais recentes, ainda estão no escritório do secretário, empilhadas em desordem num canto, apesar dos numerosos telex do Itamaraty<sup>178</sup>.

Em resposta Prof. Ulpiano afirma que o Prof. Marianno ao chegar em Ifé — Mariano viaja para Nigéria como professor visitante, na Universidade de Ifé, durante os anos de 1973 e 76<sup>179</sup> — tomaria as providências para a expedição das peças. Na seqüência, Verger responde sinalizando sua preocupação com a demora da Embaixada em Lagos.

[...] Mariano me disse que ele se ocuparia do problema da expedição das peças (as nossos e as vossas) em sua chegada a Ifé, ele partiu tem cerca de 20 dias. Doutra parte, Mourão me enviou uma cópia de um telegrama que ele recebera do Itamaraty a justamente esta expedição (que concerne também as peças do Museu da Bahia, ainda de acordo com Mariano) Em anexo eu vos envio, ao meu turno, a copiar esta mensagem.<sup>180</sup>

<sup>178</sup> VERGER, Pierre. **Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses**. Salvador, Bahia, 1975 [17/10/1975], 1p. Tradução nossa do original em francês: " *Mariano a commandé et réglé d'avance un certain nombre d'objets concernant le culte des orixás, destiné à votre musée. Tout est prêt et emballé. Je compte les envoyer très prochainement par voie terrestre. [...] Avez vous des nouvelles des pièces acquises au Nigéria qui devraient être expédiées par l'Ambassade du Brésil en ces lieux? Je suis désespéré au sujet de celles que je leur ai confiées pour expédition au Museo Afro-Brasileiro il y a plus de trois mois et qui, suivant un renseignement récent, seraient encore dans le bureau du secrétaire empilées en désordre dans un coin, et ceci malgré de nombreux télex de l'Itamaraty.*"

<sup>179</sup> LUHNING, Op. Cit. , 1999, p. p.331.

<sup>180</sup> MENESES, **Ulpiano T. Bezerra de**. **Carta a Pierre Verger**. São Paulo: MAE / USP, 1975 [16/10/1975] [MAE.C.369/75], 1p. Tradução nossa do original em francês: " [...] *Mariano m'a dit qu'il s'occuperait du problème de l'expédition des pièces (lès nosres et lès votres) dès son arrivée à Ifé; Il est parti Il y a environ 20 jours. D'autre part Mourão m'a envoyé La copie d'un telegramme qu'il a reçu de l'Itamaraty à propôs justement de cette expédition (qui concerne aussi lès pièces du Musée de Bahia, toujours d'après Mariano) Ci-joint jè vous envoie à mon tour La copie de ce message.*"

Obrigado por enviar a Xerox do Itamaraty. Espero que a Embaixada em Lagos saia de sua letargia. Durante quatro meses que os objetos são armazenados no gabinete do primeiro-secretário<sup>181</sup>.

Noutra carta de 4 de dezembro de 1975 para Ulpiano, Verger detalha o envio de novas peças para o MAE e afirma sua ida para Ifé em 1976 — como professor visitante na mesma universidade que Marianno — “Eu espero partir para Ifé dentro de um ou dois meses, por um ou dois anos”<sup>182</sup>, reiterada em outra carta de 1º de fevereiro de 1976: “Eu penso deixar a Bahia entre 1 e 10, permanecer no Rio durante alguns dias e sair para Ifé através de Abidjan e Cotonou, no dia 20 deste mês”<sup>183</sup>.

Em carta para Ulpiano de 8 de março de 1976, Verger cita sua chegada à Ifé e a acolhida de Marianno em sua residência na Nigéria.

Acabei de chegar em Ifé, após muitas paradas no caminho e contente de poder ficar por aqui o tempo suficiente. O amigo Marianno, com sua generosidade habitual, me hospeda por um tempo até o momento que eu encontre um domicílio<sup>184</sup>.

Angela Luhning cita ainda que neste período de convivência na Nigéria teve como resultado uma exposição de fotos de Verger e textos de Marianno Carneiro da Cunha e Manuela Carneiro da Cunha, intitulada “Da senzala ao sobrado”, em 1981, no Módulo Inicial do Museu Afro-Brasileiro<sup>185</sup>, que depois viraria livro com o mesmo título “Da senzala ao sobrado: arquitetura brasileira na Nigéria e na República Popular do Benin”, publicado pela Editora Nobel e pela EDUSP em 1985,<sup>186</sup>.

<sup>181</sup> VERGER, Pierre. **Carta a Ulpiano T. Bezerra de Menezes**. Salvador, Bahia, 1975 [01/11/1975], 1p. Tradução nossa do original em francês: “*Merci de l’envoi du Xerox de l’Itamaraty. Souhaitons que l’Ambassade de Lagos sorte de sa léthargie. Voilà quatre mois que les objets sont entreposés dans le bureau du premier secrétaire*”.

<sup>182</sup> VERGER, Pierre. **Carta a Ulpiano T. Bezerra de Menezes**. Salvador, Bahia, 1975 [04/12/1975], 1p. Tradução nossa do original em francês: “*Je compte partir pour un ou deux ans à Ifé dans deux ou trois mois*”.

<sup>183</sup> VERGER, Pierre. **Carta a Ulpiano T. Bezerra de Menezes**. Salvador, Bahia, 1976 [01/02/1976], 1p. Tradução nossa do original em francês: “*Je pense quitter Bahia 1 e 10, rester à Rio quelques jours et partir pour Ifé via Abidjan et Cotonou le 20 de ce mois*”.

<sup>184</sup> VERGER, Pierre. **Carta a Ulpiano T. Bezerra de Menezes**. Ifé: University of Ife / Department of African Languages, 1976 [08/03/1976], 1p. Tradução nossa do original em francês: “*Je viens d’arriver à Ifé après de nombreux arrêts en route et bien content de pouvoir rester assez longtemps par ici. L’ami Marianno m’héberge pour le moment avec sa générosité habituelle, jusqu’au moment où j’aurai découvert un domicile*.”

<sup>185</sup> HOMENAGEM, Op. Cit. 1983, p.7.

<sup>186</sup> LUHNING, Op. Cit. , 1999, p.331.

Ainda sobre o problema da expedição dos objetos coletados por Verger na Nigéria para o Museu Afro-Brasileiro e o Museu de Arqueologia e Etnologia, foram necessárias reiteradas cartas de cobrança para que fosse encerrada a questão. Em carta de 18 de abril de 1977, Ulpiano solicita ao chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty, Sr. Francisco Soares Alvim Neto, o encaminhamento de comunicação do Ministério das Relações Exteriores para que a Alfândega de Santos – SP liberasse as caixas contendo as peças africanas enviadas.

Como é do conhecimento de V.Sa., o Dr. José Marianno Carneiro da Cunha, Pesquisador deste Museu, esteve como Leitor de Estudos Brasileiros na Universidade de Ifé, Nigéria, de 1973 até fins do ano próximo passado, dentro dos quadros do programa de cooperação desenvolvidos pela Universidade de São Paulo sob, o patrocínio do Ministério das Relações Exteriores. A bagagem do Dr. Carneiro da Cunha chegou dia 12 do último mês de Março em Santos, pelo navio LL/Santarém. Dessa bagagem constam essencialmente, além de alguns poucos objetos de uso pessoal, peças africanas coletadas para este Museu e para o Museu Afro-Brasileiro da Bahia, que aguardavam transporte junto à Embaixada Brasileira de Lagos. A liberação de tal bagagem pela Alfândega estaria a exigir comunicação desse Ministério, por intermédio do Sr. Chefe do Protocolo [...] <sup>187</sup>.

Em outra carta, endereçada ao mesmo chefe de divisão do Itamaraty, o Prof. Ulpiano reitera suas solicitações e reforça afirmando que parte das peças africanas enviadas pertencia ao Museu Afro-Brasileiro da Bahia, que contava com a participação do Itamaraty na sua estruturação.

Tomo a liberdade de reiterar os termos de minha carta MAE.C. 130/77 de 18 de abril p.p., em que eu solicitava a interferência desse Ministério para a liberação, na Alfândega de Santos, da bagagem do Dr. J. Marianno Carneiro da Cunha, Pesquisador deste Museu, ora de retorno de Ifé, em cuja Universidade foi leitor de Estudos Brasileiros, dentro dos quadros do programa de cooperação MAE/USP e países africanos. A bagagem do Dr. Carneiro da Cunha inclui, essencialmente, duas coleções etnográficas africanas, destinadas a este Museu e ao Museu Afro-Brasileiro da Bahia, que

---

<sup>187</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Carta ao Chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty, Sr. Francisco Soares Alvim Neto.** São Paulo: MAE / USP, 1977 [18/04/1977] [MAE.C.130/77], 1p.

está sendo montado com a participação do Itamaraty. Encareço a necessidade de urgência, pois a referida coleção, que aguardou longo tempo para despacho na Embaixada Brasileira em Lagos, com o que, como se pode verificar *in loco*, iniciou-se um processo de degradação que pode até a destruir as pacas ou comprometê-las séria e irreversivelmente<sup>188</sup>.

Finalmente em 19 de dezembro de 1977 são enviadas as peças para o CEAO. Na carta de encaminhamento, destinada ao Prof. Guilherme Castro, há uma lista anexa com as peças enumeradas.

Envio-lhe com estas informações sobre o envio das peças adquiridas na África pelo Prof. Pierre Verger, para o Museu Afro-Brasileiro da Bahia, a pedido do Itamaraty, e que chegaram ao MAE em agosto de 1977. Segue anexo a lista das peças, baseada na que foi entregue pelo Prof. Pierre Verger. Os itens assinalados com + relacionam as pacas que foram danificadas na Embaixada do Brasil em Lagos, Nigéria, na sua maioria tecidos que se estragaram totalmente e que aqui nem chegaram. Os itens 171, 172 (2 poulies) e 149 (Laba Xango em cuir) também não foram recebidas por nós. Talvez um engano do Prof. Verger, ou também foram danificadas na Nigéria. [...] A coleção será entregue à Varig, devidamente embalada, na próxima segunda-feira, 19 de dezembro e, provavelmente, estará em Salvador no dia seguinte<sup>189</sup>.

Essa lista anexa nos fornece informações relevantes para o estudo do acervo africano do MAFRO e a denominação de origem das peças. Em listagem existente no arquivo do MAFRO, datada de 1978, constam as peças referidas com suas denominações originais, porém por motivos que desconhecemos, algumas destas peças perdem essa denominação em outras listagens posteriores elaboradas no museu. Julga-se que um estudo comparativo com peças da mesma tipologia, fora do acervo do MAFRO, e da análise desta documentação ajudaria a recuperar essas informações. Infelizmente pelos limites impostos neste trabalho

---

<sup>188</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Carta ao Chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty, Sr. Francisco Soares Alvim Neto**. São Paulo: MAE / USP, 1977 [05/05/1977] [MAE.C.159/77], 1p.

<sup>189</sup> PENNA, Sílvia Gonçalves. **Carta ao Diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais, Prof. Guilherme Castro**. São Paulo: MAE / USP, 1977 [14/12/1977] [MAE.C.398/77], 3p.



esta tarefa não foi realizada. Segue abaixo a lista de 1977 e trechos de outros documentos para visualização e exemplificação das mudanças de denominação existentes.

LISTA DAS PEÇAS ADQUIRIDAS NA ÁFRICA POR PIERRE VERGER, PARA O MUSEU AFRO-BRASILEIRO DA BAHIA, ENVIADAS A/C PROF. GUILHERME CASTRO EM DEZ/77

1	Oxe Xango	♦ 166 Toile adiré
2	Mask Gêlêdê Oxumare	167 Fer Oxala
3	" " Balogun	169 & 170 2 bracelets
4	" " 1ª Obatala	♦ 171 & 172 2 poulies
5	" " 2ª "	♦ 173 Toile adiré
6	" " 3ª "	♦ 174 Pagne
7	Outillage de sculpteur	♦ 175 toile adiré
7	Mask Gêlêdê Lutte	237 à 239 Edan Ogboni Ilobù
8	" " Poule couveuse	
9	" " Efà	1 par de Ibeji sem número
10	" " Ronde	
11	" " Perce ventre	
12	Oxe Xango Tori	
13	Odo Xango Oyô	
14	Oxe Xango Pobê	
20	Status Batio Abomey	
34	Récade Abomey	
35	Recade Abomey	
37	Cloche cuivre Abomey	
38	Cloche cuivre Abomey	
46	Gaun en fer Pobê	
♦49	Toile adiré	
50 & 51	2 objets de fer	
52	Chaine Ifá en cuivre	
♦53 à 58	6 toiles adiré	
59 à 62	4 bracelets de cuivre	
65 à 68	4 bracelets de cuivre	
69	Paire Edan Ogboni	
♦148	Toile adiré	
♦149	Laba Xango en cuir	
150	Apère Ifá	
151	Coupe Ifá	
153	Xéré Xango	
154 à 165	12 échantillons étoffe	

Figura 1 – Lista das peças do MAFRO enviadas pelo MAE em 1977 (destaque nosso).

Fonte: PENNA, Op. Cit, 1977, p.2

Nº ORDEM	Nº TOMBAMENTO	ESPECIFICAÇÃO	DIMENSÃO
21	927	Ibeji (de Adjakomotê) (madeira)	0,17 altura
22	928	Ibeji (de Adjakotomê) (madeira)	0,17 altura
23	1483	Agogô (chapa de ferro)	0,28 x 0,21
24	1551	Oxe Xangô Pobê (madeira)	0,54 x 0,18

Figura 2 – Trecho da relação das peças do Museu Afro-Brasileiro para exposição em 1978 na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal (destaque nosso).

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro para exposição na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1978, 13p.

Nº PATRIMONIAL	OBJETO	Nº/REGIST. UNIDADE	TÍTULO	IDENTIFICAÇÃO	ENTRADA	PROCEDÊNCIA	Nº DE REGISTRO				LOCALIZAÇÃO	OBSERVAÇÕES
							D	E	C	Nº		
025.751-6	Antigo/Recibo	4- C'	EXU		1989	CEAO		X		13	Salvador	SSA - BA
025.752-4	lit. / peças de	m- C'	LAMINAS DE ORO (contornando do ORO)		SET/1908	EDSON NUNES	X			10	" "	SSA - BA
025.750-8	FOTO/ lit.	m- C'	ORUBONA - SACERDOTE DE EXU		1981	CEAO		X			" "	m- C
025.638-2	FOTO/ lit.	m- C'	LANÇADA DE IANSA (P. ÚNICA)		1989	CEAO		X			" 07. 23	m- C
025.639-0	Antiga/ lit.	" "	IANSA		1989	m- C'				Nº 06	" "	BA
025.640-4	edim/ metal de	" "	PULSEIRAS DE IANSA (miniatura - 2)		1989	COMUNIDADE	X			78	" "	m- C
025.641-2	" "	" "	" "		1989	" "	X			78	" "	m- C
025.591-2	lit/ madeira	800	MACHADO DE XANGÔ		23-04-76	MINREL EXT	X			115	lit. 37	- Benin
025.599-5	" "	901	" "		23-04-76	" "	X			115	" "	POSE - "
025.518-5	" "	1.551	" "		11-01-78	" "	X			115	" "	COTONOU - "
025.579-3	" "	882	" "		23-04-76	" "	X			115	" "	" - "

Figura 3 – Inventário do Museu Afro-Brasileiro elaborado provavelmente em 1993 (destaque nosso).  
Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. Inventário de peças do Museu Afro-Brasileiro. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 29 p.

N. DE REG	LOCAL	NOME DO OBJETO	AQ	ORIGEM	MATERIAL	PROCEDÊNCIA	N. ANTIG	N. PAT
0397	E1,P2	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	1551	25578
0398	E1,P2	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	904	25588
0399	EXPO	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	910	25589
0400	EXPO	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	896	25590
0401	E1,P2	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	800	25591
0402	E1,P3	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	882	25579
0403	E1,P2	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	1539	25580
0404	E1,P2	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	888	25587
0405	E1,P3	MACHADO DE XANGÔ	D	BENIN	MADEIRA	MIN REL EXT	893	25597

Figura 4 – Inventário do Museu Afro-Brasileiro. Uso atual. Elaborado em 1998 (destaque nosso).  
Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. Inventário de peças do Museu Afro-Brasileiro. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA [versão digital].

### 3.1.3 A inauguração do Museu Afro-Brasileiro: adequação e afirmação

Em 1979 o museu ainda não tinha sido inaugurado e muitos impasses continuavam sem solução. Permanecendo a queixa do não cumprimento da parte do acordo que cabia aos outros partícipes do convênio.

É triste o que aconteceu com o projetado Museu Afro-Brasileiro, que seria instalado no prédio da antiga Faculdade de Medicina e que terminou ficando sem uma definição [...] Igualmente lamentável o desinteresse demonstrado pelas autoridades atuais – do estado, do município e união<sup>190</sup>.

Somente a partir de 1980, assumindo a reitoria da Universidade Federal da Bahia, o prof. Luiz Fernando Macêdo Costa, é que se dispõe de condições favoráveis para a criação do

<sup>190</sup> MUSEU do CEAO. A Tarde, Salvador, 19 fev 1979 apud CUNHA, Op. Cit. , 1999, p. 88.

Museu Afro-Brasileiro. Firma-se o prédio da antiga Faculdade de Medicina como o local de instalação do museu e articulam-se recursos, estrutura e acervo para a sua abertura.

Nesta altura Guilherme de Souza e Castro já havia se afastado da diretoria do CEAO, que é assumida pelo Prof. Nelson Correia de Araújo — de 1979 a 1981 — e na seqüência pela Profª. Yeda Pessoa de Castro, que toma posse no cargo a partir de 1981, ficando até 1991.

Em 1981, o grupo responsável pela organização do Módulo Inicial do Museu Afro-Brasileiro, inicia uma série de atividades com a finalidade de dinamizar o espaço destinado e marcar iniciativas de fomento e motivar a aproximação do museu com a comunidade soteropolitana.

Auxiliaram na organização do museu neste período a Profª Jacira Oswald — museóloga responsável pela montagem da exposição — o fotógrafo e etnógrafo Pierre Verger e a Profª. Graziela Amorim — responsáveis pela sistematização das peças — sob a supervisão do Prof. Guilherme de Souza e Castro, presidente da comissão do Módulo Inicial do Museu, e a Profª. Yeda Pessoa de Castro, diretora do CEAO<sup>191</sup>.

Até 7 de janeiro de 1982, inauguração do museu, várias atividades foram realizadas. Em 30 de junho de 1981, ocorreu a primeira atividade com a inauguração da exposição de fotografias de Pierre Verger e desenhos de Carybé intitulada “Orixás - Baía do Benin - Bahia de Todos os Santos”, o lançamento do livro "Análise Antropológica e Cultural dos Nomes de Família na Bahia", da Profª. Eliane Azevedo, da série de Ensaio & Pesquisas<sup>192</sup>, a exposição de livros raros e o início das comemorações dos 40 anos da Universidade Federal da Bahia<sup>193</sup>.

No dia 28 de julho de 1981 foi inaugurada outra exposição de fotografias de Verger com textos de Marianno Carneiro da Cunha e Manuela Carneiro da Cunha, intitulada "Da Senzala ao Sobrado"<sup>194</sup>.

Em 18 de agosto do mesmo ano, ocorreu o lançamento do livro, "Cantares da África / Songs of Africa", do poeta Antonio Vieira da Silva.

Em matéria publicada no Jornal A Tarde, em 27 de dezembro de 1981<sup>195</sup>, o jornalista José Augusto Berbert fez um apanhado geral sobre a situação do museu, suas origens —

<sup>191</sup> MUSEU afro inicia atividades com expo. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 28 jun. 1981. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-06-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>192</sup> MUSEU do negro começa com mostra de Verger. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 29 jun. 1981. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-06-29.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>193</sup> MOSTRA e lançamentos nos 35 anos da UFBA. **A TARDE**, Salvador: [s.n.], 1 jul. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07-01\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07-01_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

<sup>194</sup> HOMENAGEM Op. Cit. , 1983, p.7.

reportando-se a assinatura do convênio de cooperação cultural — sua estrutura, suas salas de exposição, a montagem e seu acervo, preparando o público para a inauguração do museu.

Finalmente em 7 de janeiro de 1982 foi inaugurado o Museu Afro-Brasileiro do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia — depois de longo e difícil período (1974 – 1982) de resistências à sua abertura e afirmação — com a presença do Ministro das Relações Exteriores, o Embaixador Saraiva Guerreiro, representantes do Ministro da Educação e Cultura, o Governador do Estado da Bahia, o Sr. Antonio Carlos Magalhães, o Prefeito de Salvador, o Sr. Renan Rodrigues Baleeiro, o Diretor do IPAC, o Prof. Vivaldo da Costa Lima, entre outras autoridades de órgãos ligados a preservação cultural. Houve também a presença de diversos embaixadores de países africanos, sacerdotes e adeptos do candomblé, dirigentes de blocos afros e afoxés, além de intelectuais e personalidades locais, contando com a apresentação do Odundê, Grupo de dança da Universidade Federal da Bahia, como informa a direção do CEAO em nota sobre a criação do museu:

A presença de numerosos embaixadores de países africanos e de figuras de maior destaque da comunidade local, sobretudo representantes dos mais tradicionais terreiros de candomblé e de entidades culturais como afoxés e blocos afro-baianos, veio confirmar as finalidades a que se propõe primordialmente o Museu, ou seja, a participação efetiva da comunidade baiana em todas as suas atividades e o estreitamento, cada vez maior, das relações culturais do Brasil com os países africanos<sup>196</sup>.

Após a inauguração o Museu Afro-Brasileiro deu continuidade às ações iniciadas em 1981 privilegiando a ampla participação da comunidade no seu espaço. São realizadas exposições temporárias, lançamento de livros, desfiles de moda, apresentação de grupos de teatro, afoxés, blocos e grupo de dança afro. Muitas destas atividades renderam doações de peças para o museu, principalmente dos artistas plásticos, capoeiristas e blocos afros.

---

<sup>195</sup> BERBERT, José Augusto. Cultura afro-brasileira em museu de preciosidades. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 27 dez. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-12-27\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-12-27_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

<sup>196</sup> HOMENAGEM Op. Cit. , 1983, p.2.

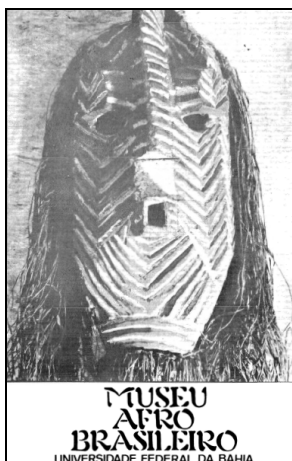


Figura 5 – Cartaz de divulgação (1982)  
 Fonte: HOMENAGEM Op. Cit, 1983, p.5.

Ainda em 1982 se apresentaram no museu o Grupo Experimental de Dança do Departamento de Dança da UFBA, sob a direção Prof<sup>a</sup>. Edva Barreto; a Academia Filhos de Oxalá; o Grupo Mirim de Dança da Sociedade Beneficente Recreativa e de Defesa dos Moradores do Bairro do Engenho Velho da Federação e Adjacências; o Afoxé Filhos de Ghandi; o Grupo de Teatro do Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê; o Grupo de Dança do Afoxé Badauê; o Grupo Magia, sob a direção de Firmino Pitanga; os Alabês mirins do Axé Opô Afonjá; o Grupo Mirim da Academia de Capoeira Três Amigos, sob a orientação de Mestre Marcelino; a Ala Mirim de Dança do Afoxé Badauê; além do lançamento do livro “O Reino dos Deuses” de Dr. Claudino Mello e as exposições dos quadros de Walter Oliveira e Francisco Santos; das esculturas e entalhes em madeira do Prof. Lamidi Fakeye e das fotografias de Renato Marcelo sobre tipos populares e festas de largo.

Houve também em 21 de agosto do mesmo ano lançamento nacional dos selos da série "Indumentárias de Orixás", parceira da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e CEAO. Foram lançados três selos representando as indumentárias dos orixás Xangô, Iemanjá e Oxumaré, com a intenção de continuar a série, o que não aconteceu.



Figura 6 – Cartão de lançamento da Série “Indumentárias de Orixás” e selos  
Fonte: Acervo particular

Em 1983 continuaram as atividades destacando-se o lançamento do catálogo do museu, programado pelo artista plástico Emmanuel Araújo<sup>197</sup>, com patrocínio da Construtora Norberto Odebrecht; a apresentação dos Cartões postais do Museu Afro-Brasileiro<sup>198</sup>; exposição de desenhos sobre trajes cerimoniais do museólogo e antropólogo Raul Lody; além de exposições que também renderam doações de peças para o museu, como a exposição de esculturas e entalhes em madeira, "Unificação das Formas dos Seres Vivos", de J. E. Ferreira<sup>199</sup>; a exposição de quadros "Reis e Rainhas Africanos", de Ivan Oliveira<sup>200</sup>; a exposição de xilogravuras de Hélio Oliveira, organizada pelo Prof. Juarez Paraíso e Francisco Liberato de Matos<sup>201</sup>, e exposição fotográfica de Silvio Robatto, Bauer Luiz Sá e Pierre Verger, "Costumes sobre a comunidade Africana e Afro-Brasileira"<sup>202</sup>.

<sup>197</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de fotos entregues a Emanuel Araújo para servirem de modelo para o catálogo do Museu Afro-Brasileiro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p

<sup>198</sup> Não se localizou nenhum exemplar dos postais.

<sup>199</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de empréstimo referente as obras do artista plástico J. Ferreira.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [07/06/1983], 1p

<sup>200</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação da peça “A Mona Iorubá”.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [10/08/1983], 1p.

<sup>201</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação dos objetos doados ao Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA pelo Magnífico Reitor Luis Fernando Seixas de Macedo Costa de 1981 a 1983.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.

<sup>202</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Lista de fotografias do acervo do Museu Afro-Brasileiro:** por título ou nome representativo. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 2000. [13/11/2000] 6p.

Houve também neste ano uma exposição de peças doadas em 1982 e a inauguração de vitrines com objetos pessoais dos capoeiristas Pastinha<sup>203</sup> e Cobrinha Verde<sup>204</sup>, emprestados e doados ao museu, respectivamente.

Todas estas atividades promovidas pela administração do museu junto a comunidade, além de sinalizar uma aproximação com os agentes culturais e religiosos, com a finalidade de dinamizar o museu, também refletem um progressivo afastamento dos parceiros de outrora, que contribuíram, mesmo de forma deficitária, para a formação do museu, como por exemplo o Ministério das Relações Exteriores.

O afastamento do Ministério como parceiro tem como condicionante a mudança das orientações da política externa do Brasil na década de 80 e 90, com o enfrequcimento das ações voltadas para os países africanos, especialmente no campo cultural. Aliado a isso houve uma inclinação do CEAO para os estudos das religiosidades populares afro-brasileiras e do candomblé, por influência do novo contexto político ou por direcionamentos dados pelos estudos dos pesquisadores do centro. O que certamente é possível afirmar é que após a inauguração, 1982, não há registro de entrada de artefatos de origem africana no museu, o que inversamente ocorre com os artefatos afro-brasileiros.

Os artefatos pertencentes a Coleção “Artes Plásticas” entraram no museu, em sua maioria, após 1982. Como fica demonstrado acima, a partir da realização das várias exposições de arte contemporânea afro-brasileira. Outras doações, que completam a coleção, se deram ao longo da década de 80 e início de 90, como, por exemplo, a doação da tela “O nascimento dos orixás”, pelo artista plástico Djalma do Alegrete, em 1982<sup>205</sup>, e pela doação da estatueta intitulada “Iami Oxorongá”, pelo artista plástico Jairo Figueiredo, em 1992<sup>206</sup>.

Fenômeno similar aconteceu com os artefatos de Coleção de Capoeira e da Coleção de “Blocos Afro”. A maioria entrou no museu entre 1981 a 1994. No caso da primeira coleção, boa parte destes artefatos está no museu em empréstimo, como por exemplo, os objetos

---

<sup>203</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de Empréstimo de peças referentes à Mestre Pastinha.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [13/04/1983] 1p.

<sup>204</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de doação.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [20/04/1983], 1p.

<sup>205</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Atestado de doação da tela “O nascimento dos orixás”.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1982 [07/01/1982], 2p

<sup>206</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1992 [01/04/1992], 1p.



peçoais de Mestre Bimba<sup>207</sup>. Já na Coleção de “Bloco Afro” predominam as doações de trajes, como os dos blocos afros Filhos do Congo, usados no carnaval de 1980<sup>208</sup>, e Olodum, no carnaval de 1989<sup>209</sup>.

Já a Coleção de Cultura Material Afro-Brasileira possui maior complexidade em sua formação contando com fluxos de entrada distintos. Conforme os objetivos deste trabalho o processo de formação desta coleção será analisado a seguir.

### 3.2 A Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira: formação da coleção

A partir da documentação citada no início do capítulo foi possível identificar a datação de entrada dos artefatos da Coleção de Cultura Material Afro-Brasileira.

Este processo demandou a constante comparação das informações contidas nos inventários elaborados ao longo de diferentes períodos da história do Museu Afro-Brasileiro, das listagens de controle de acervo, também produzidas em diferentes períodos, e os documentos de doação ou certificação de entrada dos artefatos. Não foi encontrado, na pesquisa exploratória realizada para levantamento destas fontes, nenhum documento comprobatório de compra, como notas fiscais, recibos e registros outros de peças adquiridas desta forma. A única fonte de acesso a informação do modo de aquisição de artefatos, na modalidade de compra, foram os inventários. Não houve comprovação do método ou fonte utilizada pelos elaboradores dos inventários para o estabelecimento das datas de entrada dos artefatos comprados. Sabe-se, por informação fornecida pelos funcionários atuais do museu, que essas informações foram sendo reproduzidas a partir dos documentos mais antigos, mas não ficou evidente como os primeiros documentos estabeleceram a datação.

---

<sup>207</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo César Alves de Almeida**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984 [29/03/1984] 2p.

<sup>208</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Filhos do Congo**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981 [22/09/1981], 1p.

<sup>209</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Olodum**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1990 [19/11/1990], 1p.

No caso dos artefatos doados há número razoável de fontes que atestam suas entradas no museu, o que auxiliou consideravelmente a confirmação ou relativização das datações estabelecidas nos diferentes documentos.

### **3.2.1 Grupos de entrada**

A partir desta base documental foi possível identificar grupos de datação de entrada e procedência dos artefatos da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira.

Com referência a datação identificou-se alguns fluxos de entrada podendo ser traçados cinco grupos: a) 1961, nos primeiros anos do CEAO; b) 1975-77, após a assinatura do convênio; c) 1981, antes da abertura do museu; d) 1982-92, depois da abertura, e) sem data.

Quanto a procedência podemos traçar os seguintes grupos: a) artefatos comprados pelo CEAO e b) doações realizadas por pessoas físicas ou terreiros de candomblé.

Com a finalidade de melhor compreender a dinâmica do processo de formação da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira do MAFRO foi adotado os grupos de datação como mediador demonstrativo do fluxo de entrada. Tal escolha foi feita para facilitar as comparações com outros fatos relativos à histórica da formação do Museu Afro-Brasileiro, que podem nos auxiliar na explicação dos padrões de entrada de artefatos.

#### **3.2.1.1 Grupo de 1961**

Os artefatos mais antigos desta coleção datam de 1961. Trata-se de dois atabaques (21.01.011.01 e 21.01.011.02)<sup>210</sup> comprados pelo CEAO em 10 de outubro de 1961 e doados

---

<sup>210</sup> Com a finalidade de auxiliar o leitor na identificação dos artefatos citados, sempre que possível estes serão acompanhados pelos códigos de classificação gerados no primeiro capítulo e pelo código “MAF” de identificação no inventário corrente do MAFRO. Desta forma é possível acessar a classe ou subclasse que o

posteriormente ao museu no período inicial de formação de seu acervo, a partir de 1974 com a assinatura do convênio de cooperação técnica acima citado. Contudo, chama à atenção a data de aquisição destes artefatos, isoladamente de outras aquisições realizadas pelo órgão. Pela distância temporal pode-se afirmar que a compra não teve como motivação a formação da coleção para o Museu Afro-Brasileiro, sendo que neste período não havia intenções sistematizadas para a criação de um museu.

Durante levantamento de fontes sobre a história do CEAO, chamou atenção a existência de uma notícia do jornal local, *Jornal da Bahia*, com a mesma data da aquisição dos artefatos, 10 de outubro de 1961. A notícia trata das comemorações, realizadas pelo CEAO, de um ano da independência da Nigéria:

Com a finalidade de comemorar o primeiro aniversário da independência da Nigéria, ocorrido no último domingo dia 1º deste, o Centro de Estudos da Universidade da Bahia fará realizar hoje, às 16 horas, na Escola de Teatro, no Canela, um programa constante de vários pontos, entre os quais se destaca a peça “Oduduwa e seus Filhos”, a ser representada pelos alunos do Curso de Iorubá do CEAO, na língua original. Além disto, o Prof. Ebenezer Lasebikan saudará as autoridades presentes e o público através de seu “tambor falante”, e o Coral da Universidade da Bahia entoará o Hino Nacional da Nigéria, em inglês<sup>211</sup>.

Diante da coincidência das datas e a tipologia teatro-musical do evento pode-se aventar a hipótese de que o CEAO tenha comprado os tambores para a sua realização. Porém diante da impossibilidade de comprovação de tal afirmação, fica apenas levantada a hipótese. Para fins do estudo, vale o distanciamento entre a data de entrada destes artefatos com os outros da coleção, fugindo dos padrões de datação, que ajuda a traçar os possíveis motivos da aquisição, sem, no entanto defini-los.

---

artefato pertence, ler a definição atribuída a classe ou subclasse correspondente e visualizar a fotografia do mesmo.

<sup>211</sup> COMEMORAÇÃO da Independência: Nigéria. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 10 out. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-10.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

### 3.2.1.2 Grupo de 1975-77

Contudo, o primeiro grupo de artefatos adquiridos ou doados, que podem ser considerados como motivados pelo processo de criação do museu, data de 1975 e 1977.

Conforme indicam as listagens, fichas cadastrais, etiquetas de identificação e os inventários mais antigos, anteriores a 1998 — quando se iniciou o processo de reforma e reestruturação do museu — os artefatos com data de entrada em 1975 fazem parte de um mesmo conjunto de dezessete artefatos comprado pelo CEAO em 16 de outubro. Trata-se de quatro instrumentos musicais<sup>212</sup> e treze insígnias<sup>213</sup> — nove ferramentas de orixás, três imaginárias de exu e uma espada de Ogum.

Há registros de que os artefatos deste lote de compra foram fabricados por Agnaldo Silva da Costa Ferreira, artesão local, o que traz mais substância para a afirmação de compra em conjunto.

Pela precisão da data, pelo registro de autoria e pela seqüência dos números<sup>214</sup> de tombamento antigos, usados anteriormente à reforma do museu, em 1998, tudo indica que o CEAO, através de um dos seus colaboradores, encomendou os artefatos ao artesão Agnaldo Ferreira. Podemos relacionar, de forma não conclusiva, essa compra à presença de Pierre Verger nos quadros do Centro de Estudos Afro-Orientais, a partir de 1974, e a compra de objetos concernentes ao culto dos orixás, realizada por ele, no mesmo período, para o Museu de Arte e Arqueologia de São Paulo, conforme carta acima citada de 8 de outubro de 1975. Não é possível afirmar que a compra foi realizada por Veger, todavia é possível demonstrar que neste período existia uma mobilização de intelectuais, pesquisadores e instituições para a formação de coleções de cultura material religiosa afro-brasileira no Brasil, seja pela criação do Museu Afro-Brasileiro na Bahia ou pelo interesse do MAE-USP em adquirir artefatos desta natureza para seu acervo.

---

<sup>212</sup> 21.01.021 (MAF 0051) e 21.01.022 (MAF 0039, MAF 0040e MAF 0049).

<sup>213</sup> 11.02.010 (MAF 0222, MAF0223 e MAF 0225), 11.02.020 (MAF 0236, MAF 0237 e MAF 0238), 11.02.030 (MAF 0283), 11.02.040 (MAF 0468), 11.06.010 (MAF 0302), 16.02.020 (MAF 0240) e 17.01.020 (MAF 0218, MAF0219 e MAF 0221).

<sup>214</sup> Os artefatos seguiam a seqüência: 741, 743, 744 e 746 a 756. Os números antigos foram estabelecidos a partir da ordem de entrada do objeto no acervo. Já o número utilizado atualmente segue um padrão de seqüência estabelecida pela expografia organizada após 1998.

Dentro do grupo de artefatos com data de entrada na década de 70, tem-se ainda a compra de dois artefatos, em 1977, também de autoria de Agnaldo Silva da Costa Ferreira — dois artefatos consagrados à Exu<sup>215</sup>, sendo uma imaginária e uma ferramenta, acompanhando o mesmo padrão formal dos artefatos comprados em 1975, sendo todos confeccionados em ferro — e a doação de dez artefatos — um instrumento musical<sup>216</sup>, um instrumento de sinalização<sup>217</sup>, uma ferramenta de orixá<sup>218</sup> e sete acessórios de vestuário, sendo quatro braceletes<sup>219</sup>, dois adês<sup>220</sup>, um colar<sup>221</sup> — em 30 de novembro de 1977, feita pela Barraca São Jorge situada no Mercado Modelo<sup>222</sup>, em Salvador – Bahia.

A Barraca São Jorge do Mercado Modelo. A barraca pertenceu ao Sr. Ápio Patrocínio da Conceição (1915 - 1994), mais conhecido como Camafeu de Oxóssi, figura popular na Bahia das décadas de 60 e 70.

Mestre de capoeira, foi presidente do Afoxé Filhos de Gandhi no período de 1976 a 1982 e Obá de Xangô, Osi Obá Aresá, no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, ao lado de Carybé, Dorival Caymmi e Jorge Amado. Era sobrinho de Eugênia Anna Santos, Mãe Aninha, Obá Biyi, (1879-1938) Iyalorixá, fundadora do terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá (de 1909 a 1938) e filho-de-santo de Maria Bibiana do Espírito Santo (1900-1967), Mãe Senhora, sucessora na direção do terreiro (de 1942 a 1967).

Amigo de Jorge Amado — que escreveu o texto da contra-capa de seu disco “Berimbaus da Bahia”, em 1968, com desenhos da capa de Carybé — Camafeu de Oxossi foi símbolo da baianidade. Seu nome era citado em músicas e romances como espécie de personagem amadiano de carne e osso. No livro Bahia de Todos os Santos, Jorge Amado escreve:

“Compositor, mestre solista de berimbau, obá de Xangô, Osi Obá Aresá, filho de Oxóssi, preferido de Senhora, amigo de Menininha e de Olga de

<sup>215</sup> 17.01.020 (MAF 0220) e 11.02.010 (MAF 0224)

<sup>216</sup> 21.01.021 (MAF 0759)

<sup>217</sup> 22.01.010 (MAF 0375)

<sup>218</sup> 11.01.010 (MAF 0368)

<sup>219</sup> 42.02.010 (MAF 0351 e MAF 0352) e 42.02.106.02 (MAF 0353 e MAF 0354)

<sup>220</sup> 42.04.033 (MAF 0319) e 42.04.036 (MAF 0371)

<sup>221</sup> 42.06.042 (MAF 0344)

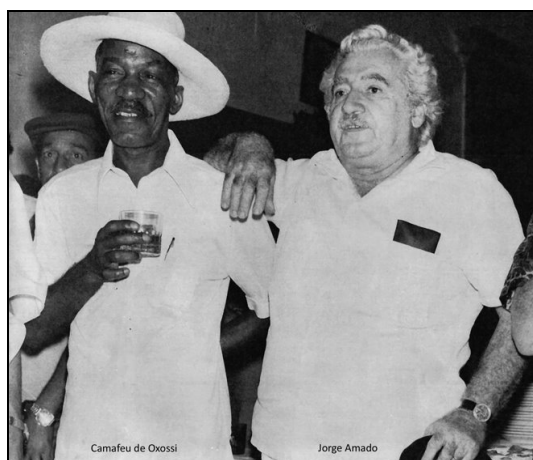
<sup>222</sup> O Mercado Modelo situa-se na Praça Cayrú, próximo ao porto, no bairro do Comércio. Edifício construído em 1861, em estilo neoclássico, para funcionar a Alfândega. Em 1971 foi convertido no novo Mercado Modelo, em decorrência do incêndio do prédio primitivo, ocorrido dois anos antes, que funcionava em área vizinha. Atualmente abriga duzentas e sessenta e três lojas de artesanato, presentes e lembranças da Bahia, contando com dois restaurantes de culinária baiana, entre eles o restaurante fundado, em 1972, por Camafeu de Oxóssi, com o mesmo nome. Ref. BAHIA. **IPAC-BA**: Inventário do Acervo Cultural da Bahia; monumentos do município de Salvador. 3. ed. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1997.

Alaketu, o riso cortando o rosto, dono da amizade. Em sua barraca, em prosa sem compromisso, numa conversa largada como só na Bahia ainda existe, sem horário e sem obrigações temáticas, podem ser vistos o pescador, a filha-de-santo, o pintor Carybé, o passista de afoxé, o Governador do Estado, o compositor Caymmi, a turista loira e esnobe, a mulata mais sestrosa e Pierre Verger, carregado de saber e de mistério. A barraca de Camafeu é ponto de reunião, é mesa de debates, é conservatório de música. Na cidade do Salvador a cultura nasce, se forma e se afirma em bem estranhos lugares, como por exemplo, uma barraca do mercado [...] lá se vai Camafeu pelos caminhos da Bahia, invencível com seu santo guerreiro. Vir à Bahia e não ver Camafeu é perder o melhor da viagem. Ele é um obá, um chefe, um mestre”<sup>223</sup>.



Figura 2 – Capa do disco Berimbaus da Bahia com desenhos de Carybé.

Fonte: <http://toque-musicall.blogspot.com/2008/12/camafeu-de-oxossi-1968-e-berimbaus-da.html>



<sup>223</sup>Texto extraído de <http://spirituslitterae.blogspot.com/2009/03/camafeu-de-oxossi-o-personagem-vivo-de.html>. Acesso em 27 mar. 2010.

Fotografia 1 – Camafeu e Jorge: amigos.

Fonte: <http://spirituslitterae.blogspot.com/2009/03/camafeu-de-oxossi-o-personagem-vivo-de.html>

Na década de 60, Camafeu de Oxossi foi aluno do curso de iorubá, promovido pelo CEAO e em 1966, junto com outros mestres de capoeira, como Pastinha e João Grande, foi convidado para ser um dos representantes brasileiros no Primeiro Festival de Artes Negras (FESMAN)<sup>224</sup>, em Dakar, Senegal, com promoção do Itamaraty e do CEAO, que inscreveram o grupo.

Capoeira no Festival de Arte Negra — A Bahia será representada no Festival de Artes Negras que se realiza em Dakar (África), por um grupo de capoeiristas, dos mais famosos, escolhidos a dedo pelo Mestre Pastinha. Os capoeiristas que aparecem na foto são os seguintes: Mestre Pastinha, Roberto Pereira (Satanaz). Mestre Gato, Gildo (Formado), Camafeu de Ochosse e João Grande. O Mestre Pastinha fará uma série de demonstrações. Seus alunos, hoje também instrutores de capoeira de Angola da Bahia, se apresentam para a platéia internacional que estará presente ao Festival, promovido pelo Presidente do Senegal, Sr. Leopoldo Senghor, em combinação com o Itamaraty. Ainda como outra atração, o capoeirista Camafeu de Ochosse levará uma gravação de afro-brasileiro, com acompanhamentos de berimbau e atabaques, inscritos oficialmente pelo Itamaraty e pelo Centro de Estudos Afro-Orientais, como autêntica música africana do Brasil, onde a Bahia tem destaque e influência com maior intensidade. A delegação da Bahia antes de embarcar esteve na redação de *A Tarde*, oportunidade em que afirmou que graças ao Diretor Valdir Freitas de Oliveira, do Centro de Estudos Afro-Orientais, onde se diplomaram [no curso de iorubá] conseguiu a oportunidade para mostrar o que a Bahia tem no estrangeiro<sup>225</sup>.

---

<sup>224</sup> A primeira edição do FESMAN aconteceu em Dacar, Senegal, do dia 1º a 24 de abril de 1966, promovido pela República do Senegal, na figura de seu presidente Léopold Sédar Senghor, e pela UNESCO, cujo tema foi "O significado das artes e cultura negra na vida dos povos e para os povos".

<sup>225</sup> CAPOEIRA no festival de arte negra. *A Tarde*, Salvador: [s.n.], 19 abr. 1966. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1966-04-19\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1966-04-19_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.



Fotografia 2 – Capoeiristas em representantes da Bahia no Festival de Arte Negra  
 Fonte: CAPOEIRA, Op. Cit. , 1966.

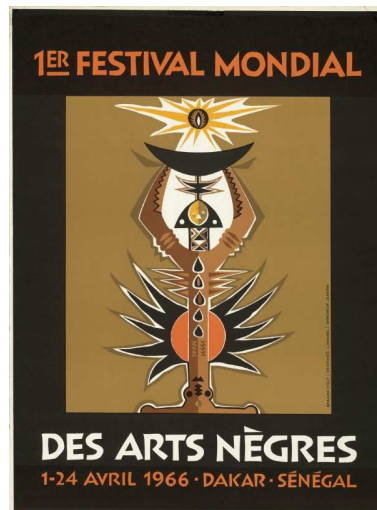


Figura 3 - Cartaz do I Festival Mundial de Artes Negras (FESMAN)  
 Fonte: [http://www.lexpress.fr/diaporama/diapo-photo/actualite/monde/afrique/60-ans-de-presence-africaine\\_838061.html?p=14](http://www.lexpress.fr/diaporama/diapo-photo/actualite/monde/afrique/60-ans-de-presence-africaine_838061.html?p=14)

Os vínculos de Camafeu de Oxóssi com personalidades baianas do período e com CEAO, desde 60, ajudam a compreender os motivos da doação dos artefatos, que pertenciam a sua loja de venda de artigos usados no candomblé. Não há documentos que registram os motivos, mas acredita-se que pelo círculo social que Camafeu pertencia e convivia, os motivos podem ter girado em torno da campanha informal, promovida pelos envolvidos com a criação do museu, com o intuito de auxiliar na formação de seu acervo. A presença de Verger, Carybé, Mãe Stela de Oxóssi — Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá desde 1976 — e capoeirista, seja como colaboradores ou como doadores do museu, reforçam essa idéia.



### 3.2.1.3 Grupo de 1981

Entre 1978 e 1980 não há registros de entrada de artefatos religiosos afro-brasileiros para o acervo do museu. Somente em 1981 houve novas entradas, que podem ser divididas em dois grupos: um lote de compra realizada pelo CEAO e várias doações feitas por sacerdotes e adeptos dos terreiros de candomblé baianos.

A compra realizada por CEAO parece ter sido motivada pela proximidade da abertura do museu, que se deu em janeiro de 1982. Ao consultar os inventários e as datas de entrada dos artefatos observou-se que, fora as entradas de 1961, 75 e 77, todos os outros artefatos pertencentes ao acervo do museu, antes de 1981, eram de origem africana. Ou seja, até 1980 só existiam no acervo do museu vinte e oito artefatos de origem afro-brasileira. Acredita-se que tal cenário motivou o CEAO a empreender a compra de objetos com a finalidade de ampliar o acervo e criar melhores condições de expor as contribuições das culturas negras no Brasil, minimamente tratando destas influências no candomblé baiano.

O lote de compra continha cento e seis artefatos — aproximadamente 25% do acervo atual da coleção — sendo vinte e sete insígnias, dois instrumentos de sinalização<sup>226</sup> (duas sinetas), um recipiente<sup>227</sup> (uma quartinha), setenta e quatro acessórios de vestuário e duas peças de vestuário<sup>228</sup> (um capuz e uma saia).

Dentre as vinte e seis insígnias: três chifres<sup>229</sup>, um peixe<sup>230</sup>, uma mão-de-pilão<sup>231</sup>, um cálice<sup>232</sup>, quatro armas<sup>233</sup>, uma imaginária<sup>234</sup> e quinze atributos sagrados<sup>235</sup>, incluindo ferramentas de orixás, ofás, abebê, iruxim, irukerè, oxé, opaxorô e xaxará.

Constavam dentre os setenta e quatro acessórios de vestuário: trinta e seis braceletes, pulseiras, punho e contra-eguns<sup>236</sup>; oito adês<sup>237</sup> (capacetes e coroas); vinte e três colares<sup>238</sup>

<sup>226</sup> 22.01.010 (MAF 0365 e MAF0374)

<sup>227</sup> 31.02 (MAF 0423.01)

<sup>228</sup> 43.05.011 (MAF 0432.01) e 43.06.030 (MAF 0432.02)

<sup>229</sup> 12.01 (MAF 0306) e 12.02 (MAF 0338 e MAF 0339)

<sup>230</sup> 13.01 (MAF 0320)

<sup>231</sup> 14 (MAF 0511)

<sup>232</sup> 15.01 (MAF 0343)

<sup>233</sup> 16.02.020 (MAF 0233 e MAF 0745), 16.02.030 (MAF 0341) e 16.02.040 (MAF 0328)

<sup>234</sup> 17.01.02 (MAF 00219)

<sup>235</sup> 11.01.020 (MAF 0321), 11.02.010 (MAF 0222), 11.02.020 (MAF 0236), 11.02.030 (MAF 0284 e MAF 0299), 11.02.040 (MAF 0452), 11.02.050 (MAF 0443), 11.04 (MAF 0331), 11.05, (MAF 0303), 11.06.010 (MAF 0298), 11.06.010 (MAF 0317), 11.06.020 (MAF 0287), 11.07 (MAF 0390), 11.08 (MAF 0119) e 11.09 (MAF 0433).

(brajás, ilequês , diloguns, quelês e corentes de ibá); dois peitorais<sup>239</sup> e cinco bolsas<sup>240</sup> (capangas e polvarinhos).

O outro grupo com entrada em 1981 — com doações feitas por casas baianas de candomblé — foi composto por oitenta e oito artefatos. A maior parte trajes, peças e acessórios de vestuário. Não se pode considerar como um lote de entrada por se tratar de doações de pessoas e instituições diferentes. Porém, se entende que os esforços para a abertura do museu devem ter motivado as doações.

Como citado anteriormente, iniciam-se em junho de 1981 uma série de atividades que visavam dinamizar o espaço onde o museu se instalava e promover maior integração com a comunidade. Neste mesmo mês ocorreu o Encontro de Nações do Candomblé, realizado no prédio da Faculdade de Odontologia da UFBA, promovido pelo CEAO e tendo como um dos principais articuladores o Prof. Vivaldo da Costa Lima.

No Jornal da Universidade Federal da Bahia, em matéria intitulada “Universidade abre espaço para discutir o candomblé: uma religião muito antiga”, são citados os conferencistas do Encontro.

[...] teve participação de conhecedores do Candomblé — por vivência ou por investigação intelectual — como a mãe-de-santo Maria de Xangô, com 103 anos de idade, o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, a mãe-de-santo Olga de Alaketu e mais Emetério Santana, Jeovah de Carvalho e Luís Sérgio Barbosa. Nas falas de todos, sempre um ponto em comum: o Candomblé é um patrimônio cultural da Bahia e assim deve ser respeitado e estudado<sup>241</sup>.

<sup>236</sup> 42.02.020 (MAF 0291e MAF 0292), 42.02.030 (MAF 0304, MAF 0305, MAF 0421e MAF 0422), 42.02.040 (MAF 0326e MAF 0327), 42.02.050 (MAF 0334, MAF 0335, MAF 0776 e MAF 0777), 42.02.060 (MAF 0450 e MAF 0451), 42.02.070 (MAF 0508e MAF 0509), 42.02.090 (MAF 0437 e MAF 0438), 42.02.102 (MAF 0415, MAF 0416, MAF 0417, MAF 0418, MAF 0419 e MAF 0420), 42.02.106.01 (MAF 0230 e MAF 0231), 42.02.106.02 (MAF 0774 e MAF 0775), 42.02.106.03 (MAF 0307, MAF 0308, MAF 0324, MAF 0325, MAF 0506 e MAF 0507) e 42.02.106.04 (MAF 0290, MAF 0293, MAF 0332 e MAF 0333).

<sup>237</sup> 42.04.011 (MAF 0232), 42.04.012 (MAF 0288), 42.04.031 (MAF 0336), 42.04.032 (MAF 0449), 42.04.034 (MAF 0409), 42.04.035 (MAF 0504), 42.04.037 (MAF 0498) e 42.04.038 (MAF 0778).

<sup>238</sup> 42.06.010 (MAF 0411, MAF 0427, MAF 0428, MAF 0440, MAF 0441, MAF 0453 e MAF 0454), 42.06.021.03 (MAF 0363), 42.06.021.06 (MAF 0410), 42.06.022.02 (MAF 0414), 42.06.023.01 (MAF 0228), 42.06.023.02 (MAF 0235), 42.06.023.03 (MAF 0301), 42.06.023.04 (MAF 0121 e MAF 0285), 42.06.023.05 (MAF 0439), 42.06.023.06 (MAF 0296), 42.06.023.07 (MAF 0455), 42.06.023.09 (MAF 0387), 42.06.023.10 (MAF 0342), 42.06.023.12 (MAF 0323), 42.06.023.13 (MAF 0503) e 42.06.041 (MAF 0362).

<sup>239</sup> 42.10.010 (MAF 0234)e 42.10.020 (MAF 0505).

<sup>240</sup> 42.12.011 (MAF 0734), 42.12.012 (MAF 0294e MAF 0295), 42.12.021 (MAF 0289) e 42.12.022 (MAF 0510).

<sup>241</sup> UNIVERSIDADE abre espaço para discutir o candomblé: uma religião muito antiga. **Jornal da UFBA**, Salvador: [s.n.], jul. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07_2.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

É possível notar no trecho acima que havia uma preocupação dos presentes no evento com a valorização e preservação do candomblé enquanto patrimônio cultural. Acredita-se que esse sentimento corrente também estimulou as doações.

Os Terreiros dirigidos pela Iyalorixá Olga de Alaketu e pelo Babalaxé Luís Sérgio Barbosa, presentes no evento, doaram artefatos que pertencem a este grupo de entrada de 1981.

Pai Luís Sérgio Barbosa<sup>242</sup> doou um traje de orixá consagrado a Oxum Apará<sup>243</sup>, que pertenceu a sua Mãe-de-santo a Iya Teofila Barboza, usado em uma das festas dedicadas ao orixá no terreiro. Não há registro do ano de confecção do traje, nem do período de uso<sup>244</sup>.

Mãe Olga de Alaketu<sup>245</sup>, iyalorixá de renome, doou um traje de orixá consagrado à Iansã — composto por torço, bata, faixa e saiote<sup>246</sup> — e uma espada consagrada ao mesmo orixá<sup>247</sup>. Acredita-se que a espada fazia parte da indumentária do orixá.

Outros terreiros e sacerdotes também doaram trajes para o museu neste período. Mãe Stela de Oxóssi<sup>248</sup>, Iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá doou<sup>249</sup> traje de orixá consagrado à Oxóssi<sup>250</sup>; Mãe Menininha do Gantois<sup>251</sup> doou traje<sup>252</sup> usado nas comemorações dos seus 50

<sup>242</sup> Luiz Sérgio Barbosa, dirigente do Terreiro Orile Eda Ifã Jù, situado no Alto do Peru em Salvador, fundado em 1964, herdado de sua mãe a Iya Teofila Barboza. Foi Presidente da Federação Baiana de Cultos Afro-Brasileiros. Em 1981 assumiu a direção do Asepo Eran Opé Oluwá, Terreiro Viva Deus, na cidade de Cacheira - Bahia, fundado por José Domingos de Santana, conhecido como “Zé do Vapor”. Cf. <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config/980> e UNIVERSIDADE, Op. Cit., 1981. e ANAIS do I Encontro de Nações de Candomblé - Salvador-Bahia 1.6.81 a 5.6.81. Salvador: Ianama, Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro-Orientais, 1984.

<sup>243</sup> Traje composto por coroa [42.04.036 (MAF 0612.01)], torço [42.09.010 (MAF 0612.04)], bata [43.02.010 (MAF 0612.02)], saião [43.06 (MAF 0612.03)] e anágua [43.06.010 (MAF 0612.05)].

<sup>244</sup> BARBOZA, Luiz Sérgio. **Atestado de doação do traje do orixá Oxum Apará**. Salvador: s/d, 1p. (manuscrito).

<sup>245</sup> Olga Francisca Régis (1925 - 2005) foi iyalorixá do Terreiro Ilê Mariolaje, fundado por Maria do Rosário, Otampê Ojaro, descendente da Família Real de Ketu. Localiza-se no bairro de Matatu de Brotas, Salvador, Bahia. Cf. SILVEIRA, Renato da. **Sobre a fundação do Terreiro do Alaketo**. Salvador: Revista Afro-Ásia, n. 29-30, 2003, pp. 345-380.

<sup>246</sup> Respectivamente, 42.04.031 (MAF 0604.01), 43.02.010 (MAF 0604.03), 42.08.020 (MAF 0604.02) e 43.06 (MAF 0604.04)

<sup>247</sup> 16.02.030 (MAF 0337)

<sup>248</sup> Maria Stella de Azevedo Santos, Iya Odé Kayode, (Salvador, 2 de maio de 1925) é a Iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá, localizado no bairro do São Gonçalo do Retiro, em Salvador, Bahia. O Terreiro foi fundado por Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha, Obá Biyi, (1879 - 1938), em 1910. Mãe Stela é a Iyalorixá do terreiro desde 1976.

<sup>249</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. **Ofício de Yêda Pessoa de Castro (e outros) para Maria Stela Azevedo**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981 [14/10/1981], 1 p.

<sup>250</sup> 42.08.020 (MAF 0616.02, MAF 0616.04 e MAF 0616.05, 43.02.010 (MAF 0616.01), 43.06 (MAF 0616.03), 42.12.011 (MAF 0309 e MAF 0310) e 42.04.021 (MAF 0311).

<sup>251</sup> Maria Escolástica da Conceição Nazaré (1894 - 1986) foi a quarta Iyalorixá do Terreiro do Gantois, Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê, situado no bairro da Federação, Salvador, Bahia. O Terreiro do Gatois nasceu de uma dissidência da Casa Branca do Engenho Velho, e foi fundado por Maria Júlia da Conceição Nazaré em 1849.

<sup>252</sup> 43.02.010 (MAF 0605.02), 43.06 (MAF 0605.03), 43.06.010 (MAF 0605.04) e 43.07 (MAF 0605.01).

anos de iyalorixá. O Tanuri Junsara<sup>253</sup> doou um traje de inquite consagrado a Angorô<sup>254</sup>; Zoogodô Bogum Malê Rundô<sup>255</sup>, conhecido como Terreiro do Bogum, fez doação de traje de vodun consagrado a Sobô<sup>256</sup> e um xale<sup>257</sup>; Terreiro Tumba Junçara<sup>258</sup>, um traje de inquite consagrado a Mucumbi<sup>259</sup>; a Iyalorixá Clarinda da Silva<sup>260</sup> doou um traje consagrado ao caboclo Pedra Preta<sup>261</sup>, e o Babalorixá Balbino Daniel de Paula<sup>262</sup>, do Ilê Axé Opô Aganjú, fez doação de traje de orixá consagrado a Xangô Aganjú<sup>263</sup>.



Fotografia 3 - Babalorixá Balbino Daniel de Paula fotografado por Pierre Verger com o traje de Xangô Aganjú doado ao Museu Afro-Brasileiro.  
Fonte: VERGER, Pierrer. **Orixás:** deuses iorubas na África e no Novo Mundo. 5. ed. Salvador: Corrupio, 1997, p. 163.

<sup>253</sup> Terreiro de tradição angola, localizado no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador, Bahia, foi fundado pela Nengwa Nkisi Elizabeth Santos da Hora (D. Bebé).

<sup>254</sup> 42.08.020 (MAF 0610.03), 42.09.010 (MAF 0610.01), 43.02 (MAF 0610.04), 43.06 (MAF 0610.02).

<sup>255</sup> Terreiro de tradição jeje localizado na Ladeira do Bogum, antiga Manoel do Bonfim, no Bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador, Bahia. Pesquisadores estimam que sua fundação possa ter ocorrido na primeira metade do século XIX. Cf. PARÈS, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé:** história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. Especialmente p. 171-9.

<sup>256</sup> 42.04.023 (MAF 0615.01), 42.08.020 (MAF 0615.02), 42.08.060 (MAF 0615.05), 43.01 (MAF 0615.04), 43.06 (MAF 0615.03) e 42.08.040 (MAF 0640).

<sup>257</sup> 42.08.050 (MAF 0640).

<sup>258</sup> O Tumba Junçara, terreiro de tradição angola, foi fundado em 1919, no município de, Santo Amaro da Purificação, Bahia, pelos senhores Manoel Rodrigues do Nascimento, Kambambe, e Manoel Ciriaco de Jesus, Ludyamungongo. Ambos foram iniciados por Maria Genoveva do Bonfim, conhecida como Maria Neném — Tuenda Unzambina —, Mametu Riá N'Kisi do Terreiro Tumbensi. Atualmente está localizado no bairro da Vasco da Gama, em Salvador, Bahia.

<sup>259</sup> 42.08.020 (MAF 0617.02 e MAF 0617.03), 42.09.010 (MAF 0617.01), 43.02 (MAF 0617.04) e 43.06 (MAF 0617.05).

<sup>260</sup> Não foi possível recuperar nenhuma informação sobre esta Iyalorixá, nem a qual terreiro pertencia.

<sup>261</sup> 16.04 (MAF 0624.13), 16.05 (MAF 0624.12), 42.02.080 (MAF 0624.03 e MAF 0624.05), 42.02.104 (MAF 0624.02), 42.03 (MAF 0624.09 e MAF 0624.10), 42.05 (MAF 0624.01 e MAF 0624.11), 42.06.021.10 (MAF 0624.14 e MAF 0624.15), 42.08.010 (MAF 0624.07), 42.12.013 (MAF 0624.08), 43.01 (MAF 0624.06) e 43.02 (MAF 0624.04).

<sup>262</sup> Balbino Daniel de Paula (1940-) ou Balbino de Xangô ou Obaràyí é o Babalorixá do Ilê Axé Opô Aganjú, localizado no município de Lauro de Freitas, Bahia. Cf. OBARÀYÍ – Babalorixá Balbino Daniel de Paula. Salvador: Editora Barabô Design Gráfico, 2009. [texto de Agnes Mariano]

<sup>263</sup> 42.08.020 (MAF 0611.01), 43.01 (MAF 0611.02), 43.02 (MAF 0611.03) e 43.06 (MAF 0611.04).

Também foram doados — por outros terreiros — insígnias, instrumentos de sinalização e acessórios e peças de vestuário. O Terreiro da Casa Branca<sup>264</sup> fez doação de artefatos de diferentes classes, priorizando objetos isolados e não indumentárias completas. Foram doadas duas insígnias (atributo sagrado e arma)<sup>265</sup>, seis utensílios<sup>266</sup> e oito acessórios de vestuário<sup>267</sup>, entre colares, toalhas de ekede e boné de ogan. Dois dos três colares doados pertenceram ao Ogan Floro, figura de relevância no terreiro, que construiu, por iniciativa da Iya Tia Luzia de Oxum, sacerdotisa da Casa Branca, o monumento Okôiluaiê (o Barco de Oxum) na Praça de Oxum, na frente do terreiro<sup>268</sup>.



Fotografia 4 – Okôiluaiê (o Barco de Oxum) na Praça de Oxum no Terreiro da Casa Branca.  
Fonte: [http://www.viamagia.org/federacao/memoria\\_patrimonio\\_casabranca.php](http://www.viamagia.org/federacao/memoria_patrimonio_casabranca.php)

Pai Antonio Celestino, Babalorixá do Terreiro Omin Dé<sup>269</sup>, doou um insígnia<sup>270</sup> (oxé), um instrumento de sinalização<sup>271</sup> (xerê) e uma traje consagrado ao caboclo Boiadeiro<sup>272</sup>,

<sup>264</sup> Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, ou Ilê Axé Iyá Nassô Oká é considerada a primeira casa de candomblé de tradição ketu, aberta em Salvador, Bahia, entre o final do século XVIII e início do XIX. São oriundos desta casa os terreiros Ilê Axé Opó Afonjá e Gantois. Cf. SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Edições Maianga, 2006.

<sup>265</sup> 11.09 (MAF 0656) e 16.02.020 (MAF 0641).

<sup>266</sup> 31.03 (MAF 0522 e MAF 0523), 32.02 (MAF 0648, MAF 0649 e MAF 0650) e 33.01 (MAF 0637).

<sup>267</sup> 42.01 (MAF 0638), 42.06.010 (MAF 0639), 42.06.020 (MAF 0747), 42.06.021.03 (MAF 0655), 42.06.021.05 (MAF 0746), 42.08.040 (MAF 0501 e MAF 0636) e 42.06.023.14 (MAF 0502).

<sup>268</sup> SERRA, Ordep José Trindade. **Monumentos Negros**: uma experiência. Salvador: Revista Afro-Ásia, n. 33, 2005, p. 176, 190 e 191. e SERRA, Ordep José Trindade. **Ilê Axé Iyá Nassô Oká** - Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho: laudo antropológico. p. 07. Disponível em <http://ordeperra.files.wordpress.com/2008/09/laudo-casa-branca.pdf>. Acesso em 19 mar. 2010.

<sup>269</sup> Há referências de Pai Antonio Celestino como pertencente a rede de relações do Terreiro da Casa Branca in: OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Feitiço de Oxum**: um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros. Salvador: PPGCS / UFBA, 2005, p. 356. [Tese de doutorado em Ciências Sociais]. Não foi possível recuperar informações sobre o terreiro Omim Dé, mas pode-se afirmar que se localizava no bairro dos Mares, Salvador, Bahia, conforme mostra o atestado de doação escrito pelo Pai Celestino, Cf. CELESTINO, Antonio. **Declaração de doação do Xerê** — Pai Celestino do Terreiro Omin-Dé. Salvador: s/d 1p. [frente e verso]

<sup>270</sup> 11.07 (MAF 0795).

<sup>271</sup> 21.01.024.01 (MAF 0386).

<sup>272</sup> 32.01 (MAF 0620.04), 42.04.022 (MAF 0620.01), 42.07 (MAF 0620.02) e 43.01.010 (MAF 0620.03).

composto por quatro peças. Vale destacar que na declaração de doação do xerê, Pai Celestino afirma que o artefato possui 150 anos de existência e foi herança de sua bisavó de Xangô Ayrá, ou seja, o instrumento teria sido confeccionado por volta de 1830, período da formação dos primeiros terreiros de candomblé com a configuração que se conhece atualmente. Se a afirmação do Pai Celestino for considerada como válida, este artefato é um dos mais antigos da Coleção de Cultura Material Religiosa do Museu Afro-Brasileiro e possui grande valor histórico, principalmente no que tange o estudo comparativo com outros artefatos visando o levantamento de padrões formais ao longo das últimas décadas.

Ainda fizeram doações neste lote de entrada o Unzó Awziidi Junçara<sup>273</sup>, que fez doação de um par de lanças<sup>274</sup>, o Terreiro Tombensi<sup>275</sup> fez doação de um par de pulseiras<sup>276</sup> que pertenceram a D. Maria Neném (1865-1945), considerada como uma das pioneiras da tradição de candomblé angola na Bahia. Muitos terreiros são herdeiros da raiz de D. Maria Neném, entre eles destacam-se o Tanuri Junçara, Awziidi Junçara, Tumba Junçara e o Bate Folha, ambos localizados em Salvador, e a Sra. Edeltrudes M. Filgueira<sup>277</sup>, que doou três barras de toalhas de iniciação<sup>278</sup>.

O grupo de entrada de 1981 fecha com cento e noventa e dois artefatos, aproximadamente 50% do acervo da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira. A outra parte da Coleção se formou durante os anos de 1982, após a abertura do museu, até 1992.

---

<sup>273</sup> Terreiro de tradição angola foi fundado em 1964. Dirige atualmente o terreiro a Mameto-de-inquice Valdeci dos Santos Hora. Fica localizado no bairro de Cosme de Farias, Salvador, Bahia. Cf. <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config>

<sup>274</sup> 16.04 (MAR 0644 e MAF0645)

<sup>275</sup> Fundado por Roberto Barros Reis, Tata Kimbanda Kinungapor, volta de 1850, o Terreiro Tumbensi é considerada a casa de Angola mais antiga da Bahia. Sucedeu o Tata Kimbanda Kinunga por, por volta dos anos 1909, no comando do Terreiro a Sra. Maria Genoveva do Bonfim, mais conhecida como Maria Neném, Mamento Tuenda Unzambi. Cf. ADOLFO, Sergio Paulo. **Maria Genoveva do Bonfim: o nascimento da Nação Congo - Angola no Brasil.** Ilhéus: 2009. Disponível em: <http://matambatombencineto.blogspot.com/2009/08/maria-genoveva-do-bonfim-o-nascimento.html>. Acesso em 11 mar. 2010.

<sup>276</sup> 42.02.105 (MAF 0646 e MAF0647)

<sup>277</sup> Não foi possível recuperar informações sobre a Sra. Edeltrudes.

<sup>278</sup> 42.08.041 (MAF 0663, MAF 0664 e MAF 0665)

### 3.2.1.4 Grupo de 1982-92

Neste período de dez anos manteve-se o mesmo padrão de entrada do grupo de doadores de 1981. Continuaram as doações de pessoas e instituições ligadas ao candomblé e ao círculo cultural e acadêmico identificados com a valorização, estudo e preservação das culturas de matrizes africanas.

Em 1982 houve quatro doações. O Ilé Ibse Alá Ketu Ashé Ogum Medjédjé<sup>279</sup>, através da sua Iyalorixá a Sra. Genildes Cerqueira de Amorim, Mãe Cacho, que fez doação de uma insígnia (espada)<sup>280</sup> e um traje de orixá consagrado a Ogum Medjédjé<sup>281</sup>, composto por seis artefatos, usados por Pai Nezinho de Muritiba<sup>282</sup>, seu pai carnal, na última cerimônia de que participou em vida, em 1973.

Em abril do mesmo ano, o Terreiro Tira Teima<sup>283</sup>, através da Sra. Alice dos Prazeres Luz, doou um traje de orixá consagrado a Tempo<sup>284</sup>, composto por oito artefatos.

Em julho, o Unzó Awiidi Junçara, através de sua Mamento a Sra. Maria Bernadete dos Santos, doou um traje consagrado ao caboclo Trovezeiro de Visaura<sup>285</sup>, e em setembro, o Terreiro de Manézinho de Oxóssi<sup>286</sup>, através do Sr. Walter Rocha Santos, doou um traje de vodun consagrado a Azunsun Onipó<sup>287</sup>, composto por oito artefatos, pertencente a Vodunce

<sup>279</sup> Terreiro de tradição keto fundado em 1929 por Pai Nezinho de Muritiba, quando Mãe Menininha do Gantois deu-lhe o axé para iniciar a casa.

<sup>280</sup> 16.02.020 (MAF 0642).

<sup>281</sup> 42.08.020 (MAF 0614.01 e MAF 0614.02), 43.03 (MAF 0614.03), 43.04 (MAF 0614.04), 42.04.011 (MAF 0614.05) e 42.07 (MAF 0614.06).

<sup>282</sup> Manuel Siqueira do Amorim ou Nezinho Bom no Pó (17 de junho de 1902 – 29 de julho de 1973), era Babalorixá do candomblé do Ilé Ibse Alá Ketu Ashé Ogum Medjédjé, localizado no município de Muritiba, Bahia. Foi iniciado por Sinhá Pulcheira, avó de Mãe Menininha do Gantois e sua antecessora como Iyalorixá do Terreiro. Ref. AMORIM, Genildes Cerqueira de. **Carta de Doação**. Muritiba: 1982 [04/01/1982] 2 p.

<sup>283</sup> Terreiro de tradição keto fundado em 1966. Localizado no bairro de Pituauçu, em Salvador, Bahia. Comandado atualmente pela Iyalorixá Hilda Costa Pepe. Ref. <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config/1000>

<sup>284</sup> 42.04.014 (MAF 0627.01, MAF 0627.02 e MAF 0627.03), 42.08.020 (MAF 0627.04), 42.08.030 (MAF 0627.05), 43.06 (MAF 0627.06), 43.01 (MAF 0627.07) e 11.02.070 (MAF 0627.08).

<sup>285</sup> 16.04 (MAF 0206.07), 42.02.080 (MAF 0206.02 e MAF 0206.03), 42.03 (MAF 0206.05 e MAF 0206.06), 42.05 (MAF 0206.01) e 43.06.020 (MAF 0206.04).

<sup>286</sup> Terreiro localizado na Areia da Cruz do Cosme, atual bairro da Caixa D'Água, em Salvador, Bahia. Cf. LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrúpicos**. 2.ed. Salvador: Currupio, 2003, p.152.

<sup>287</sup> 21.01.024 (MAF 0619.08), 42.08.020 (MAF 0619.01 e MAF 0619.02), 42.04.013 (MAF 0619.03), 42.08.020 (MAF 0619.04), 43.06 (MAF 0619.05), 43.01 (MAF 0619.06) e 43.06 (MAF 0619.07).

Laura Costa dos Santos (1904 - 1979) que utilizou o traje na comemoração dos seus cinquenta anos de iniciação.

Também foi doado pelo Sr. Walter Rocha Santos, em 1983, a cadeira<sup>288</sup> da Vodunce Laura Costa dos Santos, consagrada a Azunsun Onipó, vodun de Mãe Laura. A cadeira foi usada por ela durante os anos de função como dirigente da casa.

Ainda em 1983 foi feita a doação de um instrumento musical (um aguçê)<sup>289</sup> por Sr. Bill Jones<sup>290</sup>.

Em 1985, foram realizadas mais duas doações. A Mamento Rosimeire Campos Ribeiro Costa, do Terreiro Viva Deus<sup>291</sup>, doou um traje consagrado ao caboclo Mutacaité<sup>292</sup> e a Sra. Maria Luiza Marinho dos Santos doou<sup>293</sup> um traje de baiana<sup>294</sup>.

Em julho de 1986, o Sr. Manoel Souza doa uma escultura de Exu<sup>295</sup>, do artesão cachoeirano Cândido Santos Xavier, o Tamba<sup>296</sup>.

De 1987 até 1990 houve entrada de artefatos a cada ano. Em 1987, a Prof<sup>a</sup> Graziela Amorim, Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro desde sua abertura em 1982, doou quatro utensílios de uso ritual geral<sup>297</sup> e uma ferramenta assentamento consagrada aos Ibejis<sup>298</sup>, e em março do mesmo ano, a Sra. Maria de São Pedro Santos de Ogum<sup>299</sup> doa um traje ritual<sup>300</sup>, composto de cinco artefatos.

---

<sup>288</sup> 18.01 (MAF 0635)

<sup>289</sup> 21.01.023 (MAF 0061)

<sup>290</sup> Não foi possível recuperar informações sobre o referido senhor.

<sup>291</sup> Terreiro de tradição angola fundado em 1946. Localizado no bairro do Cabula, Salvador, Bahia. Cf. <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config/1000>

<sup>292</sup> 16.05 (MAF 0209.08), 16.06 (MAF 0209.07), 42.02.080 (MAF 0209.02 e MAF 0209.03), 42.03 (MAF 0209.05 e MAF 0209.06), 42.05 (MAF 0209.01), 43.06.020 (MAF 0209.04), 42.06.021.10 (MAF 0209.09) e 42.14 (MAF 0209.10 e MAF 0209.11).

<sup>293</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo de Doação** - Maria Luiza Marinho dos Santos. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985 [18/01/1985] 1 p.

<sup>294</sup> 42.08.020 (MAF 0618.07 e MAF 0618.08), 42.08.030 (MAF 0618.02 e MAF 0618.12), 42.09.010 (MAF 0618.05 e MAF 0618.06), 43.01 (MAF 0618.13), 43.02 (MAF 0618.14), 43.02.010 (MAF 0618.01), 43.06 (MAF 0618.03 e MAF 0618.04) e 43.06.010 (MAF 0618.09, MAF 0618.10 e MAF 0618.11).

<sup>295</sup> 17.01.010 (MAF 0079)

<sup>296</sup> Cf. MENDONÇA, Adriana Aparecida. **Laróyè**: Exu na obra de Mario Cravo Neto. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008, p. 118-9 [dissertação de mestrado em Cultura Visual].

<sup>297</sup> 31.01 (MAF 0084, MAF 0085, 0086 e MAF 0087).

<sup>298</sup> 11.02.060 (MAF 0481).

<sup>299</sup> Não foi possível recuperar informações sobre a referida senhora.

<sup>300</sup> 42.08 (MAF 0739.03, MAF 0739.04 e 0739.05), 43.01 (MAF 0739.01) e 43.06.010 (MAF 0739.02).



Em maio de 1988, a Sra. Luíza Franquellina da Rocha, mais conhecida como Gaiaku Luiza Mahin<sup>301</sup>, Rumbona do Terreiro Hunkpame Ayíónó Hùntóloji<sup>302</sup>, doou um traje de vodun consagrado a Azunsu<sup>303</sup>, composto por dois artefatos, uma saia e um filá.

No ano de 1989 são registradas mais quatro doações. O Ilê Axé Jitolu<sup>304</sup>, na figura de sua Iyalorixá Hilda Dias dos Santos<sup>305</sup>, mais conhecida como Mãe Hilda, doou uma coroa consagrada a Oxalá<sup>306</sup>. O Babalorixá Moacir Barreto Nobre<sup>307</sup>, conhecido como Moacir de Ogum, do Ilê Axé Ogum Alakaye<sup>308</sup>, doou um traje ritual<sup>309</sup> usado por ele em cerimônias consagradas ao seu orixá, Ogum. A Sra. Valdete Ribeiro da Silva<sup>310</sup>, conhecida como Detinha de Xangô, fez doação de dezessete bonecos representando orixás<sup>311</sup>, de sua autoria. Os bonecos representam as principais divindades da tradição ketu – nagô, remontando a seqüência do xirê<sup>312</sup>, incluindo a figura do caboclo: Exú, Ogum, Ossaim, Logun, Oxossi, Iemanjá, Iansã, Oxum, Xangô, Nanã, Omolu, Oxumaré, Cosme, Damião, Oxalufã, Oxaguiã e Caboclo. Algumas destes artefatos contam como doação do Ilê Axé Opô Afonjá ou como

<sup>301</sup> Luiza Franquellina da Rocha (1909 – 2005) iniciada em 1937 para Oyá na tradição ketu, no Ilê Ibecê Alaketu Àse Ògún Medjèdjè, do Babalòrisa Manoel Cerqueira de Amorin, mais conhecido como Nezinho de Muritiba, filho-de-santo de Mãe Menininha do Gantois. Posteriormente, a Sra. Maria Romana inicia Luiza na tradição jeje e a traz do Seja Hundé para o Terreiro Zòdogodò Bogun Malè Hùndo, o Terreiro do Bogum, em Salvador. Abre sua casa em 1952. Cf. PAREÈS, Op. Cit., 2006. Especialmente nota na p. 264.

<sup>302</sup> Terreiro de tradição jeje mahin localizado no Alto da Levada, no município de Cachoeira, Bahia. Fundado por Gaiaku Luiza.

<sup>303</sup> 43.05.010 (MAF 0608.01) e 43.06 (MAF 0608.02). Cf. UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. **Contrato de Doação** - Luíza Franquellina da Rocha. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988 [19/05/1988], 2 p.

<sup>304</sup> O terreiro de tradição jeje fundado em 6 de janeiro de 1952. Localizado no bairro da Liberdade, Salvador, Bahia. Cf. <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config/322>

<sup>305</sup> Mãe Hilda Jitolu, (1923 - 2009) foi Iyalorixá do Ilê Axé Jitolu. Iniciada pelo Babá Cassiano Manoel Lima cujo terreiro, de tradição jeje Marin, era localizado na Caixa D'Água. Cassiano Manuel Lima faleceu em 14 de dezembro de 1944, dois anos depois de ter feito as obrigações religiosas da sua filha. Constância da Rocha Pires, Mãe Tança, Ajauci, continuou os trabalhos de suas obrigações. O nome Jitolu foi dado a Mãe Hilda no dia 24 de dezembro de 1942. A ação social realizada por Mãe Hilda foi um dos motores para desenvolvimento da ideologia de trabalho sócio-cultural do bloco Ilê Aiyê. Ref. <http://www.ileaiye.org.br/biografiamh.htm>. Acesso em 29 mar. 2010.

<sup>306</sup> 42.04.035 (MAF 0512)

<sup>307</sup> Moacyr Barreto Nobre (1934 - 2001), Oguntòsi, iniciado em 1960 no Ilê Axé Opó Afonjá, por Mãe Senhora. Recebeu a incumbência de abrir casa de axé por indicação de Babá Agboulá. Foi Balogun do Ilê Ogum do Ilê Axé Opó Afonjá e do Ilê Babá Agboulá, na Ilha de Itaparica, terreiro dedicado ao culto dos Egunguns.

<sup>308</sup> Terreiro de tradição ketu dedicado ao culto de Ogum, fundado em 1974 pelo Babalorixá Moacir de Ogum. Localizado no bairro de Paripe, Salvador, Bahia.

<sup>309</sup> 42.09.010 (MAF 0609.01), 43.01 (MAF 0609.02) e 43.02 (MAF 0609.03)

<sup>310</sup> Sacerdotisa, Obá Gesin, nascida em 1928. Foi iniciada em 1971, por Ondina Valéria Pimentel, Iyalorixá Ilê Axé Opo Afonjá de 1969 a 1975.

<sup>311</sup> 17.04.010 (MAF 0229), 17.04.020 (MAF 0246), 17.04.030 (MAF 0286), 17.04.040 (MAF 0300), 17.04.050 (MAF 0318), 17.04.060 (MAF 0330), 17.04.070 (MAF 0349), 17.04.080 (MAF 0376), 17.04.090 (MAF 0408), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 17.04.130 (MAF 0495), 17.04.130 (MAF 0496), 17.04.140 (MAF 0500), 17.04.150 (MAF 0513) e 17.04.160 (MAF 0626).

<sup>312</sup> “Ordem em que são tocadas, contadas e dançadas as invocações aos orixás, no início das cerimônias festivas ou internas. Exu (mensageiro) é o primeiro e enviado para chamar os orixás. A ordem das invocações varia muito, mas de modo geral, começa com Ogum e termina com Oxalá”. In: CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 251.

compra do CEAO à Mãe Detinha. Não existem registros, fora as informações dos inventários, que possam confirmar a compra ou as doações, porém, como se tratam de artefatos com autoria comprovada e alguns foram doados pela autora, todos no mesmo ano, foi considerado o conjunto como doação da mesma.

Ainda em 1989, o Sr. Osmundo Teixeira<sup>313</sup> doou cinco esculturas ao CEAO. Tratava-se de imaginárias representativas dos orixás Iemanjá<sup>314</sup> e Iansã<sup>315</sup>, dos Ibejis<sup>316</sup> e do Caboclo<sup>317</sup>. O Sr. Osmundo Teixeira declara<sup>318</sup> que os artefatos são do século XIX e pertenciam ao Sr. Júlio de Carvalho Monteiro, português, moldureiro, morador do bairro do Carmo, em Salvador, que colecionava artefatos afro-brasileiros. Após a morte do Júlio de Carvalho Monteiro, Osmundo Teixeira, amigo do referido senhor e de sua família, recebeu os artefatos para serem doados a uma instituição de preservação do patrimônio. O artista plástico então doou ao CEAO que inaugurou o museu poucos anos antes. Além das esculturas, consta nos registros que o artista fez doação de mais cinco artefatos<sup>319</sup>: dois colares e três pulseiras consagradas a Iansã. Osmundo Teixeira afirma que os cinco artefatos são elementos acessórios das esculturas da Iansã e do Caboclo.

Conforme essas informações, o conjunto doado por Osmundo Teixeira é de extremo valor histórico e evidência importante para os estudos de cultura material religiosa afro-brasileira. Além de serem peças raras, provavelmente foram elaboradas pelo mesmo escultor, a julgar pelos aspectos formais e estilísticos dos artefatos.

No ano de 1990 continuaram as doações. Sr. Edson Nunes<sup>320</sup> doou dezenove artefatos, entre duas ferramentas de orixás<sup>321</sup>, quatro utensílios<sup>322</sup>, treze acessórios de vestuário<sup>323</sup>. Em

---

<sup>313</sup> Artista Plástico baiano nascido em Itabuna-BA em 1954. Tem o trabalho voltado para suas heranças culturais, representando o sincretismo religioso baiano. Graduou-se na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Cf. <http://www.osmundoteixeira.com.br/>

<sup>314</sup> 17.02.010 (MAF 0203)

<sup>315</sup> 17 (MAF 0634.01)

<sup>316</sup> 17.03 (MAF 0476)

<sup>317</sup> 17 (MAF 0634.02)

<sup>318</sup> Entrevista realizada em 11 de maio de 2010.

<sup>319</sup> 42.06.020 (MAF 0340), 42.06.023.04 (MAF 0364) e 42.02.101 (MAF 0346, MAF 0347 e MAF 0348).

<sup>320</sup> O Professor Edson Nunes da Silva, estudioso das tradições religiosas afro-brasileiras e da língua ioruba, publicou pelo Centro de Estudos Etnográficos da Bahia os livros “Fontes da cultura popular afro-brasileira: Yemanjá, um símbolo cosmogônico”, em 1958, e “Os três eus”, em 1989. Pelo Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador, “Introdução ao estudo gramatical da língua yoruba”, em 1958 — também publicado pela Universidade da Bahia no mesmo ano — e “Estrutura do pensamento afro-brasileiro (Eminismo)”, em 1975. Cf. SERRA, Op. Cit., 2005, p. 176 / CASTRO, Yéda Pessoa de. *Antropologia e Linguística nos Estudos Afro-Brasileiros*. In: AfroÁsia, n. 12, 1976, p.220.

<sup>321</sup> 11.02.020 (MAF 0245.01) e 11.02.030 (MAF 0278.01)

<sup>322</sup> 31 (MAF 0021.01, MAF 0021.02, MAF 0129.01 e MAF 0129.02)

dezembro do mesmo ano o Sr. Newton Alves Guimarães<sup>324</sup> doou um exemplar de pano-da-costa<sup>325</sup>, da família do Sr. Ignácio José Alves Guimarães, residente, no século XIX, na Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo<sup>326</sup>. Não existem registros na documentação do museu, nem foram realizados testes de análise de material e estado de conservação, que pudessem auxiliar na datação de fabricação do artefato entre os anos finais do século XIX e iniciais do XX.

Em 1992 ocorreu o último grupo de entrada de artefatos. Em abril, a Sra. Lúcia Santana doou um traje da Iyalorixá Altanira Maria Conceição Souza, mais conhecida como Mãe Mirinha do Portão<sup>327</sup>, composto por cinco artefatos<sup>328</sup>. Em novembro, a Sra. Rita Maria Santos<sup>329</sup> doou vinte e três artefatos, agrupados em três trajes — um traje de baiana<sup>330</sup>, um traje ritual<sup>331</sup> e um traje de orixá consagrado a Omolu<sup>332</sup> — e seis acessórios e peças de vestuário individualizados<sup>333</sup>.

### 3.2.2 Quadro geral

Conforme sinalizado acima foram estabelecidos cinco grupos de datação: a) 1961; b) 1975-77; c) 1981; d) 1982-92; e) sem data. A partir destes grupos foi possível historiar o

<sup>323</sup> 42.02.100 (MAF 0643 e MAF 0657), 42.06.020 (MAF 0654, MAF 0658, MAF 0659, MAF 0660 e MAF 0661), 42.06.021.06 (MAF 0652), 42.06.020 (MAF0483), 42.06.021.08 (0651), 42.06.021.09 (MAF 0529), 42.06.021.11 (MAF 0653) e 42.06.030 (MAF 0662).

<sup>324</sup> Não há informações registradas na documentação do museu sobre o referido senhor. Entretanto, consta nos registros da Faculdade de Medicina um médico dermatologista homônimo que dirigiu a faculdade no período de 1980 a 1984, anos iniciais das atividades do Museu Afro-Brasileiro no prédio da antiga Faculdade de Medicina. Cf. GAZETA MEDICA DA BAHIA. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia / UFBA, Ano 140, Vol. 76, Sup. 02, 2006.

<sup>325</sup> 42.08.030 (MAF 0329).

<sup>326</sup> GUIMARÃES, Newton Alves. **Atestado de Doação**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.

<sup>327</sup> Memento Mirinha (1924 - 1989) foi a fundadora do Terreiro São Jorge Filho da Goméia (Terreiro do Portão) localizado em Lauro de Freitas, Bahia.

<sup>328</sup> 43.02 (MAF 0674.05), 43.02.010 (MAF 0674.04), 43.06 (MAF 0674.01) e 42.08.020 (MAF 0674.02 e MAF 0674.03)

<sup>329</sup> Não foi possível recuperar informações sobre a referida senhora.

<sup>330</sup> 43.02 (MAF 0675.03), 43.02.010 (MAF 0675.04), 43.06 (MAF 0675.01), 43.06.010 (MAF 0675.02)

<sup>331</sup> 43.02.020 (MAF 0740.01 e MAF 0740.02), 42.08.020 (MAF 0740.03, MAF 0740.04, MAF 0740.05, MAF 0740.06, MAF 0740.07, MAF 0740.08, MAF 0740.09 e MAF 0740.10) e 42.08.070 (MAF 0740.11).

<sup>332</sup> 43.05.011 (MAF 0783.02) e 43.06.030 (MAF 0783.01)

<sup>333</sup> 43.01 (MAF 0677 e MAF 0678), 43.02.010 (MAF 0676), 43.02.020 (MAF 0679) 43.07 (MAF 0680), 42.12.013 (MAF 0542)

fluxo de entrada dos artefatos, identificar os doadores e as compras realizadas pelo CEAO para a formação da coleção e sinalizar a rede de relações existentes entre os colaboradores do museu, artistas, intelectuais e povo-de-santo. Em termos quantitativos se estabelece o seguinte quadro geral de entrada dos artefatos da Coleção de Cultura Material Religioso Afro-Brasileira.

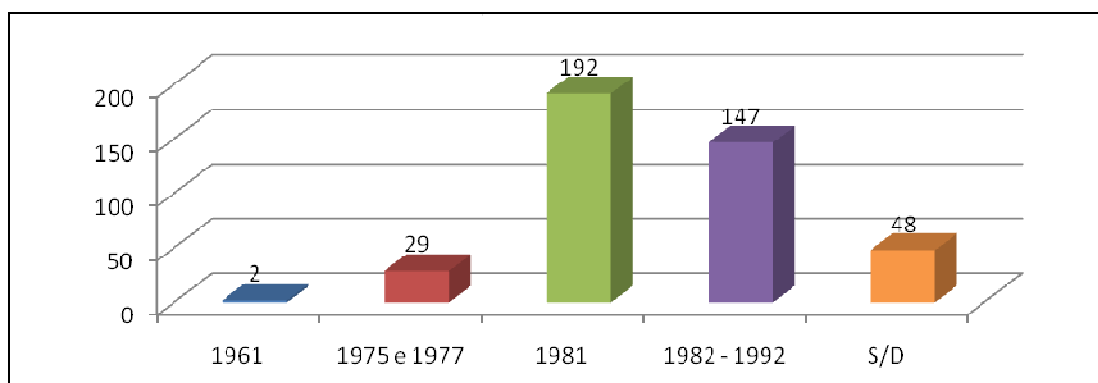


Gráfico 7 – Quantitativo de artefatos da coleção por Grupos de Entrada  
Fonte: Elaboração própria

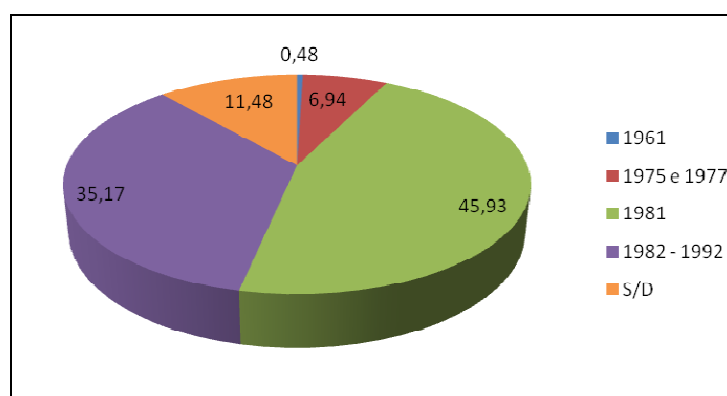


Gráfico 8 – Percentagem de artefatos da coleção por Grupos de Entrada  
Fonte: Elaboração própria

Os artefatos enquadrados no grupo “sem data” são aqueles que não foram encontrados registros que possam afirmar o ano de sua entrada no museu. Compõem este grupo quarenta e sete artefatos, entre insígnias, instrumentos sonoros, acessórios e peças de vestuário<sup>334</sup>.

<sup>334</sup> 11.01.010 (MAF 0717), 11.01.020 (MAF 0716), 11.02.010 (MAF 0721), 11.02.040 (MAF 0725 e MAF 0726), 11.02.050 (MAF 0737), 11.03 (MAF 0413), 11.06.010 (MAF 0735), 11.07 (MAF 0713), 11.07 (MAF 0719), 11.08 (MAF 0712), 16.01 (MAF 0736), 16.02.010 (MAF 0689 e MAF 0695), 16.02.020 (MAF 0722), 16.02.030 (MAF 0715), 16.02.040 (MAF 0720), 16.03 (MAF 0696), 21.01.021 (MAF 0714), 42.02.103 (MAF 0668), 42.04.022 (MAF 0727), 42.06.021.01 (MAF 0742), 42.06.021.02 (MAF 0120), 42.06.021.03 (MAF 0554), 42.06.021.03 (MAF 0744), 42.06.021.04 (MAF 0762), 42.06.021.05 (MAF 0670), 42.06.021.07 (MAF 0213), 42.06.021.08 (MAF 0555), 42.06.021.09 (MAF 0741), 42.06.023.04 (MAF 0121), 42.06.030 (MAF

Levanta-se a hipótese de que estes artefatos possam fazer parte dos trajes doados. Porém, não há documentação que sustente a afirmação desta hipótese. Somente constata-se que alguns dos trajes doados e dos artefatos “sem data” e sem procedência são consagrados as mesmas entidades espirituais ou deidades. Existe também a hipótese destes artefatos “sem data” terem feito parte dum kit de empréstimo existente no museu antes de 1998. Segundo a museóloga Maria Emília Valente Neves, funcionário do MAFRO desde este ano, havia um kit para ser emprestado às escolas e instituições interessadas em expor, em exposições temporárias, elementos de cultura material religiosa afro-brasileira. Estes artefatos não possuíam número de tomo, código de registro e ficha catalográficas. Eram considerados com não componentes do acervo. Entretanto, também não existem registros que identifiquem estes artefatos e se eles realmente permaneceram no museu.

É possível identificar que aproximadamente metade do acervo desta Coleção teve entrada no ano de estruturação do Museu Afro-Brasileiro, antes de sua abertura, em 1982. Identifica-se também que durante os primeiros dez anos de existência do museu houve continuidade do processo de formação da coleção, mantendo relações intensas com a comunidade artística — continuando as exposições de 1981 e 82 — e religiosa afro-brasileira, legitimando-se como espaço privilegiado para a preservação e valorização da história e culturas de matrizes africanas no Brasil.

---

0743), 42.08.020 (MAF 0633.02, MAF 0806.01, MAF 0806.02, MAF 0806.03, MAF 0806.04 e MAF 0808.02), 42.08.040 (MAF 0781), 42.08.050 (MAF 0682), 43.01 (MAF 0784), 43.02 (MAF 0633.01), 43.02 (MAF 0808.01), 43.02.010 (MAF 0667), 43.03 (MAF 0807), 43.06 (MAF 0666) e 43.06 (MAF 0718 e MAF 0782).

## 4 A COLEÇÃO DE CULTURA MATERIAL RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA: ESTUDOS E DETALHAMENTOS

Os dois capítulos anteriores tiveram a função apresentar e historiar a criação do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e a formação de sua Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira. O objetivo do presente capítulo é aprofundar o estudo desta coleção com base nas informações apresentadas nos capítulos anteriores.

### 4.1 Perfil Geral

O quadro classificatório montado no primeiro capítulo teve a finalidade de criar uma estrutura conceitual para melhor entender a coleção, gerar unidades com valor preditivo e heurístico, estabelecer conjuntos definitórios para os artefatos, organizar virtualmente a coleção e apresentá-la.

Foram adotadas quatro macro-classes — *insígnia*, *instrumento sonoro*, *utensílio* e *vestuário* — cada qual se desdobrando em classes e subclasses, num fluxo dedutivo, fechando definições mais específicas a cada nível e expondo pontos de generalidade e especificidade da coleção e dos artefatos.

O processo de criação das definições das macro-classes, classes e subclasses baseou-se nas características de forma e/ou função primária do artefato. A intenção foi traçar o perfil do artefato a partir de sua configuração básica, primeva, dentro do universo da cultura material afro-brasileira.

Em termos quantitativos, o quadro construído demonstra que dos quatrocentos e quarenta e cinco artefatos da coleção — incluindo os vinte e quatro trajes compostos por artefatos com entrada individualizada — noventa e seis pertencem à macro-classe *insígnia*, doze à macro-classe *instrumento sonoro*, dezesseis à macro-classe *utensílio* e trezentos e vinte e um à macro-classe *vestuário*.

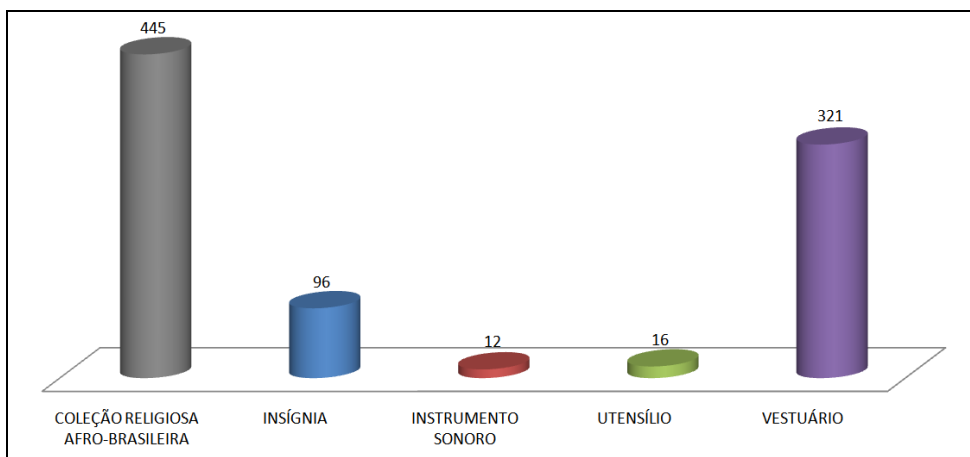


Gráfico 9 - Quantitativo de artefatos na Coleção de Cultura Material Afro-Brasileira e Macro-Classes  
Fonte: Elaboração própria

A coleção tem expressivo número de artefatos de Vestuário, seguido da macro-classe Insígnia e número mínimo de artefatos nas macro-classes Instrumento Sonoro e Utensílio, sendo quase exclusivamente um artefato por classe.

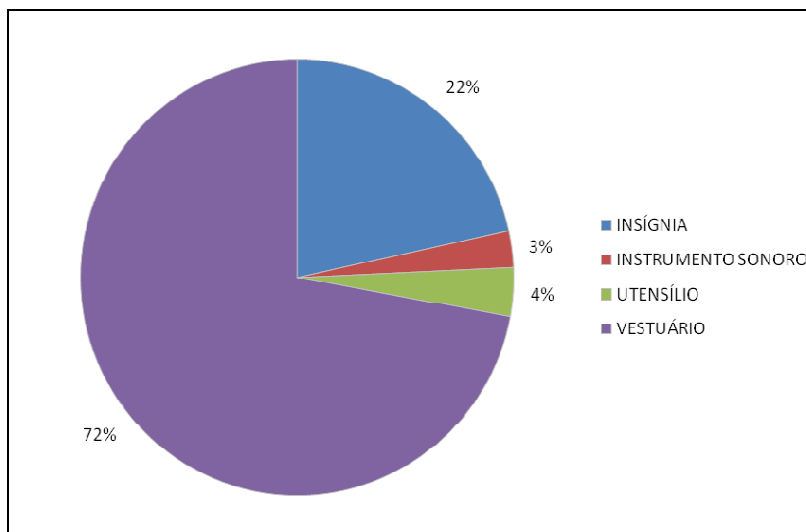


Gráfico 10 - Percentagem de artefatos por Macro-Classes  
Fonte: Elaboração própria

Este perfil reflete diretamente o perfil de entrada dos artefatos. Como pode ser observado no segundo capítulo, número significativo de artefatos foi comprado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais, em 1981, e diversas doações foram feitas no período de 1981 a 1992. Dos artefatos comprados boa parte é composta por insígnias. Dos artefatos doados a maioria é de trajes, acessórios e peças de vestuário. Ou seja, houve interesses e entendimento

distintos no que tange as estratégias de preservação da memória através da musealização de artefatos. No ato da compra, para compor a coleção visando à abertura do museu, focou-se na aquisição de insígnias como elementos representativos das religiões afro-brasileiras e seu universo mítico-simbólico. Nas doações realizadas, principalmente por terreiros e adeptos do candomblé, o foco recaiu em artefatos com alto potencial mnemônico, ligados às personalidades portadoras e à comunidade religiosa, tonificadores de status, poder e relevância histórica.

Também se pode considerar, no que tange a compra de insígnias, em especial as ferramentas, que por se tratarem de objetos de consagração ritual coletiva, sua doação por parte dos terreiros se tornaria inviável, ferindo dogmas religiosos correntes no candomblé quanto a preservação e retroalimentação das energias mantenedoras da estrutura espiritual.

A Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira formou-se durante a segunda metade do século XX, concomitante à formação do Museu Afro-Brasileiro e o desenvolvimento de suas atividades. Porém, se existe precisão, com base nas fontes pesquisadas, no estabelecimento da datação de entrada dos artefatos no museu, o mesmo não pode ser dito quanto a datação da confecção dos artefatos. Apesar da documentação existente nos arquivos do museu, indicar indícios da proximidade da produção com a doação, não há registros precisos para este fim.

Parte da coleção — insígnias (atributos sagrados e imaginárias), acessórios (braceletes, colares e adés) e peças de vestuário — comprada pelo CEAO no Mercado Modelo foram artefatos confeccionados para fins comerciais; provavelmente não tinham sido produzidos com muita antecedência do ato da compra. Normalmente artefatos para venda em lojas especializadas em objetos do universo religioso afro-brasileiro são adquiridos pelos lojistas em quantidade e produzidos em série pelos artesãos com o objetivo de ampliar a oferta e garantir lucratividade. São peças de venda com nível relativamente alto de saída comercial, por se tratar de objetos de uso corrente nas comunidades religiosas do candomblé e umbanda, principalmente por abians e iaôs — iniciados novos — que necessitam compor a indumentária de seu orixá, vodun ou inquice. Dificilmente os artefatos comprados pelo CEAO foram confeccionados antes dos anos 70.

Quanto às doações é difícil afirmar a data de confecção dos artefatos. Muitas foram de objetos de uso pessoal de sacerdotes e sacerdotizas, mas nos registros de entrada não constam detalhes do período de uso. Somente algumas doações possuem informações que podem auxiliar a determinação da datação de confecção.



Os únicos artefatos que a documentação indica terem sido confeccionados no século XIX são as imaginárias doadas pelo artista plástico Osmundo de Oliveira<sup>335</sup> e o xerê de Xangô doado pelo Pai Antonio Celestino<sup>336</sup>.

Desta forma, é possível afirmar que o perfil geral da coleção, no que tange a datação de entrada e origem, é uma coleção de cultura material religiosa afro-brasileira da segunda metade do século XX. Tal constatação permite balizar o contexto histórico de confecção dos artefatos e compreender a utilização de materiais e técnicas adotadas. Entretanto, para melhor analisar a coleção e entender a relação exposta acima, fez-se necessário estabelecer grupos de análise.

Para o estabelecimento dos grupos de análise utilizou-se experiências anteriores de estudos de artefatos e coleções de cultura material religiosa afro-brasileira, citadas no primeiro capítulo, e no trato com a coleção estudada, na medida em que emergiam as classes utilizadas e as informações históricas referentes à formação do acervo.

Foram eleitos os seguintes grupos de análise: espacialidade de origem e universo religioso, material e técnica. Os dois primeiros grupos têm o papel de auxiliar na delimitação do universo espacial e sócio-religioso da coleção, possibilitando a identificação de especificidades e estabelecer relações com as informações históricas apresentadas no segundo capítulo. Os dois últimos trazem o perfil de confecção dos artefatos da coleção, identificando os procedimentos e elementos adotados, estabelecendo relação com as classes e artefatos apresentados no primeiro capítulo.

Também são apontados, na medida do possível, dentro dos grupos de análise, os padrões de representação material das entidades espirituais, divindades e símbolos míticos ligados ao sistema religioso contemplado pela coleção, bem como, são comentadas as possibilidades de utilização dos artefatos. A cada item dos grupos de análise apresentados são indicados os artefatos correspondentes e exibidas imagens como exemplificação.

---

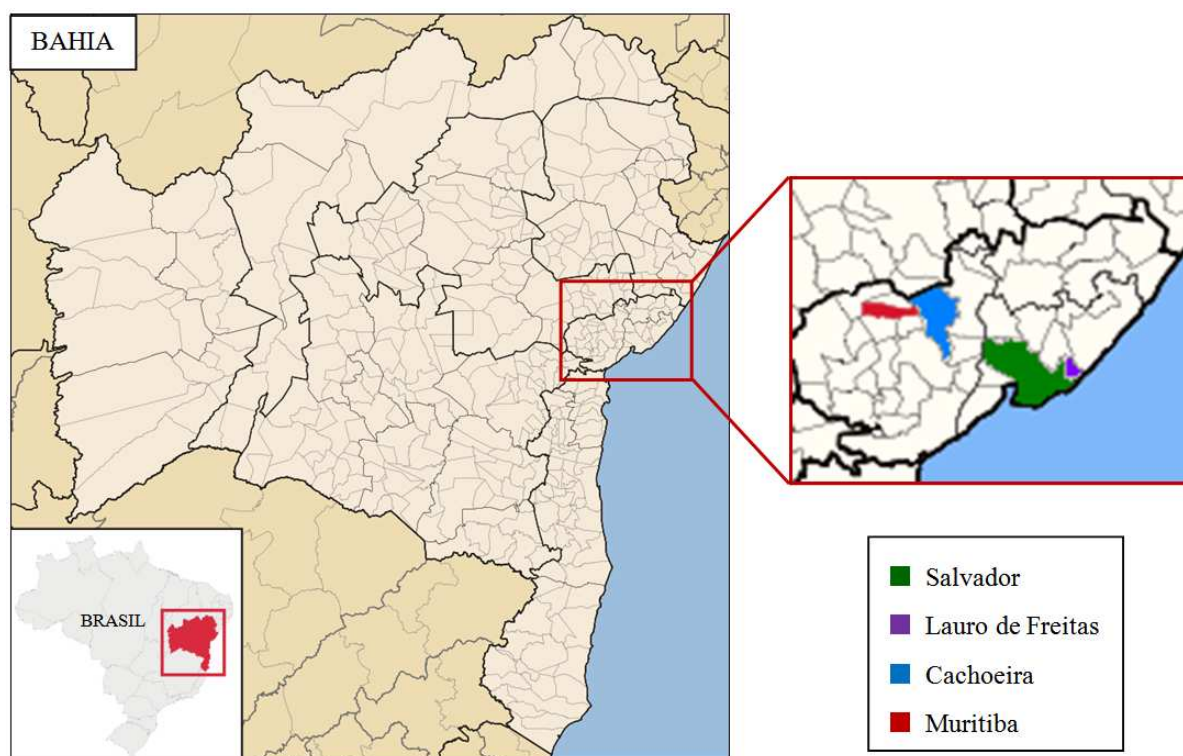
<sup>335</sup> 17 (MAF 0634.01), 17 (MAF 0634.02), 17.02.010 (MAF 0203) e 17.03 (MAF 0476)

<sup>336</sup> 21.01.024.01 (MAF 0386).

## 4.2 Espacialidade de origem e universo religioso

Os artefatos que compõem o acervo da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira e mantêm registros de origem, são todos procedentes do Estado da Bahia. O que leva a restringir a coleção ao universo afro-baiano.

Além da identificação do Estado foi possível determinar o município de origem de boa parte da coleção. Desta forma, foi possível identificar quatro cidades: Salvador, Lauro de Freitas, Cachoeira e Muritiba.<sup>337</sup> As duas primeiras pertencem ao Território de Identidade<sup>337</sup> da Região Metropolitana de Salvador e as duas últimas ao Território de Identidade do Recôncavo.



Mapa 2 – Mapa da Bahia com divisão territorial das Macro-Regiões Econômicas e Municipais.  
(Destaque para os município relacionados com a origem dos artefatos da coleção)

Fonte: Elaboração própria<sup>338</sup>

<sup>337</sup> Categoria utilizada pela SEI baseada no conceito de território como expressão de um complexo e dinâmico conjunto de relações socioeconômicas, culturais e políticas, historicamente desenvolvidas e contextualmente espacializadas, incluindo a perspectiva ambiental. SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia — autarquia do Governo do Estado da Bahia ligada a Secretaria do Planejamento responsável pela coleta, sistematização e análise de dados sócio-econômicos. Cf. EVANGELISTA, Antonia dos Reis Salustiano. et alli. **Territórios de Identidade no Brasil: uma análise teórica e metodológica no Estado da Bahia.** Disponível em: <[http://egal2009.easyplanners.info/area02/2063\\_Evangelista\\_Antonia\\_dos\\_Reis\\_Salustiano.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2063_Evangelista_Antonia_dos_Reis_Salustiano.pdf)>. Acesso em 23 mar. 2010.

<sup>338</sup> Mapa elaborado a partir de lamina cartográfica disponível no site da SEI. <http://www.sei.ba.gov.br/>

Somente 3% das doações tiveram origem no município de Muritiba, 6% no município de Cachoeira e 6% no município de Lauro de Freitas. Os 85% restantes tiveram origem no município de Salvador. Sem contar com as compras de artefatos também oriundas de Salvador.

É possível também utilizar como referência a divisão territorial por Regiões Econômicas<sup>339</sup>, que enquadraria os quatro municípios identificados em Recôncavo Norte (Salvador e Lauro de Freitas) e Recôncavo Sul (Cachoeira e Muritiba). Tomando isto como base seria mais acertado denominar a coleção de **cultura material religiosa de matriz africana do Recôncavo**, denominação que forneceria melhor precisão quanto o contexto espacial e cultural que a coleção reflete.

Quanto ao universo religioso de matriz africana é possível afirmar que se trata de uma coleção de **cultura material do candomblé**<sup>340</sup>. Não há coleção, artefatos de outras tradições religiosas de matriz africana.

Partindo de uma visão generalista poderia ser afirmado que grande número dos artefatos da coleção, pertenceria, do ponto de vista formal, a outras tradições religiosas e outros espaços, no Estado da Bahia e mesmo no território nacional. Porém, o fato de existir identificação das pessoas e instituições responsáveis pela formação da coleção, torna a proposta de generalização mais difícil de ser sustentada. A não ser que se priorize uma abordagem dos artefatos como amostragem de um universo religioso mais complexo e amplo.

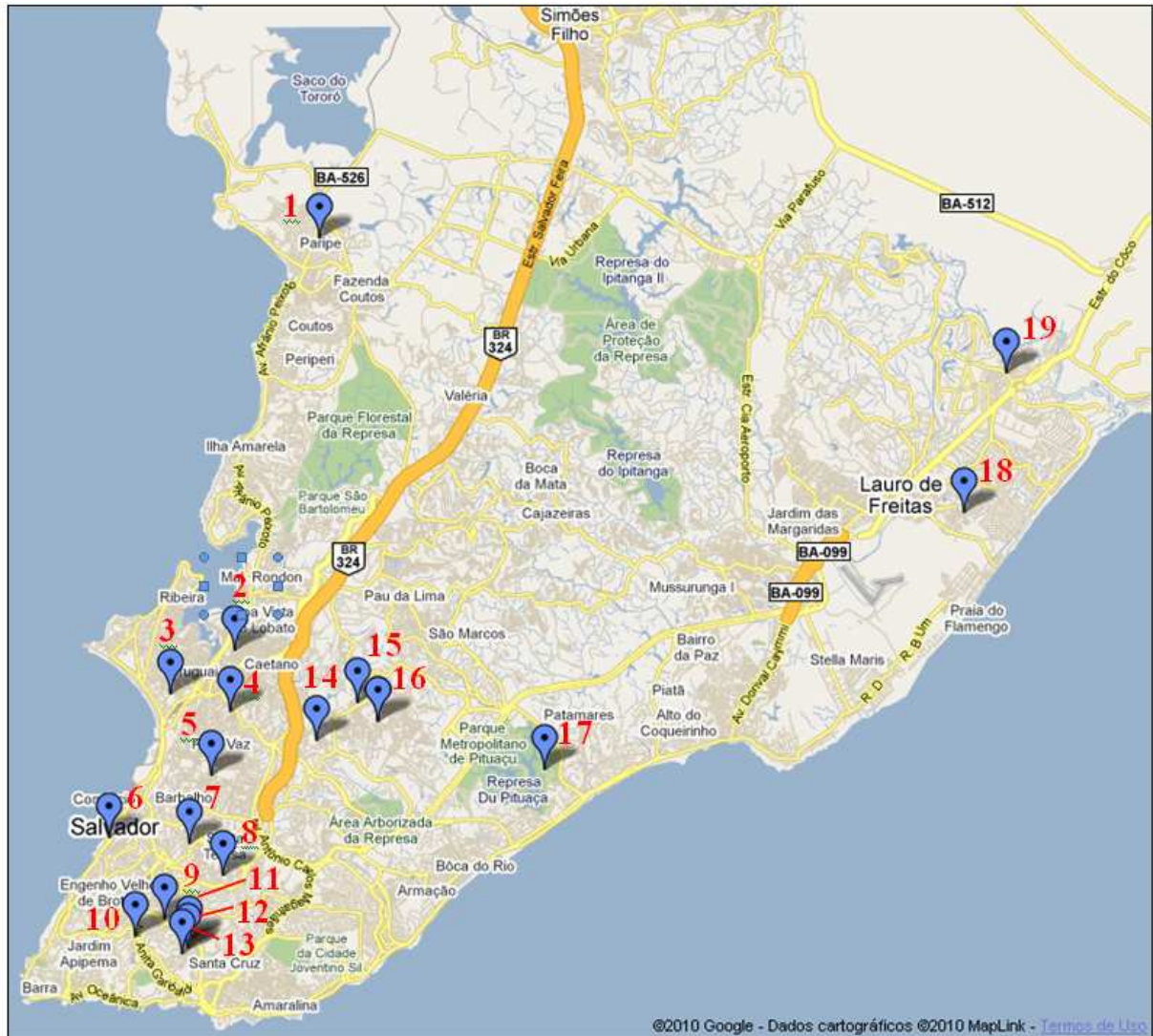
No caso das doações feitas pelos terreiros, também foi possível identificar a localização, através dos endereços, por bairro, nos municípios de Salvador e Lauro de Freitas. Sabe-se que os artefatos identificados não englobam todas as doações, porém é relevante a identificação como amostragem e geração de um perfil de espacialidade de origem da coleção.

No mapa e quadro abaixo é possível verificar a concentração dos terreiros mais antigos nas áreas mais centrais da cidade de Salvador e, o progressivo afastamento do centro com o passar dos anos e com o aumento da urbanização. Tal fato reflete a dinâmica de ocupação dos espaços urbanos pelos terreiros ao longo do final do século XIX e início do século XX.

---

<sup>339</sup> Regiões Econômicas estabelecidas pela SEI.

<sup>340</sup> Entende-se candomblé como uma religião brasileira de matriz africana, que tem como centro ritual o culto às forças da natureza personificadas em ancestrais divinizados. Utilizando o termo *candomblé* como elemento delimitador, pode-se afirmar que há maior ocorrência, da religião assim denominada, é no nordeste brasileiro, principalmente no Estado da Bahia. Há variação ritual dependendo da tradição e identidade étnica de origem africana a qual está vinculado. Para aprofundamento dos aspectos históricos, antropológicos e sociológicos e sua formação, ritualística, cosmogonia e cosmologia, Cf. : BASTIDE (1968, 1971 e 2001), CAPONE (2004), CARNEIRO (1991 e 2002), DANTAS (1988), LIMA (2003), PARÉS (2006), RAMOS (1934 e 1979), RODRIGUES (1977 e 2005), SANTOS (1995), SILVEIRA (2003 e 2006) e VERGER [1997 (a e b), 2000 e 2002].



Mapa 3 – Mapa de Salvador e Lauro de Freitas com identificação dos locais de origem dos artefatos.  
(Identificação dos números na tabela a seguir)

Fonte: Elaboração própria<sup>341</sup>

<sup>341</sup> Mapa elaborado a partir de ferramenta disponível no Google Maps – <http://maps.google.com.br/>. Foi acrescentada, no mapa, a localização do Mercado Modelo com o intuito de incorporá-lo ao perfil geral de espacialidade de origem. Apesar de existir informações que identificam a localização dos terreiros em Muritiba e Cachoeira, estes não foram incluídos no mapa por inexistir precisão da ferramenta utilizada para as áreas destes municípios. As informações sobre a nação / tradição do terreiro, ano de fundação e endereço, para elaboração do mapa e quadro, foram adquiridas junto à documentação do museu, referentes à doação e aos artefatos; no **Mapeamentos do Terreiros de Salvador**, publicação feita, em 2008, em parceria entre o Centro de Estudos Afro-Orientais e as Secretarias Municipais de Salvador da Reparação e Habitação, e em estudos sobre a história dos terreiros e nações: PARÊS, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006; LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais**. 2.ed. Salvador: Currupio, 2003e SILVEIRA, Renato da. **Sobre a fundação do Terreiro do Alaketo**. Salvador: Revista Afro-Ásia, n. 29-30, 2003.

	LOCAL	CIDADE	BAIRRO
1	Ilê Axé Ogum Alakaye	Salvador	Paripe
2	Ilê Orilê Edá Epan Jú	Salvador	Alto do Peru
3	Terreiro Omin Dé	Salvador	Mares
4	Ilê Axé Jitolu	Salvador	Liberdade
5	Terreiro de Manezinho de Oxossi	Salvador	Caixa D'Água
6	Mercado Modelo	Salvador	Comércio
7	Ilê Maroiá Lájié Alaketu	Salvador	Matatu de Brotas
8	Unzo Awziidi Juçara	Salvador	Cosme de Farias
9	Unzo Tumba Juçara	Salvador	Vasco da Gama
10	Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê (Terreiro do Gantois)	Salvador	Federação
11	Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Terreiro da Casa Branca)	Salvador	Vasco da Gama
12	Zogodo Bogum Male Rondó	Salvador	Engenho Velho da Federação
13	Unzo Tanuri Juçara	Salvador	Engenho Velho da Federação
14	Ilê Axé Opô Afonjá	Salvador	São Gonçalo do Retiro
15	Terreiro Viva Deus	Salvador	Cabula
16	Terreiro Tumbensi	Salvador	Tancredo Neves
17	Terreiro Tira Teima	Salvador	Pituaçu
18	Ilê Axé Opô Aganjú	Lauro de Freitas	Alto da Vila Praiana
19	Terreiro São Jorge Filho da Goméia	Lauro de Freitas	Portão
20	Axé Ibece Alaketu Ogum Medjédjé	Muritiba	Portão
21	Hunkpame Ayíonó Hüntóloji,	Cachoeira	Alto da Levada

Quadro 1 – Identificação dos locais de origem dos artefatos da coleção  
Fonte: Elaboração própria

Também pode ser observado que a maioria dos terreiros doadores foi fundada antes de 1950. Essas casas são as mais antigas da cidade e matrizes de linhagens tradicionais do candomblé soteropolitano.

Quanto ao pertencimento à nação / tradição os terreiros doadores se dividem em onze identificados com a nação Keto, seis com a Angola e três com a Jeje. O conceito de nação é aqui entendido com denominação de identidade religiosa e institucional, ligada à noção de origem étnica e geográfica africana, utilizadas pelas casas de candomblé.

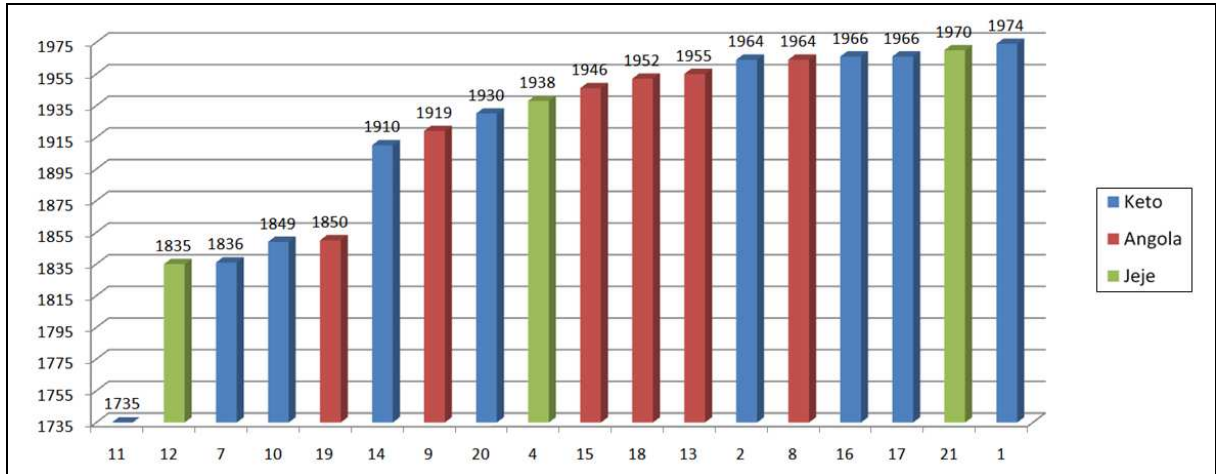


Gráfico 11 – Terreiros Doadores: ano de fundação e nascimento<sup>342</sup>  
 Fonte: Elaboração Própria

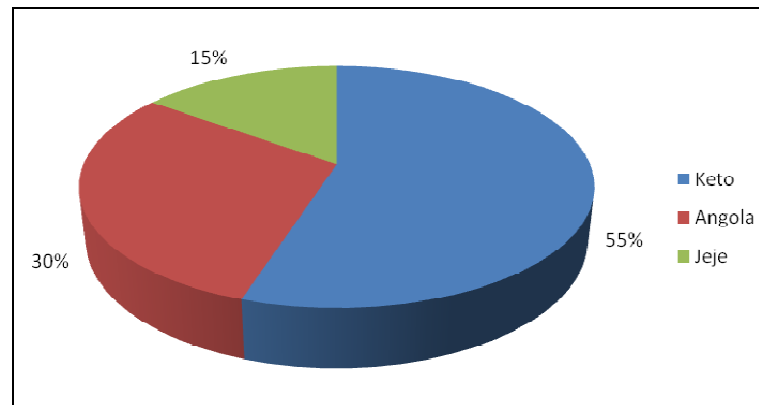


Gráfico 12 – Percentagem dos Terreiros Doadores por nação  
 Fonte: Elaboração Própria

A nação Keto remete-se ao conjunto identitário do povo iorubá, mais especificamente ao Reino de Keto e sua região de influência. Dirige seus cultos a ancestrais divinizados, denominados genericamente de orixás. Os principais orixás são: Exu, Ogum, Oxossi, Ossain, Omolu, Obaluaiê, Oxumaré, Logun Edé, Oxum, Xangô, Iansã, Obá, Ewa, Ibejis, Iroco, Nanã, Yemanjá, Orunmila, Oxaguiã e Oxalufã.

A nação Angola remete-se ao conjunto identitário dos povos pertencentes ao macro-grupo étnico-lingüístico dos bantos, com referência especial aos kibundos, ovibundos, bakongos e balubas. Dirigem seus cultos a ancestrais divinizados, denominados genericamente de inquices. Os principais inquices são: Aluvaiá, Nkosi, Ngunzu, Kabila,

<sup>342</sup> Os números do eixo horizontal do gráfico são correspondentes aos números dos terreiros do Quadro 1.

Mutalambô, Gongobira, Mutakalambô, Katendê, Nzazi, Kaviungo, Nsumbu, Angorô, Nkisi Tempo, Kaiango, Matamba, Kisimbi, Ndanda Lunda, Kaitumba, Nzumbarandá, Nvunji e Lemba.

A nação Jeje remete-se ao conjunto identitário dos povos da área gbe-falantes (gen, uatchi, adja, fon, hueda, hula, aïzo, gun, ouemenu, mahi, entre outros), principalmente os grupos étnicos pertencentes ao antigo Reino do Daomé. Dirigem seus cultos a ancestrais divinizados, denominados genericamente de voduns. Os principais voduns são: Bessen, Dan, Sogbo, Hevioso, Azonsu, Sakpatá, Possun, Tobossi, Nanã Buruku, Legba, Gu, Agué, Agbê, Aizan, Agassu, Loko, Fa, Mawu e Lissá.

É relevante destacar que os terreiros doadores, além de serem casas religiosas de prestígio entre o povo-de-santo, também mantinham entre si relações de parentesco religioso, de cooperação mútua e de diplomacia.

A partir dos diagramas a seguir se observa a relação existente entre os terreiros doadores<sup>343</sup>. Vê-se que em muitos dos terreiros doadores pertencentes a mesma nação há vínculos fortes de parentesco religioso. Isso pode indicar o funcionamento de uma rede preexistente, que contribuiu de forma espontânea ou intencional para o processo de formação de um espaço de preservação de memória, advinda com a criação do Museu Afro-Brasileiro.

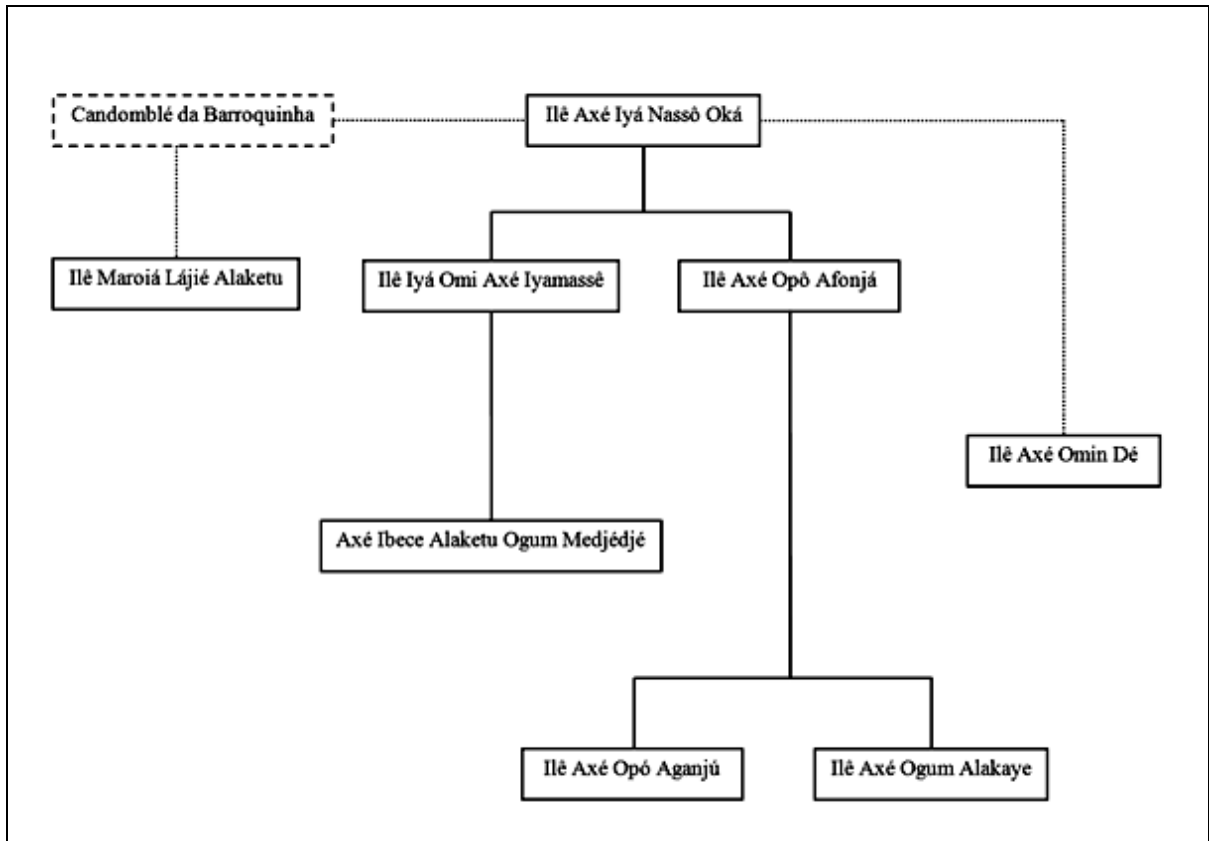
É possível observar, a partir dos artefatos doados, que os terreiros e suas lideranças procuraram explorar os mecanismos fomentadores e mantenedores da memória coletiva e legitimadores dos discursos de origem, status, poder e representatividade no cenário político-religioso do candomblé, através da inclusão de objetos na coleção do museu.

Dos onze terreiros da nação keto, oito mantém vínculos de linhagem, identidade ou diplomacia, tendo como centro das relações o Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Terreiro da Casa Branca). O Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê e o Ilê Axé Opô Afonjá são terreiros filhos da Casa Branca. O Axé Ibece Alaketu Ogum Medjédjé é terreiro filho do Gantois e conseqüentemente neto da Casa Branca. O Ilê Axé Opô Aganjú e o Ilê Axé Ogum Alakaye são filhos do Opô Afonjá e também netos da Casa Branca. O Ilê Maroiá Lájié Alaketu, conhecido como Terreiro do Alaketo, mantém vínculos históricos com a Casa Branca, por se formarem a partir da rede

---

<sup>343</sup> Informações sobre fundação, lideranças, doadores, consultar o segundo capítulo.

de relações ligada ao Candomblé da Barroquinha<sup>344</sup>. O Ilê Axé Omin Dé, até onde foi possível verificar, não pertence a mesma linhagem, somente mantém relações de cooperação religiosa.



Esquema 2 – Vínculos existentes entre os terreiros doadores da nação keto.

Fonte: Elaboração própria<sup>345</sup>

Já o Ilê Orilê Edá Epan Jú pertence a outra linhagem, descende do Asepo Eran Opé Oluwá, o Terreiro Viva Deus, da nação keto, localizado na cidade de Cachoeira e fundado pelo lendário Zé do Vapor, José Domingos de Santana. Este Babalorixá iniciou o Sr. Feliciano Alves dos Santos que fundou o Terreiro Viva Deus em Salvador. Contudo, a Senhora Francelina Evangelista dos Santos, conhecida como Dona Miúda, que dirigiu o

<sup>344</sup> Cf. SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Edições Maianga, 2006 e SILVEIRA, Op. Cit. , 2003.

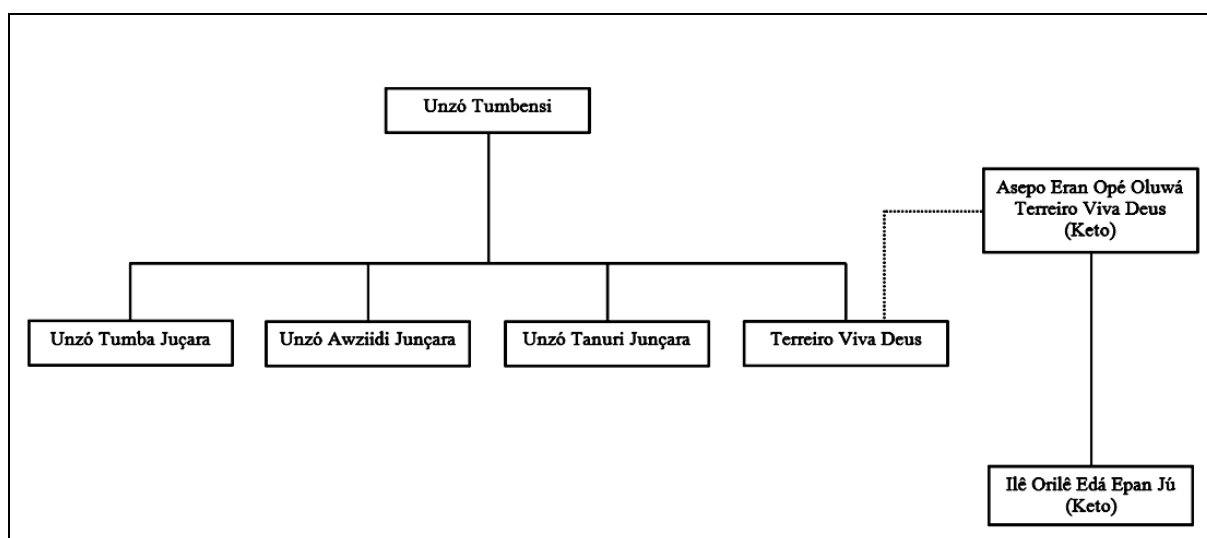
<sup>345</sup> As linhas contínuas representam vínculos de parentesco religioso. As linhas pontilhadas representam relações de identidade e diplomáticas. Os retângulos com tracejados são de terreiros que não doaram artefatos ao museu mas são relevantes para a compreensão da rede exposta. Cf. PARÈS, Op. Cit. , 2006; SILVEIRA, Op. Cit., 2003. e OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Feitiço de Oxum**: um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros. Salvador: PPGCS / UFBA, 2005, p. 356. [Tese de doutorado em Ciências Sociais].



terreiro junto com o Sr. Feliciano, era iniciada na nação Angola por Dona Maria Neném do Unzó Tumbensi e implantou o rito desta nação no terreiro nos fins da década de 1940<sup>346</sup>.

O Terreiro de Manezinho de Oxossi e o Terreiro Tira Teima parecem não fazer parte destas redes de relações. Não foi encontrado referência a estas casas no material consultado que auxiliasse a remontagem do grupo de relações.

No grupo dos terreiros da nação angola todos descendem do Terreiro Tumbensi, com exceção do Terreiro São Jorge Filho da Goméia que descende do Terreiro do Babalorixá João Alves de Torres Filho, mais conhecido como Joãozinho da Goméia.



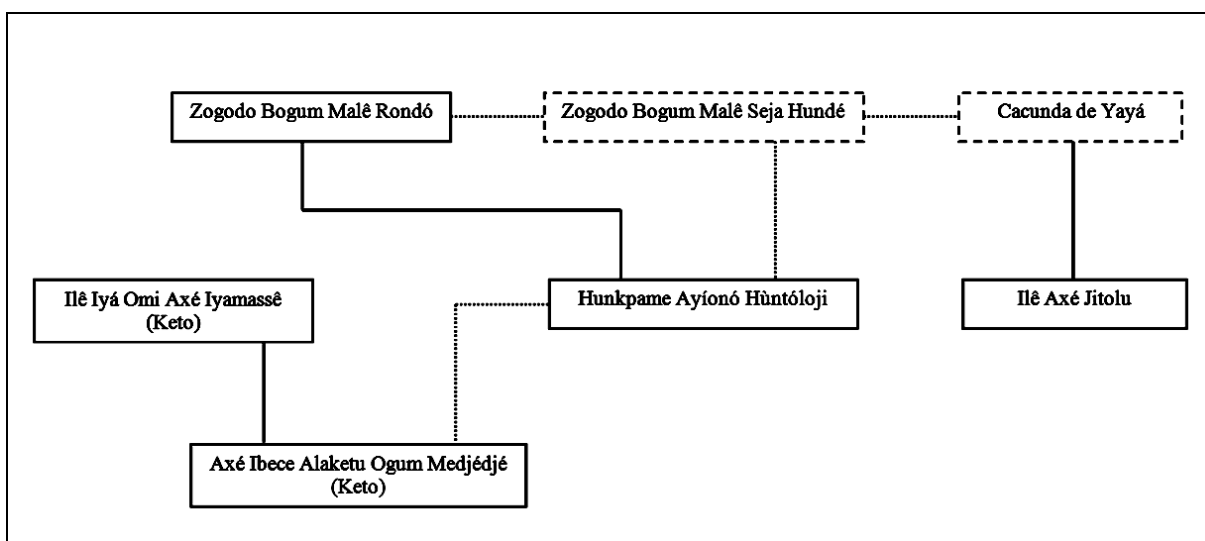
Esquema 3 – Vínculos existentes entre os terreiros doadores da nação angola.  
Fonte: Elaboração própria

No grupo de terreiros doadores da nação jeje todos pertencem a uma mesma rede de relações que tem o Zogodo Bogum Malê Seja Hundé, localizado na cidade de Cachoeira, e o Zogodo Bogum Malê Rondó, conhecido como Terreiro do Bogum, localizado em Salvador, como centro. Estes dois terreiros mantiveram profundas relações históricas e de reciprocidade até a década de 1950, quando iniciaram conflitos políticos entre adeptos, devido a questões sucessórias e rituais<sup>347</sup>. O Cacunda de Yayá, casa onde foi iniciada Mãe Hilda do Ilê Axé Jitolu, também mantinha relações com esses terreiros, principalmente com o Seja Hundé. O

<sup>346</sup> Cf ADOLFO, Sérgio Paulo. **As Famílias de Santo no Candomblé de Congo-Angola**. Publicado no site <http://mbanzakongo.blogspot.com/2010/03/as-familias-de-santo-no-candomble-de.html> em 11 de março de 2010 e SILVA, Raimundo Nonato da. **Toma Kwíiza Kya Kizoonga Bantu! Nzaambi Kakala Yeto!** Publicado no site <http://www.inzotumbansi.org/> em fevereiro de 2010.

<sup>347</sup> PARÈS, Op. Cit. , 2006, p. 233-36.

Hunkpame Ayíonó Hùntóloji, de Luiza Franquelina da Rocha, conhecida como Gaiaku Luiza, também mantinha relações de parentesco e ritual com o Bogum e o Seja Hundé. Segundo o Prof. Nicolau Pares<sup>348</sup>, Gaiaku Luiza “foi criada no Seja Hundé e trazida ao Bogum”<sup>349</sup>, passando a integrar um grupo em recolhimento para a iniciação. Porém, antes de ser iniciada no jeje, Luiza Franquelina tinha sido iniciada no keto, em 1937, pelo Babalorixá Nezinho de Murutiba do Axé Ibece Alaketu Ogum Medjédjé (filho do Gantois), também estabelecendo vínculos com essa tradição.



Esquema 4 – Vínculos existentes entre os terreiros doadores da nação jeje.  
Fonte: Elaboração própria

Identifica-se que as redes construídas nos círculos de cada nação mantém relações entre si, fomentando o estabelecimento de uma rede mais ampla, que pode receber a denominação genérica de “povo-de-santo”, apegando-se a vínculos de ancestralidade e de religiosidade mais amplos, identificados com a filiação africana comum.

Outro fator relevante, que se faz necessário destacar, é a proximidade geográfica de alguns terreiros doadores. Sabe-se que a proximidade geográfica pode ser fator de disputas e conflitos, mas também pode estimular cooperações nos momentos de crise e conflitos

<sup>348</sup> Graduado em Filologia Inglesa pela Universitat de Barcelona, mestre em Communication Arts pela New York Institute of Technology e PhD pela School of Oriental and African Studies, University of London. Desde 2004 é Professor Adjunto no Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. É professor dos programas de pós-graduação em Antropologia, História e Estudos Étnicos e Africanos da UFBA. Desenvolve estudos na área da história e antropologia das populações afro-brasileiras e da África ocidental, atua principalmente nos seguintes temas: religiões africanas e afro-brasileiras, etnicidades africanas no Brasil e antropologia visual. Foi editor da revista Afro-Ásia entre 2005 e 2008. Informações disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/1081765950156079>. Acesso em 30 mai. 2010.

<sup>349</sup> PARÈS, Op. Cit., 2006, p. 231 e 264.

externos à comunidade, além de servir na manutenção de interesses comuns. Não se pode descartar, neste contexto, as relações interpessoais das lideranças e membros destes terreiros, como fator de aprofundamento ou distanciamento das relações. Contudo, pelas informações e quadros expostos é possível afirmar que a proximidade geográfica auxiliou o fortalecimento da rede e o seu funcionamento.

A Coleção de Cultura Material Afro-Brasileira, a partir dos artefatos doados, reflete, como amostragem, a dinâmica das redes inter-terreiros e inter-nações, existente no cenário do candomblé da região do Recôncavo.

Esse caráter de amostragem é reforçado quando se compara a percentagem das doações de artefatos por nação (gráfico 12), com a percentagem da identificação por nação dos terreiros pesquisados no **Mapeamento dos Terreiros de Salvador**, em 2008. A maior parte dos terreiros pesquisados se declaram pertencentes a nação Keto (57,8%), seguido dos terreiros pertencentes a nação Angola (24,2%) e da nação Jeje (2,1%). Os 15,9% restante declaram-se pertencentes a outras nações menos expressivas numericamente ou a terreiros que adotam ritual misto cruzando duas ou mais tradições<sup>350</sup>.

Destarte, com as informações sobre a origem espacial da coleção e sobre o universo religioso que representa, podem-se compreender melhor as especificidades apresentadas, principalmente as tipológicas e históricas, além de facilitar o entendimento do uso de materiais e técnicas utilizadas nos processos de confecção dos artefatos.

### 4.3 Materiais utilizados

Neste tópico faz-se uma análise da coleção a partir do material de confecção dos artefatos no universo religioso do candomblé.

A coleção apresenta artefatos confeccionados em materiais de diversas origens. Foram identificados quatro grupos de material por origem: animal, vegetal, mineral e elaborado. O último grupo de origem compreende os materiais que são compostos de elementos diversos,

---

<sup>350</sup> SANTOS, Jocélio Teles dos Santos (coord.). **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador: CEAO / UFBA, 2008, p. 21.

produzidos, ou não, pelo ser humano, servindo de base para a produção de artefatos. Dentro de cada grupo de origem foram destacados somente os materiais com ocorrência na coleção.

Vale considerar que pela especificidade da coleção as afirmações aqui postas não podem ser generalizadas ao universo do candomblé brasileiro ou baiano. Deve-se sempre atentar para o fato da análise ser empreendida em artefatos musealizados e pertencentes a uma micro-realidade espacial e sócio-religiosa. O olhar deve ser sempre localizado.

### **4.3.1 *Materiais de origem animal***

#### **4.3.1.1 Concha**

Invólucro rígido, espécie de esqueleto externo, formado de nácar (mistura orgânica composta por camadas protéicas e de carbonato de cálcio cristalizado) de certos animais, especialmente os moluscos. A camada interior da concha é revestida de madrepérola (substância iridescente, nacarada e lisa) auxiliando a proteção do animal<sup>351</sup>.

A Zoologia divide os moluscos de acordo com o tipo de concha construída pelo animal. Na coleção encontram-se somente os gastrópodes, maior classe de moluscos; inclui mais de 75% dos moluscos existentes no planeta. A concha desta classe é em forma de espiral. São os conhecidos caramujos, caracóis e búzios.



Concha de gastrópode pertencente à coleção – 31.03 (MAF 0523)

---

<sup>351</sup> Informações coletadas no site da Conquiliologistas do Brasil: <http://www.conchasbrasil.org.br/> . Acesso em 12 mai 2010.

A espécie com maior ocorrência na coleção é a *Cypraea moneta*, búzio conhecido sob a denominação de cauri, caurim ou *eyó*, em iorubá. O nome da espécie vem do seu uso como moeda em muitas áreas da África e Oriente. É largamente utilizada nas religiões afro-brasileiras, principalmente em artefatos consagrados aos orixás Nanã, Omulu, Oxumaré, Exu e Oxalufã; aos voduns Azunsun, Sapatá, Dan e Buruku, e aos inqueces Kaviungo, Nsumbu, Angorô e Ganzumba, entidades ligadas a terra, ao ciclo da vida, a saúde e doença, sabedoria e riqueza. Na coleção há ocorrência em três classes: Insígnia, Utensílio e Vestuário.



Detalhe de artefato composto por exemplares da *Cypraea moneta* – 11.09 (MAF 0433)

Entre as insígnias encontra-se aplacada em ibiris, xaxarás, imaginárias e cabaças<sup>352</sup>. Na classe dos utensílios é aplicado como recipiente, utilizando a própria concha como contentor de substâncias [vide imagens do gastrópode acima - 31.03 (MAF 0523)] ou afixado em quartinhas das entidades acima mencionadas<sup>353</sup>. Na classe vestuário foi encontrado nas mais diversas aplicações de acessórios (adé, brajá, contra-egun e dilogum) de peças (saia, filá e azé) para composição dos trajes, principalmente das entidades com vínculos simbólicos com esse material<sup>354</sup>.

Também foram encontradas na coleção, outras duas espécies de conchas gastrópodes com menor ocorrência: a *Cerithium eburneum Bruguière* (a) e a *Diplodonta cf. notata* (b).

<sup>352</sup> 11.03 (MAF 0413 e MAF 0656), 11.09 (MAF 0433), 17.04.010 (MAF 0229), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 17.04.130 (MAF 0495) e 19.01 (MAF 0429).

<sup>353</sup> 31.02 (MAF 0423) e 31.03 (MAF 0522 e MAF 0523).

<sup>354</sup> 42.02.090 (MAF 0437 e MAF 0438), 42.02.104 (MAF 0624.02), 42.04.023 (MAF 0615.01), 42.04.013 (MAF 0619.03), 42.06.010 (MAF 0411, MAF 0427, MAF 0428, MAF 0440, MAF 0441, MAF 0442, MAF 0453, MAF 0454 e MAF 0639), 42.06.021.10 (MAF 0624.14), 42.06.023.11 (MAF 0412), 42.06.023.14 (MAF 0502), 42.08.020 (MAF 0619.01, MAF 0619.02 e MAF 0619.04), 42.12.014 (MAF 0627.02 e MAF 0627.03), 43.01 (MAF 0619.06), 43.05.010 (MAF 0608.01), 43.05.011 (MAF 0432.01 e MAF 0783.02) 43.06 (MAF 0619.05 e MAF 0619.07) e 43.06.030 (MAF 0432.02).



(a) 42.02.104 (MAF 0624.02)



(b) 42.06.021.10 (MAF 0624.14)

#### 4.3.1.2 Coral

Os corais são os membros da classe Anthozoa que constroem exoesqueletos que podem ser de matéria orgânica ou de carbonato de cálcio, como as conchas. Os exoesqueletos destes animais são utilizados no candomblé na forma de cortes cilíndricos ou circulares para a confecção de fios-de-contas consagrados às mais diversas entidades. Na coleção são encontrados na classe Vestuário<sup>355</sup>.



Fio-de-conta composto por corais em cortes cilíndricos - 42.06.021.03 (MAF 0655)

<sup>355</sup> 42.06.020 (MAF 0747 e MAF 0658), 42.06.021.03 (MAF 0554), 42.06.021.06 (MAF 0652), 42.06.021.03 (MAF 0655), 42.06.021.05 (MAF 0670), 42.06.021.11 (MAF 0653) e 42.06.023.10 (MAF 0342).

#### 4.3.1.3 Chifre

Os chifres ou cornos são prolongamentos epidérmicos queratinados que revestem a proteção óssea do crânio de alguns mamíferos. São ocos e pontiagudos. No candomblé são utilizados chifres de bois e de búfalos, que são polidos e ajuntados com aplicações em metal. São consagrados como insígnias dos orixás Iansã, Oxossi e Logun Edé. O corno do búfalo é utilizado para Iansã e do boi para Oxossi e Logun Edé. Cortes transversais de chifres de búfalo são utilizados na confecção de colares específicos para os orixás Omolu, Obaluaiê, Nanã e Oxumaré, denominados laguidibá<sup>356</sup>. Há ocorrência na coleção de chifres consagrados a Iansã e a Oxossi<sup>357</sup> e exemplares de laguidibá<sup>358</sup>.



Chifre de Iansã – 12.02 (MAF 0339)

#### 4.3.1.4 Couro

De forma geral, couro é uma pele animal que passou por processos de limpeza, de estabilização (dada pelo curtimento) e de acabamento, para a confecção de peças de vestuário (sapatos, cintos, carteiras, bolsas, casacos e chapéus), revestimentos de mobília e de estofamentos de automóveis, bem como de outros artigos.

<sup>356</sup> Existem laguidibás feitos em marfim, rodela de ovos de ema, conchas e coral. Os três primeiros materiais são consagrados à Oxalá e o último à Iansã. Podem ser confeccionados com materiais sintéticos com aparência similar aos materiais naturais.

<sup>357</sup> 12.01 (MAF 0306) e 12.02 (MAF 0339 e MAF 0338)

<sup>358</sup> 42.06.030 (MAF 0662 e MAF 0743).

O processo de transformação de peles em couros é normalmente dividido em três etapas principais, conhecidas por ribeira, curtimento e acabamento. O acabamento, por sua vez, é usualmente dividido em acabamento molhado, pré-acabamento e acabamento final<sup>359</sup>.

O couro é extraído de diferentes partes do animal, cada uma delas sendo adequada à confecção de diferentes produtos de couro. Tradicionalmente os couros se dividem em: grupon, correspondente ao lombo do animal; pescoço ou cabeça; barriga ou flancos.

Na coleção há ocorrência de artefatos feitos em couro ou que contem aplicações dele. Encontra-se aplicação de couro entre as classes Insígnia (ibiri, xaxará e imaginária)<sup>360</sup>, Instrumentos Sonoros (atabaque)<sup>361</sup> e Utensílio (recipiente e ferramenta)<sup>362</sup>, mas a maior ocorrência é entre a classe Vestuário, em especial nas peças de vestuário (bolsa, chapéu, calça e blusa)<sup>363</sup>.



Bolsa de couro – 42.12.013 (MAF 0542)

#### 4.3.1.5 Pena

As penas são estruturas epidérmicas peculiares (mesodérmica) de queratina, constituídas por um revestimento de corpo leve e flexível. O pigmento para a coloração das penas é originário das células epidérmicas, que se desenvolvem durante o crescimento da ave. O conjunto de todas as penas de uma ave é chamado de plumagem e tem por função proteger a pele do animal e proporcionar a sustentação do vôo. Existem quatro tipos de penas: as tetrizes

<sup>359</sup> PACHECO, José Wagner Faria. **Curtumes**. São Paulo: CETESB, 2005. Disponível em: <http://www.cetesb.sp.gov.br>. Acesso em: 11 mai. 2010.

<sup>360</sup> 11.03 (MAF 0413), 11.09 (MAF 0656 e MAF 0433), 17.04.040 (MAF 0300) e 17.04.050 (MAF 0318).

<sup>361</sup> 21.01.011.01 (MAF 0593) e 21.01.011.02 (MAF 0592).

<sup>362</sup> 31 (MAF 0129.01 e 0129.02) e 32.01 (MAF 0620.04).

<sup>363</sup> 42.02.100 (MAF 0657), 42.04.022 (MAF 0620.01, MAF 0685 e MAF 0727), 42.07 (MAF 0620.02), 42.12.011 (MAF 0309 e MAF 0310), 42.12.013 (MAF 0542) e 43.01.010 (MAF 0620.03).



ou coberturas são pequenas e revestem o corpo; a penugem que formam uma camada que fornece isolamento térmico; as retrizes ou penas de cauda são freqüentemente simétricas e destinadas a auxiliar o vôo; as rêmiges ou penas da asa são assimétricas e possuem a mesma função<sup>364</sup>.

No candomblé as penas são utilizadas no processo de iniciação e na confecção de acessórios e peças de vestuário consagradas as entidades ligadas a caça e a floresta. São largamente usadas nos trajes dos caboclos e compõe peças dos trajes dos orixás Ossóxi e Logun Edé e dos voduns e inquices com simbologia e arquétipos similares. São utilizadas penas de aves distintas e variadas conforme as qualidades da entidade, padrão de cor e disponibilidade local. Há também ocorrência de utilização de plumas sintéticas com os mesmos fins. Na coleção encontram-se artefatos compostos por penas nas classes Insígnia (imaginária)<sup>365</sup> e Vestuário (cocar, tornozeleira, pulseira, bracelete, saia e adé)<sup>366</sup>.



Artefato composto por penas – 42.05 (MAF 0624.11)

#### 4.3.1.6 Crina

<sup>364</sup> Informações coletadas no site <http://www.avespt.com> de Ornitologia em Portugal e em artigos publicados sobre penas nos seguintes sites: <http://www.public.asu.edu/~kjmccgraw/pubs/ABK2005.pdf>; <http://www.reading.ac.uk/biomim/personal/richard/keratin.htm>; <http://faculty.weber.edu/jcavitt/Lecture4.pdf>. Acessos em 14 mai. 2010.

<sup>365</sup> 17.04.020 (MAF 0246) 17.04.040 (MAF 0300) 17.04.050 (MAF 0318) 17.04.160 (MAF 0626).

<sup>366</sup> 42.02.080 (MAF 0206.02, MAF 0206.03, MAF 0209.02, MAF 0209.03, MAF 0624.03 e MAF 0624.05), 42.03 (MAF 0206.05, MAF 0206.06, MAF 0209.05, MAF 0209.06, MAF 0624.09 e MAF 0624.10), 42.04.011 (MAF 0614.05), 42.04.021 (MAF 0311), 42.05 (MAF 0206.01, MAF 0209.01 e MAF 0624.01), 42.08.010 (MAF 0624.07), 42.09.010 (MAF 0609.01) 42.11 (MAF 0209.10 e MAF 0209.11), 42.12.013 (MAF 0624.08) e 43.06.020 (MAF 0206.04 e MAF 0209.04).

A Crina é o pêlo do pescoço e da cauda, mais longo e mais firme que o conjunto da pelagem, presente em certos animais, principalmente da família Equidae e do gênero Equus, como o cavalo, o asno e a zebra.

No candomblé é utilizada na confecção do iruquere e do iruexim. Podem também ser utilizadas as cerdas da cauda do boi. Essas insígnias são consagradas, respectivamente, aos orixás Oxossi e Iansã. Contudo, outras entidades também podem portar esses artefatos, como, Logun Edé, no keto, Aguê, no jeje, e Tauamim, Mutalambô, Gongobira e Matamba, no angola. Na coleção encontra-se o uso da crina na classe Insígnia<sup>367</sup> na composição de um iruquere e de um iruexim.



Iruquere – 11.05 (MAF 0303)

### ***4.3.2 Materiais de origem vegetal***

#### **4.3.2.1 Madeira**

A madeira é um material produzido a partir do tecido formado pelas plantas lenhosas. É um material orgânico, sólido, de composição complexa, onde predominam as fibras de celulose e hemicelulose unidas por lenhina.

A estrutura básica da madeira é composta por medula, cerne, alburno e nós, exteriormente pelo súber e respectivo ritidoma (casca). O cerne é a principal parte utilizada para a confecção de artefatos. A madeira pode ser classificada como madeira dura ou madeira macia de acordo com sua resistência à pressão.

---

<sup>367</sup> 11.04 (MAF 0331) e 11.05 (MAF 0303)

No candomblé a madeira é utilizada com freqüência na confecção de artefatos dos mais diversos tipos. Seu uso liga-se a atividades do cotidiano dos terreiros como por exemplo, nos utensílios de culinária, e as atividades rituais como nas imaginárias e insígnias.

Na coleção é encontrado o uso da madeira nas classes Insígnia (oxé, cadeira, imaginária)<sup>368</sup> e Instrumento Sonoro (atabaque)<sup>369</sup>.



Imaginária em madeira – 17 (MAF 0634.01)

#### 4.3.2.2 Cabaça

A Cabaça é denominação comum do fruto de plantas da família das cucurbitáceas, mais conhecidas como cabaceiras. As espécies mais comuns são a *Lagenaria siceraria* e a *Lagenaria vulgaris*. O fruto seco é utilizado em várias culturas no mundo inteiro de diversas formas, como: recipiente (cuia, copo e moringa), instrumento sonoro (amplificador acústico em instrumentos musicais, como o berimbau, chocalho, afoxé, maracá, xequerê, abê e malimba) e como artefatos lúdicos em forma de bonecas.

É largamente utilizada no candomblé. Fechada com o pescoço longo pode ser utilizada para a fabricação do xeré de Xangô. Cortada ao meio, pintada ou não, serve como vasilha para bebidas e comidas rituais. Inteira, também pode ser utilizada como insígnia representativa da vida e da fecundidade, ligada as iabás, orixás femininos. Recorrente nos elementos de Iemanjá e Nanã. Há ocorrência de seu uso como insígnia de orixás masculinos (como o orixá Omolu) e

<sup>368</sup> 11.07 (MAF 0795), 16.02.010 (MAF 0689 e MAF 0695), 16.03 (MAF 0696) 16.04 (MAF 0206.07), 16.06 (MAF 0209.07), 16.05 (MAF 0209.08) 17 (MAF 0634.01 e MAF 0634.02), 17.02.010 (MAF 0203), 17.03 (MAF 0476), 17.04.010 (MAF 0229) e 18.01 (MAF 0635).

<sup>369</sup> 21.01.011.02 (MAF 0592) e 21.01.011.01 (MAF 0593).

do caboclo. Na coleção é encontrado seu uso nas classes Insígnia<sup>370</sup>, Instrumento Sonoro<sup>371</sup> e Vestuário<sup>372</sup>.



Artefato composto por cabaça – 19.01 (MAF 0429)

#### 4.3.2.3 Fibra Vegetal

Fibra composta de celulose, lenhina e pectina, obtida em sementes (algodão, sumaúma), caules (linho, cânhamo, juta, kenaf, ramie, cânhamo), folhas (sisal, cânhamo de Manila) e frutos de plantas (cairo – fibra de coco).

É largamente utilizada no candomblé, em especial na composição de cordões, cordas e acessórios de vestuário.

Na coleção é encontrado seu uso entre as classes Insígnia<sup>373</sup>, Instrumento Sonoro<sup>374</sup> e Vestuário (acessórios / colares)<sup>375</sup>.

---

<sup>370</sup> 19.01 (MAF 0429)

<sup>371</sup> 21.01.023 (MAF 0061) e 21.01.024 (MAF 0619.08).

<sup>372</sup> 42.08.010 (MAF 0624.07).

<sup>373</sup> 11.09 (MAF 0433) e 17.04.020 (MAF 0246).

<sup>374</sup> 21.01.011.01 (MAF 0593), 21.01.011.02 (MAF 0592) e 21.01.023 (MAF 0061).

<sup>375</sup> 42.02.103 (MAF 0668) e 42.06.021.09 (MAF 0669).



Colar com fibra vegetal – 42.02.103 (MAF 0668)

#### 4.3.2.4 Palha

A Palha consiste num subproduto vegetal de algumas gramíneas, especialmente cereais. As gramíneas também conhecidas como capins, gramas ou relvas são plantas floríferas, monocotiledôneas da classe *Liliopsida* e da família *Poaceae*. Seca, em forma de haste, é usada no artesanato, na indústria ou como forragem de animais domésticos.

No candomblé é recorrente o uso da palha da ráfia, da espécie *Raphia vinifera*, da família *Areaceae* e da Ordem *Arecales*. É conhecida no Brasil com o nome de Jupati. Em iorubá recebe o nome *Igí-Ògòrò*.

A palha-da-costa ou *iko*, em iorubá, como é chamada no candomblé, é utilizada para a confecção de vários artefatos, principalmente os ligados as entidades da terra, como os orixás Omolu e Obaluaié, o vodun Sapatá e o inquite Kaviungo. Também é usada no processo de iniciação e para a confecção de bracelete de proteção contra os mortos, denominado de contra-egun ou ikan, ou ainda, na composição de fios-de-contas.

Na coleção, encontra-se sua utilização nas classes Insígnia<sup>376</sup>, Instrumento Sonoro<sup>377</sup>, Utensílio<sup>378</sup> e Vestuário (acessórios e peças)<sup>379</sup>.

<sup>376</sup> 11.09 (MAF 0656), 11.09 (MAF 0433), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 18.01 (MAF 0635) e 19.01 (MAF 0429).

<sup>377</sup> 21.01.024 (MAF 0619.08).

<sup>378</sup> 31.02 (MAF 0423).

<sup>379</sup> 41.04 (MAF 0783), 41.05 (MAF 0619), 42.02.090 (MAF 0437 e MAF 0438), 42.04.013 (MAF 0619.03), 42.04.023 (MAF 0615.01), 42.06.020 (MAF 0658 e MAF 0660), 42.06.021.05 (MAF 0670), 42.06.021.06 (MAF 0652), 42.06.021.08 (MAF 0651), 42.06.021.11 (MAF 0653), 42.06.021.12 (MAF 0130), 42.06.022.02 (MAF 0414), 42.06.030 (MAF 0743), 42.08.020 (MAF 0619.01, MAF 0619.02 e MAF 0619.04), 42.12.014



Artefato confeccionado em palha – 43.05.011 (MAF 0432.01)

### 4.3.3 *Materiais de origem mineral*

#### 4.3.3.1 *Metal*

Designa-se como Metais elementos, substâncias ou ligas químicas eletropositivos, em geral sólidos, de elevada dureza, e brilhantes, apresentando cor prateada ou amarelada. Possuem boa capacidade de condução térmica e elétrica; podem ser transformados em fios e lâminas; tem propriedades elásticas e tenacidade.

Em Química, os metais são classificados em cinco grupos expressos na tabela periódica: metais alcalinos, metais alcalino-terrosos, metais de transição, metais representativos e semi-metais<sup>380</sup>.

Na coleção há ocorrência dos seguintes metais: estanho, da classe dos metais representativos, ferro, zinco e cobre, da classe dos metais de transição. Também são encontrados artefatos elaborados com ligas metálicas, constituídas pela junção de dois ou mais elementos metálicos e não metálicos, obtidas a partir de processos de fusão<sup>381</sup>.

---

(MAF 0627.02 e MAF 0627.03), 43.01 (MAF 0619.06), 43.05.011 (MAF 0432.01 e MAF 0783.02), 43.06 (MAF 0619.07, MAF 0619.05 e MAF 0782) e 43.06.030 (MAF 0432.02 e MAF 0783.01).

<sup>380</sup> Definições estabelecidas pela IUPAC – União Internacional de Química Pura e Aplicada (International Union of Pure and Applied Chemistry) - [http://old.iupac.org/dhtml\\_home.html](http://old.iupac.org/dhtml_home.html) . Acesso em 15 mai. 2010.

<sup>381</sup> O enquadramento dos artefatos da coleção aos metais mencionados foi realizado a partir das informações disponíveis nos inventários e documentos do acervo. Não foram realizados testes de amostragem química para confirmar as informações das fontes.

#### 4.3.3.1.1 Estanho

O estanho é um metal branco prateado — obtido principalmente do mineral cassiterita — sólido em condições ambientais, porém maleável em baixas temperaturas com baixo grau de ductilidade. É resistente a corrosão por oxidação.

É utilizado na constituição de várias ligas, juntando-se com o ferro e o chumbo para aplicações diversas. Devido a sua capacidade de endurecer o cobre, forma a liga de estanho-cobre, mais conhecida como bronze, largamente utilizada pelo ser humano desde a antiguidade. Também pode ser aplicado para recobrir outros metais e protegê-los da corrosão. Faz parte da composição da folha-de-flandres, como elemento principal, junto com o ferro e o aço.

Diversos artefatos feitos com este metal e seus subprodutos são utilizados no candomblé. Sua aplicação pode ser identificada na coleção, principalmente na constituição de insígnias metálicas<sup>382</sup>, seja no corpo ou na base, e acessórios de vestuário<sup>383</sup>.



Insígnia feita com estanho – 16.02.020 (MAF 0722)

<sup>382</sup> 11.01.020 (MAF 0716, MAF 0321, MAF 0222, MAF 0223, MAF 0224 e MAF 0225), 11.02.030 (MAF 0283 e MAF 0284), 11.02.040 (MAF 0468), 11.02.050 (MAF 0443), 11.08 (MAF 0712 e MAF 0119), 12.01 (MAF 0306), 14 (MAF 0511), 16.02.020 (MAF 0240, MAF 0722 e MAF 0745) e 16.02.040 (MAF 0720).

<sup>383</sup> 42.02.030 (MAF 0304, MAF 0305, MAF 0421 e MAF 0422), 42.02.040 (MAF 0326 e MAF 0327), 42.02.070 (MAF 0508 e MAF 0509), 42.02.106.01 (MAF 0230 e MAF 0231), 42.02.106.03 (MAF 0324, MAF 0325, MAF 0506, MAF 0507, MAF 0307 e MAF 0308), 42.04.033 (MAF 0319), 42.04.035 (MAF 0504 e MAF 0512), 42.04.037 (MAF 0498), 42.10.010 (MAF 0234), 42.10.020 (MAF 0505) e 42.12.011 (MAF 0734).

#### 4.3.3.1.2 Ferro

O ferro é um metal cinza azulado, duro, maleável e dúctil. Encontra-se no estado sólido em temperatura ambiente. Apesar de ser o quarto elemento mais abundante da crosta terrestre, não é encontrado puro na natureza, exceto em meteoritos. É extraído de numerosos minerais, destacando-se: a hematita, a magnetita, a limonita, a siderita, a pirita e a ilmenita.

É utilizado principalmente para a produção do aço e diversas ligas metálicas. É empregado na produção de ferramentas, máquinas, veículos de transporte, como elemento estrutural na construção de pontes, edifícios, etc. Também é utilizado amplamente para a confecção de artefatos de uso cotidiano e nas artes.

No candomblé é utilizado da confecção de diversos artefatos, destacando-se as insígnias usadas para compor os assentamentos<sup>384</sup>. Na coleção encontra-se nas classes Insígnia<sup>385</sup> e Instrumento Sonoro<sup>386</sup>.



Artefato em ferro – 11.02.020 (MAF 0236)

<sup>384</sup> Conjunto de elementos materiais e simbólicos representativos das divindades, espíritos e forças da natureza, afixados, ou melhor, “plantados” ou “assentados”, em locais sagrados, com a finalidade de concentrar energias para fins rituais e louvação.

<sup>385</sup> 11.02.010 (MAF 0222, MAF 0223, MAF 0224, MAF 0225 e MAF 0721), 11.02.020 (MAF 0236 MAF 0237, MAF 0238 e MAF 0245), 11.02.030 (MAF 0278, MAF 0283, MAF 0284 e MAF 0299), 11.02.040 (MAF 0468), 11.02.050 (MAF 0737 e MAF 0443), 11.02.060 (MAF 0481), 11.02.070 (MAF 0627.08), 11.06.010 (MAF 0735), 16.01 (MAF 0736), 11.06.010 (MAF 0302), 16.02.020 (MAF 0240), e 17.01.020 (MAF 0218, MAF 0219, MAF 0220 e MAF 0221).

<sup>386</sup> 21.01.011.01 (MAF 0593), 21.01.011.02 (MAF 0592), 21.01.021 (MAF 0051 e 0714 0759) e 21.01.022 (MAF 0049).



#### 4.3.3.1.3 Zinco

O zinco é um metal branco azulado e denso. Encontra-se no estado sólido em temperatura ambiente. É um elemento pouco abundante na crosta terrestre, porém pode ser obtido com facilidade a partir da smithsonita (carbonato), hemimorfita (silicato), franklinita (óxido), esfalerita e blenda (sulfetos).

É utilizado para fabricação de ligas metálicas, como latão e bronze, para obtenção de outros elementos, como mercúrio, cádmio, ouro, prata, cobre e chumbo, através do processo de lixiviação<sup>387</sup>, e na confecção de pigmentos, sendo também utilizado na forma pura para diversos fins. Na coleção é encontrado na classe Instrumento Sonoro<sup>388</sup>.



Artefato confeccionado em zinco – 21.01.022 (MAF 0039)

#### 4.3.3.1.4 Cobre

O cobre é um metal de coloração avermelhada, pouco duro, maleável e dúctil. É um bom condutor de eletricidade. Encontra-se no estado sólido em temperatura ambiente. É um elemento pouco abundante na crosta terrestre, porém pode ser obtido a partir da exploração em jazidas de superfície ou subterrâneas.

É utilizado para a produção de materiais condutores de eletricidade (fios e cabos) e em ligas metálicas como latão (com zinco) e bronze (com estanho). O cobre é também utilizado

---

<sup>387</sup> Processo de extração de uma substância presente em elementos sólidos a partir da sua dissolução num líquido por ação de outro elemento químico.

<sup>388</sup> 21.01.022 (MAF 0039, MAF 0040 e MAF 0049).

pelo ser humano, desde a antiguidade, para a confecção de artefatos de uso cotidiano e nas artes.

Na coleção é encontrado em todas as classes<sup>389</sup>, principalmente entre as insígnias (atributos sagrados e armas)<sup>390</sup> e os acessórios de vestuário (braceletes, pulseiras, punhos, capacetes, coroas, correntes de ibá e polvarim)<sup>391</sup>.



Artefato em cobre - 42.06.042 (MAF 0344)

#### 4.3.4 Materiais elaborados

##### 4.3.4.1 Argila

A argila é um produto natural terroso constituído de variados elementos, destacando-se os minerais argilosos como o silicato hidratado de alumínio e outros minerais filossilicáticos (silicatos). É encontrada próxima de rios, nos barrancos e margens. Apresenta-se geralmente

<sup>389</sup> Instrumento Sonoro: 22.01.010 (MAF 0365, MAF 0374 e MAF 0375) e 21.01.024.01 (MAF 0386). Utensílio: 31 (MAF 0021.1 e MAF 0021.2) e 32.02 (MAF 0648, MAF 0649 e MAF 0650).

<sup>390</sup> 11.01.010 (MAF 0368 11.01.010 (MAF 0717 11.02.040 (MAF 0725 11.02.040 (MAF 0452 11.02.040 (MAF 0726 11.04 (MAF 0331 11.05 (MAF 0303 11.06.010 (MAF 0317 11.06.010 (MAF 0298), 11.06.020 (MAF 0287), 11.07 (MAF 0390, MAF 0713 e MAF 0719), 12.02 (MAF 0338 e MAF 0339), 13.01 (MAF 0320), 15.01 (MAF 0343), 16.02.020 (MAF 0233, MAF 0641 e MAF 0642), 16.02.030 (MAF 0337, MAF 0341 e MAF 0715), 16.02.040 (MAF 0328), 16.04 (MAF 0206.07, MAF 0644 e MAF 0645), 17.04.070 (MAF 0349), 17.04.080 (MAF 0376), 17.04.090 (MAF 0408).

<sup>391</sup> 42.02.010 (MAF 0351 e MAF 0352), 42.02.020 (MAF 0291 e MAF 0292), 42.02.050 (MAF 0334, MAF 0335, MAF 0776 e MAF 0777), 42.02.060 (MAF 0450 e MAF 0451), 42.02.101 (MAF 0346, MAF 0347 e MAF 0348), 42.02.102 (MAF 0415, MAF 0416, MAF 0417, MAF 0418, MAF 0419 e MAF 0420), 42.02.105 (MAF 0646 e MAF 0647), 42.02.106.02 (MAF 0353, MAF 0354, MAF 0774 e MAF 0775), 42.02.106.04 (MAF 0290, MAF 0293, MAF 0332 e MAF 0333), 42.04.011 (MAF 0232), 42.04.012 (MAF 0288), 42.04.031 (MAF 0336), 42.04.032 (MAF 0449), 42.04.036 (MAF 0371), 42.04.038 (MAF 0778), 42.06.021.03 (MAF 0655), 42.06.041 (MAF 0362), 42.06.042 (MAF 0344), 42.12.012 (MAF 0294 e MAF 0295), 42.12.021 (MAF 0289) e 42.12.022 (MAF 0510).

nas cores branca, vermelha e cinza, mas existe variação de cor de acordo com os sedimentos envolvidos na sua constituição. É estável em temperatura ambiente<sup>392</sup>.

De acordo com sua constituição pode ser enquadrada em vários tipos. Na argila utilizada para moldagens e cerâmica fina predomina a alumina, que lhe dá a condição de maior plasticidade. Devido a sua plasticidade em estado natural e dureza depois de cozida é largamente empregada na cerâmica.

No candomblé a argila é utilizada para a confecção de artefatos de uso cotidiano, especialmente recipientes e objetos refratários. Também é utilizada para fins religiosos como utensílio, porém, vincula-se a simbologia do barro, como elemento original do corpo humano no momento da criação. É símbolo material importante para entidades como os orixás Nanã, Omolu, Obaluaiê e os inquices e os voduns com arquétipo e simbologia similares.

Na coleção é encontrada na classe Utensílio<sup>393</sup>.



Utensílio confeccionado em argila – 31.02 0423

#### 4.3.4.2 Náilon

O náilon é uma fibra têxtil sintética da família das poliamidas. É elástico e altamente resistente em condições normais de pressão e temperatura. Foi a primeira fibra têxtil sintética produzida pelo ser humano. É largamente utilizada na fabricação de produtos industrializados, na confecção de tecidos sintéticos (meias, roupas íntimas, shorts, bermudas, biquínis, maiôs,

---

<sup>392</sup> Informações coletadas em MEIRA, João M. L. **Argilas**: o que são, suas propriedades e classificações. Lisboa: Visa, 2001. Disponível em: [http://www.visaconsultores.com/pdf/VISA\\_com09.pdf](http://www.visaconsultores.com/pdf/VISA_com09.pdf). Acesso em 15 mai 2010.

<sup>393</sup> 31.01 (MAF 0084, MAF 0085, MAF 0086 e MAF 0087) e 31.02 (MAF 0423).

etc.) e fios para diversas atividades, entre eles a pesca. Os fios de náilon também são utilizados na confecção bijuterias (colares, pulseiras e gargantilhas).

No candomblé é utilizado na confecção de colares. Na coleção é encontrado o uso do fio de náilon nas classes Insígnia (na composição de imaginárias)<sup>394</sup> e Vestuário (colares)<sup>395</sup>.



Colar confeccionado com fios de náilon - 42.06.023.04 (MAF 0364)

#### 4.3.4.3 Contas

As contas são pequenas peças elaboradas em materiais diversos (animal, vegetal, mineral ou sintético), sendo comumente empregado chifre, coral, madeira, cerâmica, vidro ou plástico. Há ocorrência do uso de metais como ouro, prata, cobre e bronze na sua confecção. Geralmente as contas possuem orifício central possibilitando serem postas em enfiada.

No candomblé são usadas contas de diferentes tipos e materiais, assumindo significados específicos de acordo com o uso hierárquico, ritual e a entidade a qual são consagradas. São utilizadas miçangas, seguis, canutilhos, firmas e monjolos.

<sup>394</sup> 11.09 (MAF 0656), 17.04.010 (MAF 0229), 17.04.020 (MAF 0246), 17.04.030 (MAF 0286), 17.04.040 (MAF 0300), 17.04.050 (MAF 0318), 17.04.060 (MAF 0330), 17.04.070 (MAF 0349), 17.04.080 (MAF 0376), 17.04.090 (MAF 0408), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 17.04.130 (MAF 0495 e MAF 0496), 17.04.140 (MAF 0500), 17.04.150 (MAF 0513), 17.04.160 (MAF 0626) e 19.01 (MAF 0429).

<sup>395</sup> 42.04.031 (MAF 0604.01), 42.04.034 (MAF 0409), 42.06.010 (MAF 0411, MAF 0427, MAF 0428, MAF 0440, MAF 0441, MAF 0442, MAF 0453, MAF 0454 e MAF 0639), 42.06.021.01 (MAF 0742), 42.06.021.02 (MAF 0120), 42.06.021.03 (MAF 0363 e MAF 0744), 42.06.021.04 (MAF 0762), 42.06.021.05 (MAF 0690), 42.06.021.06 (MAF 0410), 42.06.021.07 (MAF 0213), 42.06.021.08 (MAF 0555), 42.06.021.09 (MAF 0741), 42.06.021.10 (MAF 0624.14), MAF 0624.15), 42.06.023.01 (MAF 0228), 42.06.023.02 (MAF 0235), 42.06.023.03 (MAF 0301), 42.06.023.04 (MAF 0121), 42.06.023.04 (MAF 0285), 42.06.023.04 (MAF 0364), 42.06.023.05 (MAF 0439), 42.06.023.06 (MAF 0296), 42.06.023.07 (MAF 0455), 42.06.023.08 (MAF 0373), 42.06.023.09 (MAF 0387), 42.06.023.10 (MAF 0342), 42.06.023.11 (MAF 0412), 42.06.023.12 (MAF 0323), 42.06.023.13 (MAF 0503), 42.06.023.14 (MAF 0502) e 42.04.036 (MAF 0612.01).

#### 4.3.4.3.1 Miçanga

Conta redonda ou oval de pequenas dimensões, fabricada com vidro, cristais, porcelana, argila ou material plástico. Podendo ser transparente, translúcida ou opaca. Possui grande variedade de cores e tamanhos. É usada em larga escala no candomblé para a confecção dos fios-de-contas.

Na coleção apresenta-se nas classes Insígnia (imaginária, ibiri e xaxará)<sup>396</sup>, Instrumento Sonoro (agué)<sup>397</sup>, Utensílio (quartinha)<sup>398</sup> e Vestuários (fios-de-contas)<sup>399</sup>.



Fios-de-contas confeccionados com miçangas – 42.06.023.14 0502

<sup>396</sup> 11.03 (MAF 0413), 11.09 (MAF 0656 e MAF 0433), 17.04.010 (MAF 0229), 17.04.020 (MAF 0246), 17.04.030 (MAF 0286), 17.04.040 (MAF 0300), 17.04.050 (MAF 0318), 17.04.060 (MAF 0330), 17.04.070 (MAF 0349), 17.04.080 (MAF 0376), 17.04.090 (MAF 0408), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 17.04.130 (MAF 0495 e MAF 0496), 17.04.140 (MAF 0500), 17.04.150 (MAF 0513), 17.04.160 (MAF 0626) e 19.01 (MAF 0429).

<sup>397</sup> 21.01.023 (MAF 0061).

<sup>398</sup> 31.02 (MAF 0423).

<sup>399</sup> 41.04 (MAF 0612), 42.02.090 (MAF 0437 e MAF 0438), 42.02.100 (MAF 0657), 42.04.011 (MAF 0614.05), 42.06.020 (MAF 0340, MAF 0658, MAF 0659, MAF 0660 e MAF 0747), 42.06.021.01 (MAF 0742), 42.06.021.02 (MAF 0120), 42.06.021.03 (MAF 0363, MAF 0554, MAF 0655 e MAF 0744), 42.06.021.04 (MAF 0762), 42.06.021.05 (MAF 0746 e MAF 0690), 42.06.021.06 (MAF 0410 e MAF 0652), 42.06.021.07 (MAF 0213), 42.06.021.08 (MAF 0555 e MAF 0651), 42.06.021.09 (MAF 0529 e MAF 0741), 42.06.021.10 (MAF 0624.14 e MAF 0624.15), 42.06.021.12 (MAF 0130), 42.06.022.02 (MAF 0414), 42.06.023.01 (MAF 0228), 42.06.023.02 (MAF 0235), 42.06.023.03 (MAF 0301), 42.06.023.04 (MAF 0121, MAF 0285 e MAF 0364), 42.06.023.05 (MAF 0439), 42.06.023.06 (MAF 0296), 42.06.023.07 (MAF 0455), 42.06.023.08 (MAF 0373), 42.06.023.09 (MAF 0387), 42.06.023.10 (MAF 0342), 42.06.023.11 (MAF 0412), 42.06.023.12 (MAF 0323), 42.06.023.13 (MAF 0503) e 42.06.023.14 (MAF 0502).

#### 4.3.4.3.2 Canutilho e Vidrilho

Os canutilhos são pequenos tubos de vidro com tamanhos que variam de 3 a 30 mm. Quando confeccionados em vidro azul, opaco e fosco, é denominado *segui*. Podem ser encontrados *seguis* feitos com material plástico.

Os vidrilhos são pequenos tubos de vidro com duas ou três facetas e medem cerca de 2,5 mm. Se cortados na transversal os vidrilhos são chamados de *cut pipes*.

No candomblé os canutilhos e os vidrilhos são usados na composição de trajes e imaginárias e na confecção de acessórios de vestuário.

Na coleção é encontrado nas classes Insígnia (imaginária)<sup>400</sup> e Vestuários (traje, colar, adé, cocar e saias)<sup>401</sup>.



Coroa com borla caída feita com canutilhos – 42.04.034 0409

#### 4.3.4.3.3 Firma

As firmas são contas cilíndricas ou esféricas com maior diâmetro que as demais do grupo, fabricadas com vidro, cristais, porcelana, argila ou material plástico. Podem ser transparentes, translúcidas ou opacas. Possuem grande variedade de cores e tamanhos. São usadas no candomblé para a confecção dos fios-de-contas, aplicando-as escalonadas ou como fecho do fio. Simboliza a força da entidade à qual o fio-de-contas é consagrado, firmando os vínculos religiosos estabelecidos. Há ocorrência do uso de búzios com essa mesma função.

<sup>400</sup> 17.04.060 (MAF 0330), 17.04.080 (MAF 0376) e 17.04.100 (MAF 0431).

<sup>401</sup> 42.05 (MAF 0206.01), 42.06.020 (MAF 0340), 42.04.031 (MAF 0604.01), 42.04.034 (MAF 0409), 42.04.036 (MAF 0612.01), 42.06.021.11 (MAF 0653), 42.06.021.09 (MAF 0669), 42.06.022.02 (MAF 0414) e 43.06.020 (MAF 0206.04).

Na coleção é encontrada sua aplicação na classe Vestuário<sup>402</sup>.



Fios-de-contas fechado com quatro firmas - 42.06.023.02 (MAF 0235)

#### 4.3.4.3.4 Monjolo

O monjolo é uma conta cilíndrica com tamanho similar ao canutilho, porém com maior espessura. É geralmente confeccionado com argila. Possui cor marrom ou vermelho-terra. É utilizado no candomblé preferencialmente na confecção dos fios-de-contas consagrados a Xangô e Iansã.

Na coleção é encontrada sua aplicação na classe Vestuário<sup>403</sup>.



Fios-de-contas confeccionado com monjolo – 42.06.021.05 (MAF 0670)

<sup>402</sup> 42.02.103 (MAF 0668), 42.06.020 (MAF 0340 e MAF 0747), 42.06.021.03 (MAF 0655), 42.06.021.05 (MAF 0690 e MAF 0746), 42.06.021.12 (MAF 0130), 42.06.023.01 (MAF 0228), 42.06.023.02 (MAF 0235), 42.06.023.03 (MAF 0301), 42.06.023.04 (MAF 0121, MAF 0285 e MAF 0364), 42.06.023.05 (MAF 0439), 42.06.023.06 (MAF 0296), 42.06.023.07 (MAF 0455), 42.06.023.08 (MAF 0373), 42.06.023.09 (MAF 0387), 42.06.023.10 (MAF 0342), 42.06.023.12 (MAF 0323), 42.06.023.13 (MAF 0503) e 42.06.023.14 (MAF 0502).

<sup>403</sup> 42.06.020 (MAF 0747), 42.06.021.03 (MAF 0554 e 0655), 42.06.021.05 (MAF 0670) e 42.06.021.06 (MAF 0652).

#### 4.3.4.4 Pedra artificial

O grupo das pedras artificiais é amplo e se estende às mais diversas atividades humanas. O interesse aqui recai somente nas pedras de origem artificial que são empregadas no ramo do vestuário. São pedras confeccionadas com matéria plástica, em formatos, tamanhos e cores diversas. Geralmente possuem furos nas extremidades, no centro ou na parte inferior para possibilitar a fixação em tecidos ou em outros materiais e objetos.

No candomblé é utilizada na confecção de acessórios e peças de vestuário. Mantém a função de ornamento, mas a aplicação dos formatos, tipos e cores, procura seguir os padrões correspondentes a simbologia e a estética religiosa para a qual o acessório ou peça foram consagrados.

Na coleção é encontrada sua aplicação na classe Vestuário<sup>404</sup>.



Artefato confeccionado com pedras artificiais – 42.08.020 (MAF 0614.01)

#### 4.3.4.5 Tecido

Produto elaborado a partir de técnicas de tecedura de fios de linho, lã, seda, algodão ou outras fibras de origem natural (vegetal, animal e mineral), artificial ou sintética. Podem ser produzidos artesanalmente ou através de processos industriais. Das fibras que dão origem aos tecidos também é produzido o fio têxtil ou linha de costura.

---

<sup>404</sup> 41.03 (MAF 0206) 41.04 (MAF 0611 e MAF 0612) 42.08.020 (MAF 0614.01) e 42.04.031 (MAF 0604.01) 42.09.010 (MAF 0617.01).



Os tecidos são utilizados, dentre outros fins, na confecção de acessórios e peças de vestuário, têxteis domésticos ou decorativos, embalagens e telas para pintura.

Existe uma ampla variedade de tecidos, classificados de acordo com o tipo de fibra utilizada na confecção dos fios tecidos e com o tipo de trama ou teia escolhida no processo de fabricação.

Na coleção há artefatos confeccionados com tecidos<sup>405</sup> nas classes Insígnia<sup>406</sup>, Utensílio<sup>407</sup> e Vestuário (traje, acessórios e peças de vestuário)<sup>408</sup>.



Traje composto por acessório e peças confeccionadas em tecido – 41.01 (MAF 0618)

<sup>405</sup> Não há informação detalhada na documentação do acervo que possibilite a identificação e conseqüente enquadramento, da tipologia dos tecidos utilizados. Não foram realizados processos de identificação por amostragem química ou observação direta, devido estes processos excederem os limites propostos neste trabalho.

<sup>406</sup> 17.04.010 (MAF 0229), 17.04.020 (MAF 0246), 17.04.030 (MAF 0286), 17.04.040 (MAF 0300), 17.04.050 (MAF 0318), 17.04.060 (MAF 0330), 17.04.070 (MAF 0349), 17.04.080 (MAF 0376), 17.04.090 (MAF 0408), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 17.04.130 (MAF 0495 e MAF 0496), 17.04.140 (MAF 0500), 17.04.150 (MAF 0513), 17.04.160 (MAF 0626).

<sup>407</sup> 33.01 (MAF 0637).

<sup>408</sup> 41.05 (MAF 0608), 42.01 (MAF 0638), 42.04.021 (MAF 0311), 42.04.036 (MAF 0612.01), 42.07 (MAF 0614.06), 42.08 (MAF 0739.03, MAF 0739.04 e MAF 0739.05), 42.08.020 (MAF 0604.02, MAF 0610.03, MAF 0611.01, MAF 0614.01, MAF 0614.02, MAF 0615.02, MAF 0616.02, MAF 0616.04, MAF 0616.05, MAF 0617.02, MAF 0617.03, MAF 0618.07, MAF 0618.08, MAF 0619.01, MAF 0619.02, MAF 0619.04, MAF 0627.04, MAF 0633.02, MAF 0674.02, MAF 0674.03, MAF 0806.02, MAF 0806.03, MAF 0806.04 e MAF 0808.02), 42.08.030 (MAF 0329, MAF 0618.02, MAF 0618.12, MAF 0627.05, MAF 0740.03, MAF 0740.04, MAF 0740.05, MAF 0740.06, MAF 0740.07, MAF 0740.08, MAF 0740.09 e MAF 0740.10), 42.08.040 (MAF 0636, MAF 0640 e MAF 0781), 42.08.041 (MAF 0663, MAF 0664 e MAF 0665), 42.08.050 (MAF 0682), 42.08.060 (MAF 0615.05), 42.08.070 (MAF 0740.11), 42.09.010 (MAF 0609.01, MAF 0610.01, MAF 0612.04, MAF 0617.01, MAF 0618.05 e MAF 0618.06), 43.01 (MAF 0609.02, MAF 0611.02, MAF 0615.04, MAF 0618.13, MAF 0619.06, MAF 0624.06, MAF 0627.07, MAF 0677, MAF 0678, MAF 0739.01 e MAF 0784), 43.02 (MAF 0609.03, MAF 0610.04, MAF 0611.03, MAF 0617.04, MAF 0618.14, MAF 0624.04, MAF 0633.01, MAF 0674.05, MAF 0675.03 e MAF 0808.01), 43.03 (MAF 0614.03 e MAF 0807), 43.02.010 (MAF 0604.03, MAF 0605.02, MAF 0612.02, MAF 0616.01, MAF 0618.01, MAF 0667, MAF 0674.04, MAF 0675.04 e MAF 0676), 43.02.020 (MAF 0679, MAF 0740.01 e MAF 0740.02), 43.04 (MAF 0614.04), 43.06 (MAF 0604.04, MAF 0605.03, MAF 0610.02, MAF 0611.04, MAF 0612.03, MAF 0615.03, MAF 0616.03, MAF 0617.05, MAF 0618.03, MAF 0618.04, MAF 0619.05, MAF 0619.07, MAF 0627.06, MAF 0666, MAF 0674.01, MAF 0675.01 e MAF 0718), 43.06.010 (MAF 0605.04, MAF 0612.05, MAF 0618.09, MAF 0618.10, MAF 0618.11 e MAF 0739.02) e 43.07 (MAF 0605.01 e MAF 0680).

#### **4.4 Técnicas utilizadas**

A identificação das técnicas de confecção dos artefatos da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira foi uma tarefa difícil de ser realizada. A principal dificuldade encontrada foi a ausência de informações na documentação do acervo, que orientasse a identificação e o enquadramento em grupos de técnicas conhecidas e descritas. O trabalho apresentado se baseou na identificação por observação direta ou por fotografia do artefato, adotando áreas gerais do campo da técnica e dos procedimentos. A abordagem adotada segue a diretriz de todo o trabalho, que pretende o estabelecimento de um perfil geral da coleção, e não uma explicação total e axial da mesma.

Os artefatos da coleção, bem como, de forma, mais geral os artefatos de candomblé, possuem elaboração complexa, envolvendo a adoção de múltiplas técnicas e procedimentos, advindas de tradições distintas (ocidental, africana e autóctone), que no universo cultural afro-brasileiro sofreram cruzamentos, adjunções e modificações.

Foi possível identificar na coleção a ocorrência dos seguintes procedimentos de fabricação, montagem e acabamento dos artefatos: articular, bater, bordar, colar, costurar, dourar, dobrar, enfiar, esculpir, esvaziar, encaixar, folhear, forjar, laminar, moldar, rendar, parafusar, perfurar, pintar, polir, pratear, pregar, repuxar, soldar, tecer e tinturar.

Esses procedimentos podem ser enquadrados em sete categorias técnicas: bijuteria, bordadura, cerâmica, costura, escultura, metalurgia e pintura, que foram utilizadas para análise da coleção. Os procedimentos identificados são indicados à medida que cada categoria é exposta.

##### **4.4.1 *Bijuteria***

A bijuteria é o ramo da ourivesaria ou joalheria que utiliza geralmente materiais não preciosos, para a confecção de objetos de adorno, como colares, brincos, braceletes, pulseiras e tornozeleiras.

As técnicas de bijuteria são numerosas e condicionadas às necessidades de elaboração dos artefatos e seus usos. Porém, é possível definir como técnica central da bijuteria a enfiadura.

A enfiadura consiste em introduzir um fio, ou vários, em objetos com orifício, que podem ser constituídos de metal, pedras, pérolas, conchas, penas e contas feitas com sementes, cristal, vidro, borracha, cerâmica e plástico. Geralmente são usados na enfiadura fios de algodão, seda, náilon, borracha, palha ou couro. Também podem ser utilizadas correntes no lugar do fio ou em conjunto.

Além da enfiadura, são utilizadas na bijuteria técnicas de acabamento, com aplicação de nós, cotes, voltas, amarras e feixes. No caso da utilização de corrente no lugar do fio são empregadas técnicas de dobradura, encaixe e pressão,

A coleção representa bem a utilização deste conjunto de técnicas e materiais no candomblé. O conjunto de técnicas da bijuteria, da joalheria e ourivesaria é largamente usado neste universo religioso. O objeto de adorno tem função destacada na cultura material do candomblé.

Foi identificada na coleção a aplicação destas técnicas em todas as classes<sup>409</sup>, principalmente em Vestuário<sup>410</sup> na qual se encontram os colares, braceletes, pulseiras e

---

<sup>409</sup> 11.03 (MAF 0413), 11.09 (MAF 0656 e MAF 0433), 12.01 (MAF 0306), 12.02 (MAF 0338 e MAF 0339), 13.01 (MAF 0320), 14 (MAF 0511), 17.04.010 (MAF 0229), 17.04.020 (MAF 0246), 17.04.030 (MAF 0286), 17.04.040 (MAF 0300), 17.04.050 (MAF 0318), 17.04.060 (MAF 0330), 17.04.070 (MAF 0349), 17.04.080 (MAF 0376), 17.04.090 (MAF 0408), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 17.04.130 (MAF 0495 e MAF 0496), 17.04.140 (MAF 0500), 17.04.150 (MAF 0513), 17.04.160 (MAF 0626) e 19.01 (MAF 0429). 21.01.023 (MAF 0061). 31.02 (MAF 0423).

<sup>410</sup> 41.03 (MAF 0206), 41.04 (MAF 0611 e MAF 0612), 42.02.090 (MAF 0437 e MAF 0438), 42.02.100 (MAF 0657), 42.02.103 (MAF 0668), 42.04.011 (MAF 0614.05), 42.04.031 (MAF 0604.01), 42.04.034 (MAF 0409), 42.04.036 (MAF 0612.01), 42.05 (MAF 0206.01), 42.06.020 (MAF 0340, MAF 0658, MAF 0659, MAF 0660 e MAF 0747), 42.06.021.01 (MAF 0742), 42.06.021.02 (MAF 0120), 42.06.021.03 (MAF 0363, MAF 0554, MAF 0655 e MAF 0744), 42.06.021.04 (MAF 0762), 42.06.021.05 (MAF 0670, MAF 0690 e MAF 0746), 42.06.021.06 (MAF 0410 e MAF 0652), 42.06.021.07 (MAF 0213 e MAF 0483), 42.06.021.08 (MAF 0555 e MAF 0651), 42.06.021.09 (MAF 0529, MAF 0669 e MAF 0741), 42.06.021.10 (MAF 0624.14 e MAF 0624.15), 42.06.021.11 (MAF 0653), 42.06.021.12 (MAF 0130), 42.06.022.02 (MAF 0414), 42.06.023.01 (MAF 0228), 42.06.023.02 (MAF 0235), 42.06.023.03 (MAF 0301), 42.06.023.04 (MAF 0121, MAF 0285 e MAF 0364), 42.06.023.05 (MAF 0439), 42.06.023.06 (MAF 0296), 42.06.023.07 (MAF 0455), 42.06.023.08 (MAF 0373), 42.06.023.09 (MAF 0387), 42.06.023.10 (MAF 0342), 42.06.023.11 (MAF 0412), 42.06.023.12 (MAF 0323), 42.06.023.13 (MAF 0503), 42.06.023.14 (MAF 0502), 42.06.042 0344 42.06.041 0362 42.08.020 (MAF 0614.01), 42.09.010 (MAF 0617.01), 42.12.011 0734 42.12.012 0294 0295 42.12.021 0289 42.12.022 0510 e 43.06.020 (MAF 0206.04).

tornozeleiras. Também foram inclusos neste conjunto, artefatos que utilizaram técnicas de enfiadura ou colocação de correntes na sua confecção, apesar de não serem objetos de adorno.



Artefato confeccionado a partir de técnicas de bijuteria – 42.06.023.04 (MAF 0285)

#### 4.4.2 Bordadura

A bordadura consiste na aplicação de técnicas de cercadura, orladura e preenchimento em superfícies, como teto, piso, parede ou tecido, visando a ornamentação da mesma. No caso da aplicação de bordados em tecidos, estes são feitos utilizando fibras ou fios de natureza diversa. Geralmente são aplicadas com essa técnica, formas fitogênicas, traços elaborados, símbolos ou identificações pessoais.

Na coleção encontra-se a utilização da bordadura na classe Vestuários<sup>411</sup>.



Traje com acessórios e peças com aplicação de bordados – 41.04 (MAF 0611)

<sup>411</sup> 42.04.036 (MAF 0612.01), 42.07 (MAF 0614.06), 42.08 (MAF 0739.03, MAF 0739.04 e MAF 0739.05), 42.08.020 (MAF 0611.01, MAF 0614.01, MAF 0614.02, MAF 0615.02, MAF 0616.02, MAF 0616.04, MAF 0616.05, MAF 0617.02, MAF 0617.03 e MAF 0806.02), 42.08.060 (MAF 0615.05), 42.09.010 (MAF 0612.04), 43.01 (MAF 0611.02, MAF 0627.07 e MAF 0739.01), 43.02 (MAF 0611.03 e MAF 0617.04), 43.02.010 (MAF 0612.02 e MAF 0675.04), 43.03 (MAF 0614.03), 43.04 (MAF 0614.04), 43.06 (MAF 0611.04, MAF 0612.03, MAF 0617.05 e MAF 0627.06) e 43.06.010 (MAF 0612.05 e MAF 0739.02).

### 4.4.3 Cerâmica

Cerâmica é o ramo, a arte ou o conjunto de técnicas de produção de artefatos cerâmicos. Entende-se como artefato cerâmico o resultado do tratamento térmico, em temperaturas elevadas, dado a materiais sólidos, inorgânico ou não metálico.

Esses materiais podem ser naturais (agalmatolito, andalusita, argila, bauxito, calcita, cianita, cromita, dolomita, feldspato, filitos cerâmicos, grafita, magnesita, materiais fundentes, pirofilita, quartzo, silimanita, talco, wollastonita e zirconita) ou sintéticos (alumina, alumina calcinada, alumina eletrofundida marrom, alumina eletrofundida branca, alumina tabular, carbetto de silício, cimento aluminoso, espinélio, magnésia, mulita sintética, mulita-zircônia, óxido de zinco e sílica ativa)<sup>412</sup>.

Na cerâmica tradicional são usadas principalmente como matérias-primas o feldspato, a sílica e a argila.

O processo de fabricação envolve a secagem espontânea à sombra, para retirar o excesso de água da massa. Depois, a peça é moldada e submetida a temperaturas elevadas que lhe conferem rigidez e resistência. Podem ser acrescentadas outras substâncias antes do processo de queima com a finalidade de alterar o resultado final e de produzir artefatos diferenciados. Após a queima, o artefato também pode receber, para fins estéticos, esmaltagem e pintura, com aplicação de motivos decorativos.

Esse conjunto de técnicas é aplicado para a confecção de tijolos, blocos, telhas, elementos vazados, lajes, lajotas, tubos cerâmicos e artefatos de uso doméstico, decorativo e de adorno.

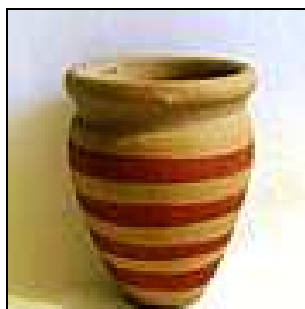
Na coleção encontra-se a utilização da cerâmica nas classes Utensílio (recipientes)<sup>413</sup> e Vestuários (colares)<sup>414</sup>.

---

<sup>412</sup> Informações coletadas no site da Associação Brasileira de Cerâmica: <http://www.abceram.org.br> . Acesso em 16 mai. 2010.

<sup>413</sup> 31.01 (MAF 0084, MAF 0085, MAF 0086 e MAF 0087) e 31.02 (MAF 0423).

<sup>414</sup> 42.06.020 (MAF 0658, MAF 0659 e MAF 0747), 42.06.021.03 (MAF 0655), 42.06.021.05 (MAF 0670), 42.06.021.06 (MAF 0652) e 42.06.021.11 (MAF 0653).



Exemplar de artefato cerâmico da coleção - 31.01 (MAF 0086)

#### 4.4.4 Costura

A costura é um grupo de técnicas aplicadas com a finalidade de coser elementos, manual ou mecanicamente, ligando-os entre si e arrematando-os. A costura pode ser utilizada para cozer tecidos, couro, encadernações, ou apliques em materiais diversos. São usados para a costura, agulhas e fios têxtil ou metálico, com diferentes espessuras e cores, de acordo com a necessidade. Também podem ser aplicados tipos distintos de costura, que variam conforme o material a ser cosido e o acabamento pretendido, como exemplo: reta, dupla, pesponto e zig zag.

As técnicas de costura foram empregadas na coleção para a confecção de imaginárias (Insígnia)<sup>415</sup>, fronha, (Utensílio)<sup>416</sup>, trajes, acessórios e peças de vestuários (Vestuário)<sup>417</sup>.

<sup>415</sup> 17.04.010 (MAF 0229), 17.04.020 (MAF 0246), 17.04.030 (MAF 0286), 17.04.040 (MAF 0300), 17.04.050 (MAF 0318), 17.04.060 (MAF 0330), 17.04.070 (MAF 0349), 17.04.080 (MAF 0376), 17.04.090 (MAF 0408), 17.04.100 (MAF 0431), 17.04.110 (MAF 0448), 17.04.120 (MAF 0469), 17.04.130 (MAF 0495 e MAF 0496), 17.04.140 (MAF 0500), 17.04.150 (MAF 0513), 17.04.160 (MAF 0626).

<sup>416</sup> 33.01 (MAF 0637).

<sup>417</sup> 41.05 (MAF 0608), 42.01 (MAF 0638), 42.04.021 (MAF 0311), 42.04.036 (MAF 0612.01), 42.07 (MAF 0614.06), 42.08 (MAF 0739.03, MAF 0739.04 e MAF 0739.05), 42.08.020 (MAF 0604.02, MAF 0610.03, MAF 0611.01, MAF 0614.01, MAF 0614.02, MAF 0615.02, MAF 0616.02, MAF 0616.04, MAF 0616.05, MAF 0617.02, MAF 0617.03, MAF 0618.07, MAF 0618.08, MAF 0619.01, MAF 0619.02, MAF 0619.04, MAF 0627.04, MAF 0633.02, MAF 0674.02, MAF 0674.03, MAF 0806.02, MAF 0806.03, MAF 0806.04 e MAF 0808.02), 42.08.030 (MAF 0618.02, MAF 0618.12, MAF 0627.05, MAF 0740.03, MAF 0740.04, MAF 0740.05, MAF 0740.06, MAF 0740.07, MAF 0740.08, MAF 0740.09 e MAF 0740.10), 42.08.040 (MAF 0636, MAF 0640 e MAF 0781), 42.08.041 (MAF 0663, MAF 0664 e MAF 0665), 42.08.050 (MAF 0682), 42.08.060 (MAF 0615.05), 42.09.010 (MAF 0609.01, MAF 0610.01, MAF 0612.04, MAF 0617.01, MAF 0618.05 e MAF 0618.06), 43.01 (MAF 0609.02, MAF 0611.02, MAF 0615.04, MAF 0618.13, MAF 0619.06, MAF 0624.06, MAF 0627.07, MAF 0677, MAF 0678, MAF 0739.01 e MAF 0784), 43.02 (MAF 0609.03, MAF 0610.04, MAF 0611.03, MAF 0617.04, MAF 0618.14, MAF 0624.04, MAF 0633.01, MAF 0674.05, MAF 0675.03 e MAF 0808.01), 43.03 (MAF 0614.03 e MAF 0807), 43.02.010 (MAF 0604.03, MAF 0605.02, MAF 0612.02, MAF 0616.01, MAF 0618.01, MAF 0667, MAF 0674.04, MAF 0675.04 e MAF 0676), 43.02.020 (MAF 0679, MAF 0740.01 e MAF 0740.02), 43.04 (MAF 0614.04), 43.06 (MAF 0604.04, MAF 0605.03, MAF 0610.02, MAF



Artefatos elaborados com técnicas de costura – 41.04 (MAF 0612)

#### 4.4.5 Escultura

A Escultura é arte ou o conjunto de técnicas de plasmar a matéria com a finalidade de representar imagens em relevo (alto ou baixo) ou em três dimensões. Geralmente as técnicas de escultura são aplicadas sobre materiais metálicos (bronze, ouro, prata, etc.), pedra (mármore, calcário, granito, etc.), madeira (ébano, jacarandá, etc.) e outros materiais como argila, cera, gesso, marfim, âmbar, plásticos e sintéticos.

As técnicas de escultura mais usadas são as abaixo listadas que geralmente são aplicadas nos seguintes materiais:

- Fundição — processo de derretimento do metal e solidificação em molde;
- Moldagem e Cera-perdida — argila, cera, metal e plástico;
- Aglomeração de partículas — gesso e argila;
- Entalhadura e Cinzelagem — madeira e pedra.

---

0611.04, MAF 0612.03, MAF 0615.03, MAF 0616.03, MAF 0617.05, MAF 0618.03, MAF 0618.04, MAF 0619.05, MAF 0619.07, MAF 0627.06, MAF 0666, MAF 0674.01, MAF 0675.01 e MAF 0718), 43.06.010 (MAF 0605.04, MAF 0612.05, MAF 0618.09, MAF 0618.10, MAF 0618.11 e MAF 0739.02) e 43.07 (MAF 0605.01 e MAF 0680).

Na coleção há aplicação das técnicas de escultura em metal (cera-perdida e fundição), madeira (entalhadura e cinzelção) e argila (moldagem), nas classes Insígnia<sup>418</sup> e Instrumento Sonoro<sup>419</sup>.



Escultura em barro – 17.01.010 (MAF 0079)

#### 4.4.6 Metalurgia

A Metalurgia é o conjunto de técnicas para extrair, manipular, tratar e purificar metais com a finalidade de fabricar ligas e estruturas metálicas, ferramentas, armas, instrumentos, utensílios, dentre outros artefatos.

Das diversas técnicas<sup>420</sup> existentes no ramo da metalurgia foi identificada a ocorrência na coleção de:

- Fundição — o mesmo processo de Escultura;
- Soldagem — processo de unificação de materiais metálicos similares ou não, utilizando a fusão dos próprios materiais envolvidos ou a adição de outros fundidos.

<sup>418</sup> 11.07 (MAF 0795), 17 (MAF 0634.01 e MAF 0634.02), 17.01.010 (MAF 0079 e MAF 0203), 17.01.020 (MAF 0218, MAF 0219, MAF 0220 e MAF 0221), 17.03 (MAF 0476) e 18.01 (MAF 0635).

<sup>419</sup> 21.01.011.01 (MAF 0593) e 21.01.011.02 (MAF 0592).

<sup>420</sup> Informações parcialmente coletadas em: ROSSITTI, Sergio Mazzer. **Processos e variáveis de fundição**. Tietê: Grupo Metal, 1993, disponível em: <http://www.grupometal.com.br/imagens/downloads/grupometal03.pdf> / **Conformação - Forjamento**. Rio Grande: Grupo de Estudos em Fabricação e Materiais / Departamento de Materiais e Construção / Fundação Universidade Federal do Rio Grande, s/d, disponível em: [http://www.gefmat.furg.br/material\\_did/conformacao/Forjamento.pdf](http://www.gefmat.furg.br/material_did/conformacao/Forjamento.pdf) / PANNONI, Fabio Domingos. **Princípios da Galvanização a Fogo**. São Paulo: ZTEC, s/d, disponível em : <http://www.ztec.ind.br/pdf/principios/principios.pdf> / PENTEADO, Fernando A C de Arruda. **Processos de Estampagem**. São Paulo: Revista Cadware Indústria, 2005. Acessos em 17 mai. 2010.



- Conformação — processo de compressão de metais sólidos em moldes, utilizando a deformação plástica dos mesmos. Pode ser realizado com o aquecimento do metal para facilitar o processo ou para manipulação das características finais do artefato;
  - Forjamento — conformação por impacto;
  - Laminagem — conformação para aplicação de lâminas;
  - Estampagem — conformação de chapas ou barras metálicas aplicando corte, deformação, dobramento, relevo, embutimento ou repuxo;
- Galvanização — processo de revestimento de materiais (metais ou não) com metais, com o objetivo de protegê-los ou para fins estéticos e decorativos. Pode ser realizado por eletrodeposição (eletrólise) ou fonte de calor.
  - Niquelagem — galvanização utilizando níquel como elemento de revestimento.
  - Cromagem — galvanização utilizando cromo como elemento de revestimento.
  - Zincagem — galvanização utilizando zinco como elemento de revestimento.
  - Cobreação — galvanização utilizando cobre como elemento de revestimento.
- Laminação — processo de transformação de chapas ou barras metálicas em lâminas.

Essas técnicas foram identificadas em todas as classes: Insígnia<sup>421</sup>, Instrumento Sonoro<sup>422</sup>, Utensílio<sup>423</sup> e Vestuário<sup>424</sup>.

---

<sup>421</sup> 11.01.010 (MAF 0368 e MAF 0717), 11.01.020 (MAF 0321 e MAF 0716), 11.02.010 (MAF 0222, MAF 0223, MAF 0224, MAF 0225 e MAF 0721), 11.02.020 (MAF 0236, MAF 0237, MAF 0238 e MAF 0245), 11.02.030 (MAF 0278, MAF 0283, MAF 0284 e MAF 0299), 11.02.040 (MAF 0452, MAF 0468, MAF 0725 e MAF 0726), 11.02.050 (MAF 0443 e MAF 0737), 11.02.060 (MAF 0481), 11.02.070 (MAF 0627.08), 11.04 (MAF 0331), 11.05 (MAF 0303), 11.06.010 (MAF 0298, MAF 0302, MAF 0317 e MAF 0735), 11.06.020 (MAF 0287), 11.07 (MAF 0390, MAF 0713 e MAF 0719), 11.08 (MAF 0119 e MAF 0712), 12.01 (MAF 0306), 12.02 (MAF 0338 e MAF 0339), 13.01 (MAF 0320), 14 (MAF 0511), 15.01 (MAF 0343), 16.01 (MAF 0736), 16.04 (MAF 0206.07, MAF 0644 e MAF 0645), 16.02.020 (MAF 0642, MAF 0722, MAF 0745, MAF 0233, MAF 0240 e MAF 0641), 16.02.030 (MAF 0337, MAF 0341 e MAF 0715), 16.02.040 (MAF 0328 e MAF 0720) e 17.01.020 (MAF 0218, MAF 0219, MAF 0220 e MAF 0221).



Artefato elaborados com técnicas de metalurgia – 17.01.020 (MAF 0218)

#### 4.4.7 Pintura

A pintura é a arte ou o conjunto de técnicas de revestimento de uma superfície, utilizando pigmento em forma líquida, com a finalidade de dar-lhe cor. Essas técnicas podem ser aplicadas somente com o objetivo de revestir e dar cor à superfície, mas geralmente é acompanhada com finalidades estéticas e decorativas. Enquanto arte, a pintura tem a finalidade de criar representações de figurar e formas, concretas ou abstratas, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas.

O elemento técnico fundamental da pintura é o pigmento. A escolha da sua matéria base e aglutinantes define as possibilidades de aplicação das técnicas de pintura. Há um grande vínculo entre matéria corante e técnica.

---

<sup>422</sup> 22.01.010 (MAF 0365, MAF 0374 e MAF 0375), 21.01.011.01 (MAF 0593), 21.01.011.02 (MAF 0592), 21.01.021 (MAF 0051, MAF 0714 e MAF 0759), 21.01.022 (MAF 0039, MAF 0040 e MAF 0049) e 21.01.024.01 (MAF 0386).

<sup>423</sup> 31 (MAF 0021.1 e MAF 0021.2) e 32.02 (MAF 0648, MAF 0649 e MAF 0650).

<sup>424</sup> 42.02.010 (MAF 0351 e MAF 0352), 42.02.020 (MAF 0291 e MAF 0292), 42.02.030 (MAF 0304, MAF 0305, MAF 0421 e MAF 0422), 42.02.040 (MAF 0326 e MAF 0327), 42.02.050 (MAF 0334, MAF 0335, MAF 0776 e MAF 0777), 42.02.060 (MAF 0450 e MAF 0451), 42.02.070 (MAF 0508 e MAF 0509), 42.02.101 (MAF 0346, MAF 0347 e MAF 0348), 42.02.102 (MAF 0415, MAF 0416, MAF 0417, MAF 0418, MAF 0419 e MAF 0420), 42.02.105 (MAF 0646 e MAF 0647), 42.02.106.01 (MAF 0230 e MAF 0231), 42.02.106.02 (MAF 0353, MAF 0354, MAF 0774 e MAF 0775), 42.02.106.03 (MAF 0307, MAF 0308, MAF 0324, MAF 0325, MAF 0506 e MAF 0507), 42.02.106.04 (MAF 0290, MAF 0293, MAF 0332 e MAF 0333), 42.04.011 (MAF 0232), 42.04.012 (MAF 0288), 42.04.031 (MAF 0336), 42.04.032 (MAF 0449), 42.04.033 (MAF 0319), 42.04.035 (MAF 0504 e MAF 0512), 42.04.036 (MAF 0371), 42.04.037 (MAF 0498), 42.04.038 (MAF 0778), 42.06.041 (MAF 0362), 42.06.042 (MAF 0344), 42.10.010 (MAF 0234), 42.10.020 (MAF 0505), 42.12.011 (MAF 0734), 42.12.012 (MAF 0294 e MAF 0295), 42.12.021 (MAF 0289) e 42.12.022 (MAF 0510).

As principais técnicas de pintura são: afresco, aquarela, caseína, crayons, encáustica, guache, pastéis, pintura a óleo, resina alquídica, têmpera e tinta acrílica<sup>425</sup>.

O suporte mais comum para aplicação das técnicas de pintura é a tela, normalmente feita com tecido de algodão (lona) ou linho. Embora possam ser aplicadas em superfícies diversas, como papel, madeira e argila.

Na coleção, existem artefatos nas classes Insignia<sup>426</sup>, Utensílio<sup>427</sup> e Vestuário<sup>428</sup>, que foram confeccionados com técnicas de pintura. Contudo, não há informações na documentação do acervo que auxiliem a identificação das técnicas utilizadas. Somente é possível indicar que pinturas feitas em argila, porcelana, tecido, couro e madeira são geralmente realizadas utilizando tinta acrílica, aquarela e tinta óleo, mas se admite a possibilidade de outros processos de pigmentação.



Artefato em madeira com aplicação de técnicas de pintura – 17.03 (MAF 0476)

<sup>425</sup> Cf. MAYER, Ralph; SHEEHAN, Steven. **Manual do artista: de técnicas e materiais**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>426</sup> 11.03 (MAF 0413), 11.09 (MAF 0433), 16.02.010 (MAF 0689 e MAF 0695), 16.03 (MAF 0696), 17 (MAF 0634.01 e MAF 0634.02), 17.01.010 (MAF 0079), 17.02.010 (MAF 0203) e 17.03 (MAF 0476).

<sup>427</sup> 31.01 (MAF 0084, MAF 0085, MAF 0086 e MAF 0087).

<sup>428</sup> 41.04 (MAF 0616), 41.05 (MAF 0608 e MAF 0615), 42.02.080 (MAF 0624.05), 42.06.020 (MAF 0340 e MAF 0659), 42.06.023.02 (MAF 0235), 42.06.023.05 (MAF 0439), 42.06.023.07 (MAF 0455), 42.06.023.13 (MAF 0503), 42.08.020 (MAF 0806.04), 42.08.030 (MAF 0329), 42.08.070 (MAF 0740.11), 43.02 (MAF 0624.04), 43.06 (MAF 0718) e 43.06 (MAF 0782).

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho, em cada capítulo, foram sendo sinalizados os pontos de conclusão que se julgou importante a exposição imediata, visando melhor atender a seqüência da argumentação construída.

Desta forma, foi possível chegar a algumas conclusões que permitem estabelecer um perfil geral da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira do Museu Afro-Brasileiro, baseando-se na identificação dos elementos de maior ocorrência.

Considerando o quadro classificatório — que teve por finalidade criar uma estrutura para o entendimento da coleção, gerar unidades conceituais, termos e definições para os artefatos, organizar virtualmente a coleção e apresentá-la — é possível afirmar que a Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira é uma coleção majoritariamente de vestuário e de insígnias, tendo baixa representatividade das outras classes apresentadas. Como sinalizado no terceiro capítulo, tal quadro reflete a própria dinâmica da formação da coleção e nos permite visualizar as suas limitações no que tange a diminuta presença de artefatos sonoros e utilitários, tão numerosos e diversos no contexto das religiões de matriz africana. Não se tem pretensão de julgar as ausências, porém constatar que a Coleção mantém um recorte do universo da cultura material do candomblé. Como toda coleção, os componentes contam a sua história.

Quanto a história da formação da coleção, foi possível identificar que dois grupos de datação de entrada se destacam: o de 1981, marcado pela compra de artefatos pelo CEAO, e o de 1982 a 1992, marcado pelas doações dos terreiros baianos de candomblé. Esses grupos, juntamente com a reestruturação do projeto inicial, provocada pelos problemas de alocação, condicionaram a feição da coleção, bem como, do próprio Museu Afro-Brasileiro.

Vale ressaltar que, com exceção dois conjuntos de artefatos doados, toda a coleção foi elaborada na segunda metade do século XX.

Também foi possível verificar que os artefatos têm origem circunscrita no Estado da Bahia, mais especificamente nos territórios do Recôncavo Norte e Sul, trazendo com isso a delimitação espacial da coleção, restringindo-a ao universo cultural, social e religioso desta área. Constatou-se ainda, que a coleção consistia em artefatos de uma única tradição religiosa afro-brasileira, o candomblé, e que dentro desta, mais de 50% dos artefatos foram doados por terreiros da nação keto (étimo iorubá).

É interessante observar que os terreiros doadores, no interior de cada nação mantinha relações de parentesco religioso ou de diplomacia, formando uma rede. Assim como, na esfera inter-nações existiam aproximações da mesma ordem. As redes podem ter auxiliado, de modo espontâneo, a formação da coleção.

No que tange ao conjunto de materiais utilizados na confecção dos artefatos, identificou-se presença expressiva dos metais e dos materiais elaborados, principalmente tecidos e contas, o que traz como consequência o destaque da utilização da Bijuteria, da Costura e da Metalurgia, como principais conjuntos de técnicas adotadas.

Realizados esses estudos e traçado o perfil geral da coleção, visualizam-se os caminhos, as possibilidades e as continuidades de pesquisa. Como foi sinalizado no início do trabalho, este pode se configurar como a primeira etapa de um projeto de pesquisa mais amplo, que pretende contribuir para novos estudos das coleções do Museu Afro-Brasileiros. Construiu-se a base para a realização de outras pesquisas neste campo temático, seja ampliando a estrutura e organização por classes, seja pesquisando fatos históricos não abordados na remontagem histórica ou aprofundando o que foi apresentado, seja estudando os artefatos individualmente ou através dos conjuntos propostos pelas classes criadas, incluindo a ampliação dos estudos dos materiais e técnicas utilizadas na confecção dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

### Fontes consultadas no Arquivo do Museu Afro-Brasileiro

AMORIM, Genildes Cerqueira de. **Carta de Doação**. Muritiba: [s.n.], 1982.

BAHIA. **Ofício da Bahiaturisa para a Sr<sup>a</sup>. Graziela Amorim**. Salvador: Governo do Estado da Bahia / Bahiaturisa, 1984.

BARBOZA, Luiz Sérgio. **Atestado de doação do traje do orixá Oxum Apará**. Salvador: [s.n.], s/d.

BRASIL. **Termo de Convênio que celebram a União Federal, o Estado da Bahia e o Município de Salvador para a execução de um Programa de Cooperação Cultural entre o Brasil e os países Africanos e para o Desenvolvimento de Estudos Afro-Brasileiros**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1974.

BRASIL. **Ofício do Programa Nacional de Museus**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Cultura, 1983.

CELESTINO, Antonio. **Declaração de doação do Xerê: Pai Celestino do Terreiro Omin-Dé**. Salvador: [s.n.], s/d.

GUIMARÃES, Newton Alves. **Atestado de Doação**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.

SANTANA, Moises Pereira de. **Carta de solicitação de empréstimo de foto do acervo do Museu Afro-Brasileiro**. Salvador: Restaurante Pituauçú, 1988.

SANTOS, Deraldo Francisco dos. **Bloco Carnavalesco Eros Negro**. Salvador, 1981.

SOCIEDADE BENEFICENTE E RECREATIVA SÃO JORGE DO ENGENHO VELHO. **Ofício informativo** – Nova Iyalorixá do Ilê Axé Iyá Nassô Oká. Salvador: Sociedade Beneficente e Recreativa São Jorge do Engenho Velho, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Carta de Agradecimento ao Sr. Martinho**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício de agradecimento a Sr. Rosimeire de Campos Ribeiro**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo da peça “Mulata”**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Atestado de doação da tela “O nascimento dos orixás”**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Atestado de doação**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Contrato de Comodato entre a Universidade Federal da Bahia e o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Contrato de Doação - Luíza Franquellina da Rocha**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Contrato de Doação**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de devolução de peças a Sr<sup>a</sup>. Maria Romélia Costa Oliveira**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação da peça “A Mona Iorubá”**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação de objeto pelo Sr. Delfor L. Balizni**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação feita pelo Sr. Ademar Lopes**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de doação**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Declaração de empréstimo referente às obras do artista plástico J. Ferreira**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Etiqueta da Indumentária do Caboclo Trovezeiro de Visaura**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Formulário de solicitação de atividade**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Informações sobre o Sr. Germano Santos Cruz**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Informações sobre objeto doado ao Museu Afro-Brasileiro pela Sr.<sup>a</sup> Carmem Ribeiro**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Inventário de peças do Museu Afro-Brasileiro**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [fora de uso].

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Inventário de peças do Museu Afro-Brasileiro**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d [versão atual].

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Lista de fotografias do acervo do Museu Afro-Brasileiro:** por título ou nome representativo. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Listagem de empréstimos diversos.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Listagem de objetos doados pela Prof<sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Listagem de observações sobre o Museu Afro-Brasileiro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relatórios dos Programas do MAFRO.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Nota sobre doação da peça “Vodu”.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Notas sobre doações de peças.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício ao Sr. Sérgio Carlos Andrade Borges.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Filhos do Congo.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Olodum.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1990.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício de solicitação de pauta.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício de Yêda Pessoa de Castro (e outros) para Maria Stela Azevedo.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício do Reitor José Rogério da Costa Vargens a Sr<sup>a</sup> Yêda Pessoa de Castro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ofício do Sr. Guilherme de Souza Castro para a Sr<sup>a</sup> Maria Theresa de Medeiros Pacheco.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo da peça “Estrutura Marinha”.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo da peça “Negra de Angola”.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo de Doação - Maria Luiza Marinho dos Santos.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo de objeto doado.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo de objetos emprestados pela Sr<sup>a</sup>. Maria Romélia Costa Oliveira.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Recibo de peças emprestadas pelo Sr. Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro para exposição na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1978.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro.** Salvador: Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro para exposição na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1978.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação das peças em empréstimo.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de fotos entregues a Emanuel Araújo para servirem de modelo para o catálogo do Museu Afro-Brasileiro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de objetos:** empréstimo para Fundação Museu Regional do São Francisco. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de objetos emprestados pelo Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de objetos pertencentes ao CEAO emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de peças do acervo do Museu Afro-Brasileiro para exposição comemorativa dos 100 anos de abolição em Trinidad e Tobago.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de peças do Museu Afro-Brasileiro emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de peças para empréstimo.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação de peças pertencentes a Prof.<sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação do material devolvido sobre o “Mestre Bimba”.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo César Alves de Almeida.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação dos objetos emprestados ao Museu Afro-Brasileiro pela Prof.<sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relação dos objetos doados ao Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA pelo Magnífico Reitor Luis Fernando Seixas de Macedo Costa de 1981 a 1983.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relatório de atividade do Museu Afro-Brasileiro - 1983.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relatório estatístico de visitantes e estagiários.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relatório sobre as atividades do Museu Afro, referentes ao mês de março.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Relatório sobre as atividades do Museu Afro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Sala das Roupas de Carnaval.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de doação de traje do Afoxé Filhos de Gahdi.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de doação.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de Empréstimo de peças referentes à Mestre Pastinha.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de Empréstimo.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de Recebimento das peças concedidas por empréstimo pelo Museu Estácio de Lima ao Museu Afro-Brasileiro.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de Responsabilidade:** UFBA. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Termo de Responsabilidade.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA.BAHIA. **Texto informativo.** Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d.

### Fontes consultadas na Hemeroteca Virtual do Centro de Estudos Afro-Orientais

15 ANOS da Declaração dos Direitos do Homem. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n. ], 12 dez. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-12.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

15 ANOS de Declaração dos Direitos do Homem: sessão no JB. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n. ], 8 e 9 dez. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-08.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ABDEL Aziz Ishak diz que os belgas são responsáveis pelo assassinio de Lumumba. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro: [s.n.], 18 nov. 1961. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-18\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-18_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

A IMPORTÂNCIA atual do Atlântico Sul. **A Tarde**, Salvador, 22 e 23 out. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-23.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

A IMPORTÂNCIA atual do Atlântico Sul. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 11 jul. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-07-11.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

A ÍNDIA se industrializa para vencer o seu subdesenvolvimento. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 12 jul. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-07-12.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ABERTAS as inscrições para cursos do CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 13 fev. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-02-13.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ABERTAS as matrículas no Centro de Estudo Afro-Orientais. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 15 fev. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-02-15.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ÁFRICA e América Latina encontram-se no Rio: presença da Bahia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 2 nov. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-02.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ÁFRICA. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 31 dez. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-12-31.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

AFRICANOS dão "show" de trajes típicos. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 24 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-24.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

AFRICANOS e Latino-Americanos querem Instituto de Pesquisas. **Útima Hora**, Rio de Janeiro: [s.n.], 1 out. 1963 Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-01.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

AFRICANOS estudarão na Bahia. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 25 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-25.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

AFRICANOS ouvem. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 18 jan. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-18.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

AFRO brasileira traz arte pitoresca de Leite Pereira. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 15 dez. 1990. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1990-12-15\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1990-12-15_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

AFRO brasileiro. **Bahia Hoje**, Salvador: [s.n.], 7 set. 1993. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1993-09-07\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1993-09-07_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

AFRO: uma herança que os herdeiros mal preservam. **Jornal do Brasil**, Salvador: [s.n.], 27 abr. 1974. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27_ceao.pdf) e [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1974-04-27_ceao01.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

ALBÉRICO instala conselhos. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 04 ago. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-04.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

APROXIMAÇÃO com países africanos. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 29 e 30 set. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-29.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ARAGÃO, Carla. Mafro busca parceiros para reabrir em maio. **Gazeta Mercantil**, Salvador: [s.n.], 14 jan. 1998. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1998-01-14\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1998-01-14_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

ARAÚJO NETO, José. Obras de arte são danificadas. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 25 mai. 2002. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-05-25\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-05-25_ceao.pdf) [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-05-25\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-05-25_ceao01.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

AULAS de árabe dia 21. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 17 mai. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-05-17.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

AUMENTO da exportação da Bahia para Senegal. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 11 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-11.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

BACELAR, Jeferson. A Faculdade de medicina e o Museu Afro-Brasileiro. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 05 jun. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-05\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-05_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BACELAR, Jeferson. A Faculdade e o Museu. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 08 jun. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-08\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-08_ceao01.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BANDEIRA, Cláudio. Obra na Faculdade de Medicina está parada há mais de um ano: ameaça; além da falta de recursos, livros estão ameaçados. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 28 jul. 2002. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-07-28\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-07-28_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BASTIDE fala de candomblé. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 9 out. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-09.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

BERBERT, José Augusto. Comissão quer museu fora da antiga Faculdade de Medicina. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 14 abr. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-14\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-14_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BERBERT, José Augusto. Cultura afro-brasileira em museu de preciosidades. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 27 dez. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-12-27\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-12-27_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BERBERT, José Augusto. Minha volta à faculdade. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 4 mai. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-05-04\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-05-04_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BERBERT, José Augusto. Polêmica sobre ocupação da Faculdade de Medicina. **A Tarde**, Salvador, 15 ago. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-08-15\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-08-15_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BIBLIOTECA sobre a Índia doada ao CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 11 jul. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-07-11.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

BOLETIM do Itamarati para a África e Ásia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 21 nov. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-21\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-21_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BOMFIM, José. Primeira Faculdade de Medicina ameaçada por chuvas e descaso: patrimônio; o histórico prédio está sofrendo com o abandono. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 02 jun. 2002. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-06-02\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-06-02_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BRANCOS, negros e amarelos. **Jornal do Brasil**, Salvador: [s.n.], 28 jan. 1982. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1982-01-28\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1982-01-28_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

BRASIL ganha terreno na África: Angola. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 21 jan. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-21.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

BRASILEIROS no congresso de africanistas. **Jornal da Bahia**, [Salvador]: [s.n.], 5 jan. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-01-05.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CAMELO é transporte, mas não é atraso. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 18 nov. 1961. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-18\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-18_2.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

CAPOEIRA no festival de arte negra. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 19 abr. 1966. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1966-04-19\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1966-04-19_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

CATÁLOGO de influências. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro: [s.n.], 30 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-30.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

"CARAVELLE da panair e boeing-720" da Air France transportaram JB, ontem. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 17 dez. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-12-17.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CEAO reinicia cursos. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 1 ago. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-01.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CEAO diz que Reitor apóia seu programa e vinda dos bolsistas já é ponto certo. **Diário de Notícias**, Salvador, 27 out. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-27.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CEAO. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 1 fev. 1964. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-01.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CEAO. O reduto negro da pesquisa e da intelectualidade. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 19 jan. 1985. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1985-01-19.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CEAO. O reduto negro da pesquisa e da intelectualidade. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 19 jan. 1985. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1985-01-19.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CEAO: Encerradas as comemorações. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 9 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-09\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-09_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

CHEGA à Salvador Adido da Indonésia. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 11 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11\\_3.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11_3.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

COLOMBO repete Heródoto e diz: o Egito é um presente do Nilo. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n ], 3 fev. 1964. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-03\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-03_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

COLONIALISMO na N. Guiné vai terminar em outubro. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 11 set. 1962. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11\\_4.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11_4.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

COMEMORAÇÃO da Independência: Nigéria. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 10 out. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-10.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONCLUÍDO 1º curso de hebraico. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 28 jun. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-06-28.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIA no CEAO sobre religiosidade. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 26 nov. 1963. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-26\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-26_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIA no CEAO sobre religiosidade. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 26 jan. 1964. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-01-26.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIA no Centro de Estudos Afro-Orientais. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 14 ago.1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-04-06.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIA sobre Cosme e Damião. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 13 set. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-13.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIA sobre Cosme e Damião. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 11 set. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-11.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIA sobre problemas africanos. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 18 nov. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-18.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIA sobre raça. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 25 jan. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-25.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONFERÊNCIAS. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 5 set. 1962. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11_2.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

CONGRESSO africanista. **A Tarde**, [Salvador]: [ s.n ], 8 dez. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-12-08.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CONSELHEIRO da RAU na Bahia. **Diário de Notícias**, Salvador: [ s.n ], 13 nov. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-13.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CULTURA brasileira para estudantes africanos. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 14 jan. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-14.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CULTURA, arte e identidade. **UFBA em Pauta**, Salvador, 22 nov. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-11-22\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-11-22_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museu Afro-Brasileiro :uma nova velha historia (conclusão). **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 28 mai. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-05-28\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-05-28_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

CURSOS de estudos orientais e africanos. **Diário de Notícias**, Salvador, 14 set. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-09-14.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CURSOS de estudos Orientais e africanos. **Jornal da Bahia**, Salvador, 9 set. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-09-09.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CURSOS de literatura africana e cultura islâmica no CEAO. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 1 recorte. 29 fev. 1964. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-29.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

CURSOS de russo, árabe, yorubá, no CEAO. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 14 fev. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-02-14.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

D. ROMANA diz que a Nigéria tem interesse na carne seca da Bahia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 21 ago. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-21.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DAMATA, Gasparino. Colóquio América Latina-África: brancos e negros só se conhecem pelos livros. **Jornal do Brasil**, Salvador: [s.n.], 6 out. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-06.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

"DECLARAÇÃO dos Direitos do Homem" comemora quinze anos. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 10 dez. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-10.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DETERIORAÇÃO ameaça grande patrimônio. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 15 set. 2002. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-09-15\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-09-15_ceao.pdf) . Acesso em 13 jan. 2010.

DIÁLOGO Brasil-África: Gilberto Freire no CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 8 mar. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-03-08.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DICIONÁRIO de autores negros em elaboração. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 12 dez. 1963. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-12\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-12_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

DIPLOMATA indonésio. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 11 set. 1962. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

DIPLOMATAS africanos estagiariam na Bahia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 5 ago.1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-08-05.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DIPODIPUTRO diz que não é russo socialismo adotado atualmente na Indonésia. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 11 set. 1962. Disponível em <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-11.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DIRETOR da FAMED se defende da acusação de racismo. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 20 abr. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-20\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-20_ceao.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

DIRETOR da Politécnica recusou matrícula a bolsista africano. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 17 abr. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-04-17.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DIRETOR da UNESCO visita Centro de Estudos A.O. da U.B. . **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 2 set. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-02.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DIRETOR do CEAO irá à África: congresso. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 15 set. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-15.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

DIRETOR do CEAO irá à África: congresso. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 14 set. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-14.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

É DÉBIL a luta de classes no Brasil. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 21 jan. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-21\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-21_2.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

ELOGIO e crítica da obra de Nina Rodrigues. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 27 abr. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-04-27.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

EMBAIXADOR da Índia possivelmente virá entregar quadros: 2. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 12 jul. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-07-12.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

EMBAIXADOR do Paquistão é S.M. Murshed. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n ], 21 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-21\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-21_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

EMBAIXADOR do Paquistão em Salvador. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 20 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-20\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-20_1.pdf). Acesso em 13 jan. 2010.

ENCONTRA-SE em Salvador intelectual de Angola. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 25 nov.. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-25.pdf>. Acesso em 13 jan. 2010.

ENTIDADE pretende criar museu afro-brasileiro. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 14 mar. 2002. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-03-14\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-03-14_ceao01.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

ESCOREL anuncia a chegada dos africanos. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 26 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-26.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES. **Estado da Bahia**, Salvador: [s.n.], 28 out. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos começaram a conhecer o Brasil pela Bahia. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos e realidade brasileira. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 28 jan. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos fazem estágio na UBa. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 10 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-10.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos já estão em Salvador aprendendo o Português. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro: s.n., 09 jan. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-09.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos não têm queixas do Itamarati. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n ], 21 fev. 1963. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-02-21\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-02-21_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos no Rotary: jantar. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n ], 5 mar. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-03-05.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDANTES africanos que se encontram em Salvador ouviram ontem sua 1ª aula . **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 12 dez. 1961 Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-12-12.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.



ESTUDANTES africanos serão bolsistas da UB: manter um maior intercâmbio cultural. **Estado da Bahia**, Salvador, 28 out. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ESTUDOS orientais e estudos africanos. **A Tarde**, Salvador, 12 set. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-09-12.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

EXPOSIÇÃO de arte africana. **A Tarde**, Salvador: [ s.n ], 19 fev. 1964. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-19.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

EXPOSIÇÃO de arte africana. **Diário de Notícias**, Salvador: [ s.n ], 19 fev. 1964. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-19\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-19_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

FACULDADE de Medicina da UFBA volta a ocupar espaço no Terreiro de Jesus . **ABM Notícias**, Salvador: [s.n.], out. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-out\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-out_ceao.pdf) . Acesso em 14 jan. 2010.

FALOU aos africanos sobre o problema racial no Brasil. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 25 jan. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-25\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-25_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

FARMACOPÉIA africana em palestra. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 15 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-15.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

FARMACOPÉIA africana: conferência no CEAO. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 16 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-16.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

FEIRA de artesanato após a dos livros. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 19 set. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-06-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

FESTAS. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 7 dez. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-07.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

FILMES amanhã no CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n ], 3 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-03.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

FILMES nigerianos no CEAO. **A Tarde**, Salvador: [ s.n ], 4 out. 1963. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-04\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-04_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

FILMES nigerianos no CEAO. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 4 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-04.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

FOLCLORE. **Diário de Notícias**, Salvador: [ s.n ], 27 nov. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-27.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

FOLCLORISTA falou sôbre religiosidade. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n ], 28 nov. 1963. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-28\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-28_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

GOA, China e Bahia. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 06 fev. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-02-06.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

GOA, Damão e Diu no Ceao: Palestra. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 7 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-07\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-07_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

GÓES, Maria de Fátima. Afro: um museu para mostrar a cultura negra na Bahia. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 6 jan. 1982. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1982-01-06\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1982-01-06_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

HOMENAGEADO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 12 dez. 1963. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-12\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-12-12_2.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

INAUGURADO o curso de língua russa na Bahia: estudantes, médicos, advogados e jornalistas inscritos. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 1 recorte. 22 jan. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-01-22.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

INDONÉSIA divulgada no CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 12 set. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-12.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

INFLUÊNCIA das artes visuais africanas nas Américas é mostrada na Bahia. **UFBA em Pauta**, Salvador, 22 maio 2001. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2001-05-22\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2001-05-22_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

INTERCÂMBIO luso-brasileiro. **O Planalto**, Nova Lisboa: [s.n.], 21 jun. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-06-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

ISLÃ na América do Sul. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 24 out. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-24.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

LASEBIKAN conferenciou sobre iorubá. **Jornal do Brasil**, Salvador: [s.n.], 11 out. 1963. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-11\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-11_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

LASEBIKAN, falará no CEAO. **Jornal do Brasil**, Salvador: [s.n.], 10 out. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-10.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

LIMA, Lamartine de Andrade. Memorial da Medicina Nacional . **A Tarde**, Salvador, 05 jul. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-07-05\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-07-05_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

LIVRO do CEAO foi lançado ontem. **Jornal da Bahia**, Salvador, 25 out. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-25.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

LUMUMBA foi realmente assassinado! **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 17 nov. 1961. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-17\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-17_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

LUZ, Márcia. África moderna. **Correio da Bahia**, Salvador: [s.n.], 13 jan. 1988. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1988-01-13\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1988-01-13_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MADRAS é uma cidade da Índia: palestra. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 15 nov. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-15.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MAESTRO Nabokoy quer fazer festival de música na Bahia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 10 set. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-10.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MAMB ganhará 2 telas: pintores novos da Índia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [ s.n ], 11 jul. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-08-05.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MÁSCARAS africanas. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 2 out. 1989. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1989-10-02\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1989-10-02_ceao.pdf) e [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1989-10-02\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1989-10-02_ceao01.pdf) . Acesso em 14 jan. 2010.

MATOS, Renata. HISTÓRIA da cultura: Ministro assina termo de cooperação e viabiliza a construção do novo Museu Afro-Brasileiro. **Correio da Bahia**, Salvador, 19 nov. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-11-19\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-11-19_ceao.pdf) . Acesso em 14 jan. 2010.

MATRÍCULAS abertas no CEAO até 29. **Diário de Notícias**, [Salvador]: [s.n.], 10 fev. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-02-10.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MATRÍCULAS para cursos no CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 29 jan. 1964. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-01-29.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MATRÍCULAS para os cursos de japonês, árabe, russo e yorubá no Centro Afro-orientais da Uba. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 15 fev. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-02-15\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-02-15_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MINISTRO africano diz que África e Brasil são comuns na luta nacionalista atual. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 17 nov. 1961. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-17\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-17_2.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MOSTRA e lançamentos nos 35 anos da UFBA. **A TARDE**, Salvador: [s.n.], 1 jul. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07-01\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07-01_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUNIZ, Antônia Maria. 7 dias do livro: onde reside o amor?. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 6 abr. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-04-06.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU afro fecha para recadastrar acervo. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 8 out. 1997. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-10-08\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-10-08_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU afro inicia atividades com expo. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 28 jun. 1981. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-06-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU afro pode ir para a casa do Benin. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 8 jan. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-01-08\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-01-08_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU afro quer parceria com empresas. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 1 jan. 1998. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1998-01-10\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1998-01-10_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU afro tem festa mística ao fazer um ano. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 8 jan. 1983. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1983-01-08\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1983-01-08_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU Afro-Brasileiro é reinaugurado. **UFBA em Pauta**, Salvador, 19 nov. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-11-19\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-11-19_ceao01.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU afro-brasileiro ficará fechado para reestruturação. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 5 out. 1997. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-10-05\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-10-05_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU Afro-brasileiro. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 28 jun. 1992. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1992-06-28\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1992-06-28_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU Afro-brasileiro. **Globo**, Salvador: [s.n.], 8 jul. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07-08\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07-08_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU afro-brasileiro. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 27 abr. 1985. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1985-04-27\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1985-04-27_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU deve permanecer no prédio do terreiro. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 23 abr. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-23\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-23_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEU do negro começa com mostra de Verger. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 29 jun. 1981. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-06-29.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

MUSEUS. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 3 mar. 1983. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1983-03-03\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1983-03-03_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

NIGÉRIA vista por um nigeriano: Lasebikan. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 1 ago. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-08-01.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NO CEAO. Deliberativo do Centro de Estudos Afro-Orientais. **A Tarde**, Salvador: [ s.n ], 30 set. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-30.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOGUEIRA, Teresa de Sá. No Brasil, em Portugal ou na África, ele está onde se precise defender o homem. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 22 fev. 1975. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1975-02-22\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1975-02-22_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

NOSSOS bolsistas. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 27 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-27.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOTÍCIAS da África. **Diário de Notícias**, Salvador, 11 dez. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-12-11.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOTÍCIAS da África. **Diário de Notícias**, Salvador, 12 nov. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-11-12.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOTÍCIAS da África. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 15 out. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-10-15.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOTÍCIAS da África. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 22 out. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-10-22.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOTÍCIAS da África. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 29 out. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-10-29.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOTÍCIAS da África. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 8 out. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-10-08.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOVO curso de língua russa na U. B.. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 23 jun. 1960. UB - Universidade da Bahia. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-06-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOVOS bolsistas africanos estudam português no CEAO. **Jornal da Bahia**, [Salvador]: [s.n.], 19 dez. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-12-19.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOVOS bolsistas de Ghana: Uba. **Jornal da Bahia**, [Salvador]: [s.n.], 23 dez. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-12-23.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

NOVOS periódicos no Centro de Estudos Afro-Orientais. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 28 jul. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-07-28.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

O ESTÁGIO de estudantes africanos em Salvador. **A Tarde**, [Salvador]: [s.n.], 21 fev. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-02-21.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

OSCAR Ribas quer conhecer semelhança Luanda e Bahia. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 24 e 25 nov. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-24.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

PACHECO, Maria Theresa de Medeiros. A Faculdade e o museu. **A Tarde**, Salvador, 02 jul. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-07-02\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-07-02_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PALESTRA de Waldir Oliveira no CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 24 ago. 1963. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-24\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-24_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PAPAI Noel dá presentes aos africanos que o saúdam até em português. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 27 dez. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-12-27.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

PAQUISTÃO é contra os extremismos. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 21 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-21\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-21_2.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PAQUISTÃO exportará para o Brasil. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 20 set. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-20.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

PAQUISTÃO, tema de palestra. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 21 set. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-21.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

PATRIMÔNIO também requer providências. **Espaço Livre**, Salvador: [s.n.], 03 jun. 2002. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-06-03\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-06-03_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PEÇAS da cultura afro-brasileira deixarão o Nina. **Correio da Bahia**, Salvador: [s.n.], 27 jun. 1997. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-06-27\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-06-27_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PEÇAS da cultura afro-brasileira deixarão o Nina. **Correio da Bahia**, Salvador: [s.n.], 27 jun. 1997. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-06-27\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1997-06-27_ceao.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PELLEGRINI, J.; COSTA, Flávio. África volta à Bahia: com bolsa do Itamarati, 14 estudantes africanos vieram ao Brasil para frequentar as nossas faculdades. **Fatos & Fotos**, Rio de Janeiro: [s.n.], 20 jan. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20\\_PAG02.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20_PAG02.pdf) / [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20\\_PAG03.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-20_PAG03.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PESQUISADOR do CEAO regressou da África. **Jornal da Bahia**, [Salvador]: [s.n.], 3 mar. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-03-03.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

PIERRE Verger vai expor no centro da UFBA. **Correio da Bahia**, Salvador: [s.n.], 29 jun. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-06-29\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-06-29_1.pdf). Acesso em 14 jan. 2010.

PINTO, Carlos Alberto Passos. Gobbold fôrça de vontade resultou num diploma. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 4 dez. 1965. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1965-12-04.pdf>. Acesso em 14 jan. 2010.

POESIA iorubá tem palestra. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 9 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-09.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

POESIA Yorubá. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 11 out. 1963. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-11\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-11_2.pdf).

POSIÇÃO portuguesa na África. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 24 ago. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-24.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PRESENÇA do Brasil em Angola: Núcleo de Estudo foi criado por iniciativa da Universidade da Bahia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 21 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-21\\_3.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-21_3.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

PRIMAZIA da UBa. nas relações com África. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 25 nov. 1961. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-25\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-25_1.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

PRIMEIRO Livro do CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador, 23 out. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-23.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PROFESSOR bahiano irá à Nigéria falar do Brasil. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 13 jan. 1962. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-13.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PROFESSOR baiano visitará o Japão. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 28 nov. 1963. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-28\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-28_2.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

PROFESSOR egípcio fará conferências na Bahia. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 15 nov. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-15.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PROFESSOR fez conferência sobre o Nilo, continuando semana do Egito, no CEAO. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 3 fev. 1964. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-03.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PROFESSOR indiano é esperado. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 29 jun. 1965. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1965-06-29.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PROFESSOR Ishak (na Bahia) fala de Lumumba. **Jornal da Bahia**, Salvador, 17 nov. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-17.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PRONTO o programa da "Semana de Estudos Afro-orientais". **Jornal da Bahia**, [Salvador]: [s.n.], 27 jul. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-07-27.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

PROSEGUIU ontem o curso sobre cultura baiana. [s.l.], Salvador: [s.n.], 1960. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

QUESTÃO racial em debate. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 28 set. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-28.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

RAU em 10 anos criou sete universidades. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 13 nov. 1963. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-13\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-13_1.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

RAU na Bahia. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 13 nov. 1963. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-13\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-13_2.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

REGRESSOU o diretor do CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 27 ago. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-27.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

REINICIADOS cursos de Russo, Árabe e Yorubá. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 18 ago. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-08-18.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

REINÍCIO de aula no CEAO. **Diário de Notícias**, [Salvador]: [s.n.], 3 mai. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-05-03.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

REVISTA critica. **Diário de Notícias**, Salvador, 29 out. 1961. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-27.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

RIBAS vê angolanos já aceitando princípios da religião cristã. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 28 nov. 1963. Disponível em:<http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-11-28.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

SANTANA, Hildete. Patrimônio ameaçado: chuva causa estragos no Memorial de Medicina e no Museu Afro-Brasileiro. **Correio da Bahia**, Salvador: [s.n.], 25 maio 2002. Disponível em:[http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-05-25\\_ceao03.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/2002-05-25_ceao03.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

SANTOS, Gerson. CEAO quer reinaugurar em dois meses o museu afro-brasileiro. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 12 mai. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-05-12\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-05-12_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

SEMANA Diplomática: Instituto de Pesquisas sôbre relações entre países da África e América Latina. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 6 out. 1963. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-06\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-06_1.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

SEMANA do Egito. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 2 fev. 1964. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1964-02-02.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

SEMANA dos museus. **UFBA em Pauta**, Salvador: [s.n.], 22 set. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-09-22\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-09-22_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

SETE dos quinze africanos preferiram a Bahia. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 21 fev. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-02-21.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

SILVEIRA, Geraldo Milton Da. A Faculdade e o museu . **A Tarde**, Salvador, 12 jun. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-12\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-12_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

SILVEIRA, Geraldo Milton Da. Faculdade de medicina do Terreiro de Jesus . **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 04 jun. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-04\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-04_ceao.pdf) [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-04\\_ceao01.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-06-04_ceao01.pdf) . Acesso em 15 jan. 2010.

SODRÉ, Naira. Dia do museu revela carências do acervo. **Correio da Bahia**, Salvador: [s.n.], 18 mai. 1991. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1991-05-18\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1991-05-18_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

SOLENIDADES marcaram o aniversário do CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 9 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-09\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-09_2.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

SOUZA Castro falará sôbre "Uma experiência na África". **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 5 set. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-05.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

SYLVIO. Conferência do professor Vivaldo. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 17 out. 1963. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-17\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-17_1.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

THEMAFRICA no CEAO. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 7 ago. 1993. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1993-08-07\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1993-08-07_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

TRÊS baianos na África. **Visão**, Salvador: [s.n.], 14 set. 1962. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-14\\_1.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-09-14_1.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

TURCOS saíram com Paulo de Tarso em caravanas e param no parlamentarismo. **Diário de Notícias**, Salvador: [s.n.], 08 out. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-10-08.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

TUTOR dos filhos de Lumumba está conquistando amigos para colônias africanas. **A Tarde**, Salvador: [s.n.], 19,20 nov. 1961. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-17\\_3.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-17_3.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

UBa. instala cinco novos conselhos deliberativos. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 03 ago. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-08-03.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

UNIVERSIDADE abre espaço para discutir o candomblé: uma religião muito antiga. **Jornal da UFBA**, Salvador: [s.n.], jul. 1981. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07\\_2.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1981-07_2.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

UTOPIAN Pauper. **Time**, New York: [son.], 12 set. 1960. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1960-09-12.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

VIEIRA, Hamilton. Diretor do CEAO condena saída de museu do prédio da UFBA. **Tribuna da Bahia**, Salvador: [s.n.], 16 abr. 1999. Disponível em: [http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-16\\_ceao.pdf](http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1999-04-16_ceao.pdf). Acesso em 15 jan. 2010.

VIERAM com muita fé: quinze bolsistas africanos estagiam na Bahia. **Visão**, [S.l.: s.n.], 12 jan. 1962. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1962-01-12.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

VIÚVA de Patrice lumumba fala (pela primeira vez) de sua vida no Congo!. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 19 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-19.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

VIÚVA de Patrice Lumumba fala de sua vida com o líder negro assassinado em Katanga. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 19,20 nov. 1961. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1961-11-20.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

VIVALDO conferenciou no CEAO, ontem. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 12 set. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-09-12.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

VIVALDO palestra no CEAO. **Jornal da Bahia**, Salvador: [s.n.], 17 out. 1963. Disponível em: <http://ceao.phl.ufba.br/phl8/popups/1963-10-17.pdf>. Acesso em 15 jan. 2010.

### **Fontes consultadas no arquivo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Carta a Pierre Verger. São Paulo: Museu de Arte e Arqueologia / Universidade de São Paulo, 1971.

VERGER, Pierre. Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Salvador, Bahia, 1971.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Carta ao Reitor da Universidade de Dakar Prof. Seydou Sy. São Paulo: MAE / USP, 1972.

VERGER, Pierre. Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Salvador, Bahia, 1974.

VERGER, Pierre. Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Salvador, Bahia, 1975.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Carta a Pierre Verger. São Paulo: MAE / USP, 1975.

VERGER, Pierre. Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Salvador, Bahia, 1975.

VERGER, Pierre. Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Salvador, Bahia, 1975.

VERGER, Pierre. Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Salvador, Bahia, 1976.

VERGER, Pierre. Carta a Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Ifé: University of Ife / Department of African Languages, 1976.



MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Carta ao Chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty, Sr. Francisco Soares Alvim Neto. São Paulo: MAE / USP, 1977. (a)

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Carta ao Chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty, Sr. Francisco Soares Alvim Neto. São Paulo: MAE / USP, 1977. (b)

PENNA, Sílvia Gonçalves. Carta ao Diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais, Prof. Guilherme Castro. São Paulo: MAE / USP, 1977.

## Internet

### Textos e obras de referência

ADOLFO, Sérgio Paulo. **As Famílias de Santo no Candomblé de Congo-Angola**. Publicado no site <http://mbanzakongo.blogspot.com/2010/03/as-familias-de-santo-no-candomble-de.html> Acesso em 11 mar. 2010.

ADOLFO, Sergio Paulo. **Maria Genoveva do Bonfim: o nascimento da Nação Congo - Angola no Brasil**. Ilhéus: 2009. Disponível em: <http://matambatombencineto.blogspot.com/2009/08/maria-genoveva-do-bonfim-o-nascimento.html>. Acesso em 11 mar. 2010.

BRASIL. **Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira**. 2ª versão. Centro Nacional de Folclore e Cultura / Ministério da Cultura.. [Disponível em <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro>], 2006. Acesso de 5 jun. a 24 out. 2010.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida e GOMES, Hagar Espanha. **Taxonomia e Classificação: o princípio de categorização**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.9 n.4 ago. 2008. Disponível em [http://www.datagramazero.org.br/ago08/Art\\_01.htm](http://www.datagramazero.org.br/ago08/Art_01.htm). Acesso em 7 jan. 2010.

CÓDIGO de Ética do Conservador - Restaurador. Disponível em <[http://www.aber.org.br/v2/pdfs/Codigo\\_de\\_etica\\_v2.pdf](http://www.aber.org.br/v2/pdfs/Codigo_de_etica_v2.pdf)>. Acesso em 19 set. 2009.

CONFORMAÇÃO - FORJAMENTO. Rio Grande: Grupo de Estudos em Fabricação e Materiais / Departamento de Materiais e Construção / Fundação Universidade Federal do Rio Grande, s/d, Disponível em: [http://www.gefmat.furg.br/material\\_did/conformacao/Forjamento.pdf](http://www.gefmat.furg.br/material_did/conformacao/Forjamento.pdf). Acesso em: 17 mai. 2010.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **Manual de Nomenclaturas**. Documentação de Coleções Africanas. Paris: AFRICOM / CIDOC - ICOM, 1996. Disponível em: <http://icom.museum/afriodic/html/accueil/accueil2.html>. Acesso em 14 ago. 2009.

EVANGELISTA, Antonia dos Reis Salustiano. et alli. **Territórios de Identidade no Brasil: uma análise teórica e metodológica no Estado da Bahia**. Disponível em: <[http://egal2009.easyplanners.info/area02/2063\\_Evangelista\\_Antonia\\_dos\\_Reis\\_Salustiano.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2063_Evangelista_Antonia_dos_Reis_Salustiano.pdf)>. Acesso em 23 mar. 2010.

KOBASHI, Nair Yumiko, SMIT, Johanna W. e TÁLAMO, Maria de Fátima G.M. **A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.2 n.2 abr. 2001. Disponível em [http://www.datagramazero.org.br/abr01/Art\\_03.htm](http://www.datagramazero.org.br/abr01/Art_03.htm). Acesso em 7 jan. 2010.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. **Linguagem documentária e terminológica**. Transinformação, Campinas: n. 16 (3), set./dez. 2004, p. 231-240. Disponível em: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=8>. Acesso em 7 jan. 2010.

MEIRA, João M. L. **Argilas: o que são, suas propriedades e classificações.** Lisboa: Visa, 2001. Disponível em: [http://www.visaconsultores.com/pdf/VISA\\_com09.pdf](http://www.visaconsultores.com/pdf/VISA_com09.pdf) . Acesso em 15 mai. 2010.

PACHECO, José Wagner Faria. **Curtumes.** São Paulo: CETESB, 2005. Disponível em: <http://www.cetesb.sp.gov.br> . Acesso em: 11 mai. 2010.

PANNONI, Fabio Domingos. **Princípios da Galvanização a Fogo.** São Paulo: ZTEC, s/d, Disponível em : <http://www.ztec.ind.br/pdf/principios/principios.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2010.

PENTEADO, Fernando A C de Arruda. **Processos de Estampagem.** São Paulo: Revista Cadware Indústria, 2005. Disponível em: <http://www.cwbookstore.com.br/cet/est/estp0.cfm> Acesso em: 17 mai. 2010.

ROSSITTI, Sergio Mazzer. **Processos e variáveis de fundição.** Tietê: Grupo Metal, 1993, Disponível em: <http://www.grupometal.com.br/imagens/downloads/grupometal03.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2010.

SANTOS, C.H.R. **O simbolismo da Árvore-Mundo no Candomblé: conexão entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses.** Anais do 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/MS, setembro 2001 São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4725/1/NP8SANTOS.pdf>. Acesso em 2 jun. 2006.

SANTOS, Luiz Cláudio Machado dos. **A política externa brasileira para a África Negra: da “interdependência” ao “pragmatismo responsável” (1964-1979).** Revista Universitas FACE, Vol. 1, No 1 (2003). Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/viewFile/597/393> . Acesso em 15 mar. 2010.

SANTOS, Luiz Cláudio Machado dos. **A política externa brasileira para a África Negra: da “interdependência” ao “pragmatismo responsável” (1964-1979).** Revista Universitas Face, Vol. 1, No 1 2003. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/viewFile/597/393>. Acesso em 15 mar. 2010.

SERRA, Ordep José Trindade. **Ilê Axé Iyá Nassô Oká - Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho: laudo antropológico.** p. 07. Disponível em <http://ordepserra.files.wordpress.com/2008/09/laudo-casa-branca.pdf>. Acesso em 19 mar. 2010.

SILVA, Raimundo Nonato da. **Toma Kwiiza Kya Kizoonga Bantu! Nzaambi Kakala Yeto!** Publicado no site <http://www.inzotumbansi.org/> Acesso em 11 de mar. 2010.

### Sites

<http://www.mae.usp.br/> Acesso em 23 mar. 2010.

<http://www.urap.pt/> Acesso em 26 mar. 2010.

<http://www.agostinhodasilva.pt/> Acesso em 26 mar. 2010.

<http://cvc.instituto-camoes.pt/> Acesso em 26 mar. 2010.

<http://www.eduardolourenco.com/> Acesso em 26 mar. 2010.

<http://spirituslitterae.blogspot.com/> Acesso em 27 mar. 2010.

<http://toque-musicall.blogspot.com/> Acesso em 27 mar. 2010.

<http://www.lexpress.fr/> Acesso em 28 mar. 2010.

<http://www.viamagia.org/> Acesso em 28 mar. 2010.

<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/> Acesso de 18 a 29 mar. 2010.

<http://www.ileaiye.org.br/> Acesso em 29 mar. 2010.

<http://www.osmundoteixeira.com.br/> Acesso em 08 mai. 2010.

<http://www.conchasbrasil.org.br/> Acesso em 12 mai 2010.

<http://www.avespt.com/> Acessos em 14 mai. 2010.

<http://www.public.asu.edu/> Acessos em 14 mai. 2010.

<http://www.reading.ac.uk/> Acessos em 14 mai. 2010.

<http://faculty.weber.edu/> Acessos em 14 mai. 2010.

<http://old.iupac.org/> Acesso em 15 mai. 2010.

<http://www.abceram.org.br/> Acesso em 16 mai. 2010.

## **Bibliografia**

- AFRO-ÁSIA. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais /FFCH/UFBA, n.14, 1983.
- AFRO-ÁSIA. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais /FFCH/UFBA, n.12, 1976.
- AGOSTINHO, Pedro. Agostinho da Silva: pressupostos, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação África. Afro-Ásia, n. 16, 1995.
- AMARAL, Rita. **A coleção etnográfica de cultura religiosa afro-brasileira do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n.10, 2001, (separata).
- AMARAL, Rita. **Notas sobre o Processo Transformativo da Cultura Material dos Cultos Afro-Brasileiros. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.** III Congresso Virtual de Antropologia e Arqueologia, 2002.
- ANAIS do I Encontro de Nações de Candomblé - Salvador-Bahia 1.6.81 a 5.6.81. Salvador: Ianama, Universidade Federal da Bahia, Centro de Estudos Afro-Orientais, 1984.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Corpos sem fronteiras.** Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Dep. de História / PUC-SP. São Paulo: EDUC, n. 25 [corpo & cultura], dez. 2002, p. 145-180.
- \_\_\_\_\_. **Corpo e tradições orais na decolonialidade de histórias da diáspora.** III Colóquio África, Amazônia, Áfricas na Pan-Amazônia – 23 a 27 nov. 2008.
- \_\_\_\_\_. **História, Cultura, Tradições orais em África.** Relatório parcial de pesquisa. CNPQ, 2005.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. O novo Museu de Arqueologia e Etnografia. São Paulo: Estudos Avançados. vol.8, n.22, 1994.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. IPAC-BA: Inventário do Acervo Cultural da Bahia; monumentos do município de Salvador. 3. ed. Salvador, 1997.

BASTIDE, Roger. **Religiões africanas e estruturas de civilização**. In: AFRO-ÁSIA, n. 6/7, p.5-16. 1968.

\_\_\_\_\_. **As Religiões Africanas no Brasil**: contribuição a um sociologia das interpenetrações de civilização. São Paulo: Pioneira Editora / EDUSP, 1971 [V. I e II].

\_\_\_\_\_. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. **Museu Paulista**. Estudos Avançados. São Paulo: set./dez. - 1994, vol. 8 n. 22, p. 574.

BUCHLI, Victor (org). **Material Culture**: critical concepts in the social sciences. Routledge; Taylor Francis Group; London and New York, 2004.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CAMARGO-MORO, Fernanda. **Museu**: Aquisição - Documentação. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

CÂNDIDO, Maria Inéz. **Documentação Museológica**. CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS I. 2 ed. Brasília: Ministério da Cultura / IPHAN / Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura /Superintendência de Museus, 2006. pp. 33-80.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004.

CARNEIRO, Edison. **Religiões Negras e Negro Bantos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

\_\_\_\_\_. **Candomblés da Bahia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Yéda Pessoa de. **Antropologia e Linguística nos Estudos Afro-Brasileiros**. AfroÁsia, n. 12, 1976.

\_\_\_\_\_. **Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. 3º Caderno de Estudos. Paris: ICOM / CIDOC, 1996.

CUNHA, Mariano Carneiro. Arte afro-brasileiro. In: ZANINI, Walter (org.). **História geral da arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v.

CUNHA, Marcelo N. B. da. **O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia**: um estudo de caso sobre musealização da cultura afro-brasileira. Salvador: UFBA, 1999. [Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação].

CUNHA, Marcelo N. B. da. **Teatro de memórias, palco de esquecimentos:** culturas africanas e das diásporas negras em exposições. São Paulo: PUC, 2006, 92-102. [Tese de Doutorado em História].

CUNHA, Marcelo. N. B. da; NEVES, Maria. E. V. **Reestruturação do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.** Salvador: CEAQ/UFBA, 1996.

CUNHA, Marcelo N. Bernardo da; SANDES, Juipurema A. Sarraf; NUNES, Eliane. **Nina Rodrigues e a constituição do campo da História da Arte Negra no Brasil.** Salvador: Gazeta Médica da Bahia 2006, n.76, Suplemento 2, pp.23-28.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco:** usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DUNNELL, Robert C. **Classificação em arqueologia.** São Paulo: EDUSP, 2006.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI, Vol 16, Homo-**Domesticação, Cultura Material.** Lisboa, Imprensa Nacional -- Casa da Moeda, 1989, pp. 11 a 47.

FARIAS, Edson; RODRIGUES, Fernando. **Encontro entre ciências sociais e candomblé baiano:** produção científica e engajamento político-cultural: entrevista com Vivaldo da Costa Lima. Sociedade e Estado, vol.24, n.1, 2009.

FERREZ, Helena Dodd ; BIANCHINI, M. H. S. . **Thesaurus para acervos museológicos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1990. v. 2.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica:** teoria para uma boa prática. Estudos museológicos. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, v. , p. 64-74.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia / UFBA, Ano 140, Vol. 76, Sup. 02, 2006.

HARTMANN, T.O “**Cultura material e Etnohstória**”. Revista do Museu Paulista. Vol XXIII. São Paulo. USP, 1976.

HOMENAGEM ao Museu Afro-Brasileiro. **Afro-Ásia**, n. 14, 1983.

HUGILL, Peter J and D. Bruce Dickson. **The Transfer and transformation of ideas and material culture.** Texas A e M University Press, 1988.

KNAPPETT, Carl. **Thinking Through Material Culture:**in interdisciplinary perspective. PENN – University of Pennsylvania. Press – Philadelphia, 2005.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia:** um estudo de relações intragrupais. 2. ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LODY, Raul. **Símbolos mágicos na arte do metal.** Rio de Janeiro: Artsgráfica Editora Ltda., 1974.

\_\_\_\_\_. **Pano da costa.** Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

\_\_\_\_\_. **Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte:** pesquisa socio-religiosa. Rio de Janeiro: Altiva, 1981.

\_\_\_\_\_. **7 temas da mítica afro-brasileira:** uma leitura etno-sociológica. Rio de Janeiro: Altiva, 1982.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo das cores.** Recife : Centro de Estudos Folclóricos, 1982.

\_\_\_\_\_. **Coleção culto afro-brasileiro:** um testemunho do Xangô Pernambucano. Recife: Governo do Estado de Pernambuco / Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1983.

\_\_\_\_\_. **Espaço, orixá, sociedade:** um ensaio de antropologia visual. Rio de Janeiro: 1984.

\_\_\_\_\_. **Um documento do candomblé na cidade do Salvador.** Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.

\_\_\_\_\_. **Yorubá:** um estudo etno-tecnológico de 50 peças da coleção de arte africana do Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Candomblé:** religião e resistência cultural. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Coleção Arthur Ramos.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1987.

\_\_\_\_\_. **Cultura material dos xangôs e candomblés:** em torno da etnografia religiosa do Nordeste. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pencas de balangandas da Bahia:** um estudo etnográfico das joias-amuletos. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.

\_\_\_\_\_. **Coleção Fernando Ortiz:** introdução a morfologia afro-cubana. Rio de Janeiro: 1989.

\_\_\_\_\_. **A construção mítica de Oxalá na perspectiva afro-brasileira.** Rio de Janeiro: 1991.

\_\_\_\_\_. **Dezoito esculturas antropomorfas de orixás:** acervo do Setor de Etnografia/Etnologia, Departamento de Antropologia, Museu Nacional UFRJ. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1991.

\_\_\_\_\_. **O homem e suas representações na arte yorubá.** Rio de Janeiro: UERJ, 1991.

\_\_\_\_\_. **Uma missa para Oxossi:** o rei de Kêtu visita o Rosário dos Pretos. S. l.: [s.n.], 1992.

\_\_\_\_\_. **Afinado a fogo:** sugestões para uma taxionomia dos instrumentos musicais afro-brasileiros. Rio de Janeiro, 1993.

\_\_\_\_\_. **Coleção perseverança:** da apreensão policial à formação de uma coleção sobre o negro nas Alagoas. Rio de Janeiro: 1993.

\_\_\_\_\_. **Por uma história da arte afro-brasileira.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1994.

\_\_\_\_\_. **O povo do santo:** religião, historia e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

\_\_\_\_\_. **O que quê a baiana tem:** um traje nacionalmente brasileiro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996.

\_\_\_\_\_. **Jóias de axé:** fios-de-contas e outros adornos do corpo: a joalheria afro-brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-Brasileiras.** Rio de Janeiro: Pallas. 2003.

\_\_\_\_\_. **O negro no museu brasileiro:** construindo identidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LODY, Raul; SÁ, Leonardo. **O atabaque no candomblé baiano.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, Instituto Nacional de Música, 1989.

LUHNING, Angela. **Pierre Fatumbi Verger e sua obra**. Afro-Ásia, n. 21 e 22, 1999.

MAESTRO, Michele Cristina da Costa, FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto. **O Artefato Material e os Saberes Tradicionais: Um Estudo no Contexto do Acervo Museal**. Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas – 21 e 22 de outubro de 2008.

MANZOCHI, Helmy Mansur. “**Alguns Aspectos Iconográficos da Produção Plástica Religiosa Afro-Brasileira**”. São Paulo, 1992. [Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo].

MAYER, Ralph; SHEEHAN, Steven. **Manual do artista: de técnicas e materiais**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MENDONÇA, Adriana Aparecida. **Laróyè: Exu na obra de Mario Cravo Neto**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008. [dissertação de mestrado em Cultura Visual].

MILLER, Daniel. **Materiality**. Duke University Press/Durham and London, 2005.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004. [versão digital – Positivo Informática]

NOVO DICIONÁRIO BRASILEIRO MELHORAMENTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

OBARÀYÍ – Babalorixá Balbino Daniel de Paula. Salvador: Editora Barabô Design Gráfico, 2009. [texto de Agnes Mariano].

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Feitiço de Oxum: um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros**. Salvador: PPGCS / UFBA, 2005. [Tese de doutorado em Ciências Sociais].

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

PEARCE, Susan M. **Experiencing Material Culture in the Western World**. Leicester University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Interpreting Objects**. London : Routledge Ed., 1999.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.

QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil**. 2. ed. Recife: FUNDAJ, 1988.

RAMOS, Artur. **O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

\_\_\_\_\_. **As culturas negras no novo mundo**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro — MEC, 1979.

REDE, Marcelo. **História a partir das coisas:** tendências recentes nos estudos de cultura material. In: ANAIS DO MUSEU PAULISTA, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. **Estudos de cultura material:** uma vertente francesa. In: **Anais do Museu Paulista.** São Paulo: Museu Paulista, vol.8/9, n.9, 2003. pp. 281-292.

RIBEIRO, B.G. **Los Estudos de Cultura Material:** propósitos e métodos. Revista do Museu Paulista. Vol XXX. São Paulo USP, 1985.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. **O animismo fetichista dos negros baianos.** Salvador: P555, 2005.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. **Termos classificatórios do objeto de arte africana nas coleções:** um problema para os acervos museográficos no Brasil. Dédalo. São Paulo, n. 26, 1988, pp. 43-60.

\_\_\_\_\_. **Critérios para o tratamento museológico de peças africanas em coleções:** uma proposta de museologia aplicada (documentação e exposição) para o Museu Afro-Brasileiro. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n.7, 1997, pp. 71-86.

\_\_\_\_\_. O homem e sua obra, e, os objetos e os homens: da relação homem-matéria, in **Museu, Identidades e Patrimônio Cultural.** Rev. Do Museu de Arqueologia, São Paulo, Suplemento 7, 2008, pp. 49 a 61.

SALUM, Marta Heloisa Leuba, CERAVOLO, Suely Moraes. **Considerações sobre o perfil da coleção africana e afro-brasileira no MAE-USP.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 3: 167-185, 1993.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O dono da terra:** o caboclo nos candomblés da Bahia. Salvador : SarahLetras, 1995.

\_\_\_\_\_. (coord.). **Mapeamento dos terreiros de Salvador.** Salvador: CEAO / UFBA, 2008.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nàgô e a morte:** Pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SERRA, Ordep José Trindade. **Monumentos Negros:** uma experiência. Salvador: Revista Afro-Ásia, n. 33, 2005.

SILVA, Jorge Agostinho da. **O nascimento do CEAO.** Revista Afro-Ásia, n. 16, 1995.

SILVA, Renato Araújo da. **As Jóias africanas do acervo do MAE/USP e o problema de classificação.** Relatório final. PIBIC/CNPQ – MAE / USP, 2006.

SILVEIRA, Renato da. Sobre a fundação do Terreiro do Alaketo. Salvador: Revista Afro-Ásia, n. 29-30, 2003.

\_\_\_\_\_. O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Edições Maianga, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Arte religiosos afro-brasileira:** as múltiplas estéticas da devoção brasileira. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 9, n.13, 2008, pp. 97-113.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. **As representações do corpo no universo afro-brasileiro.** Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Dep. de História / PUC-SP. São Paulo: EDUC, n. 25 [corpo & cultura], dez. 2002, p. 125-144.



TILLEY, Chirtopher. et alli. **Handbook of material culture**. Sage, 2006/2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Material do Professor: setor África**. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 2005.

VERGER, Pierre. **Lendas africanas dos orixás**. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1997 (a).

\_\_\_\_\_. **Orixás**. 5. ed. Salvador: Corrupio, 1997 (b).

\_\_\_\_\_. **Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Saída de Iaô**. São Paulo: Axis Mundi Editora, 2002.

VICKERY, Brian C. **Classificação e Indexação nas ciências**. Rio de Janeiro: BNG / Brasilart, 1980.

WARNIER, Jean Pierre. **Construire la culture materelle: l'homme qui pensait avec ses doigts**. Presses Universitaires de France, 1999.

## APÊNDICE A – FICHAS CATALOGRÁFICAS

### LEVAMNTAMENTO DE FONTES NO ARQUIVO DO MAFRO

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0001	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [+1997] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem do número de registro de 17 fotos de Pais e Mães de Santos existentes no acervo do Museu Afro-Brasileiro (CEAO-UFBA), com os nomes das autoridades religiosas correspondentes.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0002	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Lista de fotografias do acervo do Museu Afro-Brasileiro: por título ou nome representativo.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. <b>Lista de fotografias do acervo do Museu Afro-Brasileiro:</b> por título ou nome representativo. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 2000. [13/11/2000] 6p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Lista de fotografias do acervo do Museu Afro-Brasileiro contendo 199 fotografias registradas, sendo boa parte feita pelo Serviço de Informação do Senegal, Uberto Molo, Pierre Verger e Sílvio Robato.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0003	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Relação das peças em empréstimo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. <b>Relação das peças em empréstimo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 2002. [29/10/2002] 4p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	

Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Relação com 99 peças em empréstimo no Museu Afro-Brasileiro.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0004	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Sala das Roupas de Carnaval	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Sala das Roupas de Carnaval.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Lista com 13 trajes da Coleção de Blocos Afros pertencente ao MAFRO.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0005	Documental – Escrita – Listagem – Impressa
1.3. Título	
Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 14p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Relação das peças do MAFRO contendo n°. de tombamento na UFBA, especificações (denominações) e dimensões. Em algumas peças listadas é mencionado o material de composição. São listadas 300 peças. O documento é uma foto-cópia e parece incompleto.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0006	Documental – Escrita – Listagem – Impressa
1.3. Título	
Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 20p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Relação das peças do MAFRO contendo n°. de tombamento da UFBA, especificações (denominações) e dimensões. Em algumas peças listadas é mencionado o material de	

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0001	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [+1997] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
composição. São listadas 398 peças. O documento contém uma série de anotações de caráter corretivo.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0007	Documental – Escrita – Inventário – Impressa / Manuscrita
1.3. Título	
Sem título (Inventário de peças do Museu Afro-Brasileiro) [título dado pelo pesquisador] [N.P.]	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Inventário de peças do Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 29 p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Inventário das peças do MAFRO contendo n°. de tombamento da UFBA, n°. de registro na MAFRO, tipologia dos objetos, identificação, procedência, modo de aquisição, origem e localização (“depósito”, “sala do crer”, “sala do fazer”, “memória” e “empréstimo”; locais referentes à antiga exposição). É um dos documentos com maior potencial informativo sobre o acervo.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0008	Documental – Escrita – Recibo – Impressa
1.3. Título	
Recibo de Doação	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Recibo de Doação</b> - Maria Luiza Marinho dos Santos. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985 [18/01/1985] 1 p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Recibo de doação de um traje de baiana. Doação da Sr <sup>a</sup> . Maria Luiza Marinho dos Santos. Com assinatura da mesma.	

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0009	Documental – Escrita – Ofício – Impressa
1.3. Título	
Ofício de Yêda Pessoa de Castro (e outros) para Maria Stela Azevedo.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício de Yêda Pessoa de Castro (e outros) para Maria Stela Azevedo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981 [14/10/1981], 1 p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Ofício de agradecimento a Sr <sup>a</sup> . Maria Stela Azevedo (Mãe Stela de Oxossi do Axé Opô Afonjá) pela doação de traje consagrado ao orixá Oxossi. Além da assinatura da Sr <sup>a</sup> . Diretora do CEAO Yêda Pessoa de Castro constam a dos Sr <sup>s</sup> . Climério Joaquim Ferreira, Vice-Diretor, e Guilherme A. de Souza e Castro, Coordenador da Comissão de Implantação do Módulo inicial do Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0010	Documental – Escrita – Carta – Impressa
1.3. Título	
Carta de Doação	
1.4. Referência	
AMORIM, Genildes Cerqueira de. <b>Carta de Doação. Muritiba:</b> 1982 [04/01/1982] 2 p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Carta endereçada ao Reitor Luiz Fernando Costa Macedo, assinada pela Ialorixá Genildes Cerqueira de Amorim (Mãe Cacho) atestando a doação de traje do orixá Ogun Megegê, do Sr. Manoel Cerqueira de Amorim (Pai Nezinho de Muritiba). Carta sobre papel timbrado do escritório de advocacia de Edvaldo Brito.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0011	Documental – Escrita – Nota – Impressa
1.3. Título	
Nota da Indumentária do Caboclo Trovezeiro de Visaura.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Etiqueta da Indumentária do Caboclo Trovezeiro de Visaura.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1 p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Nota da Indumentária do Caboclo Trovezeiro de Visaura contendo informações de sua origem e doação.	
1. IDENTIFICAÇÃO	

1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0012	Documental – Escrita – Contrato – Impressa
1.3. Título	
Contrato de Doação	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Contrato de Doação</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988 [19/05/1988], 2 p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo”, s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Contrato firmado entre a Sr <sup>a</sup> . Luiza Franquelina da Rocha (Rumbona do Terreiro Runtoloji) com a Universidade Federal da Bahia para a doação do traje do vodun Azunsu.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0013	Documental – Escrita – Ofício – Impressa
1.3. Título	
Ofício do Reitor José Rogério da Costa Vargens a Sr <sup>a</sup> Yêda Pessoa de Castro.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício do Reitor José Rogério da Costa Vargens a Sr<sup>a</sup> Yêda Pessoa de Castro</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988. [26/05/1988] 1 p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Ofício do Sr. Reitor José Rogério da Costa Vargens a Sr <sup>a</sup> Yêda Pessoa de Castro, Diretora do CEAO, encaminhando o traje do vodun Azunsu doado ao acervo do MAFRO.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0014	Documental – Escrita – Atestado – Manuscrito
1.3. Título	
Atestado de Doação.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Atestado de doação</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Atestado de doação de foto da Ialorixá Maria Joana da Cruz (Joana de Ogun), assinado por sua filha Maria Amélia do Sacramento.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0015	Documental – Escrita – Atestado – Manuscrito
1.3. Título	
Atestado de Doação.	
1.4. Referência	

GUIMARÃES, Newton Alves. <b>Atestado de Doação</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Atestado de doação de exemplar de pano-da-costa, emitido pelo Sr. Newton Alves Guimarães, afirmando que este artefato pertence a família de Ignácio José Alves Guimarães.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0016	Documental – Escrita – Atestado – Impresso
1.3. Título	
Atestado de doação.	
1.4. Referência	
BARBOZA, Luiz Sérgio. <b>Atestado de doação do traje do orixá Oxum Apará</b> . Salvador: s/d, 1p. (manuscrito)	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Atestado de doação, emitido pelo Sr. Luiz Sérgio Barboza (filho da Ialorixá em questão e hoje Babalorixá da casa), do traje do orixá Oxum Apará e Xale que pertenceu a Ialorixá Teófila Barboza do terreiro Ilê Orilé Edá Efan Jú	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0017	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Listagem de objetos doados pela Profª Yeda Pessoa de Castro.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Listagem de objetos doados pela Profª Yeda Pessoa de Castro</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1991 [27 de março de 1991] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem de objetos doados pela Profª Yeda Pessoa de Castro ao Museu Afro-Brasileiro. Documento assinado pela Sr. Graziela Amorin, então coordenadora do Museu.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0018	Documental – Escrita – Ofício – Impresso
1.3. Título	
Ofício do Sr. Guilherme de Souza Castro para a Srª Maria Theresa de Medeiros Pacheco.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício do Sr. Guilherme de Souza Castro para a Srª Maria Theresa de Medeiros Pacheco</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	

Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Ofício endereçado a Sr <sup>a</sup> . Maria Theresa de Medeiros Pacheco, Diretora do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, solicitando o empréstimo das peças africanas e afro-brasileiras existentes no Museu Estácio de Lima. Ofício assinado pelo Sr. Guilherme de Souza Castro, Coordenador da Comissão de Implantação do Módulo Inicial do Museu Afro-Brasileiro.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0019	Documental – Escrita – Contrato – Impresso
1.3. Título	
Contrato de Comodato entre a Universidade Federal da Bahia e o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Contrato de Comodato entre a Universidade Federal da Bahia e o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Contrato de comodato entre a Universidade Federal da Bahia e o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues para empréstimo de peças africanas e afro-brasileiras pertencentes ao Museu Etnográfico Estácio de Lima. O documento trata de questões referentes ao transporte, seguro, registro, conversação e permanência das peças no Museu Afro-Brasileiro. As peças em questão não são mencionadas no documento. Documento com correções em lápis, cancelando duas cláusulas (2 <sup>a</sup> e 7 <sup>a</sup> ) e corrigindo o texto da 8 <sup>a</sup> , Todas as correções foram referentes ao prazo de permanência das peças no Museu Afro-Brasileiro. Não houve indicações de novos prazos.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0020	Documental – Escrita – Recibo – Impresso
1.3. Título	
Termo de Recebimento das peças concedidas por empréstimo pelo Museu Estácio de Lima ao Museu Afro-Brasileiro	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Termo de Recebimento das peças concedidas por empréstimo pelo Museu Estácio de Lima ao Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981 [17/12/1981] 2p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Termo de Recebimento de quatro peças concedidas por empréstimo pelo Instituto Médico Legal Nina Rodrigues / Museu Estácio de Lima a Universidade Federal da Bahia / Centro de Estudos Afro-Orientais / Museu Afro-Brasileiro. Assinado pela Prof. <sup>a</sup> Yeda Pessoa da Castro, Diretora do CEAO, e subscrita pelo Prof. Guilherme de Souza Castro, Coordenador da Comissão de Implantação do Módulo Inicial do Museu Afro-Brasileiro, o termo atesta o recebimento das quatro peças com lista em anexo na segunda página (duas estatuetas de	



1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0001	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [+1997] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
Ibejis, uma estatueta de Iemanjá e uma estatueta não especificada). Constam os números de tomo das peças, que provavelmente pertencem ao Museu Estácio de Lima.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0021	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo César Alves de Almeida.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo César Alves de Almeida. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984 [29/03/1984] 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem de 22 objetos referentes ao Mestre Bimba emprestados por Raimundo César Alves de Almeida ao Museu Afro-Brasileiro. Documento assinado por Raimundo César Alves de Almeida em 13 de dezembro de 1984.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0022	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo César Alves de Almeida.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo César Alves de Almeida.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984 [29/03/1984], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem de 14 objetos referentes ao Mestre Bimba emprestados por Raimundo César Alves de Almeida ao Museu Afro-Brasileiro. Documento parece está incompleto se comparado com documento catalogado na ficha 21.	

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0023	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo Cássar Alves de Almeida.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação do material sobre Mestre Bimba emprestado ao Museu Afro-Brasileiro por Raimundo César Alves de Almeida.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem de 22 objetos referentes ao Mestre Bimba emprestados por Raimundo César Alves de Almeida ao Museu Afro-Brasileiro. Documento similar ao documento catalogado na ficha 21, porém com listagem feita em única página e com numeral, referente a quantidade dos objetos, por extenso. Existe cópia desta lista no arquivo do Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0024	Documental – Escrita – Declaração – Impresso
1.3. Título	
Declaração de empréstimo referente às obras do artista plástico J. Ferreira.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Declaração de empréstimo referente às obras do artista plástico J. Ferreira.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [07/06/1983], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Declaração de empréstimo referente a 12 obras do artista plástico J. Ferreira assinada pela Prof <sup>a</sup> . Yeda Pessoa de Castro, pelo Prof. Clímério Joaquim Ferreira, diretora e vise-diretor do CEAO, e pela Prof <sup>a</sup> . Graziela Ferreira Amorim, Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro. As obras compuseram uma exposição do referida artista no Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0025	Documental – Escrita – Recibo – Impresso
1.3. Título	
Recibo de peças emprestadas pelo Sr. Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Recibo de peças emprestadas pelo Sr. Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1986 [20/10/1986] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0001	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [+1997] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Documento assinado pelo Prof. Climério Joaquim Ferreira, diretor em exercício do CEAO, atestando o recebimento de 7 objetos emprestados pelo Sr. Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro. O documento atesta que a os objetos são procedentes de Moçambique. Contém listagem das peças. Consta o endereço e telefone do Sr. Marcus Antonio de Araujo Costa.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0026	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação de objetos emprestados pelo Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação de objetos emprestados pelo Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem de 7 objetos emprestados pelo Marcus Antonio de Araujo Costa ao Museu Afro-Brasileiro. Existe cópia no arquivo do Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0027	Documental – Escrita – Termo – Impresso
1.3. Título	
Termo de Empréstimo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Termo de Empréstimo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985 [18/09/1985], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Documento atestando o empréstimo de 2 vestidos, um nigeriano e outro costa-marfinense, Rede Emissora de Tv Itapuã, na pessoa de Luciana Maria de Araújo. Documento assinado	

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0001	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [+1997] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
pela Coordenadora do Museu Graziela Amorim.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0028	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação de peças do Museu Afro-Brasileiro emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação de peças do Museu Afro-Brasileiro emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985, 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem dos 73 objetos emprestados pelo Museu Afro-Brasileiro para a Festa da Irmandade da Boa Morte, no período de 15 a 18 de agosto de 1985. No documento é sinalizado o envio em conjunto com os objetos de 200 postais do Museu Afro-Brasileiro para serem vendidos.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0029	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação de peças pertencentes a Prof. <sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação de peças pertencentes a Prof.<sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1985, 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem das 17 peças pertencentes a Prof. <sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte, no período de 15 a 18 de agosto de 1985.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação

0030	Documental – Escrita – Listagem – Impresso	
1.3. Título		
Relação de objetos pertencentes ao CEAO emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte.		
1.4. Referência		
UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. Relação de objetos pertencentes ao CEAO emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.		
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE		
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n		
3. DESCRIÇÃO		
Listagem das 204 objetos pertencentes ao CEAO emprestadas para a Festa da Irmandade da Boa Morte, no período de 15 a 18 de agosto de 1985.		
1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação	
0031	Documental – Escrita – Ofício – Impresso	
1.3. Título		
Ofício da Bahiatura para a Sr <sup>a</sup> . Graziela Amorim.		
1.4. Referência		
BAHIA. Ofício da Bahiatura para a Sr <sup>a</sup> . Graziela Amorim. Salvador: Bahiatura / Governo do Estado da Bahia, 1984 [28/08/1984], 1p.		
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE		
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n		
3. DESCRIÇÃO		
Ofício da Bahiatura informando a devolução das peças pertencentes ao Museu Afro-Brasileiro utilizadas na exposição “A influência africana na cultura da Bahia”. Ofício endereçado a Sr <sup>a</sup> . Graziela Amorim, Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro.		
1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação	
0032	Documental – Escrita – Termo – Impresso	
1.3. Título		
Termo de Responsabilidade		
1.4. Referência		
UNIVERSIDADE FEDERAL DABAHIA. Termo de Responsabilidade. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [09/1983] 1p.		
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE		
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.		
3. DESCRIÇÃO		
Termo de Responsabilidade atestando o envio do quadro “Cristo Negro”, do artista plástico Ivan de Oliveira, doado ao Museu Afro-Brasileiro pelo mesmo, e na data referida transferido para o CEAO. Documento assinado por Yeda Pessoa de Castro, Diretora do CEAO e Graziela Amorim, Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro.		
1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação	
0033	Documental – Escrita – Listagem – Impresso	
1.3. Título		

Listagem de empréstimos diversos.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Listagem de empréstimos diversos. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem contendo 33 objetos emprestados ao Museu Afro-Brasileiro. Contém observação em um item da lista retificando o empréstimo e declarando doação (um xale verde bordado doado por Luiz Sérgio Barbosa).	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0034	Documental – Escrita – Recibo – Impresso
1.3. Título	
Recibo de objetos emprestados pela Sr <sup>a</sup> . Maria Romélia Costa Oliveira	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Recibo de objetos emprestados pela Sr<sup>a</sup>. Maria Romélia Costa Oliveira.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [08/04/1983], 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Recibo de 16 objetos emprestados pela Sr <sup>a</sup> . Maria Romélia Costa Oliveira, viúva do Mestre Pastinha, ao Museu Afro-Brasileiro. Assinam o documento a Prof <sup>a</sup> . Yeda Pessoa de Castro, Diretora do CEAQ, o Prof. Climério Joaquim Ferreira, vice-diretor e a Prof <sup>a</sup> . Graziela Amorim, Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro. Contém listagem das peças para controle interno do Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0035	Documental – Escrita – Termo – Impresso
1.3. Título	
Termo de Empréstimo de peças referentes à Mestre Pastinha	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Termo de Empréstimo de peças referentes à Mestre Pastinha. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [13/04/1983] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Termo atestando o empréstimo de 16 peças, referentes ao Mestre Pastinha, ao Centro de Estudos Afro-Orientais para exposição no Museu Afro-Brasileiro. Documento assinado pela Sr <sup>a</sup> . Maria Romélia Costa Oliveira, viúva do Mestre Pastinha, e mais duas testemunhas. Contém dados pessoais da Sr <sup>a</sup> . citada.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0036	Documental – Escrita – Declaração – Impresso

1.3. Título	
Declaração de devolução de peças a Sr <sup>a</sup> . Maria Romélia Costa Oliveira	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Declaração de devolução de peças a Sr<sup>a</sup>. Maria Romélia Costa Oliveira.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [11/04/1983], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Declaração de devolução de duas fotografias de Mestre Pastinha a Sr <sup>a</sup> . Maria Romélia Costa Oliveira concedidas ao Museu Afro-Brasileiro para reprodução e ampliação com fins expositivos. Documento assinado pela Sr <sup>a</sup> . Maria Romélia Costa Oliveira.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0037	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro para exposição na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação das peças do Museu Afro-Brasileiro para exposição na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1978, 13p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem informando as 285 peças do Museu Afro-Brasileiro enviadas para exposição na sede da Fundação Cultural do Distrito Federal, no período de 03 a 13 de novembro de 1978. Documento assinado por Guilherme de Souza e Castro, Diretor do CEAO. Atenção especial a data da listagem anterior a inauguração do Museu.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0038	Documental – Escrita – Ofício – Impresso
1.3. Título	
Ofício do Programa Nacional de Museus	
1.4. Referência	
BRASIL. Ofício do Programa Nacional de Museus. Rio de Janeiro: República Federativa do Brasil / Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Cultura, 1983 [22/08/1983] 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Ofício solicitando opinião sobre a instauração do Museu da Abolição em Recife. Contém anexos: Lei n. 3.357/57 e Diário Oficial da União do dia 12/04/1983 destacando a Portaria n. 04 da Secretaria de Cultura do Ministério da Educação e Cultura.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0039	Documental – Escrita – Listagem – Impresso

1.3. Título	
Listagem de observações sobre o Museu Afro-Brasileiro.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Listagem de observações sobre o Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem contendo algumas observações históricas, administrativas e de constituição de acervo sobre o Museu Afro-Brasileiro no período dos 25 anos de Centro de Estudos Afro-Orientais.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0040	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Listagem de observações sobre o Museu Afro-Brasileiro.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Listagem de observações sobre o Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem contendo algumas observações históricas, administrativas e de constituição de acervo sobre o Museu Afro-Brasileiro no período dos 25 anos de Centro de Estudos Afro-Orientais. Versão atualizada e ampliada do documento catalogado na ficha 39.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0041	Documental – Escrita – Atestado – Impresso
1.3. Título	
Ofício ao Sr. Sérgio Carlos Andrade Borges	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício ao Sr. Sérgio Carlos Andrade Borges.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1987 [09/09/1987], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Ofício ao Sr. Sérgio Carlos Andrade Borges, Diretor de Planejamento da Bahiatursa informando dados sobre visita ao Museu Afro-Brasileiro no período de 1982 a 1986 para compor o Anuário Estatístico de Turismo da Bahiatursa.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0042	Documental – Escrita – Atestado – Impresso
1.3. Título	



Ofício informativo – Nova Iyalorixá do Ilê Axé Iyá Nassô Oká	
1.4. Referência	
SOCIEDADE BENEFICENTE E RECREATIVA SÃO JORGE DO ENGENHO VELHO. Ofício informativo – Nova Iyalorixá do Ilê Axé Iyá Nassô Oká. Salvador: Sociedade Beneficente e Recreativa São Jorge do Engenho Velho, 1985 [03/1985], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Ofício informando a escolha da Sr <sup>a</sup> . Altamira Cecília dos Santos como nova Iyalorixá do Ilê Axé Iyá Nassô Oká, Terreiro da Casa Branca, além de outros cargos. Ofício endereçado a Prof <sup>a</sup> . Graziela Amorim.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0043	Documental – Escrita – Recibo – Impresso
1.3. Título	
Recibo da peça “Estrutura Marinha”	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Recibo da peça “Estrutura Marinha”</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [12/1983], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Documento atestando o recebimento da peça “Estrutura Marinha” assinado pela Prof <sup>a</sup> . Graziela Amorim e entregue pelo Sr <sup>a</sup> . Luiz Cerqueira. Não fica claro pelo documento se é devolução ou doação.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0044	Documental – Escrita – Recibo – Impresso
1.3. Título	
Recibo da peça “Mulata”.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Recibo da peça “Mulata”</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [14/12/1983], 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Documento atestando o recebimento da peça “Mulata” assinado pela Prof <sup>a</sup> . Graziela Amorim e entregue pelo Sr <sup>a</sup> . Luis Lourenço. Não fica claro pelo documento se é devolução ou doação.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0045	Documental – Escrita – Relatório – Impresso
1.3. Título	
Relatório estatístico de visitantes e estagiários	
1.4. Referência	

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relatório estatístico de visitantes e estagiários.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 3p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Relatório contendo dados estatísticos referente ao número de visitantes e estagiários do Museu Afro-Brasileiro. Informações aleatórias do período de 1981 a 1987.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0046	Documental – Escrita – Declaração – Impresso
1.3. Título	
Declaração de doação da peça “A Mona Iorubá”	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Declaração de doação da peça “A Mona Iorubá”.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [10/08/1983], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Declaração de doação da peça “A Mona Iorubá”, de autoria do artista plástico Ivan Oliveira. Assinam o documento o Sr. Ivan Cerqueira e a Prof <sup>a</sup> . Graziela Amorim.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0047	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação de peças do acervo do Museu Afro-Brasileiro para exposição comemorativa dos 100 anos de abolição em Trinidad e Tobago.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação de peças do acervo do Museu Afro-Brasileiro para exposição comemorativa dos 100 anos de abolição em Trinidad e Tobago.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem das 36 peças do acervo do Museu Afro-Brasileiro para exposição comemorativa dos 100 anos de abolição em Trinidad e Tobago no período de 28 de julho a 04 de agosto, s/a.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0048	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação dos objetos emprestados ao Museu Afro-Brasileiro pela Prof. <sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação dos objetos emprestados ao Museu Afro-Brasileiro pela Prof.<sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	

<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Listagem dos 34 objetos emprestados ao Museu Afro-Brasileiro pela Prof. <sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0049	Documental – Escrita – Informativo – Impresso
1.3. Título	
Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 4p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Texto informativo sobre o Museu Afro-Brasileiro abordando aspectos históricos, museológicos, pedagógicos e administrativos. Explora detalhes dos Programas Educativos – Comunitários desenvolvidos no Museu nos anos de 1982 a 1987.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0050	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação de fotos entregues a Emanuel Araújo para servirem de modelo para o catálogo do Museu Afro-Brasileiro.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação de fotos entregues a Emanuel Araújo para servirem de modelo para o catálogo do Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Listagem das 13 fotos entregues a Emanuel Araújo para servirem de modelo para o catálogo do Museu Afro-Brasileiro.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0051	Documental – Escrita – Informativo – Impresso
1.3. Título	
Relatório dos programas do MAFRO	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relatório dos programas do MAFRO</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0001	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [+1997] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
Texto informativo sobre os programas Museu – Escola, Museu – Comunidade, Integração Museu – Escola – Comunidade, Integração Escola – Empresa, desenvolvidos no Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0052	Documental – Escrita – Relatório – Impresso
1.3. Título	
Relatório sobre as atividades do Museu Afro, referentes ao mês de março	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relatório sobre as atividades do Museu Afro, referentes ao mês de março.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Relatório sobre as atividades do Museu Afro, referentes ao mês de março de 1984. Contém números e informações sobre visitantes, lançamentos, exposições, programas e rotinas administrativas. Documento assinado pela Prof. <sup>a</sup> Graziela Amorim.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0053	Documental – Escrita – Relatório – Impresso
1.3. Título	
Relatório das atividades do Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA em 1988	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relatório sobre as atividades do Museu Afro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Relatório das atividades do Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA em 1988. Contém números e informações sobre visitantes, lançamentos, exposições, programas e rotinas administrativas.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0054	Documental – Escrita – Ofício – Impresso

1.3. Título	
Ofício de solicitação de pauta	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício de solicitação de pauta.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [04/05/1983], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Ofício de solicitação de pauta por parte o Sr. Ivan de Oliveira para realização de exposição e sarau de música e poesia em 26/07/1983 no espaço do Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0055	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação de peças para empréstimo.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação de peças para empréstimo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem de 6 peças para ser enviado como empréstimo para Porto Alegre. Observações em caneta atestando o não empréstimo das peças nesta ocasião.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0056	Documental – Escrita – Informativo – Impresso
1.3. Título	
Texto informativo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Texto informativo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 4p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Texto informativo com informações sobre temas e objetos existentes no Museu Afro-Brasileiro. Provavelmente para fins expositivos e do programa educativo.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0057	Documental – Escrita – Relatório – Impresso
1.3. Título	
Relatório de atividade do Museu Afro-Brasileiro - 1983	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relatório de atividade do Museu Afro-Brasileiro - 1983.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983, 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	

Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Relatório de atividade do Museu Afro-Brasileiro referente ao ano de 1983. Informações sobre entrada de acervo.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0058	Documental – Escrita – Nota – Manuscrito
1.3. Título	
Nota sobre doação da peça “Vodu”	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Nota sobre doação da peça “Vodu”</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Nota sobre a doação da peça “Vodu” do artistas plástico Ailton Kleber em 1988 após exposição no Museu em 13-05-1988.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0059	Documental – Escrita – Nota – Manuscrito
1.3. Título	
Informações sobre o Sr. Germano Santos Cruz	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Informações sobre o Sr. Germano Santos Cruz</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Informações sobre o Sr. Germano Santos Cruz, presidente do bloco Rum-py-lê	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0060	Documental – Escrita – Nota – Manuscrita
1.3. Título	
Informações sobre objeto doado ao Museu Afro-Brasileiro pela Sr. <sup>a</sup> Carmem Ribeiro	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Informações sobre objeto doado ao Museu Afro-Brasileiro pela Sr.<sup>a</sup> Carmem Ribeiro</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Nota com informações sobre máscara de barro cozido policromada doada ao Museu Afro-Brasileiro pela Sr. <sup>a</sup> Carmem Ribeiro feita em 18/12/1986. Segundo nota a máscara foi confeccionada pela Sr. <u>Eduai’de</u> Ornellas da Silva, em 16/07/1984. Contém na nota observação sobre a confirmação, por parte da doadora, do nome correto do autor, do objeto ou	

1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0001	Documental – Escrita – Listagem – Manuscrita
1.3. Título	
Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Número de registro das fotos de Pais e Mães-de-santo.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d. [+1997] 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
da própria doadora.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0061	Documental – Escrita – Declaração – Impresso
1.3. Título	
Declaração de doação de objeto pelo Sr. Delfor L. Balizni	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Declaração de doação de objeto pelo Sr. Delfor L. Balizni.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1987 [15/12/1987], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Declaração de doação de escultura talhada em madeira de cajarana, motivo de capoeira de angola, pelo Sr. Delfor L. Balizni. Objeto entregue a Sr. <sup>a</sup> Graziela Amorim.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0062	Documental – Escrita – Recibo – Impresso
1.3. Título	
Recibo de objeto doado	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Recibo de objeto doado.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [13/07/1983], 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Recibo de fotografia doada da Sr. <sup>a</sup> Maximiana Maria da Conceição (Tia. Massi), Oin Funqué, quinta Iyalorixá do Candomblé da Casa Branca do Engenho Velho em Salvador, Bahia. Assina o recebimento a Sra. Eliene Bitencourt.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0063	Documental – Escrita – Declaração – Manuscrito
1.3. Título	
Declaração de doação do Xerê— Pai Celestino do Terreiro Omin-Dé	

1.4. Referência	
CELESTINO, Antonio. <b>Declaração de doação do Xerê</b> — Pai Celestino do Terreiro Omin-Dé. Salvador: s/d 1p. [frente e verso]	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Declaração de doação feita pelo Pai Celestino do Terreiro Omin-Dé. Trata-se de um Xeré de Xangô, o único da coleção. O doador afirma que o objeto, no ato da doação, tinha 150 anos de existência e pertenceu a sua bisavó que era consagrada à Xangô Ayrá.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0064	Documental – Escrita – Declaração – Impresso
1.3. Título	
Declaração de doação feita pelo Sr. Ademar Lopes	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Declaração de doação feita pelo Sr. Ademar Lopes</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1982 [13/01/1982], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Declaração de doação feita pelo Sr. Ademar Lopes. Tratam-se duas peças: “Concha Dourada” e “Pirâmide II” que foram doadas após exposição artística do doador realizada na abertura do Museu em 07/01/1982.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0065	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação dos objetos doados ao Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA pelo Magnífico Reitor Luis Fernando Seixas de Macedo Costa de 1981 a 1983	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação dos objetos doados ao Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA pelo Magnífico Reitor Luis Fernando Seixas de Macedo Costa de 1981 a 1983</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Relação dos 32 objetos doados ao Museu Afro-Brasileiro CEAO / UFBA pelo Magnífico Reitor Luis Fernando Seixas de Macedo Costa de 1981 a 1983. Entre as peças figuram obras de Hélio de Oliveira e Manoel Bonfim.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0066	Documental – Escrita – Informativo – Impresso
1.3. Título	
Bloco Carnavalesco Eros Negro	



1.4. Referência	
SANTOS, Deraldo Francisco dos. <b>Bloco Carnavalesco Eros Negro</b> . Salvador, 1981 [12/08/1981], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Texto informativo sobre o Bloco Carnavalesco Eros Negro. Assinado pelo seu Presidente o Sr. Deraldo Francisco dos Santos.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0067	Documental – Escrita – Atestado – Impresso
1.3. Título	
Atestado de doação da tela “O nascimento dos orixás”	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Atestado de doação da tela “O nascimento dos orixás”</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1982 [07/01/1982], 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Atestado de doação da tela “O nascimento dos orixás” assinado pelo autor e doador Djalma do Alegrete — Djalma Cunha dos Santos (Alegrete, RS, 1931 – 1994) Figurinista, cenógrafo, desenhista, pintor e professor. Concluiu seus estudos artísticos no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre (1957), tendo se especializado em retratos. Entre 1958 e 1962 criou vários cenários e figurinos para teatros no Rio Grande do Sul. São também de sua autoria os com os quais, em 1963, Ieda Maria Vargas conquistou os títulos de Miss Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Miss Breasil (Rio de Janeiro) e Miss Universo (Miami). Foi professor de desenho e participou, dentre outras, da Exposição de Artistas Gaúchos, no Leme Palace Hotel (Rio de Janeiro) e realizou várias mostras individuais pelo Brasil.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0068	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação do material devolvido sobre o “Mestre Bimba”.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação do material devolvido sobre o “Mestre Bimba”</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984 [13/12/1984], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Listagem contendo 09 peças sobre Mestre Bimba devolvidas ao Sr. Raimundo Cássar Alves de Almeida. No documento é feita referência a outra listagem datada de 29 de março de 1984 que consta em anexo.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação

0069	Documental – Escrita – Carta – Impresso	
1.3. Título		
Carta de Agradecimento ao Sr. Martinho		
1.4. Referência		
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Carta de Agradecimento ao Sr. Martinho.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1989, 1p.		
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE		
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n		
3. DESCRIÇÃO		
Carta de Agradecimento ao Sr. Martinho da Galeria de Arte o Berimbau pela doação de um par de Berimbau para o Museu Afro-Brasileiro. Documento assinado pela Sr <sup>a</sup> Graziela Amorim.		
1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação	
0070	Documental – Escrita – Ofício – Impresso	
1.3. Título		
Ofício de agradecimento a Sr. Rosimeire de Campos Ribeiro.		
1.4. Referência		
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício de agradecimento a Sr. Rosimeire de Campos Ribeiro.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981 [22/09/1981], 1p.		
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE		
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.		
3. DESCRIÇÃO		
Ofício de agradecimento a Sr. Rosimeire de Campos Ribeiro pela doação de uma foto da Nêngua de Inquice Maria Neném para o acervo do Museu Afro Brasileiro. O documento é assinado pela Prof <sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro, o Prof. Climério de Ferreira e o Prof. Guilherme de Souza Castro.		
1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação	
0071	Documental – Escrita – Declaração – Impresso	
1.3. Título		
Declaração de doação.		
1.4. Referência		
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Declaração de doação.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1992 [01/04/1992], 1p.		
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE		
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.		
3. DESCRIÇÃO		
Declaração assinada pela Sr <sup>a</sup> Graziela Amorim atestando a doação de estatueta intitulada “Iami Oxorongá”, pelo Sr. Jairo Figueiredo, artista plástico, ao Museu Afro-Brasileiro.		
1. IDENTIFICAÇÃO		
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação	
0072	Documental – Escrita – Declaração – Impresso	
1.3. Título		
Declaração de doação		

1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Declaração de doação.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1984 [21/11/1984], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Declaração atestando a doação do quadro em óleo sobre Eucatex, intitulado “Máscara Africana”, pelo Sr. Magalhães Aguiar, artista plástico, ao Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0073	Documental – Escrita – Nota – Impresso
1.3. Título	
Notas sobre doações de peças.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Notas sobre doações de peças.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d, 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Notas sobre a doação da fotografia do Babalorixá José Domingos de Santana (Sé do Vapor), feita pelo Sr. Luiz Sérgio Barboza (Babalaxé), sem data, a doação da escultura sobre capoeira pelo autor o Sr. Delfor Leopoldo Baleani Arzu, em 1987.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0074	Documental – Escrita – Termo de doação – Impresso
1.3. Título	
Termo de doação	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Termo de doação.</b> Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [20/04/1983], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Termo declarando a doação de 22 peças do Mestre Cobrinha Verde, ao Museu Afro-Brasileiro, por parte do Sr. Júlio Alves de França Filho (filho do citado mestre). Contém anexado em documento bilhete com nota afirmando que duas peças não foram encontradas, porém um berimbau a mais constava. Nota sem data.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0075	Documental – Escrita – Termo de Responsabilidade – Impresso
1.3. Título	
Termo de Responsabilidade - UFBA	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Termo de Responsabilidade</b> - UFBA. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, s/d, 25p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	

Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Termo de Responsabilidade emitido pela Divisão de Materiais da Superintendência Administrativa da Universidade Federal da Bahia para conferência, confirmação e assinatura da unidade responsável pelos materiais listados, no caso o Museu Afro-Brasileiro do Centro de Estudos Afro-Orientais. Constan na listagem o número de ordem, descrição do material, número de tombamento da universidade e em alguns itens o número de classificação. Não fica claro pelo documento que classificação seria, se voltada para os materiais específicos a cada unidade ou se uma classificação geral. Parece, pelo contexto do documento e pelos itens que tem esse número de classificação relacionado, que se trata de classificação geral da universidade. O documento é assinado pela Sr <sup>a</sup> Graziela Amorim, coordenadora do Museu.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0076	Documental – Escrita – Listagem – Impresso
1.3. Título	
Relação de objetos – empréstimo para Fundação Museu Regional do São Francisco.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Relação de objetos</b> – empréstimo para Fundação Museu Regional do São Francisco. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988 [15/05/1989], 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Relação de 30 artefatos do Museu Afro-Brasileiro emprestados para Fundação Museu Regional do São Francisco, em Juazeiro – Bahia, para exposição em homenagem ao negro brasileiro, no período de 16 a 31 de maio de 1989.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0077	Documental – Escrita – Carta – Impresso
1.3. Título	
Carta de solicitação de empréstimo de fotos do acervo do Museu Afro-Brasileiro.	
1.4. Referência	
SANTANA, Moises Pereira de. <b>Carta de solicitação de empréstimo de foto do acervo do Museu Afro-Brasileiro.</b> Salvador: Restaurante Pituaçu, 1988 [28/09/1988], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Carta de solicitação de empréstimo de foto do acervo do Museu Afro-Brasileiro, que compôs a exposição “Aspectos da África”. Carta assinada pelo Sr. Moises Pereira de Santana à Prof <sup>a</sup> Yeda Pessoa de Castro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0078	Documental – Escrita – Formulário – Impresso
1.3. Título	
Formulário de solicitação de atividade.	
1.4. Referência	

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Formulário de solicitação de atividade. Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1988 [29/09/1988], 2p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n	
3. DESCRIÇÃO	
Formulário de solicitação de atividade preenchido por pessoas físicas ou jurídicas, cm a finalidade de requerer a Diretoria do Museu Afro-Brasileiro apoio em atividades externas, especialmente empréstimo de acervo para exposições temporárias. A fonte aqui registrada refere-se à fonte da ficha 77, com o detalhamento da solicitação de empréstimo de fotos pertencentes ao Museu Afro-Brasileiro.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0079	Documental – Escrita – Recibo – Impresso
1.3. Título	
Recibo da peça "Negra de Angola"	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Recibo da peça "Negra de Angola"</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1983 [14/12/1983], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Documento atestando o recebimento da peça "Negra de Angola" assinado pela Profª. Graziela Amorim e entregue pela Srª. Lídia Hora. Não fica claro pelo documento se é devolução ou doação.	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0080	Documental – Escrita – Ofício – Impresso
1.3. Título	
Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Olodum.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Olodum</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1990 [19/11/1990], 1p.	
2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta "Documentação do Acervo" s/n.	
3. DESCRIÇÃO	
Ofício de agradecimento pela doação do traje do carnaval de 1989 do bloco afro Olodum. Doação feita pelo presidente do bloco o Sr. João Jorge Rodrigues. Assinado pela Profª. Graziela Amorim	
1. IDENTIFICAÇÃO	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0081	Documental – Escrita – Termo de doação – Impresso
1.3. Título	
Termo de doação de traje do Afoxé Filhos de Gahdi.	
1.4. Referência	

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Termo de doação de traje do Afoxé Filhos de Gahdi</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1995 [14/07/1995], 1p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Termo de doação de traje do Afoxé Filhos de Gahdi.	
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>	
1.1. N° da Ficha	1.2. Classificação
0082	Documental – Escrita – Ofício – Impresso
1.3. Título	
Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Filhos do Congo.	
1.4. Referência	
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. <b>Ofício de agradecimento pela doação de traje do bloco carnavalesco Filhos do Congo</b> . Salvador: Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA, 1981 [22/09/1981], 1p.	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DA FONTE</b>	
Arquivo do Museu Afro-Brasileiro / Centro de estudos Afro-Orientais / UFBA. Pasta “Documentação do Acervo” s/n.	
<b>3. DESCRIÇÃO</b>	
Ofício de agradecimento pela doação do traje do carnaval de 1980 do bloco afro Filhos do Congo. Doação feita pelo presidente do bloco. Assinado pela comissão de Implantação do Módulo Inicial do Museu Afro-Brasileiro.	

## APÊNDICE B – FICHA CATALOGRÁFICA

### SISTEMATIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES DOS ARTEFATOS

#### 1. Gestão do Objeto

<b>1.1. Número de inventário:</b>	
<b>1.2. Nome da instituição proprietária</b>	
<b>1.3. Modo de aquisição</b>	
<b>1.4. Data de aquisição ou de entrada</b>	
<b>1.5. Origem da aquisição</b>	
<b>1.6. Local de permanência do objeto</b>	
<b>1.7. Código de Classificação</b>	

Imagem

#### 2. Descrição do objeto

<b>2.1. Classe</b>
<b>2.2. Nome do objeto</b>
<b>2.3. Denominação</b>
<b>2.4. Nome(s) em outra(s) língua(s)</b>

<b>2.5. Título</b>
<b>2.6. Material</b>
<b>2.7. Técnicas</b>
<b>2.8. Dimensões (cm )</b>
<b>2.9. Descrições</b>
<b>2.10. Representação</b>
<b>2.11. Inscrição</b>
<b>2.12. Estado de conservação</b>

### 3. História do objeto

<b>Fabricação</b>
<b>3.1. Fabricante</b>
<b>3.2. Lugar de fabricação</b>
<b>3.3. Grupo de fabricação</b>



<b>3.4. Período de fabricação</b>
<b>3.5. Data de fabricação</b>
<b>Utilização</b>
<b>3.6. Função</b>
<b>3.7. Utilização</b>
<b>3.8. Utilizador</b>
<b>3.9. Lugar de utilização</b>
<b>3.10. Grupo de utilização</b>
<b>3.11. Data de utilização</b>
<b>Coleta</b>
<b>3.12. Local de coleta</b>
<b>3.13. Características geográficas do local de coleta</b>
<b>3.14. Coletor</b>

<b>3.15. Data de coleta</b>
<b>3.16. Contexto da coleta</b>
<b>3.17. Análise iconológica</b>

#### 4. Documentação